

Lobsang Rampa

PREFÁCIO	4
CAPÍTULO 1	9
CAPÍTULO 2	19
CAPÍTULO 3	36
CAPÍTULO 4	53
CAPÍTULO 5	68
CAPÍTULO 6	84
CAPÍTULO 7	100
CAPÍTULO 8	116
CAPÍTULO 9	150
CAPÍTULO 10	170
CAPÍTULO 11	176
CAPÍTULO 12	202

Aqui está mais um livro fascinante do misterioso Lobsang Rampa, o monge tibetano que o destino marcou para deixar suas montanhas eternamente nevadas e vir revelar ao mundo ocidental os segredos milenares dos mosteiros do Tibete e uma concepção da vida que encontra eco cada vez maior junto ao homem do Ocidente, perplexo ante os desvarios e as contradições sociais, políticas e comportamentais da era contemporânea.

Quem leu as obras anteriores de Lobsang Rampa já sabe que, também neste livro, há de encontrar a mesma sabedoria prodigiosa, a mesma fonte emanando fascinantes parábolas entremeadas de verdades profundas sobre a origem, a vida e o destino do homem, partindo da ótica peculiar e privilegiada de um iluminado. E terá suas expectativas plenamente atendidas.

Estendendo um pouco além da realidade a sua sabedoria, como que pretendendo captar o que há de verdadeiro e substancial na fantasia, Lobsang Rampa narra, do ponto de vista de uma gata siamesa, a experiência de convívio com o Lama. O resultado é surpreendente: a gata transpõe para o papel suas recordações, suas impressões singulares e, principalmente, reflexões profundas que lhe são inspiradas pela conduta exótica e imprevisível dos seres humanos.

Nesta obra especial de Lobsang Rampa, como se pode perceber, a fantasia não é senão um pretexto para propiciar a composição de um verdadeiro tratado de psicologia prática que se oculta por detrás das supostas divagações da gata siamesa Fifi. Como escritor e como homem marcado pela sabedoria dos monges do Tibete, Lobsang Rampa continua neste livro debruçado sobre os enigmas e conflitos mais profundos da condição humana.

PREFÁCIO

— Você ficou maluca, Fif — disse o Lama. — Quem vai acreditar que *você* escreveu um livro?

Dizia isso, sorrindo para mim, enquanto me acariciava de leve sob o queixo, exatamente do modo que mais me agradava; pouco depois ele deixava a sala para tratar de alguma coisa.

Permaneci sentada, pensando: “É por que eu não poderia escrever um livro? É verdade que sou uma gata, mas não uma gata comum. Oh, Céus! Não! Eu sou uma gata siamesa que viajou muito, viu muita coisa. *Viu?* Bem, naturalmente, estou inteiramente cega, agora, e tenho de me valer do Lama e da Dama Ku’ei, para que me digam como são as coisas, mas bem que tenho minhas recordações!”

Estou velha, naturalmente, muitíssimo velha, e bastante enferma, mas isso não é motivo suficiente para que deixe de pôr no papel o relato dos acontecimentos de minha vida, enquanto o posso fazer. Aqui, portanto, está minha versão da Vida com o Lama, e dos dias mais feüzes da minha vida; dias de sol, após uma vida de sombras.

(Sra.) Fifi Costeletas.



CAPÍTULO 1

A futura mãe gritava:

— Eu quero um gato, um gato belo e FORTE!

Ao que diziam as pessoas, ela fazia um barulho TERRÍVEL. Era, entretanto, famosa pelo miado alto que emitia. Por sua exigência insistente, os melhores centros de criação de gatos em Paris foram vasculhados, procurando-se um gato siamês adequado, com indispensável *pedigree*. A voz da futura mãe tornava-se cada vez mais estridente e alta. As pessoas tornavam-se cada vez mais perturbadas, dedicando-se à procura com energias renovadas.

Finalmente, encontraram um candidato bastante apresentável que foi oficialmente apresentado à futura mãe. Desse encontro, com o correr do tempo, surgiu eu, e apenas eu pude viver, pois os meus irmãos e irmãs foram afogados,

Mamãe e eu vivíamos com uma antiga família francesa que possuía uma propriedade espaçosa nos arrabaldes de Paris. O homem era um diplomata de alto posto, que viajava para a cidade quase todos os dias da semana. Muitas vezes não regressava à noite, mas permanecia na cidade, com sua amante. A mulher que morava conosco, Mme. Diplomata, era uma criatura muito insensível e frívola. Nós, gatos, não éramos “pessoas” para ela (como somos, para o Lama), mas apenas coisas a serem exibidas nos chás, quando havia convidados.

Minha mãe tinha uma belíssima figura, com a mais negra de todas as caras e uma cauda que sabia erguer em vertical. Ganhara muitíssimos prêmios. Um dia, quando eu ainda não fora devidamente desmamada, ela entoou uma canção com voz bem mais alta do que o

comum. Mme. Diplomata ficou furiosa e chamou o jardineiro.

— Pierre — gritou. — Leve-a imediatamente para o tanque, porque não posso suportar tanto barulho.

Pierre, um francês miúdo e de rosto pálido, que nos detestava, porque às vezes o ajudávamos no trabalho de jardinagem, examinando as raízes das plantas para ver se estavam crescendo, apanhou minha bela mãe e a colocou dentro de um saco sujo e velho de batatas, afastando-se dali. Aquela noite, sozinha e com medo, chorei até dormir, em uma casinha fria, de onde Mme. Diplomata não seria perturbada por meus lamentos-

Agitei-me incessantemente, com febre, em meu leito frio de jornais velhos de Paris estendidos no chão de concreto. Pontadas de fome sacudiam meu corpinho, e eu não sabia como me ia arranjar.

Aos primeiros albores da madrugada, surgindo com relutância pelas janelas cobertas de teias de aranha na casinha, tive sobressaltos de apreensão ao ouvir passadas pesadas que vinham pela trilha, detinham-se com hesitação à porta, que logo foi empurrada, entrando alguém.

“Ah!” — pensei, com alívio. — “É apenas Madame Albertine, a arrumadeira.”

Arquejando e com os ossos estalando, ela baixou o corpo pesadão até o chão, enfiou o dedo gigantesco em uma tigela de leite quente, e me convenceu com gentileza a beber.

Por dias seguidos, estive sob a sombra do pesar, lamentando minha mãe assassinada, assassinada apenas devido à belíssima voz que tinha. Por dias seguidos não senti o calor do sol, nem me reconfortei com o som de alguma voz amada. Passei fome e sede, contando inteiramente com a ajuda de Albertine. Sem ela, teria morrido de fome, pois eu era nova demais para comer sem ajuda.

Os dias se arrastavam, tornando-se semanas. Aprendi a cuidar de mim mesma, mas as vicissitudes de minha vida iniciadas me deixaram uma constituição abalada. A propriedade era imensa, e muitas vezes eu andava por ali, afastando-me de todas as pessoas e de seus pés desastrados, que pareciam incapazes de guiar. As árvores eram meus pontos favoritos e eu as escalava, estendendo-me em algum ramo amigo, aquecendo-me ao sol. As árvores murmuravam para mim, falando dos dias felizes que viriam, no anoitecer de minha vida. Naquela ocasião eu não as compreendia, mas confiava e tinha sempre presente as palavras das árvores, até mesmo nos momentos mais sombrios.

Certa manhã, despertei com anseios estranhos e indefinidos. Emito um brado de indagação que, infelizmente, foi ouvido por Mme. Diplomata— Pierre! — chamou ela. — Arranje um gato,

qualquer gato para ela.

Mais tarde naquele dia, fui apanhada e jogada com brutalidade em um caixote. Quase antes que eu pudesse perceber a presença de outra criatura, um gato velho e indecente saltou sobre minhas costas. Minha mãe não tivera qualquer oportunidade de me informar a respeito dos “fatos da vida”, de modo que eu não estava preparada para o que aconteceu em seguida. O gato velho e surrado saltou sobre mim, e eu senti um golpe chocante. Por momentos achei que alguma das pessoas me desferia um pontapé. Houve um clarão cegante de dor, e senti que algo se rasgava. Gemi em agonia e terror, e lutei ferozmente com o velho gato; o sangue irrompia de uma de suas orelhas e seus gritos vieram juntar-se aos meus. Como um relâmpago, a tampa do caixote foi retirada e olhos sobressaltados nos fitaram. Saltei e, ao fugir, vi o gato velho, eriçado e furioso, pular diretamente sobre Pierre, que caiu de costas, aos pés de Mme. Diplomata.

Correndo por um gramado, busquei o abrigo de uma macieira amiga- Subindo pelo tronco acolhedor, cheguei a um galho já conhecido e muito amado, onde me estendi, arquejante. As folhas farfalhavam à brisa e me acariciavam com gentileza. Os ramos oscilavam, rangiam e, devagar, levaram-me ao sono do esgotamento.

Pelo resto do dia e toda a noite, permaneci naquela galho; com fome, doente e receosa, indagava de mim mesma o motivo pelo qual os seres humanos eram tão selvagens, tão destituídos de sentimentos quanto aos pequenos animais que dependiam inteiramente deles. A noite estava fria e um chuvisco vinha da cidade de Paris. Fiquei encharcada, tremendo, mas ainda assim o pavor impedia que eu descesse e procurasse lugar melhor.

A luz fria do amanhecer cedeu lugar, devagar, ao cinzento opaco de um dia encoberto. Nuvens cor de chumbo enchiam o céu. De vez em quando desabava uma pancada de chuva. Mais tarde, naquela manhã, uma figura conhecida apareceu vinda da direção da casa. Albertine, com passos pesados e emitindo ruídos amistosos com a boca, aproximou-se da árvore, pondo-se a fitá-la com os olhos míopes. Eu a chamei, debilmente, e eia estendeu a mão para mim.

— Ah! Minha pobrezinha Fifi, venha depressa, porque estou com sua comida.

Deslizei pelo ramo e, devagar, pelo tronco da árvore. Ela se ajoelhou na grama a meu lado, afagando-me enquanto eu tomava o leite e comia o que ela trouxera. Tendo terminado a refeição, esfreguei-me nela, cheia de gratidão, sabendo que aquela criatura não falava minha língua e eu não falava francês (embora o compreendesse inteiramente). Pondo-me em seu ombro forte, ela me

levou para a casa e dali para seu quarto.

Olhei ao redor, tomada de espanto e interesse, com toda atenção. Era uma peça que eu não conhecia e avaliei logo como seus pertences se prestavam a estender as patas e usar as unhas. Tendo-me ainda ao ombro, Albertine seguiu com passos pesados para um banco de janela, pondo-se a olhar para fora.

— Ah ■— exclamou, soltando o ar do peito, com prazer. — É uma pena que, em meio a tanta beleza, exista tanta crueldade.

Levou-me para seu regaço bastante amplo, fitando minha cara enquanto dizia:

— Minha pobre e bela Fifizinha, Mme. Diplomata é uma mulher insensível e cruel. Uma arrivista social, pode crer. Para ela, você é apenas um brinquedo para ser exibido aos outros. Para mim, você é uma das criaturas do Bom Deus. Mas você não vai compreender o que estou dizendo, gatinha!

Eu ronronei para mostrar que compreendia, sim, e lambi-lhe as mãos. Ela me afagou, dizendo:

— Oh! Tanto amor e afeto desperdiçados. Você será uma boa mãe, Fifizinha.

Ao me enrodilhar de modo mais confortável em seu regaço, espiei pela janela. O panorama era tão interessante, que foi preciso erguer-me e pôr o focinho na vidraça, para obter uma visão melhor. Albertine sorria para mim, afetuosamente, enquanto brincava com minha cauda, mas o panorama atraía toda a minha atenção. Ela se voltou, pondo-se de joelhos, e juntas espiamos pela janela, lado a lado.

Lá embaixo, os gramados bem criados pareciam um tapete verde e liso, orlado por uma aléia de imponentes choupos. Em curva suave para a esquerda, o cinzento liso do caminho estendia-se até a estrada distante, da qual vinha o zumbido abafado do tráfego que ia para a grande metrópole e vinha de lá. Minha velha amiga, a macieira, apresentava-se sozinha e ereta, ao lado de um pequeno lago artificial, cuja superfície, refletindo o opaco cinzento do céu, adquirira também o aspecto de chumbo velho. Ao redor da orla da água, uma faixa esparsa de juncos fazia-me lembrar a orla de cabelo na cabeça do velho Curé, que vinha visitar “le Duc” — o marido de Mme. Diplomata.

Olhei novamente para o tanque e pensei em minha pobre mãe que fora afogada ali. “E quantos outros?”, estava imaginando. Albertine olhou para mim, de repente, e disse:

— Ora, minha Fifizinha, acho que você está chorando.. . Sim, você derramou uma lágrima. É um mundo cruel, muito cruel, pequena Fifi, cruel para todos nós.

De súbito, a distância, pontinhos escuros que eu sabia serem

automóveis voltaram-se para o caminho e se aproximaram com rapidez da casa, detendo-se em meio a muita poeira e guinchos de pneumáticos. Uma campainha foi tocada, com fúria, fazendo com que meu pelo ficasse em pé e a minha cauda se arrepiasse. Madame apanhou uma coisa negra, que eu sabia ser chamada de telefone, e ouvi a voz estridente de Mme. Diplomata a sair dali, agitadamente:

— Albertine, Albertine, por que não cumpre seus deveres? Por que pago a você? Sou tão caridosa, que não a despeço. Venha imediatamente, porque temos visitas. Você não deve ser tão preguiçosa, Albertine.

A voz cessou, com um estalido, e Albertine suspirou, cheia de frustração.

— Ah! E a guerra me trouxe a este ponto. Agora, trabalho dezesseis horas por dia, ganhando uma bagatela. Descanse, pequena Fifi, aqui está uma caixa de terra.

Suspirando outra vez, afagou-me de novo e saiu. Ouvi os degraus rangendo sob seu peso, e depois veio o silêncio.

O terraço de pedras por baixo de minha janela estava cheio de gente. Mme- Diplomata fazia medidas e se mostrava tão subserviente que percebi terem chegado pessoas importantes. Mesinhas surgiram, como por mágica, cobertas por tecidos brancos muito bons (eu recebia jornais — *Le Paris Soir* — para MEU uso) e criados traziam comidas e bebidas em profusão. Voltei-me para me enrodilhar e deitar, quando um pensamento repentino fez com que os pelos de minha cauda se arrepiassem, em alarme. Eu não adotara a medida precaução mais elementar; esquecera a primeira coisa que minha mãe me ensinara. “SEMPRE investigue os aposentos que não conhece, Fifi”, ela dissera. “Examine tudo, e examine bem. Verifiquei todos os caminhos de fuga. Cautela com o que seja incomum, inesperado. NUNCA, nunca descanse, até conhecer o aposento!”

Sentindo-me culpada, fiquei em pé, farejei o ar e decidi como agir. Ia empreender a parede da esquerda, em primeiro lugar, e dali partir ao redor. Seguindo para o chão, espiei por baixo do banco da janela, procurando alguma coisa que fosse incomum. Assim passaria a conhecer o arranjo geral do aposento, seus perigos e vantagens. O papel da parede era cheio de flores, mas estava desbotado. Florões amarelos sobre um fundo purpúrio. Cadeiras altas, imaculadamente limpas, mas com o veludo vermelho do assento já desbotado. As partes inferiores das cadeiras e mesas estavam limpas, sem qualquer teia de aranha. Os gatos, como se sabe, vêm a PARTE INFERIOR das coisas e não a superior, e os seres humanos não reconheceriam as coisas, se olhassem de nosso ponto de vista.

Havia uma cômoda, encostada à parede, e eu fui para o centro

do aposento, de modo a decidir como chegar ao cimo da mesma- Um cálculo rápido mostrou que podia saltar de cima de uma cadeira para a mesa — oh! como era escorregadia! — e chegar à parte superior dessa cômoda. Por algum tempo fiquei ali sentada, lavando o rosto e as orelhas, enquanto pensava no que ia fazer. De modo casual, olhei para trás e quase caí, tomada de grande sobresalto. Uma gata siamesa olhava para mim — sendo evidente que eu a perturbava enquanto se lavava. “É estranho”, pensei, “não contava encontrar uma gata aqui. Albertine deve estar com ela em segredo. Vou só dizer “olá”. Caminhei para ela que, parecendo movida pela mesma idéia, veio em minha direção. Paramos quando estávamos com uma espécie de janela entre nós. “Notável!” pensei. “Como pode ser isso?” Com cautela, prevendo algum truque, olhei ao redor da parte traseira dessa janela. Ali não havia criatura alguma. E, coisa notável, cada gesto que eu fazia era copiado por ela. Finalmente, compreendi. Tratava-se de um espelho, dispositivo estranho sobre o qual minha inãe me falara. Era, por certo, o primeiro que eu via, pois se tratava de minha primeira visita ao interior da casa. Mme. Diplomata era MUITO exigente e os gatos não podiam entrar na casa, a menos que ela nos quisesse exhibir. Até então, eu não tivera de sofrer tal indignidade-

“Ainda assim”, pensei comigo, “preciso prosseguir com as investigações. O espelho pode esperar”. Seguindo pelo aposento, cheguei a uma grande estrutura de metal, com maçanetas de latão a cada canto e todo o espaço intermediário coberto por tecido. Com pressa, saltei da cômoda para a mesa — escorregando um pouco em seu verniz — e dali sobre o tecido que encobria a estrutura de metal. Caí no meio e, para meu horror, aquela coisa me atirou ao ar! Ao cair novamente, comecei a correr, enquanto pensava no que devia fazer em seguida.

Por alguns momentos, estive sentada no centro do tapete com desenho vermelho e azul de círculos que, embora imaculadamente limpo, conhecera dias muito melhores em outra casa. Parecia-me ser a coisa certa para afiar as unhas, de modo que lhe dei alguns puxões, o que pareceu ajudar-me a pensar com mais clareza. NATURALMENTE! Aquela estrutura enorme era uma cama. O meu leito era feito de jornais velhos, atirados sobre o chão de concreto de uma casinha; Albertine tinha algum tecido velho, por cima de uma espécie de estrutura de ferro. Ronronando com prazer, por haver solucionado aquele mistério, caminhei para lá e examinei a parte inferior, com grande interesse. Molas imensas, cobertas pelo que era claramente um saco gigantesco, ou saco rasgado, suportavam o peso dos panos ali em cima. Eu podia distinguir claramente onde o corpo pesado de Albertine fizera baixar algumas das molas.

Tomada pelo espírito de investigação científica, examinei um canto pendente de tecido listrado, no extremo distante, perto da parede. Para meu pavor cheio de incredulidade, PENAS saíram. “Grande Gato!” exclamei. “Ela guarda AVES MORTAS aqui. Não admira que seja tão grande... deve comê-las durante a noite”. Dei mais algumas cheiradas por ali e já conhecia inteiramente aquela cama-

Olhando ao redor, sem saber o que examinar em seguida, vi uma porta aberta. Meia dúzia de saltos e, com cautela, acocorei-me ao lado de uma porta, seguindo à frente de modo que um dos olhos pudesse examinar com cuidado o que haveria. De início, o quadro era tão estranho que eu não pude compreender o que via. Coisas brilhantes sobre o chão, em desenho preto e branco. A uma parede, um enorme cocho de cavalos (eu os conhecia, pois os tínhamos próximos aos estábulos!) e na outra parede, sobre uma plataforma de madeira, estava a maior xícara de porcelana que eu poderia imaginar. Achava-se apoiada na plataforma de madeira, tendo uma tampa branca também de madeira. Meus olhos se arregalaram mais e mais, até ser preciso sentar-me e coçar a orelha direita, enquanto pensava no que via. QUEM beberia em coisa de tais dimensões, não conseguia imaginar.

Foi nesse exato instante que ouvi o ruído feito por Albertine, subindo a escada. Quase sem parar e limpando os bigodes e recolocando-os no lugar, arrumados, fui ter à porta para recebê-la. Diante de meus gritos de alegria, ela sorriu e disse:

— Ah! Fifizinha, eu roubei o melhor da mesa para você. O creme, as melhores pernas de rã, aqui estão para você. Aqueles porcos estão engordando demais! Eles me enjoam! Abaixando-se, colocou os pratos — pratos DE VERDADE! — bem diante de mim. Mas eu ainda não tinha tempo para comer, era preciso dizer-lhe quanto a amava. Prorrompi em ronronados, enquanto ela me levava a seu seio amplo.

Àquela noite dormi ao pé da cama de Albertine. Acomodada na cobertura imensa, sentia-me muito mais a cômodo do que em qualquer ocasião, desde que minha mãe fora tirada de mim. A educação que recebia estava em franco progresso; descobri a finalidade do “cocho de cavalos” e daquilo que, em minha ignorância, eu julgara ser uma grande xícara de porcelana. Fiquei envergonhadíssima, ao avaliar o quanto tinha sido ignorante.

De manhã, Albertine se vestiu e desceu as escadas- Vieram de lá os sons de muita agitação, muitas vozes altas. Da janela, vi Gaston, o *chauffeur*, dando alto polimento no grande automóvel Renault. Depois disso, desapareceu, voltando logo, envergando o

melhor uniforme. Dirigiu o carro até a entrada da frente e os criados encheram o compartimento de bagagem com muitos volumes. Acocorei-me mais; “Monsieur le Duc” e Mme. Diplomata embarcaram no veículo e foram levados pelo caminho por Gaston.

O ruído lá embaixo aumentou, mas dessa feita era como de pessoas a comemorar alguma coisa. Albertine subiu as escadas, arquejando, o rosto vermelho, cheia de felicidade e de vinho.

— Eles foram-se embora, Fifizinha — gritou, julgando talvez que eu fosse surda. — Eles foram-se EMBORA... por toda uma semana, estamos livres dessa tirania. Agora, vamo- nos divertir!

Agarrando-me, levou-me para o pavimento de baixo, onde havia uma festa em pleno andamento. Todos os criados pareciam mais satisfeitos agora e eu me senti muito orgulhosa pelo fato de estar sendo levada por Albertine, embora receasse que meu peso de dois quilos a cansasse.

Por uma semana, nós todos parecemos ronronar juntos. Ao final da mesma, endireitamos o lugar e passamos a ostentar nossos semblantes mais abatidos, em preparação para o regresso de Mme. Diplomata e marido. Não dávamos a este último qualquer atenção e ele geralmente andava pela casa acariciando a roseta da Legião de Honra, na lapela do paletó. De qualquer forma, estava sempre pensando no “Serviço” e países, e não em criados e gatas. Mme. Diplomata era o problema, realmente uma megera, e foi igual a termos escapado à guilhotina quando soubemos, no sábado, que eles continuariam fora por mais uma ou duas semanas, uma vez que estavam travando conhecimento com “as pessoas da alta sociedade”.

O tempo passou, com rapidez. Pela manhã, eu ajudava os jardineiros, revirando uma ou outra planta, de modo a poder examinar se as raízes cresciam de modo satisfatório. Às tardes, retirava-me para um galho confortável da velha macieira, sonhando com climas mais quentes e templos milenares, onde os sacerdotes, de mantos amarelos, andavam em silêncio, tratando de suas ocupações religiosas. Era quando eu despertava repentinamente, ao ouvir o ruído de aeroplanos da Força Aérea Francesa sobrevoando o lugar em carreira estrepitosa pelo céu.

Eu me tornava pesada, agora, e meus filhotes começavam a mover-se dentro de mim. Meus movimentos não eram tão fáceis, eu tinha de pisar com cuidado. Por alguns dias antes eu cultivara o hábito de ir ao estábulo, onde observava o leite das vacas sendo posto em uma coisa que girava, zunia e de onde saíam, por um lado, leite e pelo outro, creme. Sentava-me numa prateleira baixa, fora do caminho das pessoas. A jovem encarregada da ordenha conversava comigo, e eu respondia ao que me dizia.

Em certo anoitecer, eu estava sentada na prateleira, a uns seis

palmas de vasilha com leite pela metade. A ordenhadora falava comigo acerca de seu namorado mais recente, eu ronronava para ela, fazendo-lhe ver que tudo daria certo entre os dois. De repente, houve um grito de romper os tímpanos, como aquele emitido por algum gato em cuja cauda alguém tenha pisado. Mme. Diplomata entrou correndo no estábulo gritando:

— Eu lhe disse para não ter gatos aqui, você nos envenenará!

Apanhou a primeira coisa que encontrou, uma medida de cobre, e atirou-a contra mim, com toda a força. Fui atingida com a maior violência no flanco, e com isso caí na vasilha de leite. A dor foi terrível, e eu mal conseguia nadar para manter-me na superfície. Senti que minhas entranhas se esvaíam. O chão estremeceu, sob passadas pesadas, e Albertine apareceu. Com rapidez; virou a vasilha e fez entornar o leite manchado de sangue. Com suavidade, pôs as mãos em mim.

— Chame o veterinário — ordenou ela, enquanto eu desmaiava.

Quando despertei, estava no quarto de Albertine, numa caixa bem forrada e aquecida. Tinha três costelas partidas, e perdera os filhotes. Por algum tempo, fiquei muito doente. O veterinário vinha ver-me com frequência, e ouvi dizer que êle trocara palavras duras com Mme. Diplomata.

— Crueldade. Crueldade desnecessária — dissera ele. — As pessoas não vão gostar. Dirão que a senhora é uma mulher má. Os criados me contaram — afirmou. — Contaram que a pequenina gata era muito limpa e MUITO HONESTA. Não, Mme. Diplomata, isso muito desabona a senhora.

Albertine umedeceu minha boca com água, pois eu empalidecia diante do leite. Dia após dia, tentou persuadir-me a comer. O veterinário disse:

— Não há esperança alguma agora, ela vai morrer, não viverá mais um dia sem comida-

Entrei em coma. De alguma parte, pareceu-me ouvir o farfalhar das árvores, o ranger dos galhos.

— Gatinha — disse a macieira. — Gatinha, isto não é o fim. Lembre-se do que eu lhe disse, gatinha.

Ruídos estranhos zuniam em minha cabeça. Vi uma luz amarela brilhante, vi cenas maravilhosas e senti o cheiro dos prazeres do céu.

— Gatinha — murmuravam as árvores —, isto não é o fim. Coma e viva. Coma e viva. Isto não é o fim. Você tem um fito na vida, gatinha. Você terminará seus dias em alegria, ao chegar o tempo. Não é agora. Isto não é o fim.

Fatigada, abri os olhos e ergui a cabeça um pouco. Alber-

com grandes lágrimas rolando pelas faces, ajoelhou-se a meu lado, oferecendo-me alguns pedaços finos de galinha. O veterinário estava a uma mesa, enchendo uma seringa. Com fraqueza, aceitei um pedaço de galinha, mantive o mesmo na boca por momentos e o engoli— Um milagre! Um milagre! — proclamou Albertine.

O veterinário se voltou, boquiaberto, baixou devagar a seringa e veio ter a meu lado.

— Ê, como diz, um milagre — observou. — Eu estava enchendo a seringa para dar o *coup de grâce* e assim evitar-lhe mais sofrimentos.

Sorri para eles e emiti três ronronados — tudo quanto conseguia. Ao adormecer novamente, ouvi que ele dizia:

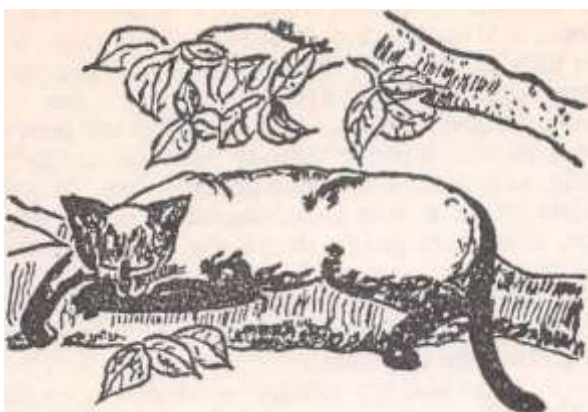
— Ela ficará boa.

Por toda uma semana, estive em condições lamentáveis. Não conseguia respirar fundo, não conseguia dar mais do que alguns passos. Albertine trouxera minha caixa de terra para bem perto, pois minha mãe me ensinara a manter cuidado escrupuloso em meus hábitos. Mais ou menos uma semana depois, Albertine levou-me para baixo. Mme. Diplomata estava em pé, à entrada de um aposento, parecendo severa e cheia de desaprovação.

— Ela deve ser levada para uma casinha, Albertine — disse Mme. Diplomata.

— Desculpe-me, Madame — disse Albertine. — Ela ainda não está bem, e se for maltrada eu e outros criados deixaremos esta casa.

Com um fungado e olhar altivo, Mme. Diplomata fez meia volta e entrou novamente naquele aposento. Nas cozinhas, lá embaixo, algumas das mulheres mais idosas vieram falar comigo, dizendo-me de sua satisfação por verem que eu estava melhor. Albertine me colocou com suavidade sobre o chão, de modo que eu pudesse mover-me e examinar todas as novidades, em coisas e pessoas. Logo me cansei, pois ainda estava muito enfraquecida. Fui ter com Albertine, fitei-a no rosto e lhe disse que queria deitar-me. Ela me apanhou, levando-me mais uma vez para a parte superior da casa. Eu estava tão cansada, que já dormi antes que ela me pusesse na cama.



CAPÍTULO 2

É fácil saber como agir, depois que a coisa tenha acontecido. Escrever um livro traz de volta as nossas recordações. Em meio aos anos de dificuldades, muitas vezes me lembrei das palavras da velha macieira:

— Gatinha, isso não é o fim. Você tem um objetivo na vida.

Nessa ocasião, julguei tratar-se principalmente de palavras bondosas, com que me reconfortar. Agora, sei que não é assim. Agora — no anoitecer de minha vida — desfruto de muita felicidade; se me ausento, até mesmo por alguns instantes, escuto perguntar: “Onde está a Fifi? Ela está bem?” e sei que sou realmente desejada por mim mesma, não apenas por minha aparência. Nos dias de minha juventude era diferente; eu não passava de algo para ser ostentado, ou, como as pessoas modernas o chamam, não passava de um “tópico de conversa”.

Mme. Diplomata tinha duas obsessões. Era obcecada pela idéia de que devia subir cada vez mais na escala social da França, e exibirmo a pessoas servia de meio seguro de êxito. Isso me espantava, porque ela detestava os gatos (a não ser em público), e eu não tinha licença de estar na casa, a menos que houvesse visitas. A recordação da primeira “exibição” ainda se acha bem viva em minha mente.

Eu me encontrava no jardim, num dia quente e ensolarado. Por algum tempo, estivera estudando as flores, observando as abelhas que carregavam pólen nas pernas. Depois, passei a examinar o pé de um choupo. O cachorro de um vizinho estivera ali recentemente,

deixando uma mensagem que eu queria ler. Olhando com frequência para trás, para ver se tudo corria bem, dediquei minha atenção àquela mensagem. Gradualmente, passei a interessar-me ainda mais, prestando menos atenção aos acontecimentos ao redor. De repente, mãos brutas me agarraram, tirando-me da contemplação com que examinava a mensagem deixada pelo cachorro.

— Psiu! — chiei, enquanto dava um salto e me libertava, dando um empurrão para trás com as pernas ao fazê-lo.

Com rapidez, subi o tronco da árvore e olhei, lá de cima. “Sempre corra primeiro, e olhe depois”, a minha mãe ensinara. “É melhor correr desnecessariamente do que parar e nunca mais correr”.

Olhei, então. Lá estava Pierre, o jardineiro, com a mão na extremidade do nariz. Entre seus dedos escorria um filete de sangue escarlate. Fitando-me com ódio, ele se abaixou, apanhou uma pedra, e a atirou com toda força. Eu me esquivei pelo tronco, mas ainda assim a vibração da pedra contra o tronco da árvore quase me fez cair. Ele inclinou-se para apanhar outra pedra, exatamente quando os arbustos foram afastados, atrás dele, e Albertine, caminhando em silêncio sobre o chão coberto de musgos, se adiantou. Compreendendo a cena com um só olhar, ela adiantou um pé, com rapidez, e Pierre caiu de cara no chão. Ela o agarrou pelo colarinho, fazendo-o ficar em pé com um solavanco. Sacudindo-o com violência — ele era apenas um homem pequenino — ela o fez girar ao redor.

— Se você machucar essa gata, eu MATO você, entendeu? Mme. Diplomata mandou você procurá-la, seu filho de uma porca, e não machucá-la.

— A gata saltou de minhas mãos, eu caí na árvore, e estourei o nariz — resmungou Pierre. — Perdi a paciência, por causa da dor.

Albertine deu de ombros e voltou-se para mim.

— Fifi, Fifi, venha para a mamãe — chamou.

— Já vou — gritei, ao passar as patas pelo tronco da árvore e deslizar de costas.

— Agora, apresente o seu melhor comportamento, Fifi — disse Albertine. — A patroa quer mostrá-la às visitas.

O termo “patroa” sempre me causava divertimento. “Monsieur le Duc” tinha uma patroa em Paris. Assim sendo, como a Mme. Diplomata era a patroa? Entretanto, se queria chamá-la de “patroa” isso não me faria mal! Eram pessoas muito estranhas e irracionais.

Seguimos juntas pelo gramado, Albertine carregando-me de modo que minhas patas estivessem limpas para as visitas. Subimos pelos degraus largos de pedras e vi um camundongo passar correndo, saindo de um buraco para o arbusto — e percorrendo a sacada. Pelas

portas abertas do salão, vi um grupo de pessoas sentadas e conversando, como uma revoada de estorninhos.

— Eu trouxe a Fifi, Madame! — disse Albertine.

“A patroa” pôs-se em pé com um salto e, com cuidado, tirou-me de minha amiga— Oh, minha querida e doce Fifizinha! — exclamou ela, voltando-se com tanta rapidez que fiquei tonta.

As mulheres se puseram em pé, reunindo-se a ela, emitindo exclamações de prazer. Os gatos siameses eram uma raridade na França, naqueles dias. Até os homens presentes vieram dar uma espiada. Minha cara negra e corpo branco, terminando em uma cauda também negra, pareciam fasciná-los.

— A mais rara das raças — disse a patroa. — Um *pedigree* maravilhoso, ela custou uma fortuna. Tão afetuosa, que dorme comigo à noite.

Eu bradei um protesto diante das mentiras, e todos deram um salto para trás, tomados de alarme.

— Ela está apenas falando — disse Albertine, que recebera ordens de ficar ali, no salão, “por via das dúvidas”. Como eu, Albertine exibia no semblante o espanto pelo fato de a patroa contar falsidades tão completas.

— Oh, René — disse uma das visitas —, devia levá-la para a América quando for para lá, porque as mulheres americanas poderão ajudar muito na carreira de seu marido, se gostarem de você. E essa gatinha certamente chama a atenção.

A patroa apertou os lábios finos, de modo que sua boca quase desapareceu completamente.

— Levá-la? — perguntou. — Como seria possível? Ela criaria problemas, e depois haveria dificuldades quando a trouxéssemos de volta.

— Bobagens, Renée, você me espanta — retrucou a amiga. — Conheço um veterinário que pode aplicar uma droga na gata, fazendo-a dormir durante toda a viagem aérea. Você pode levá-la em uma caixa acolchoada, como bagagem diplomática.

A patroa assentiu.

— Sim, Antoinette, dê-me o endereço desse veterinário, por favor — respondeu.

4

Por algum tempo tive de permanecer no salão, enquanto as pessoas soltavam exclamações diante de minha figura, exprimindo seu espanto pelo comprimento de minhas pernas e o negrume de minha cauda.

— Eu pensava que todos os tipos melhores de gatos siameses tivessem cauda crespa — disse alguém.

— Oh, não — asseverou a patroa. — Os gatos siameses com

caudas crespas não estão na moda, agora. Quanto mais reta a cauda, tanto melhor é o gato. Em breve mandaremos esta para cruzar e teremos filhotes para dar.

Finalmente, Albertine deixou o salão.

— Puxa! — exclamou. — Prefiro as gatas de quatro patas, a qualquer hora, ao invés de gatas daquela variedade, de duas pernas.

Com rapidez, olhei ao redor, pois nunca vira gatas de duas pernas antes, e realmente não compreendia como elas conseguiriam dar conta do recado. Nada havia por trás de mim, a não ser a porta fechada, de modo que sacudi a cabeça em perplexidade, caminhando ao lado de Albertine.

A escuridão da noite se fechava e uma chuva leve batia nas vidraças, quando o telefone no quarto de Albertine tocou, em som de irritação. Ela se levantou para atender, e a voz estridente da patroa veio perturbar a paz.

— Albertine, você está com a gata em seu quarto?

— Sim, Madame, ela ainda não está inteiramente boa — respondeu Albertine.

A voz da patroa tornou-se um pouco mais estridente:

— Eu já lhe disse, Albertine, ção a tolero na casa, a menos que haja visitas. Leve-a imediatamente para a casinha.

Não sei por que sou tão boa que fique com você, criatura tão inútil!

Com relutância, Albertine envergou um capote de lã grossa, vestiu com esforço uma capa de chuva e passou um xale no redor da cabeça- Apanhando-me, passou outro xale ao redor de mim e me levou para baixo, usando as escadas de trás. Detendo-se na sala dos criados para apanhar uma lanterna elétrica, caminhou para a porta. Um vento forte veio bater em nossas caras. Nuvens rápidas passavam pelo céu da noite, voando baixo. De um choupo alto, uma coruja cantou, em tom desalentador, enquanto nossa presença afugentava o camundongo que ela estivera caçando. Galhos carregados de chuva roçavam em nós, deixando sua carga de água em nosso corpo. A trilha era escorregadia e perigosa, na escuridão. Albertine seguiu com cautela por ali, estudando as passadas à luz fraca da lanterna, murmurando imprecações contra Mme. Diplomata e tudo que tivesse a ver com a mesma.

A casinha se apresentava à nossa frente, uma mancha mais escura na escuridão das árvores ao redor. Ela abriu a porta e entrou. Houve um estrondo assustador quando uma jarra de plantas, apanhada por suas roupas volumosas, tombou ao chão. Sem que o pudesse controlar, minha cauda eriçou-se de vapor e um anel agudo formou-se ao comprido de minha espinha. Fazendo a lanterna

iluminar um círculo ao redor, Albertine prosseguiu mais à frente, em direção à pilha de jornais velhos que era minha cama.

— Eu gostaria de ver aquela mulher trancada em um lugar assim — resmungou, falando consigo mesma. — Isso tiraria um pouco da presunção dela.

Com suavidade colocou-me sobre os jornais, examinou para ver se havia água para eu beber — pois eu não bebia mais leite, apenas água — e a meu lado colocou alguns restos de pernas de rãs. Afagando-me a cabeça, ela recuou devagar, fechando a porta ao sair. O som de suas passadas logo foi abafado pelo sopro do vento e o tamborilar da chuva no teto de ferro galvanizado. Eu detestava aquela casinha. Muitas vezes esqueciam-se de mim e eu não podia sair enquanto não abrissem a porta. Com frequência demasiada ficava ali sem comida ou água, por dois ou mesmo três dias. De nada adiantava gritar, pois ficava muito longe da casa, oculta em um bosque, bem por trás das outras construções. Eu me deitava e passava fome, tomando-me ainda mais enfraquecida, esperando que alguém na casa se lembrasse de que eu não fora vista por algum tempo e com isso viesse investigar.

Agora, é tudo muito diferente; onde estou, sou tratada como ser humano. Em lugar de estar quase sempre faminta, tenho o que comer e beber, e durmo em um dormitório, com cama própria. Recordando os anos idos, parece que o passado foi uma viagem efetuada durante uma noite comprida, e que agora surge à luz do sol e ao calor do amor. No passado, tinha de ter cuidado com as passadas pesadas. Agora, todos têm cuidado para não me pisarem! A mobília nunca é mudada de lugar, a menos que eu seja informada de sua nova localização, porque fiquei cega, estou velha e não mais consigo cuidar de mim mesma. Como o Lama afirma, sou uma vovó muito amada, que desfruta a paz e a felicidade. Enquanto dito estas palavras, acho-me sentada numa cadeira confortável, recebendo no corpo os raios quentes do sol.

Mas, pondo as coisas em seus devidos lugares, os Dias de Sombras ainda estavam comigo e a luz do sol ainda teria de irromper em meio à tempestade.

Movimentos estranhos ocorriam dentro de mim. Baixinho, pois eu ainda não tinha certeza de mim mesma, cantei algo. Andei por ali, procurando ALGO. Meus anseios eram vagos, mas urgentes. Sentada ao lado de uma janela aberta — sem me atrever a entrar — ouvi que Mme. Diplomata usava o telefone.

— Sim, ela está chamando. Mandá-la-ei imediatamente, e iremos buscá-la amanhã— Sim, quero vender os gatinhos assim que

for possível.

Pouco depois disso, Gaston veio ter comigo e me colocou em uma caixa de madeira, abafada, com a tampa bem presa. O cheiro da caixa, excetuando seu ar abafado e interessantíssimo. AU haviam sido carregadas mercadorias, gêneros comestíveis. Pernas de rãs, caramujos. Carne crua e coisas verdes. Eu fiquei tão interessada, que nem notei quando Gaston levantou o caixote e me carregou para a garagem. Durante algum tempo o caixote foi deixado sobre o chão de concreto. O cheiro de gasolina e óleo fez-me sentir mal. Finalmente, Gaston entrou na garagem, abriu as portas grandes da frente e ligou o motor de nosso segundo automóvel, um velho Citroen. Atirando o caixote em que eu estava, com bastante brutalidade, no espaço destinado à bagagem, ele embarcou na frente e partimos. Foi uma viagem terrível, fazíamos as curvas tão depressa que meu caixote escorregava com violência e só se detinha com uma batida. Na esquina seguinte, isso acontecia de novo. A escuridão era grande, e as emanções do cano de descarga faziam-me sufocar e tossir. Julguei que a viagem jamais terminaria.

O carro fez uma manobra violenta, houve o guincho horrível de borracha que deslizava, e quando o automóvel se endireitou e partiu à frente mais uma vez, meu caixote, virou, pondo-se ao contrário. Bati contra uma farpa aguçada e meu focinho começou a sangrar. O Citroen fez uma parada abrupta e logo ouvi vozes. O compartimento de bagagens foi aberto, por momentos reinou silêncio, mas logo uma voz estranha se fez ouvir:

— Olhe, há sangue!

Meu caixote foi suspenso, eu senti que oscilava, enquanto alguém o carregava. Subiram alguns degraus e a sombra cobriu as rachaduras do caixote. Adivinhei estar dentro de uma casa ou telheiro. Fecharam alguma porta, suspenderam-me mais e puseram-me sobre uma mesa.

Mãos desajeitadas se esfregaram na superfície externa, e a tampa foi aberta.

Pisquei, diante de tanta luz repentina.

— Pobre gatinha! — disse uma voz de mulher.

Estendendo a mão, colocou-a por baixo de mim, erguendo-me dali. Eu me sentia mal, doente, tonta com as emanções do cano de descarga, aturdida pela viagem violenta e sangrava bastante pelo focinho. Gaston ali se achava parecendo pálido e assustado.

— Devo telefonar a Mme. Diplomata, — disse um homem.

— Não me faça perder o emprego, — disse Gaston. — Eu dirigi com muito cuidado.

O homem ergueu o telefone, enquanto a mulher limpava o

sangue de meu focinho.

— Mme. Diplomata — disse o homem — sua gatinha está doente, mal nutrida, e foi muito sacudida por essa viagem. Vai perder sua gata, Madame, a menos que se lhe dediquem cuidados maiores.

— Ora, Santo Deus! — ouvi a resposta, na voz de Mme. Diplomata- — Tanto trabalho por uma simples gata. Ela recebe cuidados, pode crer. Eu não a mimo e quero que tenha filhotes.

— Mas, Madame — respondeu o homem — não terá gata nem filhotes, se ela for tratada desta maneira. Aqui tem uma gata siamesa de *pedigree*, muito valiosa, da melhor raça em toda a França. Eu sei, porque criei a mãe dela. Negligenciar esta gata é mau negócio, como usar anéis de diamante para cortar vidros.

— Eu o conheço, — respondeu Mme. Diplomata. — O *chaffeur* está aí? Quero falar com ele.

Em silêncio, o homem estendeu o telefone a Gaston. Por algum tempo, a torrente de palavras da patroa foi tão grande, tão vitriólica, que se mostrou contraproducente e serviu apenas para divertir os sentidos. Afinal, depois de muita barganha, chegaram a um acordo. Eu deveria ficar — e onde estava? — até que me achasse melhor. Gaston partiu, ainda estremecendo ao pensar em Mme. Diplomata. Eu fiquei deitada sobre a mesa, enquanto o homem e a mulher trabalhavam em mim. Tive a sensação de uma pequena alfinetada, e antes de poder compreendê-lo já adormecera.

Era uma sensação das mais singulares. Sonhei estar no Céu e que bom número de gatos conversava comigo, perguntando de onde eu viera, o que estava fazendo, quem eram meus pais- Todos eles falavam no melhor francês de gatos siameses, além disso! Fatigada, ergui a cabeça e abri os olhos. A surpresa diante do ambiente em que me encontrava levou minha cauda a eriçar-se, e um arrepio percorreu toda a minha espinha. A poucos centímetros de minha cara estava uma porta com tela de arame, via-se um aposento grande contendo todos os tipos de gatos e alguns cachorros pequenos. Meus vizinhos em ambos os lados eram gatos siameses.

— Ah! A arruinada está-se mexendo! — disse um.

— Puxa! Tua* cauda caiu mesmo, quando te trouxeram — disse a outra.

— De onde veio? — berrou uma gata persa, no lado oposto do aposento.

— Essas gatas me enojam — resmungou um *Poodle*, posto numa caixa no chão.

— Sim — resmungou um cachorrinho, fora de minha linha de visão. — Estas donas haviam de levar uns bons tapas lá nos Estados Unidos.

— Olhem esse cachorro, *yankee* a contar farofa! — disse alguém, por perto. — Ele não está aqui há tempo suficiente para ter direito a falar. É apenas um pensionista, não passa disso!

— Eu sou Chawa — disse a gata à minha direita. — Fui castrada.

— Eu sou Song Tu — disse a gata à esquerda. — Briguei com o cachorro. Puxa, vocês deviam ver como ele ficou. Dei-lhe uma coça e tanto!

— Eu sou Fifi — respondi, timidamente. — Eu não sabia que havia outras gatas siamesas, além de minha falecida mãe e de mim.

Por algum tempo, houve silêncio naquela sala grande e logo o maior clamor, quando entrou um homem, trazendo comida. Todos falavam ao mesmo tempo. Os cachorros exigiam receber comida primeiro, os gatos chamavam os cachorros de suínos egoístas. Ouvia-se o bater dos pratos e o gorgolejar da água, quando as vasilhas eram enchidas. Depois, os ruídos característicos quando os cachorros começaram a comer.

O homem aproximou-se, olhando para mim. A mulher entrou, e fez o mesmo.

— Ela acordou, — disse o homem.

— Bela gatinha, — disse a mulher. — Vamos ter de fortalecê-la, ela não terá filhotes, do modo como se acha.

Trouxeram-me bela quantidade de comida e passaram aos demais. Eu não me sentia muito bem, mas achei que seria má educação não comer, de modo que enfrentei a empreitada e logo comia tudo.

— Ah! — disse o homem. — Ela estava passando fome.

— Vamos pô-la no Anexo — disse a mulher. — Lá, terá mais luz do sol. Acha que todos esses animais a incomodam.

O homem abriu minha gaiola, aninhando-me em seus braços, enquanto me levava e saía por uma porta eu não pudera ver antes— Adeus — berrou Chaw.

— Prazer em conhecê-la — berrou Song Tu. — Fale de mim aos gatos, quando estiver com eles!

Passamos pela porta, indo ter a uma peça iluminada pelo sol, onde havia apenas uma gaiola grande no centro.

— Vai pô-la na gaiola do macaco, patrão? — perguntou um homem que eu não vira antes.

— Sim — respondeu o homem que me carregava. — Ela precisa de cuidado, porque não conseguiria ter, no estado em que se acha.

Ter? TER? Que devia eu ter? Devia tratar-se de algum mistério. O homem abriu a porta da gaiola maior e me colocou lá dentro. Era um bom lugar, a não ser pelo cheiro de desinfetante.

Havia galhos de árvores, prateleiras e uma caixa agradável, forrada de palha, na qual eu poderia dormir. Andei por ali cautelosamente, pois minha mãe me ensinara a investigar de modo mais completo qualquer lugar que eu não conhecesse, antes de me instalar nele. Achei um galho de árvore bastante convidativo, de modo que afiei as garras para mostrar que me instalara ali. Subindo por esse galho, verifiquei que podia olhar sobre a beirada e ver mais além.

Havia um espaço fechado e grande, muito grande, com arames por toda a parte, até o teto. Pequenas árvores e arbustos tinham sido plantadas no chão. Enquanto eu observava, um gato siamês dos mais magníficos apareceu. Era uma figura maravilhosa, comprido e esguio, ombros fortes e a mais negra de todas as caudas. Ao seguir devagar pelo chão, entoava a mais recente canção de amor. Eu ouvia, fascinada, mas naquele instante senti-me tímida demais para cantar em resposta. Meu coração batia com força, eu era tomada por sentimentos os mais estranhos. Deixei escapar um suspiro profundo, ao me afastar daquele posto de observação.

Por algum tempo, fiquei sentada no galho mais alto, a cauda a estremecer espasmodicamente e as pernas tremendo com tanta emoção que quase não me sustentavam. Que gato, que figura soberba! Eu o podia ver ornamentando um templo no Sião distante, tendo ao redor os sacerdotes de mantos amarelos a cumprimentá-lo, enquanto se aquecia à luz do sol. E — estaria enganada? — julguei que ele olhara em minha direção, sabia tudo a meu respeito. Eu tinha a cabeça rodopiando com pensamentos sobre o futuro. Devagar, trêmula, desci do galho, entrei na caixa de dormir e ali me deitei, para pensar. Àquela noite, não consegui dormir bem. No dia seguinte, o homem disse que eu estava com febre por causa da viagem de automóvel e das emanações do escapamento. Eu sabia por que tinha febre! A cara negra e simpática, a cauda comprida e ondulante do gato tinham-me perturbado durante todo o sono. O homem disse que eu estava em mau estado e que tinha de descansar. Por quatro dias vivi naquela gaiola, descansando e comendo. Na manhã seguinte fui levada a uma pequena casa, dentro do alambrado. Instalando-me ali, olhei ao redor e vi que havia uma parede de arame entre o meu compartimento e aquele do Belo Gato. O compartimento dele estava limpo, bem arrumado, a palha na cama se mostrava limpa, e vi que em sua vasilha de água não havia qualquer fragmento de poeira flutuando. Ele, entretanto, não estava ali, e calculei que se achasse no jardim fechado, andando em meio às plantas.

Sonolenta, fechei os olhos e adormeci. Uma voz calorosa fez-me despertar com sobressalto, e eu olhei com timidez para a parede

divisória, feita de arame.

— Ora, bem! — disse o gato siamês. — Prazer em conhecê-la, pode acreditar.

Estava com a cara negra e grande bem perto do arame divisório, os olhos azuis, muito vivos, a refulgir em minha direção, revelando-me seus pensamentos— Vamos casar esta tarde — anunciou. — Eu vou gostar, e você?

Corando, escondi a cara na palha.

— Oh, não se preocupe tanto — exclamou ele. — Estamos fazendo um trabalho nobre, não existe um número suficiente de nós na França. Você vai gostar, vai ver! — afirmou rindo, enquanto se deitava para descansar, após a caminhada matutina.

À hora do almoço, o homem veio e riu ao nos encontrar, seriados perto um do outro, tendo apenas a grade de arame entre nós, e entoando um dueto. O gato se pôs em pé, e berrou para o homem:

— Tire esta porta do meio! — e utilizou algumas outras palavras que me fizeram corar novamente.

O homem, sem pressa, abriu a porta, prendeu-a aberta e se retirou do aposento.

Oh! Aquele gato, o ardor de seus abraços, as coisas que me disse! Mais tarde, ficamos deitados lado a lado, tomados de um brilho cálido, e vim a saber com certo desapontamento: eu não fora a primeira! Levantei-me e voltei a meu próprio compartimento. O homem entrou e mais uma vez fechou a porta de arame entre nós. Ao anoitecer, apareceu mais uma vez e me levou de volta à gaiola grande. Dormi profundamente.

Ao amanhecer, a mulher entrou e me levou para o aposento a que eu fora ter logo de início, quando chegara àquele edifício. Colocou-me sobre uma mesa, segurando-me com firmeza enquanto o homem me examinava por completo.

— Terei de falar com a dona desta gata, porque o pobre animal foi muito maltratado. Veja aqui — disse, apontando para minhas costelas esquerdas, e apertando um pouco onde ainda doía. — Alguma coisa muito séria aconteceu com ela e é um animal valioso demais para ser negligenciado.

— Vamos dar um passeio até lá, amanhã, e conversar com a dona? — perguntou a mulher, que parecia realmente interessada em mim.

O homem respondeu, dizendo:

— Sim, nós a levaremos de volta- Talvez consigamos, receber nosso dinheirão, na mesma ocasião. Vou telefonar para ela e dizer que entregaremos a gata e receberemos o dinheiro.

Apanhou o telefone e conseguiu falar com Mme. Diplomata, cuja única preocupação pareceu ser a de que a “entrega da gata” ia

custar-lhe alguns francos mais. Tendo sido assegurado que isso não aconteceria, concordou em pagar a conta assim que eu fosse devolvida. Assim é que ficou decidido que eu permaneceria ali até a tarde seguinte, sendo então devolvida a Mme. Diplomata.

— Olhe, Georges — chamou o homem. — Leve-a de volta, para a gaiola do macaco, porque vai ficar até amanhã.

Georges, um homem idoso e encurvado a quem eu não vira antes, veio ter comigo e me suspendeu, com cautela surpreendente. Colocando-me sobre o ombro, afastou-se dali. Levou-me para a sala grande sem parar, de modo que não pude conversar com os demais. Na outra sala, colocou-me na gaiola do macaco, fechando a porta. Por poucos momentos, arrastou diante de mim um pedaço de barbante.

— Pobrezinha, — dizia, para si próprio. — Está mais do que claro que ninguém nunca brincou com você, em sua curta vida!

Mais uma vez sozinha, subi ao galho inclinado e espiei pela fresta do alambrado. Não sentia emoção alguma em mim, agora. Sabia que o gato tivera inúmeras rainhas e que eu era apenas uma no meio delas. As pessoas que conhecem os gatos sempre chamam os machos de “gatos” e as fêmeas de “rainhas”. Isso nada tem a ver com o *pedigree*, é apenas um termo genérico.

Um galho solitário balançava, inclinando-se sob peso considerável. Enquanto eu observava, o grande gato saltou da árvore, caindo à terra. Voltando a subir pelo tronco, em carreira, tornou a fazer aquilo diversas vezes. Eu observava, fascinada, até compreender que ele fazia o exercício matutino. Ociosamente, por não ter algo melhor a fazer, deitei-me em meu galho e afiei as unhas até que as mesmas brilhassem como as pérfas no colar de Mme. Diplomata. Depois disso, entediada, dormi no calor reconfortante do sol de meio-dia.

Algum tempo depois, quando o sol não mais se achava diretamente por cima, mas fora aquecer alguma outra parte da França, fui despertada por uma voz suave e maternal. Olhando com alguma dificuldade para uma janela quase fora de meu alcance, vi uma velha rainha negra, que já vivera por muitos verões. Tratava-se de uma criatura positivamente gorda e vendo-a sentada no peitoril da janela, lavando as orelhas, achei que seria bom conversarmos um pouco.

— Ah! — disse ela. — Você, então, acordou. Espero que esteja gostando de sua estada aqui; nós nos orgulhamos do fato de que somos quem presta o melhor serviço de toda a França. Está comendo bem?

— Sim, obrigada — respondi. — Estou sendo muito bem cuidada. A senhora é a proprietária?

— Não — respondeu-me ela. — Embora muitos julguem que seja. Estou encarregada da tarefa importante de ensinar aos novos gatos quais são os deveres deles; faço uma experiência com os mesmos, antes que entrem em circulação geral. Trata-se de trabalho muito importante e duro.

Permanecemos sentadas por alguns momentos, absortas em nossos pensamentos.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Manteiguinha, — respondeu ela. — Eu já fui muito gorducha, e meu pêlo brilhava como manteiga, mas isso já faz muito tempo, quando eu era mais jovem — aduziu. — Agora, executo uma série de tarefas... além DESSA de que lhe falei, sabe? Eu também policio os armazéns de comida, para que os camundongos não nos amolem.

Dito isto, entrou em meditação, pensando nos seus deveres, e acrescentou:

— Já experimentou, nossa carne de cavalo? Oh, é PRECISO experimentar, antes de ir embora. É realmente deliciosa, a melhor carne de cavalo que se pode comprar. Acho que vamos ter alguma no jantar, porque vi o Georges... o ajudante, você sabe... cortando uma boa parte, há momentos.

Fêz uma pausa, e depois aduziu, com voz cheia de satisfação:

— Sim, tenho a certeza de que há carne de cavalo para o jantar.

Continuamos sentadas, pensando, lavando-nos um pouco, e logo Manteiguinha disse:

— Bem, tenho de ir-me embora. Vou providenciar para que você receba uma boa quantidade... creio que já sinto o cheiro do jantar que o Georges vem trazendo!

Saltou da janela. Na sala grande atrás de mim, ouvi gritos e berros.

— CARNE DE CAVALO!

— Sirva-me primeiro!

— Estou morrendo de fome... depressa, Georges!

Este, entretanto, não deu atenção alguma aos demais, e atravessou a sala grande, vindo ter diretamente comigo, servindo-me em primeiro lugar.

Ronronei para ele, a fim de demonstrar que apreciava devidamente a honra que me conferia. Ele depositou à minha frente uma grande quantidade de carne, de odor maravilhoso. Esfreguei-me em suas pernas, roncando o mais alto que sabia.

— Você é apenas uma gatinha — disse ele. — Vou cortar a carne para comer.

Em atitude muito educada, cortou tudo aquilo em pedaços, e depois, desejando-me boa refeição, saiu para servir os demais.

A carne era simplesmente maravilhosa, doce ao paladar, macia- Finalmente, sentei-me e lavei a cara. Ouí um esgaravatar, que me fez olhar, exatamente quando uma cara negra, com olhos brilhantes, surgiu à janela.

— Ótimo, não foi? — perguntou Manteiguinha. — Não foi como lhe disse? Nós temos a melhor carne de cavalo que se pode conseguir. Espere, porém, até comer PEIXE no desjejum! Coisa formidável, acabei de provar. Oh, bem, boa noite!

Ato contínuo, voltou-se e desapareceu.

Peixe? Eu não podia sequer pensar em comida, naqueles momentos, estava repleta. Aquilo era uma mudança tão grande, com relação à comida de casa, onde eu recebia migalhas e restos deixados pelos seres humanos, coisas misturadas com molhos idiotas, que muitas vezes queimavam minha língua. Ali onde me encontrava os gatos viviam em verdadeiro estilo francês.

A luz esmaecia, enquanto o sol se punha no céu do Ocidente. Pássaros voltavam a seus lares, em revoada, velhos corvos gritavam, chamando os companheiros, conversando sobre os fatos do dia. Logo o crepúsculo se aprofundou, e os morcegos surgiram esbatendo as asas rangentes, enquanto faziam voltas e se atiravam à perseguição dos insetos noturnos. Por cima dos choupos altos, a luz alaranjada parecia espiar

com timidez, como a hesitar, sem saber se se intrometia na escuridão da noite. Com um suspiro de contentamento, subi preguiçosamente para minha caixa e adormeci.

Sonhei, e todos os meus anseios voltaram à superfície. Sonhei que alguém queria ter-me, pelo meu valor próprio, pela companhia. Tinha o coração cheio de amor, amor que era preciso reprimir, porque ninguém, em minha casa, tinha noção dos anseios e desejos de uma gatinha nova. Agora, como gata adulta e velha, encontro-me cercada de amor e o retribuo em medida completa. Quase não conheço dificuldades, agora, nem sinto falta das coisas, mas para mim isto é a vida perfeita, onde faço parte da família e sou amada como verdadeira pessoa-

A noite passou. Eu me achava inquieta, pouco à vontade, pensando em voltar para casa. Encontraria novas dificuldades por lá? Teria uma cama de palha, ao invés de jornais velhos e úmidos? Fiquei imaginando, e logo em seguida o dia surgiu. Um cachorro ladavra, em tom lamurioso, na sala grande.

— Quero sair, quero sair — estava dizendo, sem parar. — Quero sair!

Perto dele, um pássaro recriminava o companheiro por haver tardado a preparar o desjejum. Gradualmente, os ruídos comuns do dia vinham aparecendo. O sino em uma torre de igreja badalou, sua voz atrevida chamando os seres humanos para que se levantassem e fizessem alguma espécie de trabalho.

— Depois da missa, eu vou à cidade, comprar uma blusa nova. Você me dá uma carona? — perguntou uma voz de mulher. Logo desaparecia de minha audição, sem que eu pudesse entender a resposta do homem. O estrépido de baldes batendo uns nos outros fizeram-me lembrar que logo chegaria o momento do desjejum. Do aposento cercado por arame, o Belo Gato ergueu a voz, em canção de louvor para saudar o novo dia.

A mulher veio com meu desjejum.

— Olá, gata — disse ela. — Coma bem, porque você irá para sua casa, esta tarde.

Ronronei e esfreguei-me nela, para mostrar que compreendia. Ela usava roupas novas de baixo, cheias de babados, e parecia estar muito alegre. Muitas vezes sorri para mim própria ao pensar no modo pelo qual nós, os gatos, vemos as pessoas! Muitas vezes podemos determinar o estado de espírito da criatura, pela roupa de baixo que veste. É que temos um ponto de vista diferente, convém notar.

O peixe estava muito bom, mas coberto por uma substância parecida com trigo, que eu tive de raspar.

— Ótimo, não está? — perguntou uma voz, falando da janela.

— Bom dia, Manteiguinha — respondi. — Sim, está muito bom. Mas para que esta coisa em cima?

Manteiguinha riu, bonachona.

— Oh! — exclamou. — Você deve ser do interior. Aqui, nós SEMPRE... mas SEMPRE... temos mingau de manhã, por causa das vitaminas.

— Mas por que eu não recebi antes? — persisti.

— Porque estava sob tratamento, e recebeu as vitaminas em forma líquida.

Dito isto, Manteiguinha suspirou e prosseguiu:

— Preciso ir agora, sempre há muita coisa para fazer e o tempo é escasso. Procurarei vê-la, antes que se vá embora.

Não tive tempo de responder, pois ela já saltara da janela, e eu a ouvia correndo em meio aos arbustos.

Houve uma conversa confusa, vinda da sala grande.

— Sim — disse o cachorro americano. — Aí eu disse pra ele, não quero você com o focinho por perto do MEU poste, entendeu? Você sempre está por aí para ver o que consegue farejar.

Tong Fa, um gato siamês que chegara em hora adiantada do

anoitecer, conversava com Chawa.

— Diga-me, madame, nós temos licença de investigar o terreno aqui?

Eu me enrodilhei e dormi, porque toda aquela conversa me causava dor de cabeça.

— Devemos pô-la em uma cesta?

Despertei, com sobressalto. O homem e a mulher entravam em minha sala, por uma porta lateral.

— Cesta? — perguntou a mulher. — Não, ELA não precisa ser posta em cesta. Eu a levarei no colo.

Eles foram ter à janela, e ali continuaram conversando.

— Aquele Tong Fa — disse a mulher. — É uma vergonha pô-lo a dormir. Não há algo que possamos fazer?

O homem mexeu-se, inquieto, e esfregou o queixo.

— E o que podemos fazer? O gato é velho, quase cego. O dono não tem tempo para lhe dedicar. O que podemos fazer?

Houve silêncio por muito tempo.

— Não estou gostando — disse a mulher. — Isso é assassinato!

O homem continuou calado, e eu me tornei tão pequenina quanto possível, a um certo canto da gaiola- Velho e cego? Isso bastava para determinar a sentença de morte? Não havia pensamento algum pelos muitos anos de dedicação e amor, para que se matassem os velhos, assim que não soubessem cuidar de si próprios? Juntos, o homem e a mulher seguiram para a sala grande e retiraram o velho Tong Fa com gentileza cie sua gaiola.

A manhã se arrastava, eu tinha pensamentos sombrios. O que aconteceria comigo quando estivesse velha? A macieira me dissera que eu seria feliz, mas quando se é jovem e inexperiente a espera parece ocupar um tempo infinito. O velho Gorges entrou.

— Aqui está um pouquinho de carne de cavalo, gatinha. Coma, porque você logo irá para casa.

Eu ronronei e me esfreguei nele, que se abaixou para afagar minha cabeça. Mal acabara de comer e fazer minha toalete quando a mulher veio à minha procura.

— Nós já vamos, Fifi! — exclamou. — De volta para a casa de Mme. Diplomata ta bruxa velha).

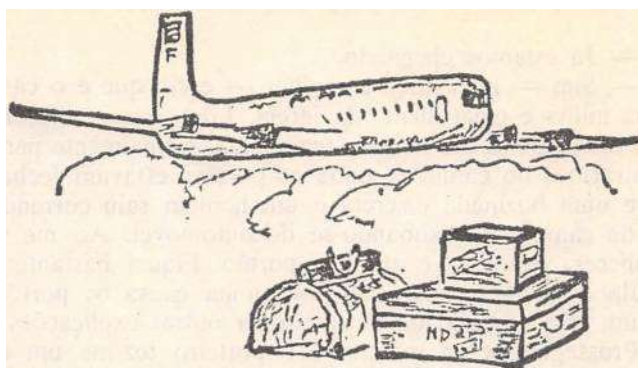
Apanhou-me, e saiu comigo pela porta lateral. Mantei- guinha estava à espera

— Adeus, Fifi — gritou. — Venha ver-nos outra vez.

— Adeus, Manteiguinha — respondi. — Muito obrigada por sua hospitalidade.

A mulher seguiu andando até onde o homem estava à espera,

ao lado de um automóvel antigo e grande- Ela embarcou, verificou se as janelas estavam quase fechadas, após o que o homem embarcou e ligou o motor. Nós partimos, seguindo pela estrada que levava à minha casa.



CAPÍTULO 3

O carro prosseguia zumbindo pela estrada. Choupos altos apresentavam-se de modo altaneiro ao lado, com lacunas frequentes em suas fileiras, como testemunho dos estragos causados pela Grande Guerra, guerra da qual eu só tomara conhecimento ouvindo o que os seres humanos diziam. Nós prosseguíamos no que parecia uma jornada infinita. De modo vago, fiquei imaginando como aquelas máquinas funcionavam, conseguiam correr tão depressa e por tanto tempo. Isso não foi mais do que um pensamento vadio, pois minha atenção se viu quase inteiramente capturada pelas cenas do campo pelo qual seguíamos.

Desde a primeira milha de viagem, mais ou menos, eu estivera sentada no colo da mulher. A curiosidade me dominou e eu andei com passos um tanto inseguros para a parte traseira do carro, sentando-me em um ressalto ao nível da janela traseira, onde havia um guia turístico Michelin, mapas e outras coisas. Dava para ver a estrada atrás de nós. A mulher aproximou-se mais do homem, e eles se puseram a murmurar docemente um para o outro. Fiquei imaginando se ela também ia ter gatinhos.

O sol já estivera à vista por uma hora, quando o homem disse:

— Já estamos chegando.

— Sim — respondeu a mulher — creio que é o casarão, a uma milha e meia além da igreja. Logo o encontraremos.

Prosseguimos em marcha mais lenta, e finalmente paramos ao entrarmos no caminho, onde os portões estavam fechados. Houve uma buzinação discreta e um homem saiu correndo da casa de campo, aproximando-se do automóvel. Ao me ver e reconhecer, voltou-se e abriu o portão. Fiquei bastante emocionada ao compreender que por minha causa os portões se abriram, sem necessidade de quaisquer outras explicações.

Prosseguimos na marcha e o porteiro fez-me um aceno cm tom sério, ao passarmos. Minha vida fora muito estreita, ao que percebi, pois eu não conhecera sequer a casa de campo, ou os portões- Mme. Diplomata estava ao lado de um dos gramados, conversando com alguns dos ajudantes de Pierre. Ela se voltou quando nos aproximávamos, e veio em nossa direção, com passos lentos. O homem deteve o carro, desembarcou e fez mesura educada para ela.

— Trouxemos a sua gatinha, Madamc, — disse. — E aqui está um exemplar do atestado do *pedigree* do gato.

Os olhos de Mme. Diplomata se arregalaram, ao me ver sentada no carro.

— Não a trouxeram em uma caixa? — perguntou.

— Não, Madame — respondeu o homem. — Ela é uma boa gatinha, mostrou-se sossegada e bem comportada todo o tempo em que esteve conosco. Nós a consideramos uma gata excepcionalmente comportada.

Senti-me corar diante de tal louvor, e reconheço que fui pretenciosa o bastante para ronronar, em acordo completo com o que ele dizia. Mme. Diplomata voltou-se imperiosamente para o ajudante de jardineiro e disse:

— Vá correndo à casa e diga a Albertine que quero vê-la imediatamente.

— Sim! — berrou o gato do zelador, oculto atrás de uma árvore. — Eu sei onde você esteve! Nós, os gatos de trabalho, não somos bons bastante para você, que precisa de namora- dinhos especiais!

— Oh, céus — disse a mulher no automóvel —, lá está um gato. A Fifi deve ser afastada dos gatos-

Mme. Diplomata voltou-se e atirou um galho que apanhara no chão, deixando de acertar o gato do zelador por alguns palmos.

— Ha! Ha! — ria eie, ao fugir correndo. — Você não acertaria na torre de uma igreja com uma vassoura, ainda que estivesse a dois palmos dela, sua velha!

Voltei a corar. Aquelas expressões eram horríveis e eu tive uma sensação profunda de alívio ao ver Albertine caminhando em nossa direção, vindo pelo caminho, a toda velocidade, o semblante radioso de acolhimento. Gritei para ela, e saltei-lhe diretamente aos braços, dizendo-lhe o quanto a amava, quanta falta me fizera, e tudo que me acontecera. Por algum tempo, estivemos esquecidas de tudo, a não ser uma da outra, mas depois a voz áspera de Mme. Diplomata nos fez voltar ao presente com um solavanco.

ALBERTINE — ela bufou. — Sabe que eu lhe estou falando? Preste atenção imediatamente!

— Madame, — disse o homem que me trouxera, — essa gata foi negligenciada. Não recebeu o bastante para comer. Restos não são o suficiente para gatos siameses de *pedigree*, e eles devem ter uma cama confortável e quente. Essa gata é VALIOSA — prosseguiu — e poderia ser levada a uma exposição, se lhe dedicassem mais cuidado.

Mme. Diplomata fitava-o com expressão altiva e furiosa, retorquindo:

— Isso é apenas um animal, ó homem, e eu pagarei sua conta, mas não queira ensinar-me o que devo fazer.

— Mas, Madame, estou procurando salvar sua propriedade valiosa, — disse o homem.

Ela, entretanto, fê-lo calar-se, ao ler a conta, emitindo sons de desgosto pelo que via ali. Em seguida, abrindo a bolsa, tirou dali seu talão de cheques e escreveu algo num pedaço de papel, antes de entregá-lo a ele. Com rudeza, Mme. Diplomata virou as costas e foi-se embora.

— Temos de enfrentar isso todos os dias — cochichou Albertine para a mulher e as duas entreolharam-se em aquiescência; o casal que me trouxera foi-se embora.

Eu estivera fora dali quase uma semana. Muita coisa devia ter acontecido durante minha ausência. Passei o resto do dia indo de um lugar a outro, renovando minhas ligações anteriores e lendo todas as notícias. Por algum tempo, permaneci bem acomodada e segura em um galho na minha velha amiga, a macieira.

O jantar foi de restos comun, de boa qualidade, mas ainda assim restos. Eu achava que seria maravilhoso se comprassem algo especialmente para mim, ao invés de me darem sempre “restos”. Com o chegar do crepúsculo, Gaston entrou à minha procura e, tendo-me encontrado, tirou-me do chão e seguiu apressadamente para a casinha, levando-me. Abrindo a porta com violência, atirou-me no interior escuro da casinha, fechou a porta com estrondo e se afastou. Como eu também sou francesa, sinto grande pesar em reconhecer que os seres humanos franceses são gente muito dura

com os animais.

Passaram-se dias e mais dias, transformando-se em semanas. Gradualmente, meu corpo tomou porte matronal, e os movimentos se fizeram mais lentos. Certa noite, quando eu estava quase no tempo, fui atirada com rudeza dentro da casinha por Pierre. Ao cair sobre o chão duro de concreto, senti uma dor terrível, como se estivesse a rasgar-me. Com dores, na escuridão daquela casinha fria, nasceram meus cinco filhos. Após eu me haver recuperado um pouco, rasguei alguns jornais e fiz um ninho quente para eles, e em seguida levei-os para lá, um por um.

No dia seguinte ninguém veio ver-me. O dia se arrastou, mas eu ainda estava ocupada, amamentando meus filhos. A noite me encontrou fraca de fome e inteiramente seca, pois não havia comida ou água na casinha. O dia seguinte não trouxe qualquer alívio, ninguém veio, e as horas se arrastavam sem parar. A sede se tornava quase intolerável e eu imaginava o motivo pelo qual teria de sofrer de tal modo. Com a chegada da noite, as corujas vieram esvoaçar e cantar, falando dos camundongos que haviam apanhado. Eu e meus filhotes permanecemos juntos, sem que eu soubesse como conseguiria chegar viva ao dia seguinte.

O dia já se achava bem adiantado, quando ouvi passadas. Abriu-se a porta, e ali estava Albertine, que parecia pálida e doente. Ela saíra da cama de enferma, ao ter “visões” de mim, vendo-me em apuros. Como costumava fazer, trouxera água e comida. Um de meus filhos morrera durante a noite, e Albertine, ao notá-lo, ficou quase furiosa demais para conseguir falar. Sua raiva era tão grande ao ver como eu fora tratada, que ela saiu e trouxe Mme. Diplomata e “Monsieur le Duc”. O pesar de Mme. Diplomata foi pela perda de um filhote, e o prejuízo em dinheiro que isso representava. “Monsieur le Duc” conseguiu exhibir um pálido sorriso, dizendo:

— Talvez possamos fazer alguma coisa. Alguém devia falar com o Pierre.

Gradualmente, seus olhos se tomaram mais fortes; gradualmente, abriram os olhos. Vinham pessoas vê-los, o dinheiro passava de uma para outra mão, e quase antes de estarem desmamados, foram-me arrebatados. Eu andava, desconsolada, pela propriedade— Meus lamentos perturbaram Mme. Diplomata, e ela ordenou que me trancassem, até que eu parasse de gritar.

A essa altura, eu me acostumara a ser exibida em reuniões sociais, e não dava importância a que me trissem do trabalho nos jardins, para desfilar no salão. Em certo dia, porém, as coisas foram diferentes. Fui levada a uma saleta, onde Mme. Diplomata se achava a uma mesa, escrevendo, tendo sentado à sua frente um homem desconhecido.

— Ah! — exclamou ele, quando fui levada para a saleta.
— É esta a gata, então?
Em silêncio, ele me examinou, contorceu o semblante e puxou uma de suas próprias orelhas.
— Ela está um tanto maltratada. Dopá-la para que possa ser levada como bagagem, em um avião, enfraquecerá a saúde dela.
Mme. Diplomata fez uma careta raivosa para ele, retorquindo:
— Não lhe estou pedindo preleções, senhor veterinário,
— afirmou. — Se não fizer o que eu quero, outros farão. Santo Deus! — esbravejou. — Quanta bobagem, por causa de uma simples gata!

O veterinário deu de ombros, em tom de desesperança.
— Muito bem, Madame — respondeu. — Farei o que quiser, pois preciso ganhar a vida. Pode chamar-me, mais ou menos uma hora antes de embarcar no avião.

Pôs-se em pé, procurou a bengala e saiu da saleta, com passos difíceis. Mme- Diplomata abriu as janelas francesas e me enxotou para o jardim.

Havia uma atmosfera de animação reprimida na casa. Grandes volumes estavam sendo espanados e limpos, e a nova patente de “Monsieur le Duc” era pintada nos mesmos. Chamaram um carpinteiro, sendo-lhe ordenado que fizesse uma caixa de madeira para viagem, que coubesse dentro de uma mala e com tamanho suficiente para abrigar um gato. Albertine seguia de um para outro lugar, dando a impressão de estar alimentando a esperança de que Mme. Diplomata sofresse um colapso e caísse morta!

Certa manhã, mais ou menos uma semana depois, Gaston veio à casinha, à minha procura, levando-me para a garagem sem me dar qualquer desjejum. Eu lhe disse que estava com fome mas ele, como de costume, não compreendeu. A criada de Mme. Diplomata, Yvette, estava sentada no Citroen. Gaston colocou-me em uma cesta de vime, amarrada por uma correia, e fui depositada no assento traseiro. Seguimos em alta velocidade.

— Eu não sei por que ela quer a gata dopada — disse Yvette. — Os regulamentos dizem que um gato pode ser levado para os Estados Unidos sem qualquer dificuldade.

— Ora — disse Gaston —, aquela mulher é maluca, eu já desisti de adivinhar o que ELA tem dentro da cabeça!

Voltaram ao silêncio, concentrando-se em imprimir velocidade ainda maior ao veículo. Os solavancos se mostravam terríveis, e meu corpo pequeno não era suficiente para fazer baixar as molas do assento, pelo que eu me tornava cada vez mais escoriada, ao bater nos lados e na parte superior da cesta.

Dediquei toda minha atenção a manter as pernas estendidas e

afundei as unhas na cesta. Tratava-se de uma verdadeira batalha para impedir que eu desacordasse, com algum daqueles choques. Perdi toda a noção de tempo. Mais tarde, o veículo fez uma parada ruidosa, os pneus raspando no chão— Gaston apanhou minha cesta e subiu com pressa alguns degraus, entrando em uma casa. A cesta foi jogada sobre uma mesa e a tampa retirada. Mãos me ergueram, pondo-me ao lado sobre a mesa. Eu caí imediatamente, pois as pernas já não conseguiam sustentar meu peso, eu ficara retesada tempo de mais. O veterinário fitou-me com horror e compaixão.

— Você podia ter morto esta gata! — exclamou, com raiva, falando com Gaston. — Não posso dar-lhe uma injeção hoje!

O rosto de Gaston enrubescceu de fúria.

— Dê a injeção nessa gata de ... O avião parte hoje, o senhor já foi pago, não foi?

O veterinário apanhou o telefone.

— Não adianta telefonar, — disse Gaston. — A família está no Aeroporto Le Bourget, e eu tenho pressa.

Suspirando, o veterinário apanhou uma grande seringa e voltou-se para mim. Senti uma dor aguda nos músculos, e todo o mundo pareceu avermelhar-se, pôr-se da cor de sangue, e depois enegrecer. De muito longe, ouvi uma voz dizer:

— Pronto! Isso a manterá quieta por...

Em seguida, foi o esquecimento completo de tudo, o olvido total que caiu sobre mim.

Houve um rugido terrível. Eu sentia frio, estava abatidíssima, respirar era um esforço chocante. Nem um lampejo de luz em lugar algum, eu jamais conhecera escuridão tão fechada. Por algum tempo, receei ter ficado cega. A cabeça parecia, a ponto de explodir, e nunca eu me sentira tão doente, tão abandonada e abatida.

Hora após hora, o ronco horrível prosseguia, eu julguei que meu cérebro ia explodir— Depois, surgiram pressões estranhas em meus ouvidos, e as coisas dentro dos mesmos estalaram. O estrondo modificou-se, tornou-se mais feroz, e depois houve um estampido, e eu fui atirada com violência contra a parte de cima de minha caixa. Outro solavanco, mais outro, e o estrondo diminuiu. Vinha, agora, um trovejar como aquele feito pelas rodas de um carro rápido sobre estrada de concreto. Solavancos e murmúrios e depois o ronco desapareceu. Outros ruídos surgiram, o de metal raspado, vozes abafadas e um resfolegar diretamente por baixo de mim. Com estrondo estrepitoso, uma grande porta de metal se abriu a meu lado e homens estranhos surgiram no compartimento onde eu me encontrava. Mãos brutas agarraram os volumes, atirando-os para uma esteira sem fim, que os fazia desaparecer da vista. E chegou

minha vez; atravesssei o ar dentro da cesta, e bati em aigum lugar, com um baque que abalava os ossos. Por baixo de mim, alguma coisa parecia tropejar baixinho. Outro estrondo, e a minha viagem acabou. Eu estava de costas, e vi o céu da aurora por alguns buracos abertos na cesta para que eu respirasse.

— Puxa, aqui está um gato! — disse uma voz estranha.

— *Okay*, moço, isso não é da nossa conta — respondeu outro.

Sem cerimônia, o volume onde estava minha cesta foi agarrado e atirado a algum outro tipo de veículo. Outros volumes foram empilhados por cima e ao lado, e o carrinho motorizado se pôs em movimento- Com a dor e o choque, eu perdi a consciência.

Abri os olhos e descobri que estava fitando uma lâmpada elétrica, e que o fazia através de um alambrado. Com debilidade, fiquei em pé e cambaleei até um prato com água que vi por perto. O esforço foi quase demasiado para beber, quase não valia a pena continuar vivendo. Mas, tendo bebido um pouco, senti-me melhor.

— Bem, bem, Madame — disse uma voz resfolegante —, com que, então, despertou!

Olhei, e vi que havia um homem velho, negro e pequenino abrindo uma lata de comida.

— Sim, Madame, — disse ele, — nós dois temos cara preta, c por isso eu acho que vou tratar de você muito bem, que tal?

Conseguiu enfiar a comida pelos buracos do arame e eu dei jeito de emitir um ronronado leve para mostrar que apreciava essa bondade. Ele me afagou a cabeça.

— Puxa, não é bonita? — falou, para si próprio. — Espera só, até eu falar com a Sadie!

Conseguir voltar a comer era maravilhoso. Não foi possível ingerir muita coisa, porque cu me sentia muito mal, mas fiz a tentativa, de modo que o homem preto não se sentisse insultado. Depois disso, dei outra mordiscada e tomei mais um gole de água, sentindo-me sonolenta cm seguida. Havia um tapete ao canto, sobre o qual me enrodilhei e adormeci.

Com o tempo, verifiquei que estava em um hotel. Os empregados do mesmo não paravam de descer até o porão, para me verem.

— Oh! Ele não é uma lindeza? — diziam as criadas.

— Puxa! Veja só esses olhos, rapaz! Não são bonitos? — comentavam os homens.

Um dos visitantes foi muito bem-vindo: era um cozinheiro francês. Um de meus admiradores o havia chamado pelo telefone, dizendo:

— Ei, François, venha cá embaixo, estamos com uma gata

siamesa francesa!

Minutos depois, um homem gordo veio gingando pelo corredor.

— Vocês têm uma *chatte française*, não? — perguntou aos homens ao redor.

Eu ronronei mais alto, pois vê-lo era algo que me ligava a França. Ele se aproximou, fitando-me com olhos míopes, e depois prorrompeu em palavreado francês parisiense. Eu ronronei e gritei para ele, dizendo que compreendia tudo quanto dizia.

— Ora! — disse uma voz, falando em tom baixo. — Vocês sabem de uma coisa? O velho François e a gata estão se dando muito bem, como se fossem velhos amigos.

O homem preto abriu a porta de minha gaiola e eu saltei diretamente para os braços de François, ele me beijou, e eu o brindei com algumas de minhas melhores lambidas. Quando voltaram a colocar-me na gaiola, ele tinha lágrimas nos olhos.

— Madame — disse meu amigo negro — você fez um sucesso. Aposto que vai comer bem, agora.

Eu gostava dele, que também tinha cara negra. Mas as coisas agradáveis não duravam comigo. Dois dias depois, mudamos para outra cidade nos Estados Unidos e eu fiquei guardada em um porão subterrâneo, por quase todo o tempo. Nos diversos anos seguintes, a vida foi a mesma, dia após dia, mês após mês. Eu era usada para produzir gatinhos, que me eram arrebatados quase antes de desmamados.

E, afinal, “Monsieur le Duc” foi chamado de volta à França. Mais uma vez eles me doparam, e não percebi coisa alguma senão quando despertei, doente no Aeroporto de Le Bourget. A volta, que eu encarara com grande prazer, revelou-se ocasião muito triste. Albertine já não estava lá, pois morrera alguns meses antes de nosso regresso. A velha macieira fora derrubada e muita remodelação ocorrera na casa.

Por alguns meses, vaguei desconsoladamente por ali, trazendo algumas ninhadas ao mundo e vendo que eram arrebatadas de mim, antes de estarem bem criadas. Minha saúde começou a fraquejar, e um número cada vez maior de gatinhos nascia morto. Minha visão tornou-se incerta, e eu aprendi a “sentir” o caminho por onde andava. Jamais esqueci que Tong Fa fora morto por ser velho e cego!

Dois anos após nosso regresso da América, Mme. Diplomata quis ir para a Irlanda, para ver se se dava bem naquele país. Tinha a idéia fixa de que eu lhe trouxera sorte (embora não se mostrasse mais bondosa comigo por esse motivo!) e que eu também devia seguir para lá. Mais uma vez, fui levada a um lugar onde me

doparam, e por algum tempo a Vida deixou de existir para mim. Muito tempo depois, acordei numa caixa forrada de pano, em casa estranha. Havia o zumbido constante de aeronaves no céu. O cheiro de turfa queimada fazia cócegas em minhas narinas, levando-me a espirrar.

— Ela está acordada — disse uma voz irlandesa.

O que acontecera? Onde me achava? Fui tomada de pânico, mas estava enfraquecida demais para me mexer. Só mais tarde, ouvindo a conversa dos seres humanos, e recebendo informações também de um gato do Aeroporto, é que soube da história.

O aeroplano pousara no aeroporto irlandês. Homens haviam retirado a bagagem do compartimento onde a mesma viajara.

— Ei, Paddy, aqui tem um gato velho e morto! — disse um dos homens.

Paddy, o chefe da turma, aproximou-se para olhar.

— Chame o Inspetor, — ordenou-

Um homem falou em seu rádio portátil e logo um inspetor do Departamento de Animais ali chegara. Minha caixa foi aberta, e cu retirada da mesma com gentileza.

— Chamem a dona — ordenou o Inspetor.

Enquanto esperava, ele me examinou. Mme. Diplomata se aproximava com um semblante raivoso do pequeno grupo. Quando começou a dizer de sua importância, logo foi reduzida ao silêncio pelo Inspetor.

— A gata está morta — disse ele —, morta por crueldade e negligência. Ela está com gatinhos e a senhora a dopou, procurando escapar à Quarentena. Isso é um crime sério.

Mme. Diplomata começou a chorar, dizendo que isso ia afetar a carreira do marido, caso ela fosse processada por tal crime. O Inspetor puxou o lábio inferior, com o dedo e, depois, tomando uma decisão repentina, disse:

— O animal está morto. Assine uma declaração, de que podemos dar fim .ao corpo, e não falaremos mais no assunto, desta vez. E cu a conselho a NÃO trazer mais gatos!

Mme. Diplomata assinou o papel que lhe era oferecido, e se afastou, fungando.

— Está bem, Brian — disse o Inspetor. — Leve o corpo daqui!

Afastou-se, e um dos homens me ergueu, pondo-me novamente na caixa e levando-me dali. De modo muito vago, ouvi o som de terra que era cavada, o tilintar de metal sobre pedra, quando a pá, talvez, encontrou uma obstrução. Em seguida, fui

erguida e ouvi, ao longe:

— Ora, essa! Ela está viva!

Com isso, minha consciência esmaeceu novamente. O homem, ao que fui informada, olhara ao redor sub-repticiamente e depois, tendo a certeza de que não era observado, encheu o buraco que cavara para mim, e apressou-se a levar-me pai ' uma casa próxima. Não tive noção de mais coisa alguma, até que ouvi as palavras:

— Ela está acordada — disse uma voz irlandesa.

Mãos suaves me afagaram, alguém me umedeceu os lábios com água— Sean, — disse a voz irlandesa, — esta gata é cega. Estive balançando a luz diante dos olhos dela, mas não viu nada.

Eu fiquei apavorada, julgando que iam matar-me, devido à minha idade e cegueira.

— Cega? — perguntou Sean. — Sim, mas é linda. Vou falar com o Supervisor e conseguir o resto do dia de folga. E vou levá-la para minha mãe, que cuidará direitinho dessa gata. Não podemos deixá-la aqui.

Houve o som de uma porta que se abria e fechava. Mãos cuidadosas trouxeram comida, pondo-a bem diante de minha boca e, famélica, eu comi. A dor interna era terrível, e eu achei que logo moreria. Minha visão desaparecera por completo. Mais tarde, quando eu morava com o Lama, ele gastou muito dinheiro para ver o que podia ser feito, mas foi descoberto que meus nervos ópticos tinham sido rompidos pelos solavancos a que eu fora submetida.

A porta se abriu e fechou.

— E então? — perguntou a mulher.

— Eu disse ao Supervisor que estava perturbado porque uma das criaturas de Deus tinha sido tratada assim. Ele disse: “Ora, tá bem, Sean, você sempre sentiu muito essas coisas, pode sair de folga”. Depois, vim para cá. Como vai ela?

— Hum, mais ou menos — respondeu a esposa -----Molhei a boquinha dela, e ela comeu um pouco de peixe. Vai melhorar, mas passou momentos muito maus.

O homem teve alguns movimentos, ao que ouvi.

— Dê-me alguma comida, Mary, e eu levarei a gata para minha mãe. Vou sair agora e examinar os pneus.

Eu suspirei, ali vinha MAIS viagem, ao que parecia. A dor interna era muito aguda. Ao redor de mim, havia o estrépito de pratos, e o som de uma lareira que era raspada. Logo a mulher foi à porta e chamou:

— Chá, Sean, a chaleira está fervendo.

Sean entrou e eu ouvi quando ele lavava as mãos, antes de sentar-se para fazer a refeição.

— Temos de ficar calados sobre isso — disse Sean, — senão a Guarda nos aborrecerá. Se ela ficar boa, os gatinhos nos darão dinheiro. Essas criaturas têm valor, você sabe.

A esposa serviu-se de outra chávena de chá, antes de responder:

— Sua mãe entende muito de gatos. Ela conseguirá curar esta melhor do que ninguém. É melhor você sair, antes que os outros deixem o trabalho.

— Sim, vou fazer isso — disse Sean, arredando a cadeira com ruído e pondo-se em pé.

Eles se aproximaram de mim, e senti que a caixa estava sendo suspensa.

— Você não pode pôr a caixa no carregador, Scan — disse a mulher. — Levc-a debaixo do braço, vou passar uma correia, para que você fique com o peso nos ombros, não que ELA pese muito, a coitadinha!

Sean, com uma correia pelos ombros, e ao redor de minha caixa, saiu da casa. O ar frio da Irlanda entrava com vigor maravilhoso na caixa, trazendo-me a indicação de que havia mar por perto. Isso me causou grande bem, e eu estaria melhor, se aquela dor horrível desaparecesse. Andar de bicicleta era coisa inteiramente nova para mim. Uma brisa suave entrava pelos respiradouros e havia uma oscilação leve que não era desagradável: fazia-me pensar que estava nos galhos altos de uma árvore a balançar ao vento. Um rangido dos mais curiosos intrigou-me por algum tempo. De início, achei que minha caixa estava caindo aos pedaços, e depois, concentrando a atenção, achei que o assento sobre o qual Sean se encontrava necessitava de óleo. Logo chegamos a um terreno íngreme. O fo- lgo de Sean começou a arquejar em sua garganta, os pedais iam cada vez mais devagar e, finalmente, pararam.

— Ah, Begob! — exclamou ele. — É uma caixa pesada, esta que tenho!

Fazendo-a apoiar-se na sela — sim, notei que ela realmen- te rangia! — ele subiu a pé pelo morro, empurrando devagar a bicicleta. Parando, depois, abriu o portão e empurrou a bicicleta para entrar. Houve o ruído de madeira que se esfrega em metal e o portão fechou-se atrás de nós.

“O que vou fazer agora?” perguntei a mim mesma. O cheiro agradável de flores veio a minhas ventas, e as farejei com prazer.

— E o que me trouxe, meu filho? — perguntou uma voz de criatura idosa.

— Eu a trouxe para a senhora, mamãe — respondeu Sean, falando com orgulho.

Encostando a máquina a uma parede, ergueu minha caixa,

esfregou cuidadosamente os pés, e entrou em um edifício. Com suspiro de alívio, sentou-se e contou à mãe toda a história, até onde a conhecia, a meu respeito. Esforçando-se por abrir a tampa da caixa, ele finalmente o conseguiu- Por momentos, houve silêncio. Depois ouvi:

— Ah! Ela deve ter sido uma criatura maravilhosa em seus melhores dias. Olhe como está agora, os pelos brutos por mau trato. Veja como as costelas aparecem. Ah! É uma vergonha cruel tratar as criaturas desse modo!

Finalmente, fui retirada e posta no chão. É desconcertante perder a vista de repente. De início, ao dar meus passos trôpegos, esbarrei nas coisas. Sean murmurou.

— Mamãe, a senhora acha que a gente devia... a senhora sabe!

— Não, meu filho, não. Esses gatos são muito inteligentes, MUITO inteligentes, na verdade. Você há de lembrar-se de que eu já vi gatos assim na Inglaterra. Não, não, dê-lhe tempo, ela melhorará.

Sean voltou-se para sua mãe:

— Mamãe, vou levar esta caixa de volta, e entregar ao supervisor de manhã.

A velha senhora pôs-se a andar por ali, ativa, trazendo comida, água e — o que era mais necessário — levou-me a uma caixa de terra! Depois disso, Sean partiu, com a promessa de voltar dentro de alguns dias. A senhora trancou cuidadosamente a porta, e atirou outro monte de turfa na lareira, murmurando para si mesma por todo o tempo, no que eu supunha ser a língua dos irlandeses. Para os gatos, naturalmente, a língua não importa muito porque conversamos e ouvimos por telepatia. Os seres humanos PENSAM em sua própria língua, e às vezes é um pouco confuso para uma gata siamesa francesa compreender os quadros mentais estruturados em outro idioma.

Logo nos deitamos para dormir, eu em uma caixa perto da lareira e a velha em um sofá na extremidade da sala. Eu me achava inteiramente esgotada, mas a dor que me corroía por dentro impedia o sono. Finalmente, o cansaço sobrepôs-se à dor e eu mergulhei no sono. Meus sonhos foram perpassados de terror. A que ponto chegara? Eu perguntava isso a mim própria, em meu estado onírico, indagando a causa por que tinha de sofrer tanto assim. Receei por meus filhotes que ainda iriam nascer. Receava que eles morressem ao nascer, receava que eles não nascessem, pois que futuro lhes estaria reservado? tu conseguiria, em meu estado de fraqueza, alimentá-los?

De manhã, a senhora se movimentou. As molas do sofá rangeram quando se pôs em pé e veio atizar o fogo. Ajoelhando-se a

meu lado, afagou-me a cabeça e disse:

— Eu vou à missa. Depois nós comeremos alguma coisa.

Pôs-se cm pé, e logo saiu da sala. Ouvi-lhe as passadas, desaparecendo pela trilha que dava para a casa. Houve o estalido no portão do jardim, e depois silêncio. Eu me voltei para o lado, dormindo de novo.

Ao final do dia, recuperara parte de minha energia. Conseguia andar devagar por ali. De início, batia em quase tudo, mas logo aprendi que os móveis não eram mudados de lugar com freqüência. Com o tempo, passei a ser inteiramente capaz de caminhar sem receber muitas escoriações^. Nossos bigodes funcionam como radar e podemos descobrir o caminho na mais escura das noites quando não existe qualquer lampejo de luz. Meus bigodes, agora, tinham de trabalhar por todo o tempo!

Alguns dias depois, a velha disse ao filho, que voltara a vê-la:

— Scan, limpe a casa de madeira, porque vou pô-la lá. Sendo ela cega, e eu não enxergando bem, tenho medo de pisá-la e machucar os gatinhos... e eles valem muitas libras para nós!

Scan saiu, e logo ouvi um barulho vinda da casa de madeira, enquanto ele arrumava as coisas e empilhava a turfa ali guardada. Depois ele veio e avisou:

— Está tudo pronto, mamãe, botei montes de jornais no chão, e fechei a janela.

Assim, mais uma vez voltei a ter cama de jornais. Eram jornais irlandeses, dessa feita. “Bem”, estava pensando, “a Macieira disse, muitos anos trás, que a libertação viria em minha hora mais negra. Deve scr por agora!” A casa de madeira era feita de tábuas alcatroadas, com uma porta improvisada. O chão cra de terra batida, e ao correr das paredes havia uma coleção notável de objetos domésticos, tablets de turfa e caixas vazias. Por algum motivo, a velha usava um cadeado realmente enorme, com que mantinha a porta fechada. Sempre que me vinha ver, ali ficava à porta, resmungando e brincando muito tempo com as chaves, até encontrar a que servia. Conseguindo finalmente abrir a porta, ela entrava aos tropeções, apalpando o caminho no interior sombrio. Scan queria que consertássemos a janela para haver alguma luz — nenhum raio de sol entrava naquele buraco escuro — mas, como a velha dissera, “o vidro custa dinheiro, meu filho, o vidro custa dinheiro. Espere até termos os gatinhos para vender!”

Os dias se arrastavam. Eu tinha comida e água, mas estava em dores constantes. A comida era pouca, mal bastava para manter-me viva, mas não era o suficiente para me dar forças. Eu vivia para ter os gatinhos, e permanecer viva era uma luta. Cega, doente e sempre com fome, eu retinha uma ligação tênue com a vida e a fé nequeles

“dias melhores que virão!”

Algumas semanas após eu ter chegado à Irlanda, percebi que logo meus gatinhos nasceriam. Os movimentos se tornaram difíceis e a dor aumentou. Eu já não conseguia estender-me inteiramente e enrodilhar-me em um círculo. Acontecera algo dentro de mim, e só conseguia descansar sentada, tendo o peito apoiado em alguma coisa dura, para afastar o peso de minhas partes inferiores.

Duas ou três noites depois, por volta de meia-noite, uma dor realmente terrível me assaltou- Gritei em agonia. Devagar, com esforço imenso, meus gatinhos vieram ao mundo. Três dos cinco estavam mortos. Por horas seguidas fiquei ali, arquejando todo o corpo parecendo em chamas. Aquilo, ao que pensei, era o fim de minha vida, mas não, não seria assim. Continuei vivendo.

A senhora veio à casa de madeira, de manhã, e disse coisas terríveis, quando encontrou três gatinhos mortos. Disse coisas tão terríveis que, posteriormente, fez uma oração, pedindo perdão! Eu achava que agora, com dois gatinhos muito pequenos para amamentar, conseguiria ir para casa, onde havia calor e algo mais do que jornais para servir-me de cama. Mas a senhora parecia detestar-me, por ter tido apenas dois gatinhos vivos.

— Sean, — disse ao filho, certa noite, — esta gata não vai viver mais do que duas ou três semanas. Veja se consegue fazer correr a notícia de que tenho dois gatinhos siameses para vender.

A cada dia eu me tornava mais fraca; ansiava pela morte, hias receava por meus filhotes. Certo dia, quando já estavam quase desmamados, um automóvel parou diante do portão. Da casa de madeira onde me achava pude ouvir tudo. Ouvi quando o portão fôí aberto e duas pessoas entraram, subindo pelo pequeno caminho que dava para a casa. Bateram à porta de cabana. Segundos depois ela se abriu e uma voz de mulher disse:

— Fui informada de que têm um gatinho siamês para vender.

— Ah, sim, querem entrar? — respondeu a velha.

Por algum tempo reinou silêncio. Depois a velha apareceu e agarrou um de meus filhos- Minutos depois voltou, resmungando com mau gênio:

— E para que ele havia de querer ver você?

Agarrou-me com tanta violência, que gritei de dor. Com uma demonstração de grande afeto, ela levou-me para a casa. Vozes gentis disseram meu nome, e me tocaram muito de leve. O homem disse:

— Queremos a mãe, também. Ela não viverá, se não for tratada.

— Ah! — disse a velha. — É uma gata muito sadia e boa!

Na mente da velha eu li os pensamentos: “Sim”, ela estava

pensando, “já percebi, vocês podem pagar muito dinheiro”. Ela criou um grande caso, dizendo o quanto me amava, e que eu era muito valiosa. Mas não queria vender-me. Voltei-me na direção do homem, e disse: “Estou morrendo, deixe-me de lado e cuide de meus dois filhos”. O homem voltou-se para a velha e disse:

— A senhora disse que ela tem dois filhotes?

A velha confirmou, e o homem contrapôs, com firmeza:

— Levaremos todos os três gatos, ou nenhum deles.

A velha citou um preço que me deixou estupefata, mas o homem limitou-se a dizer:

— Pois bem, prepare-os, nós os levaremos agora.

A velha deixou a sala, apressadamente, para ocultar o prazer que sentia e de modo a poder contar novamente o dinheiro. Logo os meus dois filhotes foram colocados em uma cesta muito especial que o homem e a mulher haviam trazido. A mulher sentou-se na parte traseira do automóvel, tendo-me no colo, e a cesta grande foi depositada no assento da frente, ao lado do homem. Devagar, com cuidado o veículo partiu.

— Teremos de chamar o veterinário para ver a Fifi, imediatamente, Rab — disse o homem.

— Ela está muito doente, vou chamá-lo assim que chegarmos a casa, para que ele venha hoje. Devemos deixar os gatinhos irem juntos?

— Sim, — disse o homem, — para que não fiquem sozinhos-

Prosseguimos nossa viagem com tanto cuidado, que não senti dor alguma. As palavras da macieira voltaram à minha recordação: “Você vai conhecer a felicidade, Fifi”. Seria AQUILO? perguntei a mim mesma.

Seguimos pela estrada, por uma longa distância, após o que fizemos uma curva fechada, começando a subir um morro íngreme.

— Bem, estamos em casa, gatos — disse o homem.

Desligando o motor, desembarcou e levou consigo a cesta onde estavam meus gatinhos. A mulher desembarcou com cuidado, sem me sacudir, subindo comigo três ou quatro degraus e entrando em uma casa. Que diferença! Ali, senti imediatamente que era desejada e bem-vinda e passei a achar que a árvore tivera razão. Sentia-me horivelmente fraca, entretanto. A mulher foi ao telefone, e ouvi que conversava com o veterinário que fora mencionado. Com uma palavra de agradecimento, ela desligou.

— Ele virá agora mesmo, — anunciou.

Não pretendo escrever sobre a operação que me fizeram, nem da luta prolongada para voltar à vida. Basta dizer que sofri uma operação das mais delicadas, para a retirada de um tumor uterino.

Fizeram-me uma histerectomia, pelo que fiquei livre da vicissitude de ter mais filhotes. O homem e a mulher permaneceram em minha companhia dia após dia, pois a operação fora delicada a tal ponto que se julgava impossível a minha recuperação. Eu sabia que as coisas seriam diferentes porque agora estava em casa — e era querida.



CAPÍTULO 4

Minha operação ficara para trás, tudo o que tinha de fazer agora era recuperar-me. Antes disso eu andara doente demais para me importar com QUEM vivia na casa, ou como a mesma se parecia- O veterinário irlandês dissera: “Vocês devem levá-la para casa e dar-lhe amor, ela está faminta de amor, e não viverá se nós a mantivermos aqui”. Por isso, fui levada para a casa. Nos dois primeiros dias e noites fiquei muito quieta, sem dúvida alguma, tendo o homem e a mulher a me tratar por todo o tempo, persuadindo-me a provar a comida mais saborosa. Eu não a aceitei com muita facilidade, porque QUERIA ser persuadida, QUERIA saber que me davam importância suficiente para terem o tempo necessário a me persuadir.

Na manhã do terceiro dia, após o veterinário ter estado conosco, o homem disse:

— Vou trazer a Dama Ku’ei, Fif.

Saiu, e logo regressava, com murmúrios afetuosos para alguém. Ao se aproximarem, ele dizia:

— Fif, esta é a Dama Ku’ei. Ku’ei, esta é a Sra. Fifi Costeletas.

Imediatamente ouvi a mais bela voz de gata siamesa jovem que até então chegara aos meus ouvidos, e isso me trouxe imenso prazer. Que timbre! Que vigor! Fiquei fascinada e desejei que minha pobre mãe

pudesse ter ouvido aquela voz. A Dama Ku'ei sentou-se sobre a cama, tendo o homem entre nós.

— Eu sou a Dama Ku'ei — disse ela. — Mas, como vamos viver juntas, você pode chamar-me de Miss Ku'ei. Você é cega, de modo que, quando puder andar, eu a guiarei e indicarei os obstáculos, “as instalações”, onde comer, etc. E com relação a isso — observou, em tom satisfeito — nós aqui NÃO comemos restos, nem remexemos o lixo (quando não há alguém olhando), porque nossa comida é comprada especialmente para nós, e da melhor qualidade. Agora, preste muita atenção, pois vou falar-lhe sobre a casa, e não vou dizer a mesma coisa duas vezes.

— Sim, Miss Ku'ei — respondi, humildemente —, eu presto toda a atenção.

Acomodei-me de leve, para afrouxar a pressão nos pontos <la operação— Estamos em Howth, no Condado de Dublin — principiou Miss Ku'ei. — Vivemos em uma casa bem em cima de um penhasco. O mar esta quarenta metros lá embaixo... em queda livre, de modo que você não deve cair por lá, do contrário as pessoas ficarão aborrecidas se você bater em algum peixe. Deve mostrar-se digna com as visitas... lembre-se de que é uma G.S.P. ... mas pode brincar livremente com a família.

— Por favor, Miss Ku'ei — intervim. — O que é G.S.P.?

— Bem! Bem! Você é uma gata velha ignorante — retorquiu Miss Ku'ei. — QUALQUER UM sabe o que G.S.P. indica, que você é uma Gata Siamesa de *Pedigree*... embora não esteja demonstrando a inteligência que seria de esperar. Mas não me interrompa, porque estou dando as informações essenciais.

— Desculpe, Miss Ku'ei, não voltarei a interrompê-la — respondi.

Miss Ku'ei esfregou a orelha com a pata, prosseguindo:

— O “homem”, como você o chama, é o Lama T. Lob- sang Rampa, do Tibete. Ele compreende os gatos siameses tão bem quanto você e eu, de modo que não pode ocultar-lhe os seus pensamentos. É alto, barbudo, calvo e quase morreu do coração, com uma ou duas coronárias. Andou realmente muito enfermo e todus achamos que íamos perdê-lo.

Assenti, com ar grave, pois sabia o que era ser doente. Miss Ku'ei prosseguiu:

— Se tiver algum problema, fale com ele, que a ajudará na solução. Se quiser determinado tipo de comida, fale com ele, que transmitirá essa informação a Mamãe. . .

— Mamãe? — indaguei. — Sua mãe está aqui?

— Não seja ridícula! — replicou Miss Ku'ei, com alguma

aspereza. — Mamãe e Rab, a mulher — compreende? — aquela que faz nossas compras, limpa nossas latas, arruma nossas camas, cozinha para nós, e deixa que durmamos na - cama dela. Eu sou a gata dela, você é a gata do Lama — disse, cheia de presunção. — Você dormirá no quarto dele,

a seu lado. Oh, naturalmente, não pode ver Mamãe. Ela é um tanto baixota, tem belos olhos, tornozelos elegantes e uma maciez confortável em toda a parte do corpo. Não há perigo de nenhum osso dela espetá-la, quando você se sentar cm seu colo!

Paramos de conversar por alguns momentos. Miss Ku'ei para recuperar o fôlego, eu para absorver a informação que me fora transmitida de modo tão repentino. Miss Ku'ei brincou ociosamente com a ponta da cauda, e prosseguiu:

— Temos uma jovem dama inglesa residindo conosco, como uma pessoa da família. E muito alta, muito magra, tem os cabelos da cor de um gato que vi certa vez, parecida com a cor da marmelada. É muito bondosa, porém, e a tratará direito, embora ele *goste* de cachorros grandes e fedorentos, e de crianças ruidosas.

— Agora, Ku'ei, — disse o Lama — a Fif precisa descansar. Mais tarde, você lhe contará mais algumas coisas.

Apanhou Miss Ku'ei, e levou-a, saindo do quarto. Por algum tempo, permaneci na cama dele, ronronando de contentamento. Não haveria mais restos de comida — eu sempre achara que gostaria de ver alguém comprar, algo especialmente para mim. Ser desejada, isto fora toda a minha ambição, ao longo dos muitos anos de durezas. Agora, eu ERA desejada, c muito. Sorri, cheia de contentamento, e adormeci.

À medida que as incisões de minha operação se curavam, e os pontos eram retirados, consegui andar mais. Com muito cuidado, de início, devido à cegueira, porém com mais segurança ao descobrir que nada era retirado do lugar, a menos.

que eu fosse levada até lá e passasse a conhecer sua posição com relação aos demais objetos. Miss Ku'ei andava comigo, dizendo-me onde estavam as coisas, e as pessoas que ali apareciam recebiam aviso para saberem que eu era cega.

— O quê? — respondiam. — Cega? Mas tem olhos azuis tão grandes e tão bonitos! Como pode ser cega?

Finalmente, acharam que eu estava suficientemente bem para ser levada ao jardim. O ar que ali respirava era maravilhoso, trazendo o cheiro do mar e das plantas. Por muitos dias, não permiti que pessoa alguma ficasse entre mim e a porta, tendo sempre o receio de que a fechassem e me deixassem de fora. Miss Ku'ei me repreendia:

— Não seja uma velha tão burra, Fifi, nós somos GENTE aqui,

ninguém a deixará de fora. .. nunca.

Ficávamos deitadas na relva aquecida pelo sol, e Miss Rü'ei descrevia o cenário para mim. Lá embaixo, as ondas que vinham, estendendo-se com dedos de espuma branca. A água na caverna por baixo da casa trovejava, estrugia e, nos dias de tempestade, parecia abalar todo o penhasco. À esquerda ficava a muralha do oceano, tendo o farol em sua extremidade. A pouco mais de um quilômetro no outro lado da água, o Olho da Irlanda se apresentava, abrigando o pequenino porto contra as batidas piores do turbulento Mar da Irlanda. À direita, o Dente do Diabo se projetava alguns metros da massa principal da terra, protegendo o lugar de banhos dos homens contra as ondas mais fortes. Miss Ku'ei adorava ver os homens a banhar-se, e eu talvez gostasse, também, se tivesse visão.

Por trás da casa erguia-se o pico do Monte Howth, de cujo cimo, em dias claros, se podia com freqüência ver as montanhas de Gales, na ilha principal, e as montanhas de Mourne, na Irlanda Setentrional. Aqueles foram dias felizes, em que permanecíamos à luz do sol, e Miss Ku'ei me falava de nossa família. Aos poucos, fui perdendo o receio de que me deixassem de fora. Já não precisava ser mandada a algum gato grande e bruto. Agora, desejavam-me por mim mesma e — como a própria Miss Ku'ei afirmava — eu melhorava sob aquela influência, como uma flor levada à luz do sol, depois de permanecer na escuridão de uma adega escura. Nós adoramos aqueles dias, o Lama colocava-me sobre os galhos mais baixos de uma pequena árvore, e ali me segurava para que não caísse, enquanto eu sonhava ter entrado no Céu, finalmente.

As gaiotas, de início, me aborreciam, pois vinham em revoada baixa e gritavam:

— Olhem para aquela gata lá embaixo, mergulhem sobre ela, joguem-na pelo penhasco, e nós a comeremos.

Miss Ku'ei imitia o nosso famoso Grito de Guerra Siamês, e exibia as garras, pronta a enfrentar qualquer ataque. De leve, no ar, apresentavam-se algumas batidas rítmicas, e todas as aves lá em cima se afastavam às pressas. Por muito tempo isso me causou grande perplexidade, mas como não podia estar fazendo perguntas e mais perguntas, tive de esperar até encontrar a resposta para tal enigma. Os barcos de pesca faziam aqueles ruídos com seus motores, ao regressarem, e as aves iam ter com eles, procurando os refugos de peixe que eram jogados dos tombadilhos.

Em certa tarde ensolarada, eu me estava espreguiçando à sombra quente de um arbusto de verônica, quando Miss Ku'ei chamou:

— Prepare-se, Fifi, nós vamos passear de carro.

PASSEAR? Em um AUTOMÓVEL? Quase desmaiei de

pavor e espanto. Um AUTOMÓVEL e Miss Ku'ei estava SATISFEITA!

— Mas, Miss Ku'ei, — protestei — eu simplesmente NÃO POSSO entrar em um automóvel. E se eles me deixassem por aí, em algum lugar?

— FIF! — chamou o Lama. — Venha, nós todos vamos passear.

Eu estava tão fraca de pavor, que tive de ser apanhada e levada até lá. O mesmo não aconteceu com Miss Ku'ei, que cantava de alegria, correndo para o veículo e gritando:

— Eu fico com o assento da frente!

— O Lama vai dirigir, Miss Ku'ei? — perguntei, com timidez.

— Naturalmente que sim, e não diga “o Lama” por todo o tempo, diga “Chefe”, como eu.

E realmente o Lama, isto é, o Chefe, embarcou no veículo e sentou-se no banco dianteiro, ao lado de Miss Ku'ei. A Mamãe embarcou igualmente, sentando-se no de trás, pondo-me em seu regaço. A jovem dama inglesa (eu ainda não lhe conhecia o nome) sentou-se ao lado dela.

— Tem certeza de que trancou as portas? — perguntou o Chefe.

— Claro, não é o que fazemos sempre? — respondeu Mamãe.

— Vamos, vamos, para que estamos perdendo tempo? — gritou Miss Ku'ei.

O Chefe fez o que era preciso para acionar o carro, e nós partimos.

Fiquei espantada com a suavidade de nossa marcha. Aquilo era muito diferente de ser jogada com violência de um para outro lado, como acontecera comigo na França e na América. Descemos um morro íngreme e fizemos uma curva bastante fechada. Seguindo por uma distância que devia ser de muitas milhas ou quilômetros, em três ou quatro minutos voltamos à direita, prosseguindo por mais ou menos um minuto e nos detivemos. O motor foi desligado. Era forte o cheiro do mar. Borrifos livres de água, trazidos pela brisa, vinham ter às minhas narinas. Havia os sons de muitos homens, ruídos de motores marítimos. Era forte o cheiro de peixe, e de peixe que permanecera exposto demasiadamente à luz do sol. Havia o odor de fumaça e de cordas alcatroadas.

— Ah! Peixes encantadores — disse a jovem dama inglesa. — Devo ir apanhar alguns?

Assim é que ela se afastou para falar com um velho amigo, que nos venderia peixes trazidos diretamente do mar. BAM! fez o compartimento de bagagens na parte traseira do automóvel, quando os peixes embrulhados ali foram postos. BAM! fez a porta do carro, quando a jovem dama inglesa embarcou, fechando a porta.

— Miss Ku’ei — sussurei. — Que lugar é este?

— Este? É o porto, aonde todos os barcos de pesca vêm trazer nosso jantar. A nosso lado, ficam barracos grandes para guardar o peixe, e do outro fica o mar. E há barcos amarrados com pedaços de cordas, de modo a não poderem sair, até que todos esteiam prontos. Aquela fumaça? Oh, eles põem o peixe em alguma fumaça, porque assim não se estragam tão depressa... — ou não se pode sentir o cheiro tão forte, por causa dela.

Dito isso, saltou para o encosto do banco do Chefe e gritou:

— O QUE ESTAMOS ESPEPvANDO? Vamos tocar para Partmarnock.

— Oh, Ku’ei, você sabe ser impaciente! — disse o Chefe, voltando a ligar o motor, após o que partimos.

— Miss Ku’ei! — disse eu, em tom bastante preocupado, ou que receio. — Essa jovem dama inglesa. .. não posso dizer-lhe o nome, e o modo pelo qual o pronuncio sai igual ao xingamento que se dá a um gato aflito demais. O que devo fazer?

Miss Ku’ei pensou por algum tempo, e respondeu:

— Bem, não sei, pode crer.

De repente, empertigou-se, e exclamou:

— Êh! Já sei agora! Ela está com o vestido verde, é muito alta, muito magra, e o cabelo é mais ou menos amarelo. Êh, Fif, chame-a de BOTÃO DE OURO... Ela não vai saber!

— Obrigada, Miss Ku’ei — respondi. — Eu a tratarei por Miss Botão de Ouro.

— Miss, coisa nenhuma — retorquiu Miss Ku’ei. Ela é uma senhora, como você já teve filhotes. Não, Fif, você não está mais em uma sociedade francesa e educada. Você está EM CASA e, por isso, diga “Chefe”, “Mamãe” e “Botão de Ouro”. Eu sou MISS Ku’ei.

O automóvel prosseguiu em sua marcha, com suavidade, sem trepidações. Eu mal me apercebera disso e já estávamos chegando “lá”, onde ele se deteve. As portas se abriram e eu fui retirada do interior do carro.

— Ah! E isso é que é VIDA! — gritou Miss Ku’ei.

Mãos gentis tomaram minhas patas e as enfiaram na areia.

— Olhe, Fifi, areia — disse o Chefe.

O ruído e sibilar das ondas contra os rochedos vinham acalmar-se, a luz do sol aquecia meu dorso. Miss Ku’ei saltitava na areia, como doida, gritando de alegria. A família (MINHA família) permanecia sentada e quieta. Eu me sentei a seus pés, brincando com uma pedrinha. Era velha demais, e ainda não estava recuperada o suficiente para correr, dando saltos selvagens, como Miss Ku’ei. Com a sensação de conforto e a luz quente do sol, adormeci...

Nuvens encobriam o sol, havia um começo de chuvisvo- “É estranho!” pensei. “Como posso estar AQUI?” em seguida, compreendi. Eu estava viajando no astral. Leve coma uma nuvem, vaguei sobre as estradas da costa, dirigindo-me ao interior da ilha. O grande aeroporto em Le Bourget, cada vez mais no interior. Uma fileira comprida de choupos ainda em pé, montado guarda ao lado da estrada branca e reta. A torre da igreja envolta em bruma, e as árvores do cemitério chorando na chuva, por aqueles que jaziam supultadbs. Eu vaguei, também em forma espectral, e desci mais. De repente vi, pois no plano astral ninguém é cego, uma inscrição que dizia: ‘Consagrado à Memória de...’ Por momentos, fiquei aturdida, e depois a compreensão chegou. “MADAME AL- BERTINE!” gritei. “Sepultada aqui!” Emiti um soluço ANTES ela fora a única a me amar. Agora, desaparecera, e eu chegara à felicidade e amor. Mas era previsto ver que ela se fora deste mundo mau, e que encontrara o amor e a felicidade, a seu turno. Com um suspiro e último olhar, ergui-me e voltei a vagar.

Por baixo de mim, o zelador varria um pátio atrás de sua casa de campo. Um cachorro, amarrado à parede, rosnou e choramingou, enquanto eu passava. A casa se apresentava à minha frente, imponente, fria, inamistosa, como algo de entrada proibida. Mme. Diplomata saiu para o terraço. Instintivamente voltei-me para fugir, mas era claro que ela não me via pairando à altura de seu ombro. Parecia magra e abatida. Grandes rugas de descontentamento se apresentavam em seu semblante. As extremidades da boca se achavam baixas, e com lábios finos e narinas apertadas ela apresentava um aspecto realmente amargo.

Prosegui, caminhando para a velha macieira e me detive, horrorizada. A árvore se fora, havia sido derrubada, e até o seu toco fora removido. Em silêncio, cheia de pesar, parei por ali. Levada por algum impulso inexplicável, segui em direção à velha casinha que fora meu único lar. Meu coração quase parou; os restos de minha amiga, a macieira, estavam empilhados a uma das paredes, como madeira para queimar. Houve um movimento à porta, e lá se apresentava Pierre, o machado na mão erguidár Eu gritei e me afastei daquele lugar...

— Pronto! Pronto! Fif — disse o Chefe, ao me erguer e pôr-me em seu ombro, caminhando por ali comigo. — Você teve um pesadelo. . e em plena luz do dia. Estou surpreso, Fif!

Estremeci, tomada de gratidão repentina. Voltando a cabeça, lambi-lhe a orelha. Ele me levou para a beira da água, e ali ficou, tendome sobre o ombro. — Eu sei o que você sente, Fif — disse. — Também passei por dificuldades, compreende?

Afagando meu dorso, voltou-se, e foi ter com os demais.

— Vamos voltar? — perguntou. — A velha vovó Costeletas está ficando cansada.

Ronronei, ronronei o melhor que pude- Era simplesmente

maravilhoso ter alguém que pensava em mim, que pudesse FALAR comigo. Embarcamos no automóvel e partimos de volta à casa.

Devo ser uma gata velha e maluca, ou coisa parecida, mas o fato é que tenho algumas fobias. Ainda hoje não gosto de automóveis. Ser cega tem algo a ver com isso, mas ainda receio que me deixem abandonada em alguma parte. Miss Ku'ei é uma criatura de expediente, uma dama experimentada da sociedade, a quem nada perturba. Em todos os momentos mostra-se inteiramente dona da situação. Eu... bem, como disse, às vezes sou um pouco excêntrica. Isso torna ainda mais maravilhoso o fato de que eles me amem. É ótimo que seja assim, porque agora eu NÃO CONSIGO ficar sozinha. Por muitos anos, andei à míngua de afeto e agora quero receber todo aquele que seja possível.

Subimos o Monte de Howth, ao longo dos trilhos de bonde elétrico que ficam ao lado da estrada. Chegamos ao ponto mais elevado e fomos além. Descemos para a aldeia, tomamos a direita antes de passarmos pela igreja, pela casa do Sr. e Sra. O'Grady, outra vez à esquerda e estávamos em casa. O velho e querido Sr. Loftus, o “nosso” policial, espiava por cima do muro. Nunca passamos por ele sem lhe falar, pois o Chefe disse que o Sr- Loftus era um dos melhores homens, tanto na Irlanda quanto em qualquer outra parte do mundo!

Eu estava cansada e satisfeita de voltar para casa. Tudo quanto queria era algo para comer, algo para beber e depois dormir na cama do Chefe, tendo o som das ondas a me embalar, fazendo-me lembrar da época em que minha mãe cantava para que eu dormisse. A última coisa que ouvi, antes de adormecer, foi Miss Ku'ei dizendo:

— Éh! Quero ir à garagem com você e guardar aquele carro.

Houve a batida suave de uma porta e tudo se tornou tranqüilidade. Era maravilhoso dormir, sabendo que ninguém viria perseguir-me ou levar-me para uma casinha escura, saber que era respeitada como se fosse um ser humano, que tinha os mesmos direitos de todos os demais na casa. Com um suspiro de contentamento, enrodilhei-me e ronquei um pouco mais alto.

— FIF! Vovó Costeletas! Saia dessa cama, o Chefe quer deitar-se.

— Ku'ei, não seja tão atrevida, a Fif por certo pode ficar na cama. Ora, PARE com isso!

O Chefe parecia contrariado. Ergui a cabeça para poder ouvir melhor, e logo adivinhei onde estava o chão, saltando para o mesmo em seguida. Mãos gentis, porém firmes, apanharam-me e me puseram de volta.

— Ora, Fif! Você está tão má quanto a Ku'ei. Fique nessa cama e faça-me companhia — ordenou.

Ei fiquei.

O Lama (desculpe, Chefe!) era um homem muito doente. Algum

tempo antes, ele tivera tuberculose (um de meus filhotes morrera dessa doença, anos antes) e, embora houvesse sido curado, ficara com os pulmões permanentemente prejudicados. Sofrera trombose coronária três vezes e apresentava outros problemas de saúde. Como no meu caso, precisava descansar muito. Às vezes, durante a noite, andava de um para outro lado do quarto, tomado de dores; eu caminhava a seu lado, procurando consolá-lo. Aquelas horas prolongadas da noite eram as piores quando estávamos sozinhas. Eu dormia muito durante as horas do dia, para poder fazer-lhe companhia às noites. Mamãe dormia num aposento na outra extremidade da casa, e Miss Ku'ei cuidava dela. Botão de Ouro dormia em um quarto no pavimento térreo, de onde pudesse olhar para o Mar da Irlanda e, de manhã, ver o barco a vapor que ia de Liverpool para o porto de Dun Laoghaire.

O Chefe e eu dormíamos num quarto do qual se via a Baía de Balcadden, bem como o porto e o Mar da Irlanda. Ele permanecia horas seguidas na cama, observando o cenário sempre em transformação, usando para isso seus poderoso binóculos japoneses. Nosso grande amigo Brud Campbell retirara a lente em mau estado que estivera naquele instrumento, pondo em seu lugar uma das melhores lentes, de modo que não havia qualquer distorção da visão. Enquanto nos mantínhamos sentados, juntos, ele ia varrer aquela paisagem, contava-me tudo que via, pondo-o em quadros mentais telepáticos, de modo que eu pudesse ver com tanta clareza quanto ele. Falava-me dos bravos monges que, anos antes, haviam procurando construir uma pequenina igreja no Olho da Irlanda, mas que tinham finalmente sido vencidos pelas tempestades.

Miss Ku'ci falou-me também no Olho da Irlanda. Ela tivera coragem suficiente para ir com o Chefe em um barquinho, por toda a distância sobre a água, a fim de brincar na areia da ilha. Falou-me dos gatos piratas que viviam na ilha e que assustavam e afastavam de lá os pássaros e coelhos. O Chefe não me falou dos gatos piratas (talvez porque não achasse que gatos se rebaixassem a tal ponto), mas dos contrabandistas humanos, e sabia até o nome deles. Boa quantidade de contrabando era efetuada nesse distrito e o Chefe conhecia quase todas as pessoas envolvidas nisso, tendo tirado mais fotografias com uma máquina fotográfica dotada de lente telescópica.

Mamãe também tirava fotografias, e para toda parte levava uma máquina na bolsa. Mas sua preocupação principal era cuidar de nós, e procurar manter o Chefe vivo por mais alguns anos. Com isso, permanecia ocupada todo o tempo. Miss Ku'ei, naturalmente, supervisionava todas essas atividades, e providenciava para que ninguém afrouxasse e ela tivesse todos os passeios de automóvel que bem desejasse.

Botão de Ouro também era uma criatura ocupada. Ajudava a

cuidar da casa, do Chefe, e fazia longas caminhadas de modo a obter idéias para desenhos e pintura. É uma artista muito inteligente, ao que me informam Miss Ku'ei e o Chefe. Foi esse o motivo pelo qual eu lhe pedi que ilustrasse este livro, e Miss Ku'ei diz que ela está-se saindo melhor do que qualquer outra pessoa conseguiria. Eu gostaria de poder ver esses desenhos, mas ninguém me pode dar a visão perdida.

Gostávamos muito de pôr o Chefe na cama, antes que ele tivesse um ataque do coração, e nessas ocasiões achávamos muito bom quando o Sr. Loftus aparecia para conversar com ele. O Sr. Loftus era um homem enorme, alto e forte e TODOS nós o admirávamos imensamente. Miss Ku'ei, que me deu permissão para afirmar que é um tanto namoradeira, adorava-o. A Sra. O'Grady era outra visitante bem-vinda, que aparecia a qualquer momento do dia, sendo considerada "membro da família". Brud Campbell não nos visitava com tanta freqüência quanto gostaríamos que fizesse, por ser um homem ocupado — ocupado porque era trabalhador de alta qualidade — e suas visitas eram raríssimas.

Certo dia, falávamos sobre viagens, e principalmente sobre viagens aéreas. Miss Ku'ei disse:

— Oh, mas quando viemos da Inglaterra (cora gritos de alegria) o avião não podia ter GATOS no mesmo compartimento dos seres humanos. O Chefe disse: "Bem, se eles não querem minha gata, também não querem a mim, vamos fretar um aeroplano e levar todas as nossas coisas".

Miss Ku'ei fez uma pausa, para acentuar o efeito dramático de suas palavras, e prosseguiu:

— Por isso, viemos num avião fretado, e eles trouxeram um cilindro de oxigênio para o Chefe, e ele ficou contrariado, no aeroporto de Dublin, porque queriam colocá-lo em uma cadeira de rodas, como se fosse um inválido!

Fiquei satisfeita em saber que a família dava tanta importância a Miss Ku'ei — e a mim! — quanto a qualquer ser humano. Depois disso, sorrimos, enquanto o Chefe dava uma risadinha e dizia que éramos um par de velhas gatas mexeriqueiras!

— Miss Ku'ei, — disse eu, certa manhã — a Sra. O'Grady vem muito aqui, mas por que o SR. O'GRADY não vem?

— Oh, ora essa! — respondeu Miss Ku'ei. — Ele precisa trabalhar, ele toma conta da eletricidade da Irlanda e, se não a fizer correr nos fios, como poderemos cozinhar?

— Mas, Miss Ku'ei, nós usamos gás, em uma coisa de metal, e os homens trazem essa coisa de metal para cá, de três em três semanas.

Miss Ku'ei suspirou, tomada de exasperação:

— Fif — disse ela, depois de inaiar fundo para acalmar-se, como

o Chefe nos ensinara. — Fif, as pessoas VÊM e, para verem, usam a eletricidade. Entendeu? Você não vê, por isso não sabe. Temos garrafas amarradas em varas, penduradas no telhado. Quando põem eletricidade nelas, pelos fios, ficamos com luz. NÓS USAMOS A ELETRICIDADE, Fif!

Dito isso, voltou-se para o lado, resmungando:

— Os gatos me enjoam, sempre fazendo perguntas imbecis!

Nós usávamos a eletricidade, sem dúvida, o Chefe e Mamã tiravam muitas fotografias coloridas e as mostravam em uma tela, dotada de lâmpada especial. Eu adorava sentar-me de costas para a lâmpada, frente à tela, porque os raios da lâmpada eram maravilhosamente quentes.

Não tínhamos telefone em Howth, e alguém me disse que o pessoal dos telefones na Irlanda não dispunha de linhas livres. Eu não conseguia compreender o motivo pelo qual eles não instalavam mais, como faziam em outros países, mas isso não tinha importância para mim. Usávamos o telefone da Sra. OGrady, que nos era oferecido com tanta satisfação. Mamã

gostava MUITÍSSIMO da “Velha 0'G”, como a chamávamos. O Chefe também gostava dela, mas via o Sr. Loftus com mais frequência. Da grande janela que dava visão para a baía o Sr- Loftus podia ser visto quando fazia a curva, lá embaixo no morro íngreme, e depois subia a estrada de Balscadden, seguindo diretamente para a extremidade, freqüentada por todos os fazedores de piquenique. Quando não estava em serviço, era freqüente visitar-nos, sendo sempre bem-vindo. O Chefe estava de cama, e o Sr. Loftus sentava-se de frente para ele e para a janela.

E também ouvíamos o que se passava no mundo! O Chefe tinha um receptor de rádio, poderoso, de ondas curtas, com o qual captávamos programas da China, Japão, Índia — e da Polícia e Corpo de Bombeiros da Irlanda! Eu preferia a música do Sião ou Tailândia, ou que nome estejam dando, agora, ao país de meus ancestrais. Com a música do Sião, eu me sentava e balançava a cabeça, devagar, acompanhando o ritmo. Via mentalmente os templos, os campos e as árvores. Recordava toda a história de meus ancestrais. Alguns de nós fomos para o Tibete (de onde veio o Chefe) e ali guardávamos os templos e lamaserias. Como os inspetores do Tibete, também éramos, preparados para espantar os ladrões e tomar conta das jóias e objetos religiosos. No Tibete, éramos quase todos negros, devido ao frio intenso. Talvez não se saiba, de modo geral, que os seres de minha raça mudam de cor, de acordo com a temperatura ambiente. Em país frio, gelado, tornamo-nos muito escuros. Nos países tropicais, ficamos quase inteiramente brancos. Nossos filhotes nascem alvíssimos, e logo após

aparecem as “marcas” características. Os seres humanos apresentam cores diferentes, tais como o branco, amarelo, pardo e negro, e o mesmo acontece conosco. Eu sou uma gata cor de foca, enquanto Miss Ku’ei é cor de chocolate. O pai dela foi, na verdade, o campeão, Soldado de Chocolate. Miss Ku’ei tinha um *pedigree* maravilhoso. Os meus documentos, naturalmenté, tinham sido perdidos. Miss Ku’ei e eu falamos sobre o assunto, certo dia.

— Gostaria de poder mostrar-lhe meus documentos, Miss Ku’ei — disse eu. — Causa-me pesar quando penso que ficaram na França. Eu me sinto... bem. .. como que NUA, sem eles.

— Pronto! Pronto! Fif — disse Miss Ku’ei, tranqüilizando-me. — Não pense nisso. Vou falar com o Chefe e pedir-lhe que destrua os meus, e assim ficaremos AMBAS sem documentos.

Antes que eu pudesse protestar, ela já dera a volta e saíra do quarto. Ouvi quando descia as escadas, indo ter ao lugar onde o Chefe fazia algo com um tubo comprido de latão, com vidro em ambas as extremidades. Pareceu-me que ele punha a coisa em um dos olhos, de modo a poder ver melhor e mais longe. Pouco depois disso, o Chefe e Miss Ku’ei apareceram, ainda discutindo.

— Oh, bem — disse ele. — Se é assim que vocês querem. .. você sempre foi uma gata doida!

Abriu uma gaveta, onde ouvi que remexia em documentos, e em seguida um fósforo era riscado. O cheiro de papel queimado chegou às minhas narinas, bem como o bater de atizadores da lareira, quando as cinzas foram reduzidas a nada. Miss Ku’ei aproximou-se e deu-me um empurrão.

— *Okay* — disse, sorrindo. — Agora, pare com essa sua preocupação estúpida. O Chefe e Mamãe não se importam coisa alguma com esses documentos, ou *pedigrees*. NÓS somos as filhas DELES.

Meu nariz coçou, eu espirrei- Reinava no ar um belo cheiro, algo que eu nunca percebera antes.

— Fif! Onde está Fif?

Era Mamãe que me chamava. Eu lhe disse que já ia, enquanto pulava da cama. Acompanhando o faro — levada por aquele cheiro maravilhoso — desci as escadas.

— Lagosta, Fif — disse Mamãe. — Experimente!

Nossa cozinha tinha chão de pedra, e o Chefe certa feita dissera a Miss Ku’ei e a mim que constava que uma passagem sob aquelas pedras ligava a cozinha com uma caverna lá embaixo. Eu me punha nervosa, achando que algum pirata ou contrabandista pudesse levantar a pedra sob a qual eu me encontrasse, e eu caísse por ali. Mas Mamãe chamara, e chamara anunciando um tipo novo de comida. Sendo gata siamesa francesa, eu era dotada de inclinação natural pelos

alimentos. Ela torceu-me as orelhas com afeição, levando-me para o prato de lagosta. Miss Ku'ei já se servia de sua porção.

— Mande os dentes, Fif — disse ela. — Você está tonta por aí, como uma velha irlandesa!

Eu, naturalmente, jamais me deixava perturbar com o que Miss Ku'ei dizia, pois seu coração era tão bom quanto a mais tenra carne de lagosta, e ela me recebera, desconhecida, agonizante e sem nada, em sua casa, com satisfação. A despeito de toda a sua severidade e modos autocráticos, era uma criatura a quem conhecer era amar.

A lagosta estava deliciosa!

— Veio do Olho da Irlanda, Fif — disse Miss Ku'ei. — O Chefe achou que íamos gostar de comer.

— Oh! — repliquei. — E ele, não come?

— Nunca! Acha que isso é uma coisa horrível. Ainda assim, se você e eu gostarmos, ele a comprará para nós. Lembra-se daqueles camarões, Fif?

Eu me lembrava, sem a menor dúvida! Quando o Chefe e Mamãe me haviam trazido inicialmente para aquela casa, eu andava com fome, mas doente demais para comer. “Dê-lhe uma lata de camarões”, dissera o Chefe. “Ela está fraca de fome”. A lata fora aberta, mas eu não me adiantara. O Chefe tirara dali um camarão e o passara em meus beijos. Julguei jamais ter provado coisa alguma mais celestial. Sem o perceber, comi todo o conteúdo da lata. Isso me fez ficar verdadeiramente envergonhada, e mesmo agora me torno embaraçada, quando penso no assunto. Quando Miss Ku'ei deseja verme nesse estado, basta dizer: “Lembra-se daqueles camarões, Fif?”

— Fif — disse Miss Ku'ei. — O Chefe vai levar-nos a um passeio. Nós vamos passar pela cabana onde você já morou. Pois bem, não vá desmaiar. Nós vamos PASSAR apenas por ela.

Proseguí, descendo até a garagem, em companhia do Chefe, para apanhar o automóvel, um bom Humber Hawk. Fiquei com Mamãe, ajudando-a a preparar-se, e depois descí para ter a certeza de que Botão de Ouro trancara o portão do jardim. Embarcamos no automóvel e descemos a montanha, passamos sob a ponte dos bondes elétricos e prosseguimos para Sutton (onde outro velho amigo, o Dr. Chapman, residia). Continuamos a jornada, percorrendo muitos quilômetros e chegando finalmente a Dublin. Miss Ku'ei ajudava o Chefe a dirigir, dizendo-lhe quando podia ir depressa, os automóveis que estavam por perto e que rumo tomar, nas encruzilhadas. Com cia, aprendi muita coisa. Fiquei conhecendo Dublin- Entre suas direções ao Chefe — “Pare! Pare! Cuidado com aquela esquina, depressa! Não deixe aquele automóvel passar!” — ela descrevia para mim o que via.

— Agora, estamos na Estação de Westland Roh, de onde « partem os trens. Entramos bem aqui, Chefe. Sim, Fif, agora estamos na

Rua Nassau. Diminua a velocidade, Chefe, porque estou falando com a Fif a esse respeito. Já moramos aqui, Fif, diante das dependências do Colégio da Trindade. Chefe, está indo tão depressa que assim eu não posso contar as coisas a Fif. Aqui é o St. Stephen Green, onde também já morei. Os patos andam por toda a parte neste lugar. Cuidado, Chefe, há um guarda na esquina. Nós compramos nossos rádios naquela rua, Fif.

E assim prosseguíamos, pelas ruas de Dublin, com Miss Kaei fazendo um comentário incessante. Depois, deixando ruas e casas para trás, o Chefe apertou alguma coisa com o pé e o automóvel passou a andar mais depressa, ao receber alimentação mais rica.

Pelas estradas da montanha nós prosseguimos, seguindo à beira do que Miss Ku"ei chamou de "um reservatório", e que parecia servir de depósito de água potável para Dublin. Chegamos à cabana. O carro se deteve e o Chefe lançou um olhar em minha direção. Vendo como eu ficara afetada, ele acelerou mais. Respirei com alívio, pois chegara a recear que, a despeito de tudo, eu fosse ser devolvida, como gata velha e inútil. A fim de demonstrar minha felicidade, ronronei e lambi a mão da Mamãe.

— Santos Gatos! Fif — disse Miss Ku"ei. — Nós pensamos que você fosse ter um acesso e morrer. Coragem, minha velha. **VOCÊ É UM MEMBRO DA FAMÍLIA!**

Brincamos na chameca por algum tempo. Miss Ku"ei anunciava, aos gritos, quantos coelhos ia apanhar. Depois, quando o Chefe declarou ser uma ovelha, recaiu em silêncio abrupto. Eu não conseguia ver a criatura, mas percebi um cheiro estranho de carne, bem como o odor de lã velha. Logo embarcávamos no automóvel, e seguíamos novamente com rapidez, voltando para casa. Ao passarmos pelo farol Bailey, na Cabeça de Howth, a buzina de nevoeiro berrava, como uma vaca perto de dar cria. Um bonde elétrico passou, tonitruante, as rodas fazendo grande barulho nos trilhos de ferro.

— Pare no Correio — disse Mamãe. — Deve haver algumas encomendas por lá.

— Fif — disse Miss Ku"ei, enquanto esperávamos por ela. — Um homem disse ao Chefe que seus dois gatinhos estão muito bem. Estão crescendo bastante e têm as caras e caudas pretas.

Suspirei de satisfação. A vida estava sendo boa comigo. Meus filhos eram felizes, estavam juntos. Eram os últimos filhotes que eu tivera, e eu me sentia orgulhosa deles, orgulhosa do fato de terem sido aceitos, de serem felizes.



CAPÍTULO 5

— Ah! Bom dia p'rocês — disse Pat, o carteiro, quando Mamãe e eu atendemos à porta, cuja campainha ele tocara. — Eu trouxe um bonito bolo de cartas para ele, hoje... quase me quebrou as costas de tanto peso, subindo este morro.

Pat, o carteiro, era um velho amigo nosso. Muitas vezes o Chefe o apanhara no automóvel, levando-o a entregar a correspondência, quando as suas pernas cediam ao cansaço de tanto andar. Pat conhecia tudo e todos no distrito, e por meio dele recolhemos muitos dados locais. Eu costumava cheirar a bainha de suas calças, de modo a tomar conhecimento de suas caminhadas pela Cabeça, ou pelas margens da charneca, e também costumava saber quando Pat tomara “uma gotinha” para se aquecer, na entrega de cartas que fazia ao anoitecer.

Mamãe levou as cartas para dentro e eu pulei na cama do Chefe, de modo a poder ajudá-lo a lê-las. Elas eram mesmo numerosas, aquela manhã, cartas vindas do Japão, da Índia, de amigos na Alemanha. Havia uma carta vinda de Dublin. Ouvi o som de um envelope que era aberto e do papel retirado do mesmo.

— Hmm! — disse o Chefe. — Os funcionários fiscais irlandeses são tão maus quanto os ingleses. Esta exigência é puro roubo. Não **PODEMOS** continuar mais na Irlanda.

Dito isso, entrou em silêncio sombrio- Mamãe estava ao lado da cama. Botão de Ouro veio pela escada, correndo, para ver o que estava na correspondência.

— Não compreendo — disse o Chefe — o motivo pelo qual os agentes tributários irlandeses não procuram manter gente como nós no país, ao invés de expulsá-la, com esses impostos excessivos, selvagens! Nós gastamos muito dinheiro aqui, mas a repartição arrecadadora jamais se satisfaz, e quer dois proveitos no mesmo saco. Nós, os autores, somos submetidos a mais impostos do que qualquer outra classe neste país.

Assenti, em solidariedade, empurrando a cabeça na perna do Chefe. Ele queria tornar-se um cidadão irlandês, ele AMAVA os irlandeses — com exceção dos agentes do fisco! Estes, na opinião dele, eram piores do que um gato vira-lata, mostrando-se descabidos e CEGOS. O Chefe estendeu a mão, torcendo-me uma das orelhas e dizendo:

— Se não fosse por vocês, gatas, Fif, iríamos para Tânger, ou para a Holanda, ou alguma outra parte que nos acolhesse melhor. Mas você é nossa gata vovó, e eu não a perturbaria, ainda que minha vida dependesse disso.

— Ora, bolas, Chefe !— respondi. — O senhor diz cada coisa! Eu agüento tanto quanto vocês... e mais ainda. O meu coração está bom!

— Sim, Fif — replicou ele, enquanto me esfregava o queixe e o peito. — O seu coração está firme, e você é a gata vovó mais bonita de todos os tempos.

— Talvez — respondi — Você e eu morramos no mesmo instante. Assim, não ficaríamos separados. E eu bem que gostaria disso!

Ficamos todos um tanto taciturnos durante o resto do dia. Era pura perda de tempo procurar viver na Irlanda, e os agentes fiscais pretendiam tirar-nos tudo. Já tínhamos problemas suficientes sem isso; os homens da imprensa estavam sempre rondando por ali, às vezes vigiando a casa com binóculos, e suspendendo espelhos sobre varas, até as janelas dos quartos, para poderem ver alguma coisa no interior. A imprensa publicara reportagens inverídicas a respeito do Chefe, e em nenhum instante lhe permitira apresentar SUA versão das coisas. O Chefe encara os homens da imprensa como sendo a escória da Terra,

e já o ouvi dizendo isso um número suficiente de vezes! Pelo que Miss Ku'ei me contou, ele tem plena razão em pensar assim— Vou à casa da Sra. O'Grady telefonar a Brud Campbell — disse Mamãe. — Notei que alguém forçou a fechadura no portão de trás, e é preciso consertá-la.

— Oh! Devem ter sido aqueles turistas de Liverpool — respondeu o Chefe. — Brud me disse que o pai dele encontrou alguns turistas acampados no jardim em frente da casa.

Mamãe saiu para a estrada, exatamente quando Miss Ku'ei me chamava da cozinha, dizendo haver um almoço muito bom para nós. Desci as escadas e fui recebida ao pé das mesmas por ela.

— Aqui está, Fif — disse ela. — Eu persuadi Botão de Ouro a nos dar a comida cedo, de modo a que possamos ir ao jardim ver se as flores estão crescendo. Ela protestou um pouco, mas fez o que era preciso. Avance!

Eu sempre sabia “avançar”. Eu ADORAVA a comida, e sempre acreditei em comer para poder ter energias. Agora, pesava mais de dois quilos e meio e nunca me sentira melhor. Andava pela casa sem problemas também! O Chefe me mostrara como.

— Você é uma bobinha velha, Fif — dissera.

— Por que, Chefe? — perguntara eu.

— Bem, você é cega, mas no astral pode ver. Assim sendo, quando descansa, por que não vai para o plano astral de modo a poder ver se alguma coisa foi mudada de lugar? Por que não «lha bem o lugar todo? Vocês, gatos, não usam os cérebros com que nasceram!

Quanto mais eu pensava no assunto, tanto mais isso me agradava, de modo que cultivava o hábito de viajar no astral, sempre que descansava. Agora, não esbarro nas coisas, não me machuco, porque sei qual é a localização de praticamente tudo na casa.

— O Brud veio! — avisou Mamãe-

Miss Ku'ei e eu ficamos satisfeitíssimas, pois isso significava que podíamos agora ir para o jardim, porquanto o Chefe sempre saía e conversava com Brud Campbell enquanto este trabalhava. Seguimos correndo para a porta, e Miss Ku'ei disse ao Chefe que ele devia tomar um tônico, porque estava FICANDO LERDO.

— Lerdo? — retorquiu ele. — Sei andar mais depressa do que você!

De início, a disposição interna da casa me intrigara, porque a entrada era pelo andar de cima, enquanto o de baixo ficava sob o nível da estrada. Miss Ku'ei explicara isso:

— Bem, você sabe que estamos encarapitados na encosta do penhasco, como se fôssemos galinhas no choco. O penhasco tem uma encosta da estrada, com uma muralha para impedir que as pessoas caíam. De qualquer modo, esta casa era dividida em dois apartamentos, até que chegamos e a transformamos em um só!

Tínhamos muito espaço na casa e no jardim. Havia dois jardins, um de cada lado da casa. Anteriormente, os ocupantes do andar superior haviam ficado com o jardim à direita, e os de baixo com o da esquerda. Nós tínhamos os dois. Havia árvores com

ramos baixos, mas eu nunca pude subir sozinha, porque a família receava sempre que eu caísse pelo penhasco ou subisse a uma árvore e caísse dela. Eu, naturalmente, não teria caído, mas era bom ver que as pessoas se importavam a esse ponto comigo. Botão de Ouro costumava sentar-se no jardim, banhando-se ao sol, com o que sua cabeça amarela tornava-se ainda mais amarela, como Miss Ku'ei dizia. Gostávamos quando ela estava no jardim, porque muitas vezes se esquecia de nós, e podíamos explorar melhor o lugar. Certa feita, fui à beira do penhasco e tentei descê-lo. Miss Ku'ei, afobada, chamou o Chefe, que veio e me apanhou, antes que eu pudesse cair.

Tínhamos de ter cuidado, quando estávamos no jardim, por um outro motivo; algumas pessoas costumavam ficar por ali, procurando obter fotografias do Lama. Automóveis às vezes paravam ao lado do muro do jardim, e as pessoas subiam nos mesmos, de modo que pudessem ver onde vivia Lobsang Rampa. Certa tarde ensolarada, o Chefe espiou por uma janela e viu que havia mulheres fazendo um piquenique no gramado! Elas se mostraram irritadíssimas quando ele saiu e as expulsou. A maioria dos residentes nas estradas de bela paisagem no Howth já passara por coisas semelhantes, uma vez que os excursionistas julgavam que podiam ir a qualquer lugar, causar os estragos que bem entendessem, e deixar o seu lixo para que os outros retirassem.

— Fif, acabei de ouvir o Chefe e mamãe conversando — disse Miss Ku'ei. — Onde fica o Marrocos?

— O Marrocos? — Miss K'ei, isso fica em Tânger, um lugar na região do Mediterrâneo. Eu fui levada lá por Mme. Diplomata. Quase fomos morar lá. É um lugar quente, malcheiroso, onde até os peixes fazem contrabando!

Eu conhecia o lugar, não havia dúvida! Fora levada lá, num navio partido de Marselha, e enjoara por todo o tempo da viagem. Naqueles dias eu podia ver, e os nativos ferozes, em seus mantos sujos, haviam-me assustado muito. Eu contava que não estivéssemos de mudança para Tânger!

Miss Ku'ei e eu dormimos toda a tarde. O Chefe e Mamãe tinham ido para Dublin, e Botão de Ouro se achava ocupada, arrumando seu dormitório- Sabíamos que não poderíamos sair, de modo que dormimos e fizemos um pouco de viagem astral. Como as criaturas do sexo feminino de todo o mundo, quer sejam gatas ou mulheres, eu tinha medo. Alimentava o medo constante de que algum dia acordaria e me encontraria em alguma caixa sufocante e fedorenta, em um aeroporto. Naturalmente, quando estava acordada e ouvia vozes, sentia o contato das pessoas que se preocupavam

comigo, sabia que todo o passado mau ficara para trás, mas no sono os pesadelos metem medo. Muitas vezes, ao correr da noite, o Chefe me apanhava nos braços e dizia:

— Vamos, vamos, Fif! Não seja uma bobinha velha. É claro que você está em casa, e vai ficar conosco, pelo resto de sua vida.

Depois disso eu ronronava e sorria para mim mesma, sentindo-me reconfortada. Adormecia, então, e voltava a ter os pesadelos!

— Fif! Eles voltaram, já vêm subindo o morro!

Miss Ku'ei fez meia volta, e partimos correndo para a porta da frente. Chegamos lá exatamente a tempo, quando o carro se detinha. Miss Ku'ei entrou no mesmo para ajudar o Chefe a guardá-lo e verificar se a garagem ficara devidamente trancada a chave. Depois, teve de voltar pela muralha alta, para verificar se os caramujos não estavam comendo o cimento da mesma! Saltou sobre o portão verde e gritou à porta:

— Abram! Abram! Estamos aqui.

Logo o Chefe chegava, abria a porta, e eles entraram.

— Bem? — disse Botão de Ouro, quando estávamos todos sentados. — Como foi?

— Pura perda de tempo — disse o Chefe. — Fomos à Embaixada Marroquina, mas o camarada de lá não ajudou em coisa alguma. Nós NÃO iremos para Tânger.

Recaíram em silêncio, e eu ronronei sozinha, cheia de prazer, ao pensamento de que NÃO iríamos para o Marrocos.

— Nós vimos o veterinário e esposa em Dublin — disse Mamãe- — Amanhã, virão tomar chá conosco.

Senti-me triste, porque o veterinário era uma boa criatura, um homem muito bondoso e agradável, mas nenhum veterinário, por melhor que seja, faz boa figura diante de seus pacientes. Miss Ku'ei fechou a cara.

— Atenção, Fif, atenção! Vamos sair disso amanhã, ou passaremos maus bocados.

A família continuou conversando, debatendo o que fazer, para onde ir. Nós saímos da sala e descemos as escadas, para recebermos nosso chá.

O veterinário chegou com a esposa. Nós gostávamos muito dele, mas suas roupas tinham um cheiro horrível de entranhas de animais e drogas médicas. O veterinário mostrou-se muito interessado em um grande telescópio que o Chefe usava para examinar os navios a distância. Miss Ku'ei e eu havíamos nos ocultado sob uma poltrona, que era orlada de franjas, e ouvíamos tudo quanto se dizia.

— A Fifi está indo bem — disse o Chefe.
— Ah! Muito bem — disse o veterinário.
— Acha que ela agüentaria uma viagem a Cork ou a Belfast? — perguntou o Chefe.

— Agüentaria, por certo! — respondeu o veterinário. — Lia agüenta qualquer coisa, desde que saiba que é querida. Está com mais saúde do que você, de qualquer modo!

— Atenção! Atenção! — murmurei para mim mesma. — Tudo quanto desejo é ser querida e agüento qualquer coisa.

Eles saíram para o jardim, onde instalaram o grande telescópio. Miss Ku'ei foi esconder-se sob a janela, de modo que pudesse olhar, sem ser vista— Eles estão olhando para um navio, Fif — disse ela e então, de repente, acrescentou: — ESCONDA-SE! Eles estão entrando!

Elouvc o arrastar de pés no capacho da porta, e logo eles entram.

— Você já viu as gatas hoje? — perguntou o Chefe.

— Apenas as caudas delas, desaparecendo nos cantos — disse o veterinário. — Pode ter a certeza de que eu me sinto oigulhoso da Fif — prosseguiu. — Ela foi uma mãe muito boa.

Estive examinando os gatinhos. Estão indo MAGNIFICA- MENTE!

Comecei a ronronar com prazer, e Miss Ku'ei sibilou:

— Cale-se, sua burra velha! Eles vão ouvi-la!

Aquela noite, o Chefe esteve doente, mais do que o comum. Alguma coisa dentro dele desandara. Julguei que talvez tivesse o mesmo problema que eu, e manifestei essa opinião a Miss Ku'ei.

— Fif! — retorquiu ela, entre divertida e contrariada. — Ccmo seria possível o Chefe ter um tumor uterino? Você é ainda mais burra do que eu pensava, Fif!

No dia seguinte ele foi ver o médico.

Um táxi veio à porta da casa e nele partiram o Chefe e Mamãe, que desceram o morro, desaparecendo da visão de Miss Ku'ei, a caminho de Dublin. O tempo se arrastou, cada vez mais devagar, e estávamos preocupadas. Finalmente, Miss Ku'ei percebeu o ruído de um automóvel que subia o morro. A engrenagem de marcha foi mudada, o carro acelerou e depois reduziu a velocidade e se deteve diante da porta. Mamãe e o Chefe entraram, ele parecendo mais pálido e abatido do que o comum, e Miss Ku'ei cochichou-me algo, apressadamente. Entramos, para não ficarmos no caminho, mas o Chefe — doente ou não — sempre teve o tempo e energia para abaixar-se e falar com “suas filhas”. Senti a falta de vitalidade em suas mãos ao me acariciar, e fiquei profundamente triste, tomada de preocupação. Devagar, ele foi ter a

seu quarto e se deitou. Aquela noite, Miss Ku'ei e eu nos revezamos para haver sempre uma de nós acordada com eie-

Sim, eu sei que muitos seres humanos rirão disso, pensando que os “animais” não têm percepção, raciocínio, sentimentos com relação aos outros, mas os seres humanos também são animais! Miss Ku'ei e eu compreendemos os seres, as palavras pronunciadas ou pensadas. Compreendemos os seres humanos, mas estes não nos compreendem, e tampouco procuram fazê-lo, preferindo encarar-nos como “criaturas inferiores”, “animais estúpidos”, ou coisas parecidas. Nós não fazemos guerra entre nós, e tampouco matamos animais desnecessariamente, mas apenas para comer. Não torturamos nem pomos nossos semelhantes em campos de concentração. Nós — os Gatos Siameses — temos provavelmente o mais elevado quociente de inteligência de todos os animais. Nós sentimos, amamos, e muitas vezes receamos, mas jamais odiamos. Os seres humanos parecem nunca dispor

de tempo para investigar nossa inteligência, por se acharem ocupados demais em ganhar dinheiro por qualquer meio justo ou injusto que se apresente. O Chefe nos conhece tão bem quanto a si próprio. Ele nos fala por telepatia, assim como Miss Ku'ei e eu o fazemos. E podemos falar com ele, o que fazemos freqüentemente. Como diz o Chefe, os seres humanos e os animais falavam uns com os outros, por telepatia, nos dias de antanho, mas a Humanidade abusou desse privilégio e com isso perdeu tal faculdade. Os animais ainda a retêm.

Os dias se tornaram semanas, e o Chefe não melhorou. Falava-se agora em casa de saúde, em operação. E cada vez ele se tornava mais pálido, tinha de descansar mais. Miss Ku'ei e eu nos mantínhamos muito quietas, muito preocupadas, e não nos esforçávamos por ir ter ao jardim. Lamentávamos a situação em particular, e procurávamos esconder nossos receios ao Chefe.

Certa manhã, após o desjejum, quando eu estava sentada na cama com ele e Miss Ku'ei se encontrava na janela, dizendo às gaiotas que não fizessem tanto barulho, o Chefe voltou-se para Mamã e disse:

— Leia este artigo. Fala das oportunidades maravilhosas no Canadá. Ao que parece, os escritores, artistas, médicos. .. TODOS são desejados lá- Talvez seja um lugar para nós, o que acha?

Ela leu o artigo.

— Tudo muito bonito, pelo que está escrito aqui — comentou. — Mas eu não tenho confiança alguma em artigos- assim. Pensei que você queria ir para a Holanda. De qualquer modo, não está bem de saúde!

— Não podemos ficar aqui — disse o Chefe. — Os agentes tributários irlandeses tornam isso impossível. Sheclagh! — chamou, dirigindo-se a Botão de Ouro, pois sempre seguia o costume oriental de consultar toda a família. — Sheclagh, — perguntou, — o que pensa do Canadá?

Botão de Ouro olhou para ele, como se o Chefe não estivesse em seu raciocínio perfeito.

Miss Ku'ei, num grande esforço de narração, contava o que se passava e que ela não podia ver.

— Puxa! — disse ela, num sussurro. — Botão de Ouro julga que ele está tão doente que já não sabe mais o que diz. O Canadá? CANADÁ! PUXA VIDA!

Mais tarde, o Chefe saiu da cama e vestiu as roupas. Eu percebia que ele não sabia o que fazer. Chamando Miss Ku'ei e pondo-me sobre seu ombro, ele foi para o jardim. Devagar, desceu a trilha de lá e se manteve a fitar o mar.

— Eu gostaria de ficar aqui o resto de minha vida, gatas, — disse. — Mas os homens dos impostos fazem exigências tão extorsivas que nós TEMOS de nos mudar para poder continuar vivendo. Vocês duas gostariam de ir para o Canadá?

— Puxa, Chefe — disse Miss Ku'ei. — Nós iremos para onde o senhor disser.

— Sim, eu estou em condições de viajar — respondi. — Posso ir a qualquer lugar, mas o senhor não está passando muito bem-

Naquela noite, o Chefe teve de ir novamente ao médico. Voltou horas depois, e percebi que não tivera boas notícias. Entretanto, voltou a falar sobre o Canadá.

— Ministério de Imigração Canadense está anunciando nos jornais — disse. — Vamos pedir alguns detalhes. Onde fica a Embaixada?

— Na Praça Merrion, — disse Botão de Ouro.

Alguns dias depois, grande quantidade de material de propaganda veio dos canadenses em Dublin. A família sentou-se para ler tudo aquilo.

— Eles fazem muitas promessas, — disse o Chefe.

— Sim, mas isso é apenas coisa de publicidade, — disse Mamãe.

— Por que não visitamos a Embaixada? — perguntou Botão de Ouro.

— Sim, — respondeu o Chefe, — precisamos ter toda a certeza de que as gatas serão bem-vindas, porque eu nem pensaria no assunto se elas tivessem de ficar de quarentena, ou coisa

parecida. A quarentena é uma coisa péssima, seja lá como for.

O Chefe e Mamãe saíram no automóvel, dirigindo-se a Dublin. A mamãe se arrastou, o tempo sempre se arrasta quando o futuro se mostra incerto e as pessoas amadas estão ausentes. Finalmente, regressaram.

— Burocracia! Burocracia! — disse o Chefe. — Fico sempre espantado ao ver como os funcionários subalternos são gente desagradável. Eu gostaria de pôr alguns daqueles camaradas nos meus joelhos e dar-lhes palmas mas. . .

— Mas você não vai dar qualquer atenção a eles — disse Mamãe- — Eles são apenas funcionários, não têm conhecimentos melhores. Miss Ku'ei deu uma risadinha e cochichou:

— O Velho podia dar-lhes uma surra, e havia de gostar! Os braços deles são muito mais fortes do que os dos ocidentais, e ele já teve de lutar muito. Puxa! Eu gostaria de ver quando ele os espancasse! — aduziu, com um suspiro.

O Chefe ERA grande, e em seu colo havia espaço suficiente para que Miss Ku'ei e eu nos sentássemos juntas. Pesava mais de cem quilos, e era tudo músculos e ossos. Eu gosto de gente grande, provavelmente porque jamais recebi alimento suficiente para poder crescer até meu tamanho natural.

— Nós preenchemos todos os formulários, deixamos as impressões digitais, e toda essa bobagem — disse o Chefe a Botão de Ouro. — Amanhã, vou levá-la para falar com eles. Você terá de ir como nossa filha adotiva. De outra forma, séria preciso ter certa quantidade de dinheiro, alguém que lhe desse garantias, ou alguma tolice desse porte. Os canadenses que vimos parecem gente muito infantil.

— Você se esqueceu de dizer que todos nós precisamos de fazer exame médico, — disse Mamãe.

— Sim — respondeu o Chefe. — Vamos pedir à Sra. C'Grady que fique com as gatas, porque eu não as deixarei sozinhas. Elas têm mais valor para mim do que todo o Canadá.

O almoço estava pronto, e foi do que tratamos a seguir. Sempre acreditei que era possível debater as coisas com mais calma após uma boa refeição. Vivíamos bem, e nós, as gatas, tínhamos o que havia de melhor- Miss Ku'ei era — e ainda é — uma criatura de pouco comer; tinha o maior cuidado com as linhas do corpo, e era realmente uma gata das mais elegantes e belas.

— Eh! — disse o Chefe. — A Sr. O'Grady lá vai, pela estrada.

Mamãe apressou-se em interceptá-la e trazê-la à nossa casa. Miss Ku'ei e eu descemos para verificar o que Botão de Ouro fazia,

contanto que ela estivesse sentada no jardim, porque assim poderíamos sair e fazer alguma jardinagem. Por algum tempo, eu planejava arrancar algumas plantas, de modo a verificar se cresciam satisfatoriamente. Miss' Ku'ei pretendia examinar a casa do coelho. Ele vivia em um buraco no penhasco e muitas vezes, à noite, passava pelas nossas janelas e ria-se de nós por estarmos dentro de casa. Ambas queríamos dizer-lhe algumas verdades, a respeito de seus modos pouco educados. Entretanto, não seria possível, pois Botão de Ouro fazia alguma

coisa no quarto dela, de modo que nós seguimos por ali, sentando-nos no quarto onde nossas malas ficavam guardadas.

A manhã seguinte foi das mais movimentadas. O Chefe levou-nos cedo para fora, de modo que pudéssemos trocar algumas palavras com o coelho. Miss Ku'ei desceu a face do penhasco uns quatro metros, e gritou o que tinha a dizer pela porta dianteira da toca daquele cavalheiro. Eu permaneci deitada no ombro do Chefe — que não me colocou no chão — e gritei para Miss Ku'ei aquilo que tinha a dizer ao referido cidadão. Estávamos muito contrariadas com o coelho. Depois disso, tínhamos as garras a afiar, em uma das árvores. Era preciso fazê-lo, para que pudéssemos cuidar da Sra. O'Grady, quando a família estivesse em Dublin. Nós duas nos banhamos na terra, na extremidade do jardim, esfregando-a bem em nosso pêlo, após o que estávamos prontas para uma correria de cinco minutos no jardim. Eu acompanhava Miss Ku'ei de perto, porque assim ela me guiava e eu não batia em coisa alguma. Tomávamos sempre o mesmo caminho, de modo que eu conhecia todos os obstáculos.

— Vamos entrar, suas selvagens! — disse o Chefe.

Arrastando os pés, e fingindo estar contrariado, fez com que Miss Ku'ei corresse com toda a velocidade que tinha, entrando na casa. Suspendendo-me e passando-me por seu ombro, levou-me e fechou a porta.

— Depressa! DEPRESSA! Fif — chamou Miss Ku'ei. — Há uma caixa nova de compras aqui, cheia de novidades!

O Chefe colocou-me no chão e eu fui ter logo à caixa, para poder ver as últimas novidades vindas do armazém da aldeia.

A família estava pronta para sair. Torcendo-nos as orelhas, c Chefe despediu-se, e nos disse que cuidássemos da Sra. (TGrady.

— *Okay!* — disse Miss Ku'ei. — Ela estará a salvo conosco. Quer que ponhamos a corrente na porta?

Por momentos, pensei em sugerir que pedíssemos ao Sr. Loftus para vir tomar conta dela, mas depois compreendi que o Chefe teria feito isso, se o achasse necessário. A Sra. O'Grady

instalou-se em uma cadeira, e Miss Ku'ei disse:

— Venha, Fif, chegou o momento de executarmos algumas daquelas tarefas que não podemos fazer quando a família está na casa.

Voltou-se, seguindo à frente na descida da escada. Demos volta à casa, com todo o rigor, para ter a certeza de que o coelho não irrompera por ali adentro, para roubar alguma coisa. De vez em quando, Miss Ku'ei dizia:

— Vou dar um pulinho lá em cima, para ver se a Velha 0'G está bem. Nós PRECISAMOS cuidar dela.

Dito isso, afastava-se, fazendo ruído ao subir a escada, e c fazia de modo deliberado a fim de que a Velha 0'G não achasse que estava sendo observada furtivamente.

Em todas essas vezes Miss Ku'ei voltava e dizia:

— Sim! Ela está bem.

O tempo se arrastava — pior do que isso — o tempo parecia estar andando para trás.

— Acha que eles estão bem, Miss Ku'ei? — perguntei, pela milésima vez.

— Está claro que sim. Eu já passei por coisas assim antes. NATURALMENTE estão bem! — exclamava ela, tentando convencer-se a si própria pela veemência da resposta.

Apenas no retorcer nervoso da ponta da cauda é que ela demonstrava alguma emoção.

— Você sabe muitíssimo bem que eles precisam consultar um médico, todos os três têm de ser examinados, e depois ir a um hospital para tirarem chapas de raios X dos pulmões.

Tomada de nervosismo, lambeu a pata, resmungando em tom de certa reprovação ao examinar as garras bem manicuradas.

Nós não conseguíamos pensar em comida. O alimento jamais substituiu o amor! Enquanto eu me preocupava, lembrei-me das palavras de minha querida Mãe: “Ora, ora, Fif”, ela dissera, “mantenha-se, calma em qualquer circunstância. A preocupação jamais solucionou um só problema; se você se ocupa com preocupações, não tem tempo para ver a solução de uma dificuldade”

— Acha que eles estão bem. Fif? — perguntou Miss Ku'ei.

— Sim, Miss Ku'ei, — respondi, — tenho a certeza de que já estão a caminho de casa.

— Pobre Sra. 0'Grady — disse Miss Ku'ei. — Acho que deveríamos subir para reconfortá-la.

Erguemo-nos e partimos pelo corredor, Miss Ku'ei à frente, e eu acompanhando-lhe as pegadas. Juntas, subimos as escadas,

passando pelo corredor de cima e atirando-nos depois com gritos de alegria à porta, quando a mesma se abriu e a família entrou.

No hospital logo perceberam as cicatrizes do Chefe e observaram que ele tivera tuberculose e toda uma coleção de enfermidades. “Farei uma recomendação para que o deixem ir”, dissera o médico do hospital, “pois, com sua educação e capacidade para escrever, seria de valor para o Canadá”. Passaram-se mais dias e o Chefe recebeu uma carta autorizando-o a ir para o Canadá, se assinasse isto, assinasse aquilo, e se apresentasse ao Inspetor Médico de Saúde, no Canadá. O chefe ficou tão furioso com toda aquela burocracia tola que quase rasgou os documentos; ao invés disso e por infortúnio (como pensamos hoje), decidiu assiná-los, dando de ombros.

— Como vamos levar as gatas para lá? — perguntou Mamãe.

— Irão conosco no aeroplano, ou NENHUM de nós irá. Estou FARTO de todos esses regulamentos idiotas!

Por dias seguidos eles procuraram informar-se junto a diversas companhias de transportes aéreos, na tentativa de encontrar alguma que permitisse nossa viagem com a família, ao invés de sermos metidas em algum compartimento escuro e triste de bagagem. Finalmente, a Swissair concordou em que, se o Chefe e a família viajassem de primeira classe e pagassem FRETE DE BAGAGEM por Miss Ku’ei e por mim, poderíamos ficar no compartimento de primeira classe com eles, desde que viajássemos quando houvesse muitos lugares vazios. O Chefe tornou bem claro que não se afastaria de nós, de modo que pagou todas as muitas libras exigidas pela passagem. Depois disso, ocorreu-lhe outra idéia; íamos voar diretamente para o aeroporto de Idlewild, em Nova York, ao invés de seguirmos para Montreal. Se uma linha aérea canadense nos aceitasse, teríamos feito o caminho mais curto, atravessando o Canadá, mas como a Swissair seguia diretamente para Nova York, não dispúnhamos de alternativa. A questão agora era saber, já que a Swissair nos aceitaria no compartimento de passageiros, se a linha aérea americana que teria de levar-nos de Nova York a Detroit concordaria também com isso. O Chefe receava que, se tudo não ficasse devidamente esclarecido, com antecipação, encontrar-nos-íamos presos em Nova York, sem meios de transporte. Nossos interesses estavam sendo cuidados por um agente de viagens em Dublin, a quem o Chefe pediu que fizesse uma indagação esclarecedora e positiva junto à linha aérea americana, e que se eles concordassem reservasse e pagasse passagens de primeira classe de Nova York a Detroit, alugando um automóvel que nos levasse pela fronteira americana-canadense a

Windsor onde íamos residir. O agente verificou e como a linha aérea em Nova York concordara em nos receber no compartimento de passageiros, pagou todas as passagens.

— Assim sendo, — disse — não há com que se preocupar. Agora, precisam levar estes recibos à Embaixada, declarar-lhes que têm dinheiro bastante para morarem no Canadá até que encontrem trabalho, e é tudo. Obrigado pela preferência. Se quiserem voltar, a qualquer momento, terei grande prazer em tratar disso para vocês.

Mais uma vez, o Chefe e Mamãe foram à Embaixada Canadense, onde mostraram que tinham tudo em ordem.

— Têm o atestado de um veterinário, certificando que as gatas estão com saúde? — perguntou um funcionário de cara amarrada— Sim! — disse o Chefe, apresentando os documentos necessários.

Então, não tendo mais coisa alguma a exigir, os funcionários se viram obrigados a emitir a permissão necessária para que ele entrasse no Canadá como “imigrante desembarcado”. Como o Chefe comenta hoje, com pesar, “nós *desembarcamos*, não há dúvida!” Tendo os documentos em ordem, ele e Mamãe voltaram, cansados, para nosso convívio em Howth.

— Agora, gatas, — disse o Chefe, quando partirmos, vocês terão de estar em suas cestas, mas assim que estejamos no ar poderão sair e sentar-se conosco. Entendido?

— Entendido, Chefe — disse Miss Ku’ei. — Mas nós vamos querer sair das cestas, não se esqueça!

— Sim, sairão. Agora, não se preocupem mais, porque já me custaram o que pesam em ouro!

Pensou por algum tempo, e aduziu, depois:

— E vocês duas valem mais do que isso.

O veterinário conhecia alguns seres humanos cegos que faziam cestas, de modo que o Chefe encomendou uma para Miss Ku’ei e outra para mim. Cada qual era da maior dimensão possível, proporcionando-nos bastante espaço. O Chefe sugeriu que usássemos as cestas como camas por uma semana, a fim de nos acostumar-mos a elas. Nós o fizemos, achando tudo muito divertido!

A saúde do Chefe piorou. De acordo com todos os mandamentos do bom senso, devíamos ter desistido da viagem ao Canadá. Ao invés disso, o Chefe foi ao médico, outra vez sendo feito algo graças ao que ele pôde continuar. Tinha de descansar cada vez mais, e eu, sabendo o que era ser doente e velho, receava muito o desfecho de tudo aquilo. O Chefe atravessara vicissitudes

e sofrimentos em muitos países e, agora, os resultados dos mesmos estavam aparecendo. Miss Ku'ei e eu cuidávamos dele o melhor que podíamos.

— E como viajaremos para Shannon? — perguntou Botão de Ouro.

— NÃO SERÁ no trem irlandês — respondeu o Chefe. — Teríamos de fazer baldeação em Limerick, e eu não me sinto capaz disso. Você e Mamãe irão para Dublin, e lá procurem uma garagem que tenha um veículo a motor para a viagem, um mini-ônibus ou coisa parecida.

— Iremos um dia antes — disse Mamãe — porque você precisa de um dia de descanso, antes de embarcar no avião. Será melhor para as gatas, também.

Elas partiram para Dublin, deixando Miss Ku'ei e eu para fazermos companhia ao Chefe, obrigando-o a manter-se de cama. Enquanto esperávamos as duas, o Chefe contou-nos histórias de gatos que conhecera no Tibete.

— Está tudo combinado — disse Mamãe. — Eles nos levarão e usarão um mini-ônibus, daqueles que utilizam para os passeios turísticos. O motorista vai muitas vezes a Shannon, para receber turistas americanos.

Agora, restava pouco a fazer. O Chefe teve de voltar outra vez ao médico. Todos os nossos preparativos eram feitos em grande segredo, porque a imprensa não nos deixava em paz. Lembro-me de pouco tempo antes, quando o Chefe estivera muito doente, e ia sair pela primeira vez para ver o especialista. Assim que saiu pela porta, um jornalista surgiu em um carro e começou a fazer perguntas impertinentes. O Chefe sempre ficava espantado, sem saber que motivo levava os jornalistas a acharem que tinham algum direito divino a fazer perguntas. “Mexeriqueiros profissionais” era como o Chefe os chamava, e teria sentido muito prazer em atirá-los pelo penhasco abaixo.

— Eh! Coelho! — gritou Miss Ku'ei, a uns quatro metros pelo penhasco abaixo. — Coelho! Nós vamos embora, e você trate de não estragar o jardim, em nossa ausência.

O coelho não respondeu, e Miss Ku'ei teve de contentar-se em fazer seu hábito descer pelo buraco, após o que voltou correndo para o cimo do penhasco.

— PÁSSAROS! PÁSSAROS! — gritou Miss Ku'ei. — Nós vamos voar como vocês, vamos voar mais longe.

— Silêncio, silêncio, Miss Ku'ei — protestei. — Nós devemos guardar segredo disso. Agora, todos os pássaros e o coelho já sabem.

Miss Ku'ei olhou sobre o ombro e percebi que ela enrijecia o corpo.

— DEPRESSA! — exclamou. — Venha comigo. O velho veterinário está chegando!

Corremos para dentro, saímos pela cozinha, e fomos ter ao porão de carvão.

— Puxa! — disse ela, estremeçando. — Minhas orelhas já ardem, só em pensar que ele vai limpá-las.

Furtivamente, espiou pelo canto, descobriu que tudo estava certo, e aventurou-se mais longe. Vozes. Vozes no patamar da escada.

— Tranquilizantes — disse o veterinário. — Dêem um de cada, antes de levá-las para o avião, e elas descansarão em paz. São tranquilizantes especiais.

Houve silêncio por algum tempo, depois do que o Chefe disse, em tom de dúvida:

— Não farão mal à Fif?

— Oh, pode crer que não, também servem para a gente — disse o veterinário.

Eles foram para outra sala, e não ouvimos mais coisa alguma. Por certo não íamos arriscar nossas orelhas, aventurando-nos mais e sendo apanhadas. O veterinário era criatura MUITO eficiente na limpeza das orelhas!

As malas e volumes já haviam sido despachados, para serem embarcados em navio. Roupas, livros, algum equipamento fotográfico e uma nova máquina de escrever, elétrica, que o Chefe comprara pouco antes de emigrar. Agora, a bagagem que íamos levar conosco estava empilhada na sala de entrada. Não era muito, pois não se podia levar muita coisa pelo ar. Miss Ku'ei e eu apanhamos nossa própria Lata de Toalete pessoal, bem como um vasto suprimento de Musgo de Turfa (que usávamos em lugar de terra) e uma quantidade reconfortante de comida. NÓS não íamos passar fome! O Chefe estava sentado, conversando com a Sra. O'Grady. O Sr. Loftus apresentava-se lá fora, parecendo muito pálido e preocupado. Devagar, Miss Ku'ei e eu caminhávamos pela casa que logo

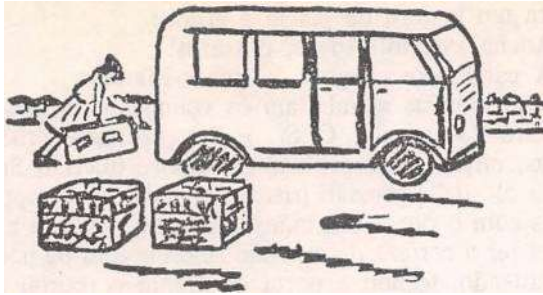
deixaríamos, despedindo-nos dos móveis amados. Miss Ku'ei saltou para um peitoril de janela e gritou:

— Adeus, coelho! Adeus, pássaros!

— A camionete chegou! — disse Mamãe.

Mãos prestativas apanharam os volumes e os puseram na parte traseira do veículo. O Sr. e Sra. O'Grady procuravam, com piadas, aliviar a despedida. O velho e querido Sr- Loftus

permanecia ali, de expressão triste, enxugando sub-repticiamente os olhos com o dorso das mãos. Devagar, o Chefe examinou a casa para ter a certeza de que não se esquecera de nada, e em seguida, fatigado, fechou a porta da frente e retirou a chave, entregando-a ao Sr. O'Grady para que a mandasse ao Procurador, que ia providenciar a venda da casa. Apertando as mãos dos O'Grady e do sr. Loftus mais uma vez, ele se voltou e embarcou na camionete. A porta bateu. Devagar, o veículo desceu o morro, afastando-se da presença física dos melhores amigos que tínhamos no mundo. Deixamos para trás a curva do caminho e partimos para uma vida nova.



CAPÍTULO 6

A camionete seguiu pela estrada do porto, passou sob a velha ponte de bondes elétricos, adquiriu maior velocidade e logo deixávamos para trás o Castelo de Howth. Guardávamos silêncio, o Chefe cansado e abatido, a olhar para a terra 'que amava e que relutava tanto em deixar. “Se, ao menos, aquela gente dos impostos não fosse tão voraz!”, eu pensava. Sentadas ao lado dele, mantínhamos silêncio de solidariedade. Em Sutton, todos olhamos para a esquerda, a fim de apresentarmos nossa despedida silenciosa a outro amigo, o Dr. Chapman. E prosseguimos para Dublin, sentindo o cheiro dos sargaços vindo da boca do rio Liffey e com as gaviotas e entoarem uma despedida triste, em sua revoada.

Miss Ku'ei sentava-se na parte traseira de uma prateleira de bagagem, de onde podia olhar para fora:

— Escute bem isto, Fif — disse-me, sentada ao lado do Chefe. — Vou contar para você as coisas que nunca viu. Isto é Clontars, estamos passando exatamente pelos Jardins.

Era pouca a conversa na camionete e ninguém falava, com exceção de Miss Ku'ei. Eu passara seis meses celestiais na Irlanda, seis meses nos quais compreendera que era querida, que era “de casa”. Agora, estávamos de partida, seguindo para o quê? O veículo continuava sua marcha, sem solavancos, pois o povo da Irlanda é muito cortês e sempre respeita os direitos das demais pessoas.

A essa altura, o tráfego se tornava mais intenso. Às vezes, parávamos, quando os sinais estavam fechados. De repente, Miss

Ku'ei disse:

— Estamos passando pelo Colégio da Trindade, Fif. Diga adeus a ele.

O Colégio da Trindade! Bem em frente ficava a agência de viagens, que fizera todos os preparativos. Eu desejei poder parar ali, mandar cancelar tudo. O Chefe estendeu a mão e me esfregou sob o queixo, puxando-me mais para si. O tráfego voltava a escassear, quando chegamos aos arrabaldes da cidade. O motorista imprimiu mais velocidade ao veículo.

— Nós vamos para Limerick, Fif — disse Miss Ku'ei.

Em seguida, começou a cantarolar uma canção, que dizia:

“Havia uma gatinha em Kildare, que usava flores nos cabelos. ...”

— Cale-se Ku'ei! — disse o Chefe. — Como é possível pensar, quando você começa a gemer desse modo?

Por algum tempo, tudo foi silêncio, mas Miss Ku'ei jamais silenciou por períodos longos. Sentada, fazia um relato completo das coisas de interesse e que, a seu ver, eu devia conhecer. Sou velha, e levei uma vida difícil. Sem visão, tudo piora. A jornada me cansou, de modo que dormi por algum tempo-

De repente, percebi um movimento diferente e logo me sentei. Onde estávamos? Por quanto tempo eu dormira? O que acontecia? O veículo se detivera.

— Tudo bem, Fif — disse o Chefe. — Paramos apenas para tomar chá.

— Estamos a meio caminho para Shannon — disse o motorista. — Sempre paro aqui, porque servem chá muito bom.

— Vocês duas, entram — disse o Chefe. — As gatas e eu ficaremos aqui.

— Está bem — disse Mamãe. — Eu trarei chá para você. Ku'ei e Fif podem tomar o delas ao mesmo tempo.

Saiu, com Botão de Ouro, e eu lhes ouvia os passos. O estalido de uma porta, e elas estavam dentro de uma loja.

— Cidade de mercado, — comentou Miss Ku'ei. — Há muitos carros estacionados. Lugarzinho bonito. As pessoas

parecem amigas. Há uma velha sorrindo para você, Fif, sorria para ela também. Ela é cega! — gritou, falando com a mulher velha. — Não pode vê-la, fale comigo!

— Ah! Sim — disse a mulher velha, aproximando o rosto da vidraça. — São criaturinhas muito bonitas essas aí. Eu estava falando com a pequenina. Que bichos bonitos há hoje em dia— Ora, venha, Mãe! A senhora precisa apanhar o chá do Pai, ou ele se arranca para a casa dos O'Shaughnesseys.

— Ah! Ah! Tem razão, eu preciso ir, — disse a velha, ao se

afastar.

— Gostei do xale dela, — disse Miss Ku'ei. — Dava uma boa colcha.

Mamãe w.io, trazendo comida e algo de beber para o Chefe. Deu-nos nosso chá, também, mas estávamos superexcitadas para comer muito.

— O que vai comer, Chefe? — perguntei.

— Pão, manteiga e uma chávena de chá — respondeu ele.

Senti-me melhor em saber que ele comia, ainda que fosse um pouco, de modo que fui mordiscar o meu próprio bolo, mas como PODE uma gata comer, quando está tão agitada? Pensei nas viagens que fizera antes, aos solavancos em algum automóvel disparado pela esórada, ou dopada e semi-sufocada em uma caixa de madeira, quase sem ar. AGORA ia viajar de primeira classe e não me separaria de minha família. Instalei-me diante do Chefe, ronronando um pouco.

— A velha Fif está agüentando bem — comentou ele, falando com Mamãe. — Acho que ela está gostando, mesmo que não o reconheça!

— Diga alguma coisa a meu respeito! — gritou Miss Ku'ei, da parte traseira da camioneta, onde guardava a bagagem e dava instrução o motorista.

— Não sei como faríamos, sem ter a Ku'ei para cuidar de nós e manter-nos em ordem, — disse o Chefe, enquanto me torcia a orelha. — Miss Ku'ei faz mais movimento do que todos os gatos de Kilkenny — aduziu.

O veículo prosseguia, devorando os quilômetros, afastando-nos de todos que amávamos e conhecíamos, levando-nos a — o quê? Deixamos o Condado de Tipperary, e entramos no de Limerick. A essa altura, a escuridão da noite já chegara, e era preciso seguir mais devagar. A viagem era longa, muito longa, e eu me perguntava a mim mesma se o Chefe a suportaria. Miss Ku'ei disse que ele se tornava cada vez mais pálido, à medida que cobríamos aquela distância. O tempo não representava mais coisa alguma, horas e minutos escoavam como se estivéssemos vivendo pela eternidade- O zumbido da camioneta, o chiar dos pneumáticos, a estrada que corria para nós, passando por baixo e desaparecendo no nada, tudo isso levava a próprio Miss Ku'ei ao silêncio. Não havia mais conversa alguma, apenas os sons do veículo e da noite. O tempo parecia parar, enquanto os quilômetros percorridos desapareciam no anonimato da escuridão.

Miss Ku'ei pôs-se em pé com um salto, despertando de sono profundo e passando à alerteza completa, no mesmo instante.

— Fif! — chamou. — Você está acordada?

— Sim, Miss Ku'ei — respondi.

— Os deuses da luz estão varrendo o céu, espanando as nuvens para os aeroplanos, — exclamou ela. — Devemos estar perto de Shannon, já devemos estar chegando.

A camioneta prosseguia em sua marcha, mas já se formara um ar de expectativa. A família sentava-se ereta e observava as coisas. O motorista disse:

— Cinco minutos mais. Querem seguir pela entrada principal? Vão voar esta noite?

— Não, — disse Mamãe: — Vamos descansar aqui esta noite, amanhã o dia todo, e partiremos à noite para Nova York.

— Nesse caso, vão querer o motel — disse o motorista. — O lugar é muito bom.

Dirigiu um pouco mais à frente, fez uma volta fechada e percorreu talvez meio quilômetro, na estrada do aeroporto, antes de se deter diante de um edifício à direita. Desembarcando, entrou no mesmo.

— Não! — disse, quando voltou à camioneta. — Vocês não têm reservas aqui, terão de ir para o outro, próximo ao salão de entrada. Eu sei onde fica.

Houve mais algumas centenas de metros em viagem na camioneta, e chegamos a outro edifício. O motorista verificou que finalmente havíamos chegado ao lugar certo. A bagagem foi desembarcada, ou as coisas que queríamos em nossa companhia no pernoite, enquanto as maiores eram levadas diretamente ao aeroporto.

— Eu quero ir à sala das damas! — gritou Miss Ku'ei.

— Pois aqui está — disse Mamãe, mostrando-lhe a lata especial que colocara no banheiro.

Erguendo-me com gentileza, levou-me ao banheiro e deixou-me procurar minha lata. Em seguida, quando partimos para o quarto de dormir, já estávamos com disposição muito melhor. Como de costume, a família tinha um quarto para cada pessoa. Eu dormi com o Chefe, Miss Ku'ei com Mamãe, e a pobre Botão de Ouro teve de dormir sozinha. Miss Ku'ei e eu trabalhamos muito, nessa ocasião, investigando tudo e vendo se encontrávamos todos os caminhos de fuga e a localização exata das instalações necessárias. Depois disso, dedicamo-nos ao jantar.

Não se' deve mexer com gato algum, até que o mesmo tenha a oportunidade de investigar a peça onde se encontra. Os gatos precisam SEMPRE conhecer com exatidão onde se acham as coisas. Nossa visão é muito diferente da visão humana e na maioria das vezes vemos em duas dimensões, ao invés de três.

Podemos “fazer parar” movimento que causaria perplexidade a um ser humano; podemos alterar nossos olhos de modo a ampliar um objeto que vejamos, de maneira muito semelhante àquela pelo qual um ser humano faz quando usa para esse fim uma lente de aumento. Podemos alterar nossa visão de modo a vermos claramente através de grande distância, ou podemos ver as coisas a poucos centímetros do focinho. O vermelho é cor além de nosso alcance, parecendo prateado. A luz azul, para nós, é tão brilhante quanto a do sol. A linha mais fina que se possa traçar no papel é inteiramente clara para nós, bem como o menor dos insetos que exista. Nossos olhos não são compreendidos pelos seres humanos, porém temos neles instrumentos maravilhosos que nos capacitam a ver até com a luz infravermelha. Não os meus olhos, porém, pois sou cega. Os meus, ao que dizem, parecem ser perfeitos, são de um azul-miosótis, e estão sempre arregalados, mas nada vêem.

— Dormimos toda aquela noite, sem nos preocuparmos com o rugir dos motores de aviões que pousavam, decolavam outra vez e partiam por cima do oceano. Na manhã seguinte, Mamãe e Botão de Ouro saíram e trouxeram o desjejum para todos nós. Ficamos por ali à toa, Miss Ku’ei sentada a uma janela e admirando os vestidos das mulheres que passavam de um para outro lado no aeroporto. O chefe vestiu-se e nos levou para brincar na grama fora do edifício. Tive o cuidado de ficar ao alcance de suas mãos, pois não ia arriscar-me a perder-me, a essa altura!

— Fifi! — disse Miss Ku’ei. — É este o aeroporto a que você chegou, quando veio da França?

— Sim, Miss Ku’ei — respondi —, mas eu vim pela entrada de bagagem, não passei momentos tão felizes quanto estes, naquela ocasião. Daqui, voamos para o aeroporto de Dublin, mas eu estava inconsciente, naturalmente.

— Está bem, gata velha — disse Miss Ku’ei. — Vou ficar de olho em você, para que faça o que é certo. Eu sou muito traquejada nestas coisas.

— Obrigada, Miss Ku’ei, — respondi. — Ficarei reconhecidíssima por sua orientação.

Chegou a hora do almoço e Mamãe chamou-nos porque tínhamos de comer e descansar em seguida. Terminada a refeição, todos nos deitamos, Miss Ku’ei e Mamãe, Botão de Ouro sozinha, e o Chefe comigo. Descansamos bastante, porque não sabíamos como dormiríamos no aeroplano. Fui despertada pelo Chefe, que me afagava e dizia:

— Fif, você é uma dorminhoca, você e Ku’ei tratem de andar por aí e criar apetite para o chá.

— Venha, Fif! — chamou Miss Ku'ei. — Ainda não exploramos o corredor, e não há pessoa alguma por lá, agora. VENHA !

Saltei da cama, esfreguei a orelha por momentos, enquanto pensava no rumo a tomar, e logo as mãos do Chefe vieram guiar-me para a porta aberta. Miss Ku'ei seguiu à frente, e nós levamos nossas investigações científicas do corredor a cabo, analisando as pessoas que haviam passado por ali.

— Vamos para o funcionário da recepção — disse Miss Ku'ei. — Lá, poderemos exhibir-nos.

Muitas pessoas ainda não viram os gatos siameses, e tenho de reconhecer, correndo o risco de parecer pouco modesta, que causamos uma sensação. Fiquei lisonjeada além de qualquer medida, quando as pessoas julgaram que eu era a mãe de Miss Ku'ei! Demos algumas voltas pela sala de recepção, e voltamos a nossos quartos, para dormir mais.

As luzes em todo o aeroporto cintilavam de leve, quando nos levantamos outra vez e jantamos. A escuridão se aprofundava, transformando-se em noite. Devagar, recolhemos nossos pertences, fomos para a noite cálida da Irlanda e seguimos pela estrada para o aeroporto. Homens tomaram nossa bagagem

e a apresentaram para a inspeção da Alfândega. O Chefe sempre teve as mais bondosas palavras para os agentes alfandegários irlandeses, com os quais NUNCA houve qualquer problema. Nossa única dificuldade com os funcionários irlandeses provinha dos agentes fiscais, cuja ganância nos expulsava do país.

Um elemento muito cortês da Swissair adiantou-se, cumprimentando-nos e teve uma palavra com Miss Ku'ei e comigo.

— A companhia gostaria de tê-los como hóspedes para o jantar, — disse, educadamente, para a família— Não, obrigado — respondeu o Chefe. — Nós já jantamos e não deixaríamos as gatas nem mesmo por esse período.

O homem disse que o avisássemos, se houvesse algo que ele pudesse fazer por nós, e depois se afastou, deixando-nos sozinhos. Mamãe disse:

— Devemos dar os tranqüilizantes às gatas?

— Ainda não — disse o Chefe —, e eu não vou dar tranqüilizante algum a Fif, que está sempre sossegada. Quando à Ku'ei, veremos, quando embarcarmos.

Sendo cega, encontro grande dificuldade quando procuro descrever a seqüência seguinte dos acontecimentos. Miss Ku'ei, depois de muita persuasão e com grande contrariedade, concordou

em escrever as páginas seguintes...

Pois bem, ali estávamos, sentados como um amontoado de patetas, no salão principal do Aeroporto de Shannon. Havia muita gente sentada, também, como galinhas chocas. As crianças berravam, cheias de mau humor, fazendo minha cabeça doer com a barulheira. Alguns ianques se achavam sentados a um canto, parecendo um grupo de patos empalhados. Julgavam-se grandes sujeitos, porque tinham malas com rótulos de CD com o destino de Paris — de onde a gata velha veio. O relógio do aeroporto estava enferrujado, ou coisa parecida, porque o tempo corria muito devagar. Finalmente, um certo camarada de uniforme azul, com muitos ornamentos de latão, veio ter conosco e quase beijou a poeira do chão, ao nos dizer que o vôo da Swissair, de Shannon para o Aeroporto Internacional de Nova York estava pronto. Achei aquilo uma tolice, porque não podia ser um “vôo”, se ainda estava no chão. Ele quis apanhar minha cesta, mas o Chefe e Mamãe não admitiam isso. O Chefe suspendeu a cesta da gata velha e Mamãe apanhou a destinada a mim. Botão de Ouro — só Deus sabe o que ela agarrou, porque eu estava ocupada demais para ver.

E nós saímos, como um grupo de colegiais em passeio de domingo, atravessando o salão principal e chegando à escuridão que não existia mais. Teria existido, mas toda as luzes em Shannon pareciam acesas- Na pista, havia todos os tipos de luzes coloridas. Outras oscilavam, como dedos no céu. Depois, olhei para a frente e vi o avião. Puxa! Era grande, maior do que qualquer outra coisa que houvéssemos visto no Aeroporto de Dublin. A mim, pareceu tão grande quanto a cidade de Howth sobre rodas. Nós seguimos, aproximando-nos cada vez mais daquele aeroplano, enquanto ele se tornava cada vez maior. Na extremidade da frente, havia uma coisa parecida com escada, com paredes laterais, de modo que os homens no chão não pudessem ver o que nós, os gatos, sempre vemos. As gatas, é o que quero dizer.

O Velho, carregando a gata velha, subiu devagar por aquela escada, ou que nome tenha. Um comissário bem nutrido (puxa! aposto que comia muito bem!) fez uma mesura tão profunda que quase rangeu. Uma aeromoça ainda mais bem nutrida, vestida de azul-marinho e de gola branca, cumprimentou-nos. Não fez mesura, pois a cinta a impedia. Todas as aeromoças usam cintas, e sei disso ccm base em um livro que o Chefe escreveu há pouco tempo. De qualquer forma, eles nos fizeram embarcar no compartimento de primeira classe e foram buscar os passageiros de pão com manteiga, que ficaram alojados no lugar de onde vinha o barulho.

Uma coisinha apareceu, para avisar que não devíamos fumar

(e quem já ouviu falar em gata fumando, afinal?) e que tínhamos de afivelar os cintos de segurança, o que fizemos. O Chefe segurou a cesta, como se ela fosse preciosa. Mamãe segurou a minha, sabendo que eu realmente era preciosa. Uma grande porta de metal bateu com estrondo, e todo o avião se sacudiu, como se fosse cair aos pedaços- Não aconteceu isso, entretanto, e devagar nós passamos por uma série de luzes. Muita gente, lá fora, acenava. Vimos que tinham as bocas abertas, estavam gritando. Pareciam alguns peixes que havíamos tiüo em um tanque, algum tempo antes. Nós prosseguimos, fazendo um ruído horrível, e quando achei que já tínhamos chegado à América a coisa toda se revirou, quase me atirando para o lado, e o barulho aumentou. Gritei para que o piloto parasse com aquilo, mas ele não me ouviu, devido ao barulho que estava fazendo. Houve uma sensação repentina de velocidade violenta, tão repentina que quase misturou o meu almoço com o jantar, e estávamos no ar. O piloto devia ser criatura inexperiente, porque fez o aeroplano virar-se para o lado, e assim executou um círculo ao redor do Aeroporto, para ter a certeza de que realmente decolara. Vi luzes diante de mim, centenas delas, e depois muita água brilhando ao luar.

— Êi! — gritei para ele. — Aquilo lá embaixo é água, nós vamo-nos afogar se cairmos!

Ele deve ter ouvido, porque pôs o avião em posição correta e o embicou na direção da América.

Subimos mais e mais, passando por nuvens espelhadas e cor de prata, no luar, e não paramos de subir. Adquiríamos velocidade cada vez mais acentuada e altitude maior, e quando espiei pela janela vi chamas aparecendo por baixo das asas. “Céus!” disse a mim mesma. “Agora, como não conseguiram afogar-nos, vão fritar-nos!” Chamei o Chefe, e ele me disse que tudo estava certo, tudo estava *okay* (a palavra usada pelos americanos para dizerem que tudo está certo) e que eu não me devia preocupar. Olhei mais um pouco, e vi alguns canos no motor, que de tão quentes estavam brancos. Achei que também ficara daquela cor, e o piloto deve ter percebido meus pensamentos, porque falou do teto, e em sua explicação disse que não nos preocupássemos, pois sempre subíamos em chamas, enquanto ganhávamos altitude.

A aeromoça gorda apareceu, e não sei o que ela disse, porque fiquei muito alarmada com os rangidos, quando ela se inclinou. “As roupas dela vão estourar”, estava pensando. Um par de ianques bobos andava pelo compartimento de primeira. A não ser por eles, aqueles gorduchos, estávamos sozinhos. Subimos a uns trinta mil pés de altura, mais ou menos, creio que chegamos bem perto do Céu, e ali o aeroplano nivelou o vôo, enquanto passávamos a

navegar em meio às estrelas.

— Vou dar um tablete a Ku'ei — disse Mamãe, enfiando uma substância horrível em minha boca, antes que eu ou o velho pudessemos objetar.

Pisquei e engoli. Por momentos, nada aconteceu, mas depois senti uma leveza deliciosa a apoderar-se de mim. Era irresistível a vontade de cantar. Ora! Eu estava bêbada, sem dúvida! Os velhos ficavam cada vez mais furiosos, à medida que eu me tornava mais e mais feliz.

Uma nota especial para os amigos dos gatos. O velho fez indagação no Jardim Zoológico de Detroit, mais tarde, e descobriu que os gatos não são tranqüilizados pelos tranqüilizantes.

TAIS SUBSTANCIAS SERVEM APENAS PARA NOS EMBRIAGAR! O camarada do Jardim Zoológico de Detroit disse que passara o mesmo que o chefe, com um gato bêbado. Bem, a coisa foi divertida enquanto durou. Agora, acho que já cumpri minha tarefa e vou entregá-la à gata velha, porque foi ela quem começou, a criança é dela.

O aeroplano prosseguia zumbindo, percorrendo centenas de quilômetros por hora. As luzes haviam sido reduzidas e finalmente substituídas por uma luz débil. Miss Ku'ei achava-se deitada em sua cesta, rindo baixinho para si própria. Risadinha após risadinha escapava-lhe da boca. Finalmente, não pude mais agüentar, a curiosidade sobrepujou os bons modos.

— Miss Ku'ei — perguntei, baixinho, para não perturbar os outros —, de que está rindo?

— Hem? Eu, rindo? Oh, sim, ha! ha! ha!

Tive de rir para mim mesma, porque Miss Ku'ei estava realmente “acesa”, como dizem os seres humanos— Apenas em uma ocasião anterior eu vira um gato em tal estado e fora um macho que costumava ir a uma adega de vinho, onde bebia os restos ali encontrados. Agora, Miss Ku'ei estava do mesmo modo.

— Fif! — disse ela, em meio a risadinhas. — É bom demais para que eu não conte, Fif, você está ouvindo? FIF!

— Sim, Miss Ku'ei — respondi. — Estou ouvindo e gostaria muito de ouvir o que tem a dizer.

— Bem — disse ela, iniciando —, aconteceu pouco antes de você chegar a Howth. O Chefe é sacerdote budista, ou Lama, você sabe. Ele estava sentado em uma pedra, ao lado da água, certo dia, e um jovem monge católico que se achava em passeio, com toda uma turma de colegas, veio sentar-se ao lado dele. “Meu filho” disse o monge (o Chefe tinha idade bastante para ser avô deles!). “Meu filho, você não esteve na Missa hoje”. “Não, Padre”, disse o Chefe, educadamente, “não estive”. “Você deve ir

à missa, meu filho”, disse o jovem monge. “Prometa que irá hoje!” “Não, Padre”, respondeu o Chefe, “não posso prometer-lhe isso”. “Nesse caso, você não é um bom cristão, meu filho”, respondeu zangado o monge jovem. “Não, Padre”, respondeu o Chefe, com suavidade, “sou um sacerdote budista, na verdade, um abade!”

Miss Ku’ei deteve-se por momentos, e prorrompeu numa risada sem fim.

— Fif — disse, finalmente. — Fif, você devia ter visto aquele monge jovem, correndo como se tivesse com o demônio nos calcanhares!

Finalmente, a própria Miss Ku’ei se cansou de falar, de rir, e adormeceu. Refestelei-me na minha cesta, e o Chefe pôs a mão na mesma, esfregando-me o queixo- Ronronando, eu também adormeci.

O Chefe estava doente, quando acordei, e o comissário se inclinava sobre ele, dando-lhe alguma droga. O Chefe é idoso e já passou por muitas vicissitudes e doenças; no aeroplano, teve um ataque do coração e eu realmente não contava que ele sobrevivesse à viagem. No entanto, ele me dissera, antes de partirmos: “Se você agüenta, Fif, eu também posso agüentar a viagem! Vamos ver quem ganha!” Eu tinha um sentimento todo especial pelo Chefe, sentimento muito especial mesmo, porque ele e eu sabemos falar um com o outro, com a mesma facilidade que existe na conversa entre Miss Ku’ei e mim.

— PU-XA — disse Miss Ku’ei, em tom pesaroso. — Eu devo ter bebido bastante! Bem queria dar ao velho veterinário um tranquilizante como aquele, para ele saber do que se trata. O que é que os veterinários humanos sabem sobre os gatos, afinal de contas?

— Que horas são, por favor, Miss Ku’ei? — perguntei.

— Horas? Hem? Oh! Não sei, estou confusa demais para saber. De qualquer modo, a luz azul já foi apagada, e eles acenderam todas as outras. Logo será hora de comer para eles.

Percebi o bater de pratos e os ruídos baixos que as pessoas fazem quando estão despertando. Eu me tornara quase acostumada à cegueira, mas era realmente frustrante não saber o que se passava, não poder ver o que acontecia. A mão do Chefe veio acariciar-me.

— Gata velha e boba — disse ele. — Com que se está preocupando agora? Acorde, é hora do desjejum, e logo estaremos pousando.

Uma voz no teto se fez ouvir, dizendo:

— Amarrem os cintos de segurança, por favor, estamos pousando no Aeroporto Internacional de Nova York.

Ouvi o tinar de metal, e em seguida o Chefe segurou minha cesta com firmeza. O nariz do aeroplano baixou, e os motores mudaram de zunido. Houve uma sensação de flutuação, e os motores entraram a trabalhar a toda força. Uma batida, o chiar de pneumáticos. Outra pequena batida e o aeroplano deslizava pela pista.

— Fiquem em seus lugares, por favor — disse a aeromoça.
— Esperem até que o avião faça uma parada final.

E assim rolamos pelo chão, com o gemido ocasional de freios, enquanto o piloto guiava a aeronave e verificava a nossa velocidade. Um empuxo final, e paramos. Os motores reduziram a marcha, pararam também. Por momentos, ouviu-se apenas o som de pessoas que respiravam. Depois, uma batida forte veio de fora, acompanhada pela raspagem de metal em metal. Uma porta se abriu com clangor e uma lufada de ar gelado entrou no avião.

— Adeus, — disse o comissário —, voltem a voar conosco!

— Adeus — disse a aeromoça —, esperamos revê-los!

Descemos pela rampa de aterragem, com o Chefe carregando a mim, Mamãe carregando Miss Ku'ei e Botão de Ouro fechando a retaguarda. O frio era intenso, e eu não conseguia compreender.

— Brrr! — disse Miss Ku'ei, contrariada. — Uma ressaca de... e agora essa neve...!

A família seguiu apressadamente, de modo que não ficássemos no frio um instante mais do que o necessário. Assim é que entramos em um salão. Miss Ku'ei, que sabe tudo, declarou tratar-se do Salão de Imigração e Alfândega, o maior edifício do mundo, nesse particular. O Chefe apresentou todos os nossos documentos, e passamos pela Imigração, seguindo para a Alfândega.

— O que têm? — perguntou uma voz de homem.

— Nada a declarar, — disse o Chefe. — Estamos em trânsito para o Canadá.

— O que é isso, gatos? — perguntou o homem da Alfândega.

— Ahhh! — disse uma funcionária da Alfândega, com um suspiro extasiado- — Eu já as vi antes. SÃO LINDAS!

Nós passamos adiante e pela diferença no olfato eu sabia que um homem de cor estava carregando nossas malas, mas o Chefe e Mamãe ainda continuavam a carregar-me e a Miss Ku'ei. No salão principal de entrada, o Chefe sentou-se, porque estava muito doente, e Mamãe foi falar com os funcio-

nários da linha aérea americana que nos iam transportar para Detroit. Demorou bastante e ao voltar tinha de irritação.

— Eles romperam o contrato! — declarou. — Não admitem as gatas no compartimento de passageiros, dizem que elas terão de ser postas no compartimento de bagagem, de acordo com as leis e regulamentos. Disseram que os agentes de Shannon cometeram algum engano.

De repente, eu me senti de acordo com minha idade, muito velha. Não me achava CAPAZ de sobreviver no compartimento de bagagem; já sofrera demais em compartimentos assim e me horrorizava a idéia de que ALGUÉM contasse que Miss Ku'ei suportaria aquilo. O Chefe disse:

— Se as gatas não podem ir... nós também não iremos! Volte e diga a eles que faremos o maior protesto de todos os tempos, exigiremos nosso dinheiro de volta, porque eles concordaram em levar as gatas conosco, se pagássemos antecipadamente.

Mamãe saiu de novo, e ficamos todos de novo à sua espera. Depois de algum tempo, ela regressou e disse:

— Eu lhes disse que você está doente. Vão mandar-nos para La Guardia, num automóvel especial. Sugerem que fiquemos no grande motel de lá, enquanto vemos se a linha aérea muda de opinião.

Logo estávamos em um automóvel imenso, um Cadillac que tinha até ar condicionado.

— Puxa! — disse Botão de Ouro, enquanto seguíamos em meio ao tráfego intenso da Estrada de Nova York. — Eu não gostaria de dirigir um carro aqui!

— Tudo irá bem, se ficarmos em nossa própria pista, Madame —• disse o motorista.

Vinte minutos depois, chegamos ao que Miss Ku'ei me disse ser o maior motel que ela já vira. Entramos todos.

— Vocês objetam a ter gatas siamesas aqui? — perguntou o Chefe— Ora, elas são bem-vindas! — disse o homem da Mesa de Recepção, olhando bem para nós. — Tenha a certeza de que elas são MUITO bem-vindas — repetiu, enquanto nos designava os quartos.

Pareceu-nos que caminhamos QUILÔMETROS naqueles corredores, até chegarmos aos quartos.

— O reservado das damas, DEPRESSA! — gritou Miss Ku'ei.

Eu ouvi esse pedido com satisfação. O que era nCPessá- rio apareceu logo, e de muito serviu para nosso reconforto e paz de espírito.

—• Comida, — disse Mamãe.

— Trate das gatas primeiro, — respondeu o Chefe.

Nossa rotina fora muito modificada, mas achamos que isso não fazia mal. Andamos por ali, espiando os três aposentos com os quais havíamos ficado, e investigando o corredor com muita cautela.

— Estou vendo o Aeroporto — disse Miss Ku'ei. — Deve ser o Aeroporto de La Guardia.

Mamãe pôs-se em pé.

— Bem! — disse. — Vou àquela linha aérea, para ver o que pode ser feito.

A porta se fechou, após sua passagem, e Miss Ku'ei e eu nos refestelamos para vigiar o Chefe. A jornada fora demais para seu coração e ele se estendera sobre a cama. Botão de Ouro entrou, perguntando:

— Como iremos a Windsor, se a linha aérea não nos leva?

— Não sei, talvez por trem — disse o Chefe. — Podíamos ficar com uma cabina especial num trem, e as gatas ficariam conosco — aduziu-

Eu dormitava, quando Mamãe voltou.

— Eles não nos levarão, a menos que as gatas sigam no compartimento de bagagem — anunciou.

— NÃO! — respondeu o Chefe. — Descobriremos outro modo.

Por bastante tempo, reinou o silêncio. Miss Ku'ei e eu, sentadas juntas, receávamos ter de seguir no compartimento de bagagem; afinal de contas, não poderíamos permanecer por muito tempo no motel, pois os preços eram fantásticos.

— Eles só puderam sugerir um táxi aéreo — disse Mamãe.

— Bem — respondeu o Chefe —, receberemos nossas passagens de La Guardia para Detroit, já que a linha aérea quebrou seu contrato. Isso reduzirá o custo. Eles disseram o que custará, para levar-nos de avião daqui ao Canadá?

Mamãe lhe disse o que eles calculavam, e o Chefe quase teve um colapso, diante do choque. O mesmo aconteceu com Miss Ku'ei e comigo. Em seguida, ele disse:

— Contrate o avião para amanhã cedo, mas deve ser grande o bastante para que as gatas sigam conosco.

Mamãe assentiu e saiu mais uma vez.

Miss Ku'ei e eu fizemos exercício, correndo pelos aposentos. Como se tratava de peças para nós desconhecidas, ela me disse onde tudo se achava, e corria à minha frente. Eu a seguia de perto, e conseguimos divertir-nos bastante e entreter o Chefe ao mesmo tempo, pois ele gostava muito de nos ver brincando e dando saltos

no ar. Quando estávamos cansadas, Miss Ku'ei levou-me a uma janela e me falou sobre as torres altas de Manhattan, entre as quais o Chefe já vivera e trabalhara, alguns anos antes.

Mamãe voltou e disse que tudo estava acertado, e que estaríamos em Windsor, no Canadá, no dia seguinte àquela mesma hora. Depois, instalamo-nos para o chá, após o que nos sentamos e ficamos a pensar sobre a terra nova para a qual seguíamos. A escuridão veio cedo e fomos todos deitar-nos para descansar o mais que podíamos; a viagem iniciada em Ralph fora mais cansativa do que havíamos esperado. Estávamos em um motel bastante agradável, porém muito caro devido a ficar tão próximo do Aeroporto de Nova York, mas o Chefe jamais teria agüentado a viagem sem um descanso. De manhã, fizemos o desjejum e nos despedimos do homem na Mesa de Recepção. Ele gostara bastante de Miss Ku'ei e de mim, e ela declarou que isso demonstrava ser ele uma criatura com a cabeça no lugar. Devido ao fato de o Chefe estar doente, e por causa de nossa bagagem, um automóvel fornecido pelo motel nos levou pela estrada, ao escritório da companhia de táxis aéreos. Um homem de cor, muito agradável, dirigiu o veículo e enfrentou dificuldades consideráveis para ter a certeza de que alcançaríamos o escritório certo.

— Vou esperá aqui, sinhô, — disse ao Chefe — até eu vê que vocês está tudo pronto.

Entramos e, de início, ninguém parecia saber coisa alguma a nosso respeito. Depois, uma luz fraca pareceu brilhar no cérebro de um dos homens, que estendeu a mão para um telefone.

— Sim! Sim! — disse. — O piloto está vindo para cá, neste momento. Podem esperar ali.

Esperamos bastante. Afinal, um homem irrompeu pela porta e perguntou:

— São vocês que vão para o Canadá?

Dissemos que sim, Miss Ku'ei e eu aduzindo nossas vozes para dar mais ênfase à resposta.

— *O-kay* — disse ele. — Vamos embarcar a bagagem de vocês. E essas gatas aí?

— ELAS IRÃO NO AEROPLANO CONOSCO! — disse o Chefe, com muita firmeza.

— *O-kay!* — disse o piloto. — As duas damas têm de sentar lá atrás, com uma cesta nos joelhos.

Segui à frente, caminhando para o aeroplano.

— Pu-xaü — exclamou Miss Ku'ei, em voz temerosa. — Isso não passa de um brinquedo de...! Dois motores, três lugares mais o piloto, quatro ao todo. E o trem de aterragem. .. Pu-xa! —

exclamou, com fervor ainda maior. — Não sei como vamos fazer o Chefe entrar naquele banquinho da frente. Ora essa! — e berrava, agora. — Até o piloto teve de raspar a cabeça, para arranjar mais espaço!

Mamãe e Botão de Ouro embarcaram no avião que, de acordo com Miss Ku'ei, dispunha de quase tanto espaço interior quanto um automóvel pequenino, tendo o suficiente, nos bancos de trás, para duas pessoas médias. Embora Mamãe fosse uma criatura bem acolchoada, Botão de Ouro era esguia de modo que formavam duas pessoas médias. Eu senti que todo o aeroplano estremeceu, quando o Chefe embarcou. Ele pesava mais de cem quilos (pode ter perdido um ou dois durante a viagem) e a aeronave se inclinou um pouco. O piloto devia ser o menor da turma, porque seu peso aparentemente não causou efeito algum. Ele ligou os motores uma após o outro, e os deixou aquecer, soltando então os freios ao percorrer devagar a pista de acesso. Assim prosseguimos por boa distância, alguns quilômetros, indo à extremidade distante do aeroporto. Miss Ku'ei descrevia para mim o que estava acontecendo.

— Caramba! — gritou. — Todos os aeroplanos da América estão decolando daqui, pelo menos um por minuto.

De repente, o piloto pronunciou uma palavra MUITO forte, e fez o aeroplano voltar-se com violência, afastando-se da pista principal.

— O pneu furou! — resmungou ele. — O piloto daquele avião acabou de falar comigo pelo rádio.

Por trás de nós, veio o lamento ensurdecedor de sereias e o estrondo de motores que se aproximavam. Toda uma série de automóveis surgiu na pista, cercando-nos.

— Puxa! — gritou Miss Ku'ei, acima de todo aquele barulho. — Eles chamaram a Guarda Nacional!

Olhou com cautela pelo fundo da janela, as orelhas para baixo, para não ser vista.

— Policiais, muitos policiais lá fora, o corpo de bombeiros, um automóvel cheio de gente do Aeroporto, e um caminhão de socorro. PU-XA!

— Ora, essa! — exclamou o Chefe. — Quanto barulho, por causa de um pobre pneu furado.

Havia homens correndo por toda parte, as sereias emitiam seus últimos gemidos e o ruído de motores de automóveis se misturava com aquele dos aviões que deslizavam na pista antes de decolarem. De repente, batidas fortes e sacudidas se fizeram ouvir e sentir, e o aeroplano foi erguido algumas polegadas acima do chão, para que a roda defeituosa pudesse ser retirada. Os carros

se afastaram em disparada, e o caminhão de reparos fez o mesmo, levando nossa roda defeituosa. Ficamos sentados, aguardando. Esperamos uma, duas horas.

— Se tivéssemos ido para o Canadá A PÉ, já estaríamos lá!
— disse o Chefe, tomado de desgosto.

Com toda a calma, o caminhão regressava pela estrada de serviço, ao lado da pista. Com calma, não, com LANGUIDEZ, os homens saltaram do mesmo e vieram até o nosso aeroplano. Por fim, a roda foi posta novamente no lugar e o caminhão se afastou. O piloto ligou novamente os motores e os deixou aquecer. Falando pelo microfone com a Torre de Controle, disse que estava pronto para decolar. Finalmente deram-lhe permissão, e ele abriu os dois manetes, fazendo o aeroplano deslizar pela pista e alçar-se no ar, devagar. Subindo com lentidão, mantendo-se bem por baixo das rotas aéreas, o piloto colocou a aeronave no rumo correto e levou os manetes para a velocidade de cruzeiro.

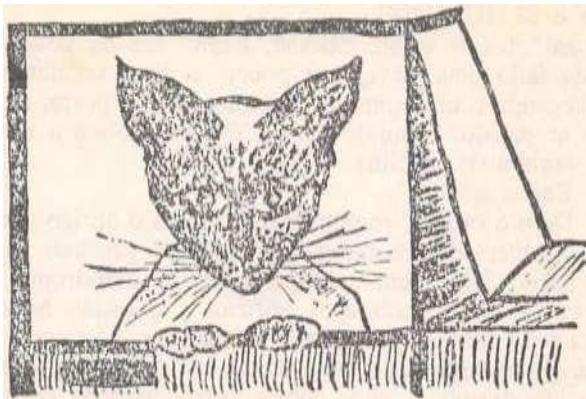
Voamos, voamos, por muito tempo mas não parecíamos estar chegando a lugar algum.

— Qual é nossa velocidade, Miss Ku'ei? — perguntei.

Ela espiou por cima do ombro do piloto.

— Cento e vinte e cinco milhas, altitude de seis mil pés, a bússola norte-oeste — respondeu.

Invejei-lhe o conhecimento, a capacidade de ver. Eu só podia permanecer sentada, dependendo de outros para me dizerem as coisas. Pensava, no entanto, em todos os vãos que eu fizera, trancada em uma caixa e inconsciente. Aquilo era MUITO melhor, eu era tratada com mais atenção do que os seres humanos, pois estava sentada no regaço da Mamãe.



CAPÍTULO 7

—NOK! NOK! — disse Miss Ku'ei, espiando entre os ombros do piloto e do Chefe. — NOK! NOK! NOK! Precisamos de um pára-quadras, Fif. O NÍVEL DE COMBUSTÍVEL ESTÁ BATENDO NO PONTO DE “VAZIO”!

O Chefe voltou-se para o piloto.

— O nível de gasolina está com defeito? — perguntou.

— A gasolina acabou — disse o piloto, de modo casual. — Nós podemos descer em qualquer lugar.

Por baixo de nossas asas pequeninas estendiam-se as pontes cobertas de neve das Montanhas Aegftnis, na Pensylvania. Miss Ku'ci provocava calafrios de pavor em minha espinha, enquanto me falava dos abismos enormes e das arestas de montanhas, agudas com navalhas, que estavam apenas esperando para raspar-nos do céu. O piloto consultou o mapa e fez uma alteração leve em nosso rumo.

— UAI! Miss Ku'ei! — exclamei, apavorada. — Estamos DESCENDO!

— Ora, não se aflija, sua tola — retorquiu Miss Ku'ei, calmamente. — Vamos pousar, apanhar gasolina. Logo à frente existe um pequeno aeródromo- Agora, enfie as garras na cesta e **SEGURE-SE!**

“Bam!” fez o avião. “BAM, bam!” fez de novo. Deslizamos de lado pela neve, um pouco, e logo seguíamos pela pista.

Chegando a uma parada, o piloto abriu a porta, deixando entrar o ar gelado. Saltando para o chão derrubou a uma mulher, na bomba de gasolina:

—• Encha isso!

— Dera a ordem, enquanto corria para o abrigo mais próximo. A mulher se aproximou, pôs bastante gasolina nas asas, sem ao menos olhar em nossa direção. O aeródromo estava envolto em neve, que cobria os edifícios e as pistas. Miss Ku'ei descrevia para mim os numerosos aeroplanos pequenos, presos ao chão, aguardando que seus donos os deixassem voar. Em volta ao aeródromo, a neve cobria as encostas da cordilheira, esperando os incautos. O Chefe saiu para o chão coberto de neve, sem agasalho.

— Tenha cuidado! — gritei para ele. — Vai apanhar um resfriado!

— Não seja tola, Fif — disse Miss Ku'ei. Este tempo gelado é uma onda de calor para aquilo com que o Chefe está acostumado. No Tibete, de onde ele vem, o frio é tão intenso que até as palavras pronunciadas se congelam e caem ao chão!

Os motores voltaram a estrugir, e logo seguíamos pela pista de neve. Não havia qualquer torre de controle, num lugar pequenino como aquele, de modo que o piloto aqueceu os motores, abriu mais os manetes e deslizou pela pista branca. Subindo, fez um círculo ao redor do pequeno aeródromo, até adquirir altura suficiente, e depois partiu por sobre as montanhas na direção de Cleveland. A essa altura, estávamos há tanto tempo com o ruído dos motores do avião nos ouvido* que já não lhe prestávamos atenção.

Proseguimos voando, subindo e descendo com suavidade, de acordo com as correntes de ar, voando sempre para o entardecer que esmaecia. A fumaça de Pittsburgh passou, sob a ponta de nossa asa esquerda, o nevoeiro de Cleveland apresentava-se à frente.

— Vamos passar sobre Cleveland — disse o piloto — e cruzar o Lago Erie partindo de Sandusky. Depois, teremos três ilhas debaixo de nós, caso o motor pife.

O zumbido continuava, os dois motores entoando a mesma canção monótona, o piloto debruçado sobre os controles. Estávamos com os traseiros entorpecidos, por causa de tanto tempo na mesma posição. Remexi-me, sem conforto, quando o aeroplano deu uma virada repentina para a direita.

—Grandes Gatos! — exclamou Miss Ku'ei. — Alguém mexeu no refrigerador e espalhou todos os cubos de gelo! — Disse isso c riu, de modo embaraçado, aduzindo: — Na verdade, não são

cubos de gelo, embora pareça, desta altura. Todo o Lago está congelado e há montanhas de gelo por toda a parte. Daqui, parecem cubos espalhados — acrescentou, encabulada.

Lá embaixo, a neve se aglomerava floco contra floco, e toda extensão de água instantaneamente se congelava. Aquele, ao que dissera o piloto, era um inverno excepcionalmente frio e a previsão falava de frio ainda maior.

— A ilha Pelee — observou o piloto. — Estamos exatamente na metade do Lago. Vamos passar sobre Kingsville, e seguir para Windsor.

O aeroplano se balançava um pouco agora e o ar enregelado criava alguma turbulência. Eu estava cansada e faminta, com a impressão de que viajava pela eternidade. Depois, pensei no Chefe, desesperadamente doente e idoso. ELE estava agüentando, de modo que eu tinha de fazer o mesmo. Arrumei-me melhor, com mais firmeza, e minha disposição aumentou!

— Cinco minutos, e pousaremos no aeroporto de Windsor — avisou o piloto.

— Ohhh! — guinchou Miss Ku'ei, superexcitada. — Já estou vendo os arranha-céus de Detroit!

O aeroplano virou para um lado, dirigindo-se para terra. O rugir dos motores baixou. Houve um ruído suave sobre a pista coberta de neve, e eis-nos pousados no Canadá. O aeroplano seguiu com suavidade pela pista, entrando à direita.

— Para a ESQUERDA! Para a ESQUERDA! — disse o Chefe, que conhecia bem o aeroporto. — Aquele é o aeroporto que não usam mais, será preciso ir para o novo.

Nesse exato instante, os operadores da Torre de Controle falaram com o piloto pelo rádio, confirmando o que o Chefe acabara de dizer-lhe. O piloto acelerou o motor da direita, para fazer o aeroplano voltar-se, seguimos por talvez um quarto de quilômetro, após o que os freios foram aplicados e os motores desligados.

Por momentos, continuamos sentados e parados, tão entorpecidos que não sabíamos se conseguiríamos sair dali. Miss Ku'ei resmungou:

— Tão branco quanto um bolo de Natal. De onde veio toda essa coisa?

O piloto abriu a porta e começou a desembarcar. De repente, com aspereza, uma voz gritou:

— Pra onde vai, gente?

O berro do homem causou-me um choque e fiquei imaginando que tipo de lugar poderia ser aquele. Agora, sei que

todos eles falam desse modo brutalhado, por aqui. O Chefe diz que eles julgam estarem ainda na etapa do Oeste Selvagem, onde a cortesia e a cultura são consideradas “maricagem”.

O Chefe respondeu que éramos imigrantes, e que tínhamos todos os documentos em ordem. O homem berrou outra vez:

— Já passou da hora. A Imigração fechou.

Ato contínuo, voltou-se e entrou no edifício do aeroporto. Devagar, emperrados, desembarcamos do avião e seguimos para uma porta com o letreiro “Alfândega do Canadá”. Passando por ali, chegamos a um salão vazio. Eu sabia que era grande e estava vazio, pelos ecos que vinham de nossas passadas. Prosseguimos andando, até chegarmos a um balcão. O mesmo homem estava na parte interna do mesmo.

— Chegaram tarde demais — declarou. — Não avisaram que vinham. Não há nenhum funcionário de Imigração por aqui, e eu não posso mexer nas coisas de vocês, até que tenham sido aprovados pela Imigração.

— Vocês foram avisados — disse o piloto. — Nós mandamos o aviso de La Guardia, Nova York, ontem. E quanto a mim? Preciso voltar. Vai assinar este papel para mim? É apenas a permissão, dizendo que me apresentei à Alfândega do Canadá.

O homem da Alfândega suspirava tanto que seu uniforme estalava.

— Eu não devia fazer isso — afirmou —, porque vou encerrar o expediente em poucos minutos. Entretanto...

Sua caneta arranhou o papel, o piloto murmurou um “obrigado” e um “adeus, minha gente” para nós, desaparecendo de nossa vida. Os motores de seu avião logo estrugiam a distância, e se tornavam inaudíveis.

Uma porta foi aberta e fechada. Passadas pesadas aproximavam-se, cada vez mais.

— Eh — disse o homem da Alfândega a seu substituto —, esta gente diz que é imigrante. O que vamos fazer? Já passa da hora. .. bem, este é o SEU problema. Meu expediente acabou agora.

Voltou-se, sem dizer mais uma só palavra, saindo dali. O substituto falou, com boa voz irlandesa:

— Podem deixar, eu trato de vocês. Vou pedir que mandem vir do Túnel um funcionário da Imigração.

Voltou-se para um telefone e logo apresentava uma descrição das “dificuldades em que se achava”. Dirigindo-se a nós, disse:

— Aí vem um funcionário. Eu não posso tocar nas coisas de vocês, até que ele os aprove como Imigrantes Desembarcados.

Primeiro a Imigração, depois voltem a mim, na Alfândega. O que têm aí? — perguntou.

— Duas gatas siamesas — respondeu o Chefe —, e aqui estão os documentos provando que têm saúde.

O homem suspirou e voltou-se para o telefone.

— ... sim, duas gatas. Siamesas. Sim, já vi os documentos, sim, apenas achei que você ia querer vê-las. Não? *Okay!*

Voltou a falar conosco.

— As gatas podem passar, sim, porém temos de esperar por causa de vocês.

Miss Ku'ei deu uma risadinha e cochichou para mim:

— NÓS passamos, Fif, mas a família está retida!

Esperamos por muito tempo, tempo que a nosso ver era suficiente para regressar ao lugar de onde tínhamos vindo. O aeroporto apresentava inatividade completa e quase não se ouvia um só ruído. Percebi que o estado de saúde do Chefe piorava. Mamãe andava por ali inquieta, e Botão de Ouro suspirava como se estivesse à beira do esgotamento e do sono. Em algum lugar uma porta bateu com força.

— Ah! — disse o homem da Alfândega —, aí vem ele.

Passadas ecoaram pelos corredores, eram dois homens que vinham. Aproximaram-se mais, chegando até onde estávamos.

— Essa gente diz que é imigrante — disse o homem da Alfândega. — Chamei vocês, porque não posso tocar nas coisas deles, até que vocês tenham aprovado. As gatas já passaram pela Saúde.

O funcionário da Imigração era um velho educado, mas não parecia conhecer o aeroporto, de modo algum, e tampouco a que gabinete dirigir-se; não parava de perguntar as coisas ao homem da alfândega. Afinal, disse:

— Venham por aqui — e foi a uma saleta lateral. — Antes de começarmos, precisamos ter os formulários e outras coisas — resmungou para si mesmo, puxando uma série de gavetas trancadas. — Esperem aqui, — aduziu. — Preciso encontrar algumas chaves.

Saiu, e logo regressava com o homem da Alfândega. Juntos, eles examinaram as gavetas, procurando abri-las, bem como os armários, resmungando ao verificarem que estava tudo fechado. Em seguida, saíram, e nós nos preparamos para outra ^espera prolongada.

— Achei! Achei as chaves — disse o homem da Imigração, em tom triunfal. — AGORA não vai demorar.

Durante alguns minutos, ele experimentou uma chave após outra, tornando-se cada vez mais sombrio. Nenhuma delas servia.

Saiu novamente, para pedir ajuda ao homem da Alfândega. Juntos, eles se adiantaram em direção à mesa encrascada.

— Você levanta — disse o homem da Imigração — e eu puxo para baixo, porque se pudermos enfiar isto na fresta, conseguiremos abri-la.

O som de grunhidos e gemidos quase nos embalou para dormir, mas veio o estilhaçar de madeira, o som de um ou dois parafusos que caíam ao chão, da fechadura esvaçada. Por momentos, ninguém falou, e então o homem da Imigração disse, com voz engasgada:

— Essa mesa de... está vazia!

Ele e o funcionário da Alfândega andaram por ali, mexendo e remexendo, a experimentar as mesas e armários. Muito depois, porém MUITO depois, o homem da Imigração exclamou:

— Ah! ACHEI!

Houve o farfalhar de papéis, imprecações em voz baixa, e alguém disse, em tom abafado:

— Agora, temos os formulários. .. ONDE ESTÃO OS CARIMBOS?

Mais procura, mais palavras murmuradas, mais espera, Miss Ku'ei e eu nos instalamos para dormir, mas fomos despertadas quando percebemos que alguém levantava nossas cestas.

— Agora, voltem à Alfândega, de onde vieram — disse o homem da Imigração.

Nós andamos novamente pelo salão.

— Tudo certo? — perguntou o funcionário da Alfândega, examinando nossos documentos, agora marcados com as palavras “Imigrante Desembarcado”.

Fatigado, o Chefe ergueu os volumes e os colocou sobre o balcão, abrindo-os para o exame. De maneira metódica, o funcionário da Alfândega examinou nossas coisas, nossos pertences.

— Está bem — disse. — Podem ir.

Lá fora do aeroporto a neve era espessa.

— É o inverno mais frio destes últimos tempos — disse um faxineiro do aeroporto.

Com rapidez, nossos volumes foram postos em um automóvel que esperara e Mamãe, Botão de Ouro, Miss Ku'ei e eu entramos na parte traseira. O Chefe sentou-se no banco da frente, com o motorista. Seguimos pela estrada escorregadia- O motorista parecia não ter certeza do rumo a tomar, e não parava de falar consigo próprio:

— Entramos aqui, não, é mais adiante, não, deve ser aqui.

A viagem foi incômoda e muito comprida. A nós, pareceu cobrir distância tão grande quanto a de uma viagem aérea. Dávamos saltos e solavancos em uma estrada muito má, e chegamos com incerteza a uma parada.

— É aqui — disse o motorista. — A casa é esta.

' Desembarcamos, e levamos nossas coisas para dentro. Miss Ku'ei e eu estávamos realmente cansadas demais para efetuarmos qualquer inspeção completa, de modo que seguimos, procurando observar os pontos mais importantes. O Chefe suspen- deu-me, pondo-me sobre sua cama, e ali adormeci, quase no mesmo instante.

Com a chegada da manhã, Miss Ku'ei veio e me despertou, dizendo:

— Venha, sua velha preguiçosa! Temos o que fazer, siga-me e eu lhe direi tudo que vejo por aqui.

Saltei da cama e esfreguei-me bem, para poder acordar de todo. Em seguida, acompanhei Miss Ku'ei.

— Aqui é onde comemos — disse ela — e aqui está o ponto de toalete. Aqui há uma parede em que você poderia arrebentar os miolos, se tivesse algum. Observe bem a posição dela, porque eu não vou repetir!

Dito isto, prosseguiu:

— Aqui há uma porta, que dá para um jardim pequeno com garagem ao fundo e a estrada mais além.

Levou-me por toda a casa e saltou para o peitoril de uma janela no dormitório do Chefe.

— Puxa! Fif! — exclamou ela. — Há um alpendre lá fora, depois um gramado enorme, e por fim o mar. O mar está gelado.

— Não seja burra, Ku'ei — disse o Chefe, pondo-me em seu ombro. — Venha, Ku'ei — chamou, dirigindo-se a outra porta.

Abrindo-a, passou por ela comigo, e Miss Ku'ei correu para chegar “primeiro, lá fora”.

— Isso não é o mar — disse o Chefe. — É o Lago St. Clair. Quando o tempo estiver quente, vocês duas podem sair e brincar na grama.

Era um tipo estranho de casa, e um gradil no teto de cada peça do andar térreo permitia que o ar quente subisse para o aposento acima. Miss Ku'ei ADORAVA sentar-se em um dormitório de cima, bem sobre um gradil, e observar o que se passava na cozinha por baixo. Recebia assim mais calor, vindo do fogão, mas isso ainda lhe proporcionava a grande atração de ficar sabendo de tudo o que se passava na cozinha, vendo os vendedores à porta e ouvir o que se dizia no dormitório do Chefe.

Alguns dias após nossa chegada ao Canadá, era Natal. Foi um dia tranqüilo, pois não conhecíamos pessoa alguma e durante tudo aquilo que, para os outros, eram “as festividades” não vimos pessoas alguma, nem falamos com ninguém. O tempo se mostrava péssimo, com nevascas constantes, e a superfície do Lago era uma folha sólida de gelo sobre a qual deslizavam patinadores com velas para serem impulsionados pelo vento. Pensei nos outros anos e nos outros Natais. Mme. Diplomata era católica fervorosa e “o Natal” tinha grande importância para ela. No Natal anterior, recordei, eu ficara trancada o dia inteiro naquela casinha escura, bem como todo o dia seguinte. Devido às comemorações eles se haviam esquecido inteiramente de mim. Agora, este Natal era realmente o mais feliz de todos para mim, porque podia recordar os anos anteriores e saber que agora era realmente desejada, e que não mais estaria sozinha, abandonada ou com fome. Em meus dias de Mme. Diplomata eu ficava oculta tanto quanto possível. Agora, quando dão por falta de mim ainda que por apenas alguns minutos, alguém pergunta logo:

— Onde está a Fif? Ela está bem? — e logo instituem uma busca imediata.

AGORA, fiquei sabendo que sou querida, de modo que estou sempre à vista, ou torno minha presença conhecida assim que alguém menciona meu nome. Também a alimentação é regular; o Chefe diz que eu faço apenas uma refeição por dia — uma só por dia! Ele não acredita em dar de comer aos animais apenas uma vez por dia. Acha que temos juízo suficiente para sabermos quando comemos o bastante. Por consquência, Miss Ku’ei e eu sempre temos comida e bebida disponíveis, dia e noite.

O Natal passou, e sentíamos a distância entre a casa que havíamos alugado e as lojas. Nenhum ônibus passava por ali, e a cidade ficava a uns vinte quilômetros. O único meio de ir a qualquer lugar era o táxi. Os entregadores vinham à nossa casa, trazendo leite, carne e pão, mas na verdade nada podíamos escolher. O Chefe resolveu comprar um automóvel.

— Vamos arranjar um carro velho, de início, — disse — Quando nos acostumarmos com os motoristas canadenses, que dirigem como doidos, trocaremos por outro melhor.

Uma das coisas que impressionaram o Chefe foi a absoluta falta de cortesia nas estradas. Como dizia muitas vezes, os americanos eram provavelmente os piores motoristas do mundo, vindo os canadenses logo em segundo lugar. Como o Chefe já dirigiu carros em cerca de sessenta países, deve saber o que diz.

O táxi chegou à porta e o motorista buzinou. O Chefe saiu. Miss Ku’ei gritou para ele;

— Arranje um bom carro, Chefe, não deixe que o tapeiem!
Ouvi a porta do táxi fechar-se, e o som do veículo que se afastava.

— Espero que ele arranje um bom carro — disse Miss Ku'ei. — Eu ADORO andar de carro, e estou ansiosa por sair nele.

Era bem verdade que Miss Ku'ei estava sempre pronta para sair, a qualquer momento, e adorava a velocidade. A mim, não agrada andar de automóvel, a menos que o mesmo não ultrapasse vinte milhas horárias. Não há divertimento algum na velocidade para quem é cego. Miss Ku'ei prefere disparar pela estrada, em velocidade pelo menos idêntica ao máximo permitido pela lei. A manhã passou devagar, nós, as gatas, preocupadas por estarmos sem o Chefe e Mamãe. As orelhas de Miss Ku'ei se ergueram.

— Eles já vêm, Fif — disse.

Pus-me à escuta, e ouvi também. Infelizmente, era um táxi de volta! Botão de Ouro desceu correndo as escadas, indo ter à porta. Miss Ku'ei saltou para o peitoril da janela e emitiu uma exclamação de desagrado.

— Eles voltaram de táxi, não compraram um automóvel!
— anunciou, cheia de irritação.

Botão de Ouro abriu a porta.

— Então? Como se saíram? — perguntou.

Miss Ku'ei berrou:

— DEPRESSA! DEPRESSA! Contem logo! O que houve?

— Bem, disse o Chefe, — nós vimos um carro que parece bastante bom. Era um velho Monarch. A agência vai mandá-lo aqui para que o experimentemos por um dia. Se gostarmos, pagaremos e ficaremos com ele.

4

Miss Ku'ei voltou-se e subiu correndo as escadas, a cauda eriçada de alegria.

— Vou subir e observar pela janela do banheiro — gritou.

O Chefe e Mamãe contaram a Botão de Ouro e a mim tudo quanto acontecera. Já íamos tomar uma chávena de chá, quando Miss Ku'ei gritou:

— Está vindo! Dois automóveis! VIVA!

Dava para eu ouvir que ela dançava de alegria no aposento lá em cima. O Chefe e Mamãe saíram e Miss Ku'ei tornou-se febril de impaciência, correndo de um lado para outro, como uma gata da qual acabaram de arrebatar os filhotes.

— Puxa! Puxa! — dizia ela, resfolegando. — O QUE estarão fazendo?

Botão de Ouro também não conseguia suportar a espera. Envergando o capote mais grosso que tinha, saiu apressadamente.

Miss Ku'ei emitiu um berro de estourar os tímpanos:

— Estou vendo, Fif! É verde, grande como um ônibus!

A família entrou no momento exato de impedir que Miss Ku'ei explodisse de tanta frustração. O Chefe olhou para ela, depois a apanhou e disse:

— Você, então, quer ver o automóvel, hem? E você, Fif, quer ver?

— Não, obrigada — respondi, — Pode deixar-me aqui, onde é mais seguro!

O Chefe, levando Miss Ku'ei, e em companhia de Botão de Ouro — bem agasalhada — saiu para o ar frio. Ouvi o som de um motor. Mamãe esfregou minha cabeça e disse:

— Você poderá sair para passear, agora, Fif.

Meia hora depois, eles voltaram. Miss Ku'ei borbulhava; de agitação.

— Maravilhoso! MARAVILHOSO! — berrou para mim. — Eu fui a Tecumseh.

— Miss Ku'ei, disse eu, — vai ter um acesso, continuando assim. Por que não se senta aqui e me conta tudo? Não a entendo, quando gagueja e balbucia de agitação.

Por momentos, julguei que ela ia ficar com raiva, mas logo se aproximou e sentou-se ao lado do aquecedor. Cruzando as patas, explicou:

— Bem, a coisa foi a seguinte, Fif. O Velho levou-me e me pôs no banco de trás. Sentou-se na direção, e havia muito lugar para eie... você sabe que ele ocupa muito espaço. Botão de Ouro sentou-se no banco da frente, e o Chefe ligou o motor. Oh! Preciso dizer-lhe uma coisa: o automóvel é verde, é automático, embora eu não saiba o que é isso, e há espaço suficiente para todos nós e duas pessoas mais. O Chefe dirigiu devagar, ele é respeitador da lei, até demais... eu mesma já lhe disse isso e ele disse para esperar, até haveremos pago o carro. Eles vão de automóvel fazer o pagamento esta tarde, e nessa ocasião poderemos andar bem depressa. Pois bem, fomos até Tecumseh e voltamos e aqui estamos!

Fez uma pausa momentânea, enquanto penteava a extremidade da cauda, e aduziu:

— Você deveria vê-lo, Fif! Oh! Esqueço que é cega... bem, você devia pôr o traseiro naqueles bancos. Lindos!

Eu sorri para mim mesma, porque Miss Ku'ei estava realmente emocionada com o automóvel. Tive a sensação de saber que o Chefe agora conseguiria sair um pouco.

— Fif! — disse Miss Ku'ei. — O carro é QUENTE, puxa! Dá para fritar ovos lá dentro.

O almoço terminava, após o que o Chefe e Mamãe

prepararam-se para sair.

— Não vamos demorar — disse ela. — Iremos apenas pagar o automóvel e fazer algumas compras. Vocês darão um passeio, quando voltarmos.

— Eu preferiria ficar, Miss Ku'ei — disse eu. — Não gosto de automóveis.

— Oh! Você é uma gata velha e boba! — disse ela.

Sentou-se, e executou sua toalette, orelhas, nuca, o corpo todo, até a ponta da cauda.

— Tenho de causar uma boa impressão no automóvel novo, — explicou. — Do contrário, ele não andar bem, se não gostar de mim.

Com rapidez surpreendente, o Chefe e Mamãe voltaram, e tive a satisfação de ouvir o ruído de papel grosso, sabendo assim que uma quantidade nova de comida fora trazida. Uma de minhas fobias, desde os dias em que passei fome, era o receio de ficar sem comida na casa. Meu bom senso me dizia que se tratava de um medo injustificado, mas as fobias não são coisa que se afaste com facilidade. Uma fobia ainda maior, embora o bom senso tornasse claro que eu não me devia preocupar, era que alguém procurasse suspender-me, agarrando-me o pêlo da nuca. Trata-se de um costume tão mau, que vou escrever algumas linhas a esse respeito. Afinal de contas, se nós, os gatos, não informarmos as pessoas sobre nossos problemas, elas não os conhecerão.

Quando eu estava a ponto de ter minha primeira ninhada de filhotes, Pierre, o jardineiro francês de Mme. Diplomata, apanhou-me repentinamente, pela nuca. A dor nos músculos do pescoço fora muito grande, e meus filhotes caíram de mim, morrendo ao baterem na trilha de pedra. O choque repentino me prejudicara internamente. O veterinário fora chamado e tivera de fechar parte de mim com algo para deter o sangue. “Você me fez perder cinco gatinhos, Pierre!”, dissera Mme. Diplomata, cheia de raiva. “Vou descontar de seu salário”. “Mas, Madame”, choramingara Pierre, “eu tive todo o cuidado, levantei-a pela nuca. Ela deve ser uma criatura doentia. SEMPRE há alguma coisa errada com ela”.

O veterinário gritara, o rosto rubro de raiva: “Esta gata está sendo estragada! Os gatos adultos NUNCA devem ser suspensos desse modo, apenas os IMBECIS tratariam animais caros desse jeito”. Madame Diplomata ficara furiosa com a perda de dinheiro que a morte de meus filhos representava e ao mesmo tempo um tanto intrigada. “Mas, Monsieur”, dissera ela, “as gatas CARREGAM os filhotes pela nuca. O que há demais nisso?”

“Sim! Sim! Madame”, retorquira o veterinário, “mas a gata carrega o filho desse modo apenas quando eles têm somente alguns dias de vida. Quando estão desse tamanho, são tão leves que isso não lhes causa malefício algum. Os gatos adultos devem ser sempre erguidos de modo que o peso seja recebido pelo peito e pernas de trás. De outra forma, podem sofrer danos internos”.

Eu sou uma gata velha e boba, mas receio ser apanhada por qualquer pessoa, a não ser pelos membros de minha Família. O Chefe NÃO DEIXA qualquer pessoa apanhar-me, de modo que nada tenho com que me preocupar. Ele me apanha melhor do que qualquer outra pessoa, e é assim que o faz, o modo correto: põe a mão esquerda sob meu peito, entre minhas pernas dianteiras, onde elas se juntam ao corpo. A mão direita apoia a parte traseira de minhas pernas, ou ele me deixa ficar em pé, com as pernas de trás sobre sua mão direita. Quem segura um gato nervoso ou desconhecido deve ter sempre a mão direita apoiando a parte dianteira das pernas, pois assim o gato não pode escoicear ou saltar. É esse o modo menos doloroso de segurá-los. Já houve pessoas que disseram ao Chefe: “Oh, cu sempre os apanho pela nuca, como ensina um livro sobre gatos!” Pois bem, seja lá o que estiver em “algum livro sobre gatos”, nós, os gatos, sabemos o que preferimos, e agora o leitor também sabe! Assim sendo, POR FAVOR, se gosta de nós, se nos quer poupar dor ou malefícios, suspenda-nos como descrevi acima. Como gostaria de ser suspenso, pela nuca ou pelos cabelos? NÓS detestamos isso!

Tampouco gostamos de quem fala conosco em linguagem tola de “bichano, bichaninho”. Compreendemos QUALQUER língua, se a pessoa pensar no que está dizendo. A conversa tola e infantil nos irrita, tornando-nos inteiramente destituídos da vontade de colaborar. Temos cérebros, e sabemos usá-los. Uma das muitas coisas que nos espantam a respeito dos seres humanos é que eles têm certeza completa de que somos apenas “animais estúpidos”, certeza completa de que não existe qualquer outra forma de vida senciente, de que NÃO PODE haver vida em outros mundos, pois eles acreditam do modo mais enfático que sejam a forma mais elevada de evolução! Pois que me permitam dizer uma coisa: Nós não falamos inglês, nem francês, nem chinês, no que diz respeito aos sons emitidos. Mas compreendemos essas línguas. Conversamos pelo pensamento. Nós “compreendemos” pelo pensamento. O mesmo acontecia com os seres humanos, antes... sim, antes que atraíssem o mundo animal e assim PERDESSEM o poder de ler os pensamentos! Nós não usamos a “razão” (como tal), e não temos lobos frontais; nós SABEMOS

pela intuição. As respostas “vêm” a nós sem que seja preciso elaborar os problemas. Os seres humanos usam o telefone a fim de falarem a distância uns com os outros. Precisam conhecer um “número”. Nós, os gatos, quando sabemos o “número” os gato com quem desejamos falar, podemos mandar nossas mensagens à distância de centenas de quilômetros pela telepatia. É muito raro que os

seres humanos compreendam nossas mensagens telepáticas. Às vezes Mamãe as entende. O Chefe sempre compreende. Pois bem, como Miss Ku’ei acabou de me lembrar, estou-me afastando bem da descrição de nosso primeiro automóvel no Canadá. Mas vou dizer, ainda, com todo o respeito a Miss Ku’ei, que vale a pena conhecer a opinião de um gato, sobre o melhor modo de suspendê-lo e tratá-lo.

Na manhã seguinte, o carteiro trouxe a correspondência, montes de cartas. O Chefe olhou os envelopes e ouvi o ruído de papel sendo cortado. Havia um farfalhar, enquanto ele retirava uma carta do envelope, e depois o silêncio de alguns momentos, enquanto lia.

—Oh! — disse ele. — Estes canadenses são selvagens! Aqui está uma carta do Ministério da Saúde, dizendo-me que, se não me apresentar imediatamente, estarei sujeito a ser DEPORTADO!

Mamãe apanhou a carta e a leu também.

—É a primeira vez que escrevem a você. Por que será que o fazem de modo tão grosseiro? — perguntou.

—Não sei — respondeu o Chefe. — Tudo que sei é que lamento amargamente ter vindo para este país horrível.

Passou a ler outras cartas.

—Aqui temos uma da Alfândega, dizendo que nossas coisas... as coisas mandadas por mar chegaram, e que alguém tem de ir à Alfândega para tratar do caso. Isso fica em Ouellette.

— Eu irei — disse Mamãe e saiu para se preparar.

Voltou bem a tempo para o almoço, dizendo:

—Não sei por que esses funcionários canadenses são tão desagradáveis. Procuraram criar problemas por causa das máquinas de escrever. Disseram que se queríamos uma máquina de escrever elétrica ela deveria ter sido comprada no Canadá. Eu disse que ela foi comprada ANTES de pensarmos sequer em vir para este país. Está tudo acertado agora, mas eles foram muito desagradáveis!

Sentou-se, e almoçamos.

— Quem quer um passeio? — perguntou o Chefe.

— EU! — berrou Miss Ku’ei, correndo para a porta.

—Eu ficarei em casa e farei companhia a Fif — disse Mamãe:

O Chefe, Miss Ku'ei e Botão de Ouro saíram e ouvi que abriam a porta da garagem, ligando o motor do automóvel.

—Lá Vão eles, Fif — disse Mamãe, passando a mão por minha espinha. — Vão dar uma espiada ao redor de Windsor.

Nós ficamos por ali, e eu a ajudei a arrumar as camas, correndo de um para outro lado dos lençóis, o que os alisava muito bem. Tivemos de atender vendedores à porta, o padeiro e o leiteiro e alguém que veio perguntar o nome do senhorio. Os automóveis passavam lá fora com velocidade, e eu jamais consegui compreender o motivo pelo qual alguém viaja daquele modo.

Mais ou menos uma hora depois, o Chefe regressou. Botão de Ouro trouxe no colo Miss Ku'ei, para que a mesma não pusesse os pés na neve. O Chefe trancou a garagem e veio para o chá.

—Não é como a bela Dublin, Fif — disse Miss Ku'ei. — Windsor é uma cidade muito pequena, e todos os homens parecem fumar charuto e dizer “bem, acho que sim”. Descensos uma rua e eu pensei encontrar ali grandes arranha-céus. Ouando chegamos ao final, vi um rio, mas os grandes edifícios estavam em Detroit.

— O homem trouxe nossas coisas da Alfândega, — disse Mamãe.

Aos poucos, os diversos volumes foram trazidos. Eram roupas, livros, um gravador de fita e a grande máquina elétrica de escrever. Por todo o resto da tarde, estivemos ocupados, desfazendo os volumes e malas. Miss Ku'ei e eu fizemos nossa parte, examinando tudo e tirando roupas e papéis. O chefe abriu o grande volume que continha a máquina elétrica de escrever.

—Economizou muito tempo — comentou — mandar mudar o motor para a voltagem canadense. Agora, podemos iniciar outro livro sem demora.

Abaixando-se, tirou a máquina do chão e a instalou sobre uma mesa. Pondo uma folha de papel e ligando o fio em uma tomada, sentou-se para escrever. A máquina engasgou e saltou. O Chefe começou a ficar contrariado. Erguendo-se, foi ter ao medidor de eletricidade e leu: “115 Volts 60 Ciclos”. Voltando à máquina e erguendo-a para ler o que estava embaixo, encontrou: “115 Volts 50 Ciclos”.

—Rab! — chamou. — Eles puseram o motor errado nesta máquina. Não pode ser usada!

—Vamos telefonar para os fabricantes — disse Mamãe. — Eles têm uma oficina em Windsor.

SEMANAS depois, verificamos que os fabricantes não

estavam interessados, não concordavam com uma troca nem venderiam a máquina. Finalmente, o Chefe entregou-a em troca de um modelo portátil comum, de fabricante diferente, e através de outra firma. Botão de Ouro usa essa máquina. O Chefe usa a mesma portátil Olympia antiga, com que escreveu *A Terceira Visão, O Médico de Lhasa, Entre os Monges do Tibete* e na qual está escrevendo este livro para mim.

Certo dia Mamãe e Botão de Ouro foram a Windsor para fazer algumas compras- Assim que regressaram, Miss Ku'ci disse, em tom sombrio:

— Há alguma coisa no ar, Fif, pode escrever o que digo! Botão de Ouro está descontrolada. Há alguma coisa no ar!

Abanava a cabeça enquanto se afastava, falando baixinho, creio que praguejando.

— A Sheelagh viu um macaco! — disse Mamãe.

O Chefe suspirou.

— Ela, por certo, já viu muitos macacos antes — disse ele.

— Ei, Fif! — sussurrou Miss Ku'ei, voltando a ter comigo. — É POR ISSO que ela está com esse cheiro tão esquisito. Ela esteve perto de um macaco. Santos Gatos! Nunca se sabe o que que essa mocinha vai fazer em seguida!

— Você gostaria de ter um macaco aqui em casa? — perguntou Mamãe ao Chefe.

— Céus! — retorquiu ele. — Já não moro com vocês duas, agora?

— Não, estou falando sério, — disse Mamãe. — A Sheelagh quer um macaco!

— Botão de Ouro, Botão de Ouro, oh! Botão de Ouro, o que é que você quer fazer? — perguntou Miss Ku'ei.

Voltou-se para mim, cochichando:

— Fif! O Velho levou um golpe, com esta. UM MACACO! O que irá ela querer em seguida?

O Chefe estava sentado, fui ter com ele esfregando a cabeça em sua perna, para mostrar-lhe minha solidariedade. Ele afagou-me os pêlos, e voltou-se para Botão de Ouro.

— Do que se trata afinal? — perguntou-lhe— Bem, nós fomos comprar turfa e lá estava aquele macaco sentado, muito triste, no fundo de uma gaiola. Ele é TÃO BONZINHO! Pedi ao homem que me deixasse vê-lo. Parece que ele está com paralisia por estar confinado por tempo demasiado. Mas logo se recuperará, se ficarmos com ele.

— Bem, não a posso impedir — disse o Chefe — se quer o macaco. Vá buscá-lo. Mas são animais bem sujos, fique sabendo.

— Oh! Venha vê-lo comigo, — disse Botão de Ouro, agitada. — Ele é tão BONZINHO!

Suspirando tão profundamente que ouvi os botões em sua roupa rangendo, o Chefe pôs-se em pé.

— Então vamos já, — disse, — senão pegaremos movimento maior de tráfego ao anoitecer.

Botão de Ouro saiu correndo, toda animada, subiu as escadas e as desceu em seguida, ainda em carreira. Miss Ku'ei ria para si própria, quando eles saíam.

— Você devia ver a cara do Chefe! — comentou.

Isso é uma coisa que eu GOSTARIA de ver, o rosto do Chefe. Sei que ele é calvo, barbudo e grande. Miss Ku'ei descreve as pessoas para mim — e descreve bem —, mas nada existe que possa substituir a verdadeira visão. Nós, os cegos, aperfeiçoamos um “sentido”, no entanto, e formamos uma espécie de imagem mental do que uma pessoa deva parecer. Podemos sentir o semblante dela, cheirá-la e saber muita coisa com base no toque de suas mãos e na qualidade de sua voz. Mas a cor de uma pessoa, eis algo além de nosso alcance.

Andamos por ali, com o nosso pensamento em parte na casa e no chá que estava sendo preparado, e em parte no Chefe e Botão de Ouro, imaginando o que iam trazer quando voltassem.

— Eu vivi alguns dias em uma gaiola de macaco, Miss Ku'ei — comentei, para conversarmos.

— Hem? Bem, talvez devessem tê-la guardado em uma delas! — respondeu. — Macacos? E quem quer macacos? — prosseguiu, em tom pesaroso.

Permanecemos sentadas, à espera. Mamãe estava com o chá pronto, e veio sentar-se conosco provavelmente pensando em macacos, como nós!

— Vou subir, para espiar pela janela do banheiro — disse Miss Ku'ei. — Avisarei, assim que vir alguma coisa — aduziu, ao se voltar, e subiu correndo as escadas.

Um menino veio à porta da casa trazendo o jornal da tarde. Mamãe foi apanhá-lo, e quando voltava já lia as manchetes. Da Miss Ku'ei, vigilante na janela do banheiro, não vinha um só aviso. Nós continuávamos esperando.



CAPÍTULO 8

A porta foi aberta e o Chefe e Botão de Ouro entraram. Pelo modo de andarem, eu sabia que estavam trazendo alguma coisa pesada ou volumosa. Miss Ku'ei acorreu a meu lado.

— Puxa! Que fedor! — exclamou.

Retorci o focinho porque realmente HAVIA um cheiro acre por ali, um cheiro como o de coelho molhado, rede de esgotos em mau funcionamento e gato velho.

— Bem, gatas — disse o Chefe — venham cumprimentar o macaco.

Colocou alguma coisa no chão, e tão estranhas foram as impressões que eu tive que senti algo percorrer-me a espinha e minha cauda começou a eriçar-se— Cuidado, Fif! — exortou Miss Ku'ei. — Temos um sujeitinho de aspecto esquisito, aqui! Está em uma grande gaiola de papagaio. Oh, puxa! — exclamou, desalentada. — Ele está com um vazamento qualquer!

— Acha que podemos tirar aquela corrente dele? — perguntou Botão de Ouro. — Tenho a CERTEZA de que ele ficaria bem sem ela.

— Sim — disse o Chefe — mas primeiro vamos tirá-lo da gaiola.

Aproximou-se da gaiola e ouvi o ruído de uma portinha que se abria. De repente, espantosamente, o pandemônio irrompeu. Um ruído que era misto dos apitos que eu ouvira no porto de Nova York e a buzina de nevoeiro do Farol de Bailey, em Dublin, ecoou na sala. Miss Ku'ei recuou, consternada.

— CÉUS! — exclamou. — Seria bom nós podermos fazer uma barulheira dessas, sem sermos castigados. Afaste-se, Fif, ele está com outro vazamento.

Recuei um pouco sem voltar as costas para aquela criatura, inclinei-me para Miss Ku'ei e perguntei:

— Estão matando a criatura?

— Matando? Céus, não! Esse macaco é neurótico, começou a fazer todo esse barulho antes mesmo de o tocarem. O Chefe está tirando uma corrente enorme, de modo que essa coisa fique mais a cômodo.

— Ponha alguns jornais no chão — disse o Chefe. — Vamos dar alguma utilidade a essa imprensa!

Ouvi o farfalhar de papéis, e a criatura começou a gritar, assoviar e berrar outra vez.

— Miss Ku'ei — perguntou —, como nos dirigimos a essa coisa?

— Vou chamá-lo de Macaco Irritado! — respondeu ela. — Céus, oh! Oh! Puxa! — aduziu- — Botão de Ouro, desta vez, ficou mesmo maluca!

— Olhe, Sheelagh — disse o Chefe. — Se pudermos pendurar a gaiola aqui, entre as duas salas, ele poderá ver mais coisas, você não acha?

— Bem, sim, — disse ela, — mas eu quero tirá-lo da gaiola.

— A mim me parece que ele precisa de um exame — disse o Chefe. — Vamos chamar um veterinário para examiná-lo.

— Fif! — cochichou Miss Ku'ei. — DÊ O FORA! Vem aí um veterinário, talvez queira limpar nossas orelhas.

Para não corrermos risco, retiramo-nos para o abrigo embaixo da cama do Chefe.

Mamãe veio, após ter falado ao telefone.

— O veterinário estará aqui amanhã — anunciou. — Não queria vir, mas eu lhe expliquei que seria muito difícil levar-lhe um macaco. Estará aqui por volta de onze horas da manhã.

— Okay, Fif — disse Miss Ku'ei. — Fomos salvas pelo gongo, podemos sair novamente.

— Miss Ku'ei, qual é o aspecto desse macaco?

— Aspecto? Oh! Nunca vi coisa igual! É uma criatura muito feia, pode crer. A última vez em que vi algo tão horrível foi quando Botão de Ouro teve uma criança. Isso foi na Inglaterra, você sabe. Tratava-se de um menino com cara igual a este macaco, ou é este macaco que tem uma cara igual àquele menino, sei lá! Enrugado, mirrado, inútil e indefeso. Emite sons esquisitos e sem significado, e está sempre vazando.

Miss Ku'ei fez uma pausa e, com um ar de quem se está recordando de algo, prosseguiu:

— Ah! Eram dias estranhos, aqueles- Botão de Ouro tinha um marido, e um dia gritou: “UAI! VOU TER A CRIANÇA!” e teve, ali mesmo. Agora, arranjou um macaco! Qual!

— Ódio, ódio! — disse o Macaco Irritado. — Ódio, ódio, ódio de tudo. Vida ruim na loja. Eu não queria ir. Eddie me vendeu. Ódio!

— Miss Ku'ei — disse eu, com alguma consternação —, acha que devemos trocar palavras com o Macaco Irritado? Nós NÃO PODEMOS ter tanto ódio aqui. Esta é uma BOA casa.

— Ora! O cara tá doido! — replicou ela, que às vezes falava à moda canadense ou americana.

— Maluco? Maluco? — disse o Macaco Irritado. — Gata maluca! Eu sou o bom americano, odeio os outros todos. Gatos malucos ficam lá longe.

O Chefe veio e me apanhou nos braços.

— Fif — disse ele — vou levá-la para mais perto da gaiola, e você diga ao macaco que ele está sendo tolo. Ele não pode estender a mão e tocar você, Fif.

— Odeio tudo! Odeio tudo! — berrava Macaco Irritado. — Dá o fora daqui! Dá o fora daqui!

Senti um pesar profundo, ao ver que uma criatura pudesse ser tão tola, tão mal orientada e tão cega, espiritualmente.

— Macaco Irritado! — disse eu- — Escute o que vou dizer, queremos fazê-lo feliz, queremos que saia dessa gaiola e brinque conosco, nós tomaremos conta de você.

— Gata Velha Maluca! Gata Velha Maluca! — berrou Macaco Irritado. — Dá o fora daqui.

O chefe esfregou meu queixo e peito.

— Deixe estar, Fif, — disse. — Talvez ele melhore, se o deixarmos em paz por algum tempo.

— Okay, Chefe — respondi. — Miss Ku'ei e eu cuidaremos dele e lhe diremos se ele melhorar. Acho que ele esteve tempo demasiado na loja. Está neurótico. Ainda assim, só

veremos como tempo.

— Êi, Chefe — chamou Miss Ku'ei. — Quero falar com Botão de Ouro. Se ela o puser no chão, fora dessa gaiola, talvez ele se sinta melhor.

A gaiola foi suspensa na arcada entre as duas salas. O Chefe procurou tirar o Macaco Irritado da mesma, enquanto Botão de Ouro segurava a gaiola. O ar foi cortado, não, ESTRAÇALHADO, pelos gritos do Macaco Irritado, que se prendia à gaiola, berrando sem parar.

— Céus! — disse Miss Ku'ei. — Aí temos um macaco neurótico, não há dúvida alguma.

— Ódio! — ÓDIO! — gritava ele.

Finalmente, saiu e foi posto sentado no chão. Ouvi um ruído leve, de líquido, e comecei a me adiantar para investigá-lo.

— Cuidado! — disse Miss Ku'ei. — Se andar mais, terá de pular por cima do Mar Amarelo. E se não tomar cuidado — berrou ela — será afogada pelas ondas que se adiantam.

— Rab!

—• Sim? — respondeu Mamãe.

— Que tal agasalhar as gatas e levá-las para a beira da água? A pobre Ku'ei está doida de vontade de espiar por lá.

Miss Ku'ei e eu temos jaquetas especiais para tempo frio, tricotadas, de lã grossa, com buracos para as patas, que nos mantêm realmente aquecidas. Ora, envergando essa roupa e envoltas em cobertores ainda mais quentes estávamos prontas para sair. O chefe carregou Miss Ku'ei, porque ele e ela eram os mais aventureiros. Eu fui carregada pela Mamãe. Abrimos a porta na outra extremidade do alpendre e descemos para a grama coberta de neve. Pelo tempo durante o qual andamos, calculei que o jardim de trás tinha a dimensão de três casas, em área. Na extremidade, havia uma muralha larga e de pedras, além da qual ficava o lago congelado.

— Tenham cuidado — disse o Chefe a Mamãe e a mim. —

• Aqui é muito escorregadio.

— Ohh! — gritou Miss Ku'ei. — Esse lago não é GRANDE? Oh, Fif — exclamou, voltando-se para mim —, parece um mar, é tão grande quanto em Howth- E está todo gelado. Agora, vejamos o que posso dizer-lhe sobre ele? Oh, sim, eu sei, à minha frente tenho o lago. À esquerda, há uma ilha e na ponta dela existe uma torre, de onde os homens vigiam, para que ninguém roube o gelo. Eles deviam comprar refrigeradores e ganhar dinheiro, você sabe? Bem em frente, a distância, vejo a América, e para a direita o lago se abre mais, torna-se bem maior.

— Como está, Fif? — perguntou o Chefe. — Não sente frio?

Eu lhe disse que ia muito bem e que estava gostando.

— Ku'ei — disse o Chefe —, você é uma gata grande e corajosa?

— Eu? Naturalmente que sou! — respondeu ela.

— Pois então, segure-se bem — disse o Chefe —, você e eu vamos para o gelo, e depois você poderá contar a Fif como foi.

Miss Ku'ei emitia gritinhos de prazer. Ouvi o som de passos que andavam em plantas congeladas, e Miss Ku'ei gritou, da distância:

— Êi, Fif, estou sobre o gelo. Puxa! É grosso. Daqui, eu podia andar até a América, Fif!

Voltamos com satisfação para dentro de casa, porém, pois lá era mais quente, e Botão de Ouro tratava de Macaco Irritado — o que demonstrava ter grande fé naquele animal. Ao entrarmos, ela se pôs em pé de pressa e colocou o macaco no chão.

— Oh! QUE COISA! — disse. — Molhou todo o meu vestido limpo.

Miss Ku'ei voltou-se para mim.

— Ora, ora! — murmurou. — Lembre-me para que eu NUNCA tenha um macaco..., Fif!

A tempestade que eclodiu varou toda a noite.

— A pior de muitos anos! — diziam os Sábios, que traziam o pão e o leite, aduzindo: — E vem mais por aí-

Também nós sabíamos, pois ouvíamos os relatórios meteorológicos pelo rádio. O encanamento no porão estava congelado.

— Ê uma pena que o encanamento do Macaco Irritado não se congele — disse Miss Ku'ei, tomada de tristeza.

O veterinário especialista em macacos estivera na casa e, para nosso grande prazer, já se tora.

— Não há cura — proclamara. — Procurem massagear-lhe as pernas. Isso TALVEZ ajude, mas duvido, porque ele ficou tempo demasiado desse modo.

Com uma sacudidela rápida da cabeça, ele se retirara. Nós saímos do abrigo, por debaixo da cama do Chefe.

O teto na casa ao lado estava batendo, sob a ventania. Em algum lugar, uma lata rolava pela estrada coberta de neve, sob a influência do vento. O Macaco Irritado se achava sentado em meio ao soalho. Nós estávamos em um sofá. “VUUUF!” dizia o vento, aspirando fundo. “BAMÚ! AP!” disse nossa janela dupla, ao abrir-se para a sala, deixando entrar a tempestade, Botão de Ouro

correu para lá, apanhou o Macaco Irritado e retirou-se para um dormitório distante, levando-o consigo. Miss Ku'ei e eu nos enfiamos mais do que depressa sob a cama do Chefe, para aguardar os acontecimentos. O Chefe apanhou ferramentas, pregos e outros materiais, saindo para a tempestade, aflito por fazer algo antes que o teto fosse arrebatado pelo vento, ou as paredes cedessem. Botão de Ouro descia a escada, envolta numa capa de chuva e tudo que a protegesse do vento e da neve.

— Com seiscentos demônios — resmungou Miss Ku'ei — Nós, pobres gatas, seremos arrebatadas pelo vento, em meio àquele gelo, até a América, se eles não se apressarem.

A casa estremecia, sob o impacto da borrasca. O Chefe e Botão de Ouro lutaram com folhas de plástico e pedaços de madeira. Lutaram, e quase foram arrebatados pelo vento, quando este passou por baixo da folha de plástico. Mamãe esforçava-se o mais que podia para manter as cortinas, de modo que a neve não enchesse a sala. Lá em cima, o Macaco Irritado gritava como louco. Ao redor da casa, o vento fazia o mesmo. Finalmente, o Chefe e Botão de Ouro entraram, após consertarem a janela partida.

— Fa«le com o senhorio — disse o Chefe. — Diga-lhe que fizemos um conserto temporário, mas que se ele não o efetuar como é preciso, todo o teto irá embora!

— O Chefe está com uma cara horrível — comentou Miss Ku'ei. — É o coração dele, você sabe.

O inverno pareceu infinito. Miss Ku'ei e eu julgamos que o Canadá fosse um lugar mais ou menos próximo ao Pólo Norte. Dia após dia, tivemos o mesmo tempo ruim, com a neve caindo, e uma temperatura de congelamento. Miss Ku'ei andava muito em automóvel, tratando das compras, e dizendo ao Chefe para onde ir. Gritava para os motoristas que vinham atrás, advertindo-os para que não se aproximassem demais e repreendendo-os por seus maus hábitos de direção. Certo dia, o Chefe e Botão de Ouro pediram a ela que fosse a Detroit em sua companhia. Assim, partiram deixando Mamãe e eu para o trabalho da casa- O Macaco Irritado estava em sua gaiola. Quando regressaram, Miss Ku'ei entrou com ar saltitante, a cauda em pé.

— Pode sentar-se a meu lado, Fif — disse, em tom gracioso — e eu lhe falarei sobre Detroit. Você precisa conhecer mais coisas, não há dúvida.

— Sim, Miss Ku'ei — respondi, lisonjeada com o fato de que ela se desse ao trabalho de me pôr a par das coisas.

Aproximei-me de onde ela se achava, tomada de

impaciência, batendo no chão com a cauda, e ali me sentei. Ela se instalou de modo mais confortável a cofiar os bigodes enquanto falava.

— Bem, a coisa é a seguinte — principiou. — Deixamos esta baiúca e fomos de carro até onde o velho Hirama fabrica seu *whisky*. É bem perto do lugar onde o Chefe foi para examinar os pulmões. Nós entramos à esquerda e passamos por cima dos trilhos da estrada de ferro, e depois seguimos para Wyandotte. Tocamos para a frente até eu pensar que já tínhamos andado o bastante para voltar à Irlanda, e foi quando o Chefe entrou à direita e depois à esquerda, mais uma vez. Um sujeito em uniforme fez sinal para nós, e conseguimos entrar por baixo do chão. Não fiquei com medo, de modo nenhum, mas nós corremos por um túnel muito mal iluminado. O Chefe me disse que estávamos passando por baixo do rio Detroit. Dava para acreditar, porque a gente se^{fe} que está fazendo uma extravagância dessas, e fiquei com calafrios. Dali, nós subimos e entramos onde um letreiro dizia: “Escorrega quando está molhado” e depois pagamos algum dinheiro. Pouco além, um homem enfiou a cabeça feia pela janela do automóvel, e disse: “De onde vem, gente?” O Chefe disse, e Botão de Ouro... como de costume. . . também falou um pouco, e o homem disse: “O-Kay” e nós continuamos-

— Deve ter sido uma coisa linda, Miss Ku’ei — comentei.
— Eu gostaria muitíssimo de poder ver essas maravilhas.

— Ora, bolas! — disse ela. — Você ainda não viu nada. Imagine uma coisa: Nós fomos para uma rua grande, com edifícios tão altos que me pareceu ver anjos pousados lá em cima... em cima dos edifícios, naturalmente, os anjos sentados sobre os traseiros. Havia carros correndo por ali, como se os motoristas estivessem doidos, mas eram americanos, naturalmente. Seguimos mais adiante, e vi a água e dois navios brancos ancorados, com as capotas de inverno, para escapar da neve. O Chefe disse que as cobertas de lona seriam retiradas e os navios levariam muitos americanos a algum lugar, voltando depois. Para isso, eles pagariam dinheiro.

Assenti, sabendo algo dessas coisas, porque estivera a bordo de um navio em Marselha, muito longe dali, nas praias do Mediterrâneo quente. Sorri, ao pensar que estava agora sentada, tomando conta de um macaco doido, no Canadá gelado.

— Não me interrompa, Fif — disse Miss Ku’ei.

— Mas eu não disse coisa alguma, Miss Ku’ei! — respondi.

— Não, mas estava pensando em outras coisas; eu quero sua atenção total, para continuar.

— Sim, Miss Ku'ei, estou inteiramente atento — respondi.

Ela suspirou e prosseguiu:

— Nós demos uma espiada em algumas lojas enormes. Botão de Ouro queria comprar sapatos. Quando estava examinando esse artigo, deitei-me de costas para poder olhar um edifício ainda maior- O Chefe me disse que esse edifício era chamado “Pin-up Scott”, ou coisa parecida, mas eu não entendi. Bem, finalmente Botão de Ouro resolveu que já tinha visto sapatos em quantidade suficiente, de modo que eles puderam dar um pouco mais de atenção à pobrezinha Ku'ei, mais uma vez. Seguimos por uma estrada horrível, tão ruim que fiquei com medo de ver meus dentes caírem da boca, e o Chefe disse que estávamos “em Porter”. De início pensei que era o vinho do Porto, que se bebe (eu não, naturalmente)» e depois pensei que era um homem que carregava as coisas. Mais tarde, percebi que era a Rua Porter. Entramos à esquerda, e demos em um buraco tão grande na estrada que as rodas do carro quase caíram. O Chefe entregou algum dinheiro a outro camarada de uniforme, e nós passamos em uma fila de cabanas pequenas, onde eles controlam o tráfego. Quando olhei para cima, vi uma

estrutura como um brinquedo enorme de armar, e havia o letreiro dizendo: “Ponte do Embaixador”. Continuamos viagem e... PUXA!... que vista! Chegando a Detroit, tínhamos passado sob o rio, com os fundos dos navios por cima de nós. Agora, voltando ao Canadá, estávamos tão altos que um americano seria capaz de dizer que tínhamos bebido bastante.

Paramos sobre a ponte, e olhamos ao redor. Detroit se estendia diante de nós, como um daqueles modelos que eu vi o Chefe fazer. Barcas de transporte de trens levavam vagões ferroviários pela água. Uma lancha a motor veio depressa e os grandes navios do lago pareciam brinquedos em uma banheira. O vento atingiu a ponte, e ela balançou um pouco. Eu também balancei.

— Vamos dar o fora daqui! — disse eu e ele concordou, de modo que fomos para o extremo da ponte.

— O que é que vocês têm, gente? — perguntou um homem em uniforme, lançando-me um olhar assustado.

— Nada, — disse o Chefe. Prosseguimos, passamos por Windsor, e aqui estamos!

— Ah! — arquejei. — Vocês passaram por uma verdadeira aventura!

Nada disso, porém, se compararia à aventura que ela teria, em questão de dias.

O Chefe é muito exigente com relação aos automóveis. As coisas precisam estar certíssimas, e se o veículo não se achar nas condições que ele deseja, recebe atenção imediatamente. Uns três ou quatro dias após Miss Ku'ei ir em viagem a Detroit, o Chefe chegou e disse:

— Não estou satisfeito com a direção do carro. Parece haver um rolamento apertado.

Mamãe disse:

— Leve-o na estrada para aquele Posto de Consertos. Será mais rápido do que dirigir até Windsor.

O Chefe partiu, e logo depois julguei ter ouvido o som de uma sirene da Polícia, mas deixei de lado essa idéia vaga. Meia hora mais tarde, mais ou menos, um carro parou diante de nossa casa, alguém bateu à porta, e o Chefe entrou, enquanto o carro se afastava.

— Já terminou? — perguntou Mamãe.

— Não! — disse o Chefe. — Voltei de táxi. Nosso automóvel só ficará pronto esta tarde, porque precisa de novas peças na direção. Mas ficará bom, quando forem substituídas.

— O que aconteceu? — perguntou Mamãe, que conhece bem as expressões fisionômicas do Chefe.

— Eu estava fazendo umas vinte e cinco milhas na estrada — respondeu o Chefe — quando uma sereia da Polícia começou a tocar, logo atrás de mim. Um carro da Polícia me ultrapassou e parou diretamente à minha frente. Eu também parei, é claro, e o policial desembarcou do carro e veio em minha direção. Fiquei pensando no que tinha feito de errado... andara cinco milhas menos do que o limite de velocidade. “O senhor é Lobsang Rampa?” o policial perguntou. “Sim”, respondi. “Li um de seus livros” disse o homem. Seja lá como for — disse o Chefe —, ele queria apenas conversar, e me disse que os jornalistas ainda estavam à nossa procura.

— É uma pena que eles não tenham coisa melhor a fazer — disse Mamãe. — Nós não queremos coisa alguma com a imprensa, eles já contaram mentiras em quantidade suficiente a nosso respeito.

— Que horas são? — perguntou o Chefe.

Três e meia — respondeu Mamãe.

— Acho que vou ver se o carro já está pronto. Se estiver, voltarei, apanharei você e Miss Ku'ei, e sairemos para experimentá-lo.

Mamãe disse:

— Quer que telefone para eles? Se entregarem o carro... e se estiver pronto... você poderá levar o mecânico de volta à garagem e depois voltar para apanhar-nos. Vou chamá-los agora — disse ela, apressando-se para o pé das escadas, onde estava o telefone.

Miss Ku'ei disse:

— Oh! Ótimo! Eu vou sair, Fif. Você deseja alguma coisa?

— Não, obrigada, Miss Ku'ei — respondi. — Espero que faça uma viagem agradável.

Mamãe voltava, apressada.

— O mecânico está a caminho daqui — anunciou. — Quando você tiver vestido o sobretudo, ele deverá estar chegando.

O Chefe não usava um sobretudo grosso, como as demais pessoas. Envergava alguma coisa leve, para livrar-se da neve.

Muitas vezes, sorri, quando o Chefe saía envergando apenas calças e paletó, enquanto todos os outros se achavam com MONTOEIRAS de agasalhos, vestindo tudo de que dispunham!

— O carro chegou — avisou Botão de Ouro, falando lá de cima, onde se entretinha com o Macaco Irritado.

— Obrigado! — respondeu o Chefe, ao dirigir-se para o local onde o mecânico o esperava, no grande automóvel verde.

— Venha, Miss Ku'ei — disse Mamãe — precisamos estar prontas. Ele não esperará mais do que alguns minutos.

Miss Ku'ei saiu saltitando, de modo que Mamãe pudesse ajudá-la a vestir seu capote, o de lã azul com orla branca e vermelha. O carro foi aquecido, mas a trilha que levava até êle estava fria, cheia de neve.

— Pensarei em você, sua comodista! disse Miss Ku'ei a mim — Pensarei, enquanto estiver andando pela estrada, e você ouvindo a gritaria do Macaco Irritado.

— Ele já veio — disse Mamãe.

— Adeus, Miss Ku'ei — disse eu. — Tome cuidado.

As portas se fecharam, o carro afastou-se e eu me sentei para esperar. Era horrível ficar sozinha; eu dependia inteiramente do Chefe e de Miss Ku'ei, que eram meus olhos, e muitas vezes também meus ouvidos. À medida que se envelhece, principalmente depois de uma vida difícil, a audição se torna mais custosa. Miss Ku'ei era nova e sempre recebera a melhor comida. Era cheia de vitalidade, sadia e alerta, e tinha um brilhante intelecto. Eu, bem, eu era apenas uma gata velha que tivera gatinhos em demasia, atravessara vicissitudes demais.

— Eles estão demorando muito, Fif! — disse Botão de

Ouro, descendo a escada, após acomodar o Macaco Irritado.

— Estão, mesmo! — respondi, antes de me lembrar de que ela não compreendia a linguagem dos gatos.

Ela foi à janela, pondo-se a espiar, e depois se ocupou da comida. Pelo que me lembro, tratava-se de frutas e legumes, pois Botão de Ouro gostava MUITO de frutas. A mim, as frutas causavam intenso desagrado. Miss Ku'ei gostava de uma uva, de vez em quando, e das brancas, que apreciava sem pele, pondo-se sentada a chupá-las. Por curioso que pareça, ela (Miss Ku'ei) também gostava de castanhas assadas. Conheci um gato, na França, que comia ameixas e tâmaras!

Botão de Ouro acendeu as luzes.

— Está ficando tarde, Fif, o que será que os faz demorar? — perguntou.

Lá fora, o tráfego rugia pela estrada, pois as pessoas de Windsor voltavam a suas casas, após terem passado o dia nas lojas, escritórios ou fábricas. Outros carros corriam na direção oposta, levando pessoas à procura de prazeres (após o que estariam “quebradas”!) na direção da outra margem do rio. Automóveis — automóveis, automóveis por toda a parte, mas não aquele que me interessava.

Muito após o último pássaro haver voltado e retirado a neve do poleiro, enfiando a cabeça sob a asa para dormir, houve finalmente a batida de uma porta de automóvel. Entraram o Chefe, Mamãe e Miss Ku'ei.

— O que aconteceu? — perguntou Botão de Ouro.

— O que houve? — perguntei, em eco.

Miss Ku'ei veio ter comigo, sem fôlego.

— Venha para debaixo da cama, Fif, preciso contar-lhe!

Juntas, voltamo-nos e fomos para o dormitório do Chefe, e sob a cama fizemos nossa conferência. Miss Ku'ei instalou-se, entrelaçando as patas. Da sala ao lado vinha o murmúrio de vozes.

— Pois bem, Fif, a coisa foi a seguinte — disse ela. — Nós entramos no carro, e eu disse ao Chefe: “Vamos experimentar este carro, ver como anda”. Seguimos pela estrada, e passamos por Tecumseh... é o lugar de que lhe falei, onde quase todos falam francês... e depois nos voltamos para uma das superestradas onde se pode pisar no acelerador e esquecer da vida.

Ela fez uma pausa momentânea, para verificar se o que contava causava o efeito desejado em mim. Satisfeita ao ver que eu dava atenção suficiente, prosseguiu:

— Andamos por ali algum tempo, após o que eu disse: “Puxa, Chefe, aperte esse acelerador, tá bem?” Ele acelerou um

pouco aquele negócio, mas vi que só estávamos a sessenta milhas por hora, o que era muito dentro da lei. Andamos mais um bocadinho, chegamos a talvez sessenta e cinco milhas por hora, e houve uma batida e um chuveiro de fagulhas, por baixo de nós, e aparecendo por trás. Olhei para o Chefe, e ele desviou o olhar. O volante estava solto na mão dele!

Ela fez outra pausa, para aumentar a expectativa, e ao observar que eu estava quase arquejando, retomou o fio da meada:

— Lá estávamos, na estrada muito comprida, a quase sessenta e cinco milhas por hora, ou mais um pouquinho. Não tínhamos direção, mas não havia muito tráfego por sorte. O Chefe conseguiu de algum modo deter o carro, e ele escorregou, com uma das rodas da frente pendurada sobre uma vala. O ar estava cheio do cheiro de borracha queimada porque ele tivera que usar os freios com toda a força, para impedir que caíssemos na vala. O Chefe desembarcou, virou as rodas da frente com as mãos, e depois voltou e usou a marcha à ré para voltarmos à estrada. Mamãe saltou e foi a um lugar onde havia um telefone, e chamou a garagem para apanharem os pedaços. Depois, ficamos todos esperando no carro, até que chegasse o caminhão de socorro.

Eu estava pasmada. Miss Ku'ei não dava qualquer sinal de tensão, mostrando-se calma e segura de si. Aflita, eu aguardava que ela retomasse a narrativa.

— Mas, Miss Ku'ei — instei —, a direção acabara de ser consertada... foi por esse motivo que o carro esteve na garagem!

— Sim, minha filha, sim, — respondeu ela. — Todas as coisas da direção que tinham sido substituídas caíram porque uns pinos, ou alguma outra coisa, não tinham sido postos. Bem, como eu dizia, um caminhão de socorro, com um enorme guindaste na parte traseira, veio bem de longe para nos atender. O homem saltou, e pelos ruídos que fez era como se estivesse achando uma maravilha estarmos vivos ainda. Todos nós empurramos o carro, para que o caminhão pudesse chegar à frente. Sentei-me no banco da direção e gritei, ensinando a todos o que tinham de fazer. Oh! Foi um caso sério, Fif — exclamou. — E ainda não lhe contei metade. Bem, nós três embarcamos no assento dianteiro do Monarch, e o guindaste suspendeu as rodas da frente. Imagino com que aspecto terrível estávamos nessa situação, quando o caminhão começou a voltar, sacolejando-nos. Percorremos boa distância, e eu não vou deixar de dizer que o reboque correu demais e danificou nossa transmissão automática.

Dito isso, rosnou azedamente para mim e acrescentou:

— Você não é mecânica, Fif, pois se fosse saberia que

rebocar um automóvel com transmissão automática prejudica muito o carro. Um reboque que vai depressa demais pode estragar tudo, e foi o que aquele fez. Mas eu não estou fazendo uma preleção técnica. Você não compreenderia, Fif.

— Miss Ku'ei — perguntei — o que aconteceu, depois?

— Aconteceu, depois? Oh, sim, nós passamos aos solavancos pelo cruzamento da estrada de ferro, em Tecumseh, e logo estávamos diante da garagem. O Chefe ficara muito contrariado, porque pagara para que todas aquelas peças fossem substituídas, mas o homem da garagem não reconheceu a culpa, dizendo que fora “um ato de Deus”, ou coisa parecida, que não compreendia. Ele nos trouxe de volta em seu próprio automóvel, porque eu lhe disse que não poderia carregar o Chefe por toda essa distância. Assim é que chegamos!

Eu ouvia o ruído de pratos, e embora fosse ocasião de tratar de alguma comida para nós, não conseguira comer coisa alguma enquanto esperava e me preocupava com a demora. Tinha, antes, uma pergunta:

— Miss Ku'ei, não ficou assustada?

— Assustada? ASSUSTADA! Ora, Aleluia e Santos Gatos, não. Eu sabia que o Chefe nos tiraria da embrulhada e estava presente para orientá-lo. Mamãe ficou muito calma, não tivemos problema algum com ela. Achei que talvez ela entrasse em pânico, mas aceitou tudo com muita naturalidade. Agora, vamos comer!

Sáimos de sob a cama e fomos para a cozinha, onde a ceia fora servida.

— O Velho não está satisfeito — disse Miss Ku'ei. — O que será que o preocupa, agora?

Comemos depressa, para podermos ir ouvir o que diziam, sem que perdêssemos muita comida ou muitas informações.

— Trate de andar, Fif — instou Miss Ku'ei. — Podemos lavar-nos enquanto ouvimos-

Fomos para a sala de visitas, e nos sentamos para lavar-nos após a ceia, e ficar sabendo das notícias.

— Estou farto deste carro! — resmungava o Chefe. — Devemos trocá-lo por algo melhor.

Mamãe emitiu ruídos guturais, pigarreando demais, o que indicava seu estado de dúvida.

— Olhe só para ela! — cochichou Miss Ku'ei. — Está contando as moedas, hesitando no preço!

— Por que não esperamos? — perguntou Mamãe. — Ainda estamos à espera daqueles direitos autorais, que devem chegar a qualquer dia.

— ESPERAR? — perguntou o Chefe. — Se

trocarmos de carro agora, teremos algo com que efetuar a troca. Se esperarmos até haver ainneiro, o Monarch velho terá caído aos pedaços, não valerá mais nada! Não! Se esperarmos até PODERMOS fazer a troca, não a conseguiremos.

O Macaco Irritado tem andado terrível — disse Botão de Ouro, mudando de assunto. — Não sei o que poderemos fazer com ele.

Miss Ku'ei disse o que devia fazer, e foi ótimo Botão de Ouro não compreender a linguagem dos gatos. O Chefe, entretanto, compreendia e aplaudiu e forneceu a Botão de Ouro uma tradução educada e muito censurada!

Aquela noite, quando me deitei para dormir, pensei no perigo que aqueles automóveis representavam. Paga-se muito para sua manutenção, depois pedaços caem, custam mais dinheiro. Parecia-me fantástico que as pessoas quisessem andar às carreiras pelos campos, em uma lata sobre rodas. Eu considerava isso perigoso ao extremo, e preferia ficar em casa, sem mudar novamente ou sair. Já viajara demais, estava pensando, e a que isso me tinha levado? Depois, despertei com um sobressalto; isso me levava à Irlanda e se eu não tivesse mudado para esse país, não teria conhecido o Chefe, Mamãe, Botão de Ouro e Miss Ku'ei. Inteiramente desperta, agora, fui para a cozinha a fim de obter uma refeição, para passar algumas das horas da noite- Lá encontrei Miss Ku'ei, que não conseguira dormir, pensando nas horas perigosas que passara aquele dia. O Macaco Irritado tagarelava, neurastênico e — como sempre acontece com ele — ouvi que vertia água. Miss Ku'ei cutucou-me e murmurou:

— Aposto que o rio Detroit tem recebido mais água, desde que essa coisa veio morar conosco. Botão de Ouro deve ter perdido o juízo para querer uma criatura assim!

— Ódio! ódio! — gritava o Macaco Irritado para o ar da noite.

— Boa noite, Fif — disse Miss Ku'ei.

— Boa noite-, Miss Ku'ei — respondi.

Na manhã seguinte, o Chefe foi à garagem para ver o que podia ser feito com o automóvel. Passou lá a maior parte da manhã, e ao regressar dirigia o Monarch. O Chefe sempre efetua uma conferência de família, quando há alguma coisa importante a ser resolvida. Trata-se de um costume oriental que nós, os gatos, endossamos. Miss Ku'ei e eu sempre discutimos as coisas, antes que uma de nós faça algo importante. Na conferência de família, o Chefe e eu nos sentamos juntos, e Mamãe e Miss Ku'ei juntas, também. Botão de Ouro sentava-se só, porque o Macaco Irritado não tinha intelecto algum, e só sabia gritar:

— Ódio, ÓDIO! Quero ir embora! Não queria vir!

— Em primeiro lugar — disse o Chefe —, teremos de mudar-nos desta casa. Fiquei sabendo, com o pessoal da garagem, que o outro lado da estrada vai ser utilizado como depósito de lixo da cidade, e que vão encher a vala com lixo. Isso atrairá hordas de moscas no verão. Além disso, esta estrada é quase intransitável no verão, devido aos excursionistas americanos. Assim sendo. . . vamos mudar.

Deteve-se e olhou ao redor. Ninguém se mexeu, ninguém disse coisa alguma.

— Em segundo lugar — prosseguiu ele —, a direção foi posta em ordem, mas breve teremos de gastar muito dinheiro no carro. Acho que devemos ir a Windsor e trocar este veículo por outro- A terceira questão é saber o que vamos fazer com o Macaco Irritado. Ele está piorando e, como o veterinário diz, precisará de atenção cada vez maior. Vamos dá-lo àquele homem? Ele sabe tudo acerca de macacos.

Por bastante tempo permanecemos sentados, debatendo as questões. Automóveis, casas, macacos. Miss Ku'ei anotava tudo, tinha cabeça muito boa para negócios, sempre sabia tratar dos assuntos alheios.

— Acho que devemos ir a Windsor esta manhã — disse Mamãe. — Se você pretende fazer isso, é melhor resolver logo. Também quero olhar a outra casa.

— • Puxa! — murmurou Miss Ku'ei. — Finalmente, vamos fazer algo! Hoje eles estão com toda a corda.

— Bem, Sheelagh, o que me diz do macaco? — perguntou o Chefe a Botão de Ouro.

— Nós ficamos com ele para ver se podia ser curado — respondeu ela — e como é claro que ele não melhorou, e está sentindo falta dos outros animais, acho que deve ser devolvido.

— Certo — respondeu o Chefe. — Vamos ver o que se pode fazer. A semana vai ser cheia de trabalho.

Miss Ku'ei interrompeu, para dizer que era muito tolo morar no mato, longe de Windsor.

— Eu quero ver as lojas, quero ver a VIDA! — afirmou.

— Vamos encontrar um lugar dentro de Windsor, desta vez — disse o Chefe-

Mamãe levantou-se.

— Não encontraremos coisa alguma, se continuarmos sentados aqui — asseverou. — Vou preparar-me.

Saiu apressadamente, e o Chefe começou a dizer coisas rudes para o Monarch, que nos deixara na mão.

Antes que Mamãe pudesse preparar-se e ir para o automóvel,

o Chefe regressou.

— Aquele homem na estrada — disse — estava de passagem e me viu na garagem. Parou para me dizer que alguns jornalistas têm rondado por este lugar, para saber onde moramos.

A família tem sido perseguida pela imprensa, e gente vem de muitas partes diferentes do mundo, todos exigindo “uma entrevista exclusiva”. Nós também recebemos cartas de todo o mundo, e, embora nem uma em mil mandasse o selo para a resposta, o Chefe respondia a todas. Está ficando mais sabido, agora, e já não responde a TODAS as cartas. Miss Ku’ei e eu tivemos de falar com expressões muito fortes com ele, para que passasse a empregar um critério mais rigoroso. É esse um de seus traços — ele se deixa persuadir quando alguém lhe mostra a razão de alguma coisa. Miss Ku’ei e eu muitas vezes tivemos de apresentar fatos para convencê-lo, uma vez que o bom senso é algo muito mais idôneo do que a emoção.

O Chefe chamou Botão de Ouro, que estava no pavimento superior:

— Sheelagh! Há uma porção de bobos da imprensa por aqui. Acho que você não deve atender à porta, e precisa ter a certeza de que ela esteja trancada.

Ele e Mamãe saíram, deixando Miss Ku’ei e a mim para protegermos Botão de Ouro contra a imprensa. Ouvei que o carro era posto em movimento, e percebemos pelo som enquanto o Chefe dava marcha à ré e fazia a volta.

— Bem, Gata Velha — disse Miss Ku’ei, jovialmente — breve estarei andando num automóvel melhor. VOCÊ devia fazer mais disso, Fif, pois ampliaria sua compreensão.

— Cuidado por aí, gatas — disse Botão de Ouro, descendo a escada. — Quero limpar este soalho.

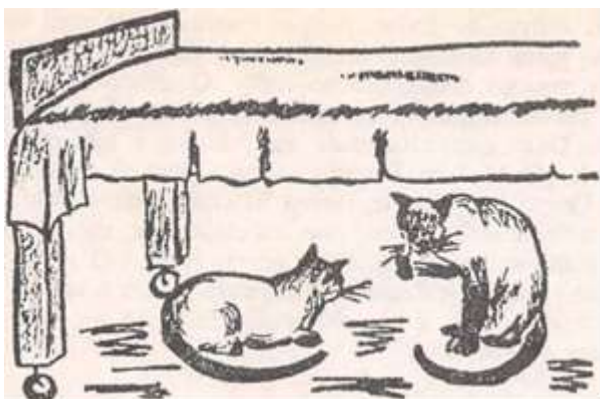
Miss Ku’ei e eu nos afastamos, sentando-nos na cama do Chefe. Ela espiou pela janela e disse o que estava vendo.

— O gelo está-se partindo no lago, Fif — narrou, com satisfação. — Vejo pedaços enormes rodando, onde a corrente é forte. Isso quer dizer que logo o tempo se tornará mais quente. Talvez consigamos andar de barco. Você havia de gostar, com toda a água ao redor, porque nunca ficaria com sede.

Nós, gatos siameses, somos muito sociáveis, **PRECISAMOS** ter pessoas **AMADAS** ao redor. O tempo se arrastava, e quase parou, enquanto permanecíamos sentadas, esperando. Botão de Ouro estava ocupada na cozinha, e não queríamos perturbá-la. O Macaco Irritado cantava para si mesmo:

— Quero ir, quero ir, quero ir. Ódio! Odeio tudo!

Eu achava isso trágico, pois ali estava ele, na melhor das casas e ainda assim não se dava por satisfeito! O relógio deu onze horas. Bocejei, e decidi dormir, para passar o tempo. Miss Ku'ei já adormecera, e sua respiração formava um som leve, no silêncio do aposento.



CAPÍTULO 9

— Puxa! Oh, puxa! — exclamou Miss Ku’ei, com ânimo.
— Que belo automóvel!

Sua voz se erguia cada vez mais, e já passava a gritar:

— E É O MEU CARRO NOVO, está parando aqui! —
Comprimiu o focinho ainda mais à vidraça da janela da cozinha.

— Santos Gatos! — arquejou- — Tem capota fixa, é azul,
Fif, a cor de seus olhos, e a capota é branca. Ah! O Chefe é um
camarada e tanto, para arranjar uma coisa assim.

“Preciso ter paciência” estava pensando, “e esperar que ela
me diga mais”. É muito difícil, às vezes, ser cega e ter de contar
tanto com os préstimos alheios. Um automóvel da cor de meus
olhos, fora o que ela dissera. Eu estava MUITO lisonjeada com
isso. E tinha a parte superior branca, também. Isso o tornaria
muito atraente, contrastando de modo vantajoso com o azul. A
essa altura, porém, eu ouvia que as portas do carro eram fechadas,
e o Chefe e Mamãe logo entrariam. Passos aproximaram-se pela
trilha de acesso à casa. Ouvi quando abriam a porta de tela e a
batida da mola, quando se fechou. E eles entraram, o Chefe e
Mamãe. Botão de Ouro desceu correndo as escadas, tão animada
quanto Miss Ku’ei e eu.

— Vão sair para vê-lo? — o Chefe perguntou a Miss Ku’ei e
a mim.

—Não, muito obrigada, Miss Ku'ei o descreverá para mim, quando voltar — respondi.

O Chefe e Botão de Ouro, esta última carregando Miss Ku'ei muito bem agasalhada, saíram para ver o automóvel. Eu percebia os pensamentos telepáticos de Miss Ku'ei, que me dizia.

—Bacana, Fif, um belíssimo cheiro de couro. E tapetes onde se pode enfiar bem as unhas. Santo Gato Ruivo! A vi- draçaria é enorme, e há muito espaço para sentar ao lado da janela traseira. Nós vamos dar uma voltinha na estrada, Fif, até logo-

Algumas pessoas dizem: “Ora, Sra. Costeletas, por que não recebe as mensagens telepáticas por todo o tempo?” A resposta a essa pergunta muito sensata é a seguinte: se todos os gatos usassem os poderes telepáticos plenamente e de modo constante, o “ar” ficaria tão cheio de ruído que ninguém compreenderia mensagem alguma. Até mesmo os seres humanos têm de regular suas estações radiofônicas para evitarem a interferência. Os gatos entram no comprimento de onda daquele outro que desejam chamar, e nesse caso a distância não importa, mas qualquer outro gato que esteja escutando nesse mesmo comprimento de onda recebe a mensagem, de modo que se perde o sigilo da mesma. Usamos a fala a curta distância quando queremos conversar em particular, e a telepatia para discussões e mensagens a distância, bem como nas irradiações para a espécie felina. Conhecendo o comprimento de onda de um gato, determinado pela frequência básica de sua aura, pode-se conversar com o mesmo, esteja ele onde estiver, e o idioma não constitui impedimento. NÃO constitui impedimento? Bem, não muito grande. As pessoas, e isso inclui os gatos, inclinam-se a pensar em sua própria língua e a projetarem os quadros mentais diretamente construídos com base em sua própria cultura e conceito sobre as coisas. Não me desculpo por revelar alguns detalhes deste assunto, porque se meu livro proporcionar aos seres humanos uma compreensão, ainda que pequena, dos problemas dos gatos e de seus pensamentos, já terá valido a pena.

Um ser humano e um gato vêem a mesma coisa, mas de ponto de vista diferente. O ser humano vê uma mesa e tudo o que se acha sobre ela. O gato vê apenas a parte inferior da mesma. Olhamos para cima, do chão para cima. A parte inferior das cadeiras, o que se vê por baixo de um automóvel, as pernas de mesas que se estendem para cima como árvores em uma floresta, é o que vemos. Para nós, um chão é uma planície enorme, salpicada de objetos enormes, e cheia de pés de gente desajeitada. Um gato, onde quer que esteja, tem o mesmo tipo de visão, de modo que outro gato compreenderá o sentido de uma mensagem. Recebê-las

de seres humanos é coisa diferente, pois eles projetam um quadro cuja perspectiva ou ponto de vista é tão inteiramente estranho para nós que, às vezes, ficamos intrigados. Os gatos vivem em companhia de uma raça de gigantes. Os seres humanos vivem em companhia de uma raça de seres anões. Deite-se no chão, com a cabeça apoiada no mesmo, e verá o que um gato vê. Os gatos sobem nos móveis e nas paredes, de modo a verem como os seres humanos o fazem, e compreenderem, desse modo, os pensamentos que lhes chegam.

Os pensamentos humanos não são controlados, e se irradiam por toda a parte. Apenas as pessoas como o meu Chefe conseguem controlar a radiação e estender os pensamentos, de modo a não “congestionar” todos os demais. O Chefe disse a Miss Ku’ei e a mim que os seres humanos conversavam por telepatia há muitos e muitos anos, mas que abusaram desse poder, vindo a perdê-lo. Ao que diz o Chefe, é esse o significado da Torre de Babel. Como nós, os seres humanos usavam anteriormente a linguagem oral para conversa em particular dentro de um grupo, e a telepatia para as distâncias maiores e uso grupai. Agora, naturalmente, os seres humanos — ou a maioria deles — usam somente a fala oral.

Os seres humanos jamais deveriam subestimar os gatos. Nós dispomos de inteligência, cérebros e capacidades. Não utilizamos a “razão” no sentido geralmente aceito dessa palavra, pois temos a “intuição”. As coisas “vêm a nós”, nós SABEMOS qual é a resposta, sem necessidade de elaborá-la. Muitos seres humanos não acreditarão nisso, mas como o Chefe acabou de observar “se as pessoas, as pessoas humanas, explorassem as coisas DÊSTE mundo, antes de procurarem chegar ao espaço exterior, viveriam melhor aqui mesmo. E, se não fosse pelas coisas da mente, NÃO haveria coisas mecânicas, em absoluto, pois é necessária uma mente para imaginar um dispositivo mecânico”.

Algumas de nossas lendas falam de coisas importantes, ocorridas entre seres humanos e gatos, nos dias da antiguidade remota, antes que os seres humanos perdessem seus poderes de telepatia e clarividência. Haverá algum ser humano rindo diante da idéia de que os gatos tenham lendas? Nesse caso, por que não ri dos ciganos humanos, que têm lendas remontando a séculos passados? Os gatos não escrevem, nem o precisam fazer, pois têm a recordação total em todo o tempo e podem utilizar o Registro Akáshico. Muitos ciganos humanos também não escrevem, mas as histórias que conhecem são transmitidas ao correr dos séculos. Quem compreende os gatos? O leitor? PODE dizer que os gatos não têm inteligência? Na verdade, vocês vivem com uma raça de

criaturas a quem, vocês não conhecem, porque nós, os gatos, NÃO QUEREMOS ser conhecidos. Tenho a esperança de que, algum dia, o Chefe e eu possamos, juntos, escrever todo um livro com lendas de gatos, e será um livro que realmente causará espanto aos seres humanos! Mas estou-me afastando muito do que pretendia escrever.

O sol brilhava e me aquecia, seus raios passando pela janela da cozinha, quando Miss Ku'ei regressou— Brrr! — comentou, ao entrar. — Está frio lá fora, Fif. Foi muito bom o automóvel ter um aquecedor tão eficiente.

Afastou-se, para comer alguma coisa, após a animação causada pelo carro novo. Achei que ia comer também, sabendo que ela gosta de ter companhia.

— A comida está com bom gosto, Fif — disse ela. — Acho que o passeio aumentou meu apetite. Você devia passear, e nesse caso comeria mais ainda do que come... se isso é possível!

Sorri com ela, pois nunca ocultei o fato de que gosto do que como. Após muitos anos de regime de fome, era bom e reconfortante poder comer quando bem se desejava. Ao nos sentarmos juntas, lavando-nos após a refeição, eu pedi:

— Pode-me falar sobre o automóvel, Miss Ku'ei, por favor?

Ela pensou por momentos, enquanto lavava atrás das orelhas e penteava os bigodes.

— Já lhe falei da cor — disse — e suponho que você queira saber o que aconteceu. Bem, nós embarcamos e o Chefe contou a Botão de Ouro e a mim tudo que era preciso. Ele e Mamãe dirigiram até o lugar onde há automóveis para vender, e ali examinaram muitos. O gerente conhece bem o Chefe e indicou este, dizendo que é muito bom. O Chefe o experimentou, gostou e comprou. O velho Monarch foi dado como parte do pagamento. O Chefe vai levar-nos para um passeio, daqui a pouco, e irá bastante devagar, por sua causa.

O Macaco Irritado prorrrompera novamente em gritos.

— Quero ir! Quero ir! — berrava.

Botão_ de Ouro o repreendeu, mas com muita suavidade, por fazer tanto barulho- O animal era louco, e disso tínhamos certeza. Sempre emanavam queixas dele.

— Quando é que o vamos devolver? — perguntou Botão de Ouro ao Chefe.

— Viva! — gritou Miss Ku'ei, saltando no ar com alegria. — O Velho Macaco Irritado vai embora, tudo ficará mais seco por aqui! Eu bem queria que ele ficasse com as torneiras congeladas!

Na noite anterior, o frio fora maior do que o comum, e o encanamento de água se congelara. Como Ku'ei observara tantas vezes, o Macaco Irritado era o mais molhado de sua raça.

— Devíamos telefonar e dizer que vamos levá-lo de volta — disse o Chefe — porque não posso simplesmente largar esta criatura junto a uma pessoa desprevenida!

Mamãe foi ter ao pé das escadas, a fim de fazer o telefonema. O Chefe NUNCA usava telefone, quando o podia evitar, porque muitas vezes recolhia os pensamentos da pessoa com quem falava, ao invés de perceber o que ela dizia — e isso eram duas coisas muito diferentes! Após alguns incidentes, nos quais o Chefe apreendera o sentido de modo errado, haviam estabelecido a regra de que Mamãe ou Botão de Ouro usassem aquele instrumento. Mamãe agia como “gerente comercial” porque o Chefe dizia que ela era mais capacitada para isso. Era ela que tratava de todas as nossas contas, mas apenas porque o Chefe queria que fosse assim.

— Sim, podemos levá-lo de volta — disse Mamãe, aduzindo em tom sombrio: — Mas eles não devolverão dinheiro algum!

— Bem, Sheelagh, o que vamos fazer? — perguntou o Chefe.

Botão de Ouro ficara tão preocupada que gaguejou, e arrastou os pés.

— Bem — disse, finalmente — ele não está melhorando, e é claro que não gosta daqui. Eu acho que talvez eie tenha medo das gatas, ou que ficaria melhor em uma casa que não tivesse gatos. Vamos levá-lo de volta!

— TEM CERTEZA? CERTEZA ABSOLUTA? — perguntou o Chefe.

— Sim, vamos levá-lo de volta, para o próprio bem dele.

— Pois bem, eu tirarei o carro agora.

Dito isso, o Chefe levantou-se e foi para a garagem.

— Ódio! Ódio! — berrava o Macaco Irritado. — Quero ir! Quero ir!

Com tristeza, Botão de Ouro tirou-o da gaiola e o envolveu em um pequeno cobertor. O Chefe entrou e levou a gaiola grande, pondo-a na mala do carro, que tinha bastante espaço. Sentou-se no veículo por alguns momentos, esquentando o motor para que o aquecedor pudesse esquentar o carro para o Macaco Irritado. Depois, satisfeito com a temperatura, buzinou para Botão de Ouro. Ouvi a porta do automóvel fechar-se e o ruído do motor enquanto

o carro se afastava.

O automóvel era bonito, e Miss Ku'ei o adorava. Saía algumas vezes, mas como já disse, não gostava de automóveis, de modo algum. Certa feita, o Chefe levou Mamãe, Miss Ku'ei e a mim a um lugar agradável, sob a Ponte do Embaixador. Estávamos sentados no automóvel e o Chefe abriu a vidraça um pouco, para que eu pudesse sentir o odor de Detroit, na outra margem do rio. Miss Ku'ei faz-me lembrar de “odor” e palavra que não cabe, nesse caso, mas pelo menos é uma expressão educada! Ali, no calor do automóvel, Miss Ku'ei descreveu o cenário para mim:

— Acima de nós, a Ponte do Embaixador se estende sobre o rio Detroit como um brinquedo de armar por cima de uma banheira. Os caminhões estão passando, numa fila que não acaba. Os carros particulares são muitos. Os turistas fazem parar os automóveis sobre a ponte para tirarem fotografias. À nossa frente está um centro ferroviário, e à direita os americanos estão construindo algum Salão bem grande, porque eles gostam de ir a lugares assim para falar. Chamam a isso Conferências, ou Convenções. Na verdade, para que eles se afastem das esposas, bebam bastante e se embrulhem com namoradas a quem pagam.

Dito isso, parou por momentos e aduziu:

— Puxa! Como o gelo está descendo! Se pudéssemos apanhar algum e guardar para o verão, ganharíamos uma fortuna. Bem, como dizia, se você quiser posso pedir ao Chefe que nos leve a Detroit.

— Não, Miss Ku'ei, obrigada — respondi, nervosa. — Receio que não fosse gostar de modo algum. Como não vejo, de nada adiantaria eu ir. Tenho a certeza de que o Chefe gostaria muito de levar você, entretanto!

— Você é tão melindrosa, Fif — disse Miss Ku'ei. — Sinto vergonha de seu acanhamento.

— Vamos levar as gatas para casa e começar a procurar outra, para nos mudarmos -- disse Mamãe.

— Está bem — respondeu o Chefe. — Já é ocasião de mudarmos, porque não gostei daquele lugar desde o início.

Eu gritei:

— Adeus, Senhora Ponte do Embaixador.

Eu andara ligada anteriormente a embaixadores e côsules, de modo que queria demonstrar desrespeito àquela ponte. O motor voltou a funcionar e Miss Ku'ei disse ao Chefe:

— O-KAY! Vamos andar.

O Chefe fez uma pressão pequena sobre um pedal e o carro

subiu devagar pela encosta coberta de neve, chegando à Estrada Riverside. Ao passarmos pela estação de Windsor, um trem apitou com impaciência, e eu quase morri de susto. Prosseguimos, pela margem do rio, passando pela fábrica de bebidas e indo mais adiante. Passamos também por um convento e Miss Ku'ei observou que sempre pensava no Sr. Loftus, lá longe na Irlanda, quando passava por aquele lugar. O Sr. Loftus tinha uma filha que é irmã de caridade em um convento, e estamos informados de que ela vai muito bem.

Encostamos a um lado da estrada, após uma viagem longa, e o Chefe disse:

— Estamos em casa, Fif. Você logo terá o seu chá. Vamos tomar o chá primeiro, Rab? — perguntou, voltando-se para Mamãe.

— Tanto faz — disse ela. — Depois disso, não precisaremos preocupar-nos com o tempo.

O Chefe sofreu tanto que precisa comer com freqüência, em pequenas quantidades. Devido aos “anos maus” de antes, eu chegara ao Lar, como a velha macieira predissera, também passara por vissitudes, e também como com freqüência, pouco de cada vez. Entramos na casa, levadas pelo Chefe e Mamãe, bem envolta em agasalhos porque a neve ainda encobria o chão. Na casa, Botão de Ouro já preparara o chá, de modo que fui ter com ela e lhe disse da minha satisfação em estar de volta.

O chá logo foi terminado e o Chefe levantou-se, dizendo:

— Bem, vamos andar, senão seremos apanhados pelo movimento de tráfego ao anoitecer.

Despediu-se de Miss Ku'ei e de mim, dizendo-nos que tomássemos conta de Botão de Ouro. Saiu, acompanhado pela Mamãe. Mais uma vez ouvimos o ruído do motor distanciando-se. Sabendo que estávamos entregues a nossos próprios recursos por uma ou duas horas, fizemos algum exercício. Eu persegui Miss Ku'ei pela sala, após o que ela correu atrás de mim. Seguiu-se uma competição para ver quem conseguia fazer mais buracos num jornal, no menor espaço de tempo. Isso logo nos enjoou e, de qualquer forma, os jornais haviam acabado.

— Vamos ver quem sabe andar no corrimão até mais longe, sem cair, Fif — sugeriu Miss Ku'ei, e imediatamente acrescentava: — Oh! Esqueci-me de que você não vê. Bem, não pensemos nisso.

Sentou-se e esfregou com suavidade a orelha esquerda, na esperança de obter alguma inspiração.

— Fif! — chamou.

— Sim, Miss Ku'ei? — perguntei.

— Fif, você pode-me contar uma história, uma das lendas antigas serve. Fale baixinho, porque eu quero adormecer ao som de sua voz. Depois disso, você poderá dormir — aduziu, tomada de magnanimidade.

— Muito bem, Miss Ku'ei — Vou falar-lhe dos Gatos que salvaram o Reino.

— Puxa! Essa é uma beleza. Bem, pode começar.

Refestelou-se, e eu me voltei, para ficar de frente para ela, principiando a história.

— Nos dias da Antigüidade, pode ter sido há mil ou um milhão de anos, a Ilha era verde e bela, sob o brilho cálido de um sol sorridente. As águas azuis batiam, brincalhonas, nas rochas indolentes, fazendo chuveiros de borrifo branco no ar, onde os arco-íris abriam os braços acolhedores. A terra era fértil e luxuriante, com árvores altas e graciosas cujas copas se estendiam até o céu, onde eram acariciadas por brisas tranqüilas. Das terras mais altas, os rios vinham por cima de pedras enormes e tombavam cantando em grandes poços, antes de se

estenderem e seguirem com mais calma para o mar sempre acolhedor. No interior, as montanhas se erguiam e escondiam os cumes acima das nuvens, talvez formando os alicerces para os Lares dos Deuses.

Entre as faixas de areias douradas, orladas pela espuma branca das ondas que vinham, criaturas felizes brincavam, nadavam e se amavam. Ali, não havia outra coisa senão paz, alegria e contentamento inefável. Ali não havia preocupação alguma quanto ao futuro, nenhuma lembrança de tristezas ou mal, mas apenas a alegria sob as folhagens farfalhantes das palmeiras.

Uma estrada larga seguia para o interior, partindo da costa, desaparecia na sombra fresca de uma floresta imensa, reaparecendo bem ao longe, onde o cenário era muito diferente. Ali havia templos, e construídos em pedras coloridas e metais, como prata e ouro. Torres elevadas que se erguiam, sondando os céus, cúpulas abobadadas e grandes edifícios de idade venerável. Do vão de janela de um templo alto vinham as notas de um gongo de som profundo, pondo em vôo milhares de pássaros que haviam dormido à luz do sol, nas paredes santas.

Enquanto esse som profundo continuava, homens de mantos amarelos se dirigiram apressadamente ao edifício central. Por algum tempo esse movimento continuou, depois diminuiu e, nos espaços abertos, tudo voltou à tranqüilidade. Na Assembléia

Principal do Templo imenso, os monges se moviam, desassossegados, a imaginar qual o motivo para o chamamento repentino. Finalmente, uma porta se abriu no recesso mais longínquo do Templo, e uma fila pequena de homens de mantos amarelos apareceu- O Chefe, um ancião encarquilhado pelos anos, vinha com passos lentos, escoltado por dois gatos imensos, gatos com caudas, orelhas e máscaras negras, e corpos brancos. Havia, ao que se percebia logo, uma compreensão telepática completa entre o ancião e os gatos. Juntos, eles seguiram até um pódio, onde o ancião se deteve por alguns momentos, espiando para aquele número enorme de rostos que o fitavam.

— “Irmãos de todos os graus”, disse, devagar, finalmente. “Eu os chamei para dizer que esta nossa Ilha corre perigo mortal. Por muito tempo sofremos sob a ameaça dos cientistas que habitam a terra, no outro lado da montanha. Separados de nós por uma ravina profunda que quase divide esta Ilha, eles não são fáceis de alcançar. Em seu território, a ciência suplantou a religião; eles não têm Deus, não têm qualquer conceito sobre os direitos alheios. Agora, Irmãos de todos os graus”, e o velho sacerdote se deteve, olhando ao redor com tristeza. Satisfeito ao ver que contava com a atenção extasiada de sua platéia, ele prosseguiu: “Nós fomos ameaçados. A menos que nos curvemos aos ímpios e nos tomemos inteiramente subservientes a esses homens maus, eles ameaçam destruir-nos como germes estranhos e mortíferos”. Fez uma pausa, cansado, sentindo nos ombros o peso dos anos. “Nós, Irmãos, estamos aqui para examinar como podemos contornar essa ameaça à nossa existência e liberdade. Sabemos onde as culturas de germes estão guardadas, pois alguns de nós procuraram em vão roubá-las, para que fossem destruídas. No entanto, falhamos nesses esforços, e aqueles que enviamos foram torturados e mortos”.

— “Santo Pai!” disse um jovem monge. “Essas culturas de germes são pesadas, difíceis de carregar? Um homem pode roubá-las e CORRER com elas?” Sentou-se, esmagado por sua temeridade ao dirigir-se ao Santo Pai. O ancião fitava à frente, com tristeza. “Difíceis?” indagou. “Não há dificuldade. As culturas de germes se acham em um tubo que pode ser carregado entre o polegar e o indicador, mas basta uma gota espalhada em nossa terra para nos aniquilar. Não há dificuldade, mas a cultura de germes se encontra dentro de uma torre muito bem guardada”. Fez outra pausa, enxugou a testa. “Para demonstrar o desdém que sentem por nós, eles a colocaram em uma janela aberta, bem à

vista daqueles que mandamos para a terra deles. Uma árvore esguia estende um ramo delicado pela janela, um ramo tão grosso quanto o meu punho. Para mostrar que não têm medo de nós, enviaram uma mensagem dizendo que devemos orar até ficarmos leves, e nesse caso talvez o ramo nos sustente”.

A reunião prosseguiu até as primeiras horas da madrugada, os monges discutindo entre si os meios e processos de evitar a destruição de seu povo. “Não poderíamos derrubá-lo, fazendo-o cair e quebrar-se? Assim, eles desapareceriam, e nós estaríamos a salvo da destruição”, disse um monge. “É verdade”, disse outro, “mas se o pudéssemos derrubar, estaria a nosso alcance, e se o pudéssemos segurar, estaríamos com o poder, pois se diz que não existe antídoto, nenhum modo de impedir os germes malignos”.

Em um aposento retirado, o ancião se achava deitado, esgotado, em seu sofá. A seu lado, a guardá-lo, encontravam-se os dois gatos. “Santidade” disse um deles por telepatia, “não podia eu ir àquela terra, subir na árvore e retirar a ampola?”

O outro gato olhou para seu companheiro, dizendo: “Iremos juntos, porque assim serão dobradas as possibilidades de êxito”. O velho sacerdote pensou, avaliando o que se achava em jogo. Finalmente, ele respondeu, por telepatia: “Talvez vocês tenham a solução, pois apenas um gato poderia subir naquela árvore e andar pelo galho. Talvez vocês estejam com a solução”. Dedicou-se a seus pensamentos particulares por algum tempo, e nenhum gato telepata seria capaz de intrometer-se nos pensamentos particulares de alguém. “Sim, pode ser a resposta!” disse o ancião, novamente. “Vocês serão ambos carregados, passando pela ravina, para que não se cansem, e ali esperaremos que regressem a salvo”. Silenciou, e depois aduziu: “E não diremos a pessoa alguma o que vamos fazer, pois mesmo em uma comunidade como a nossa existem os que falam descuidadamente. Sim!” afirmou, batendo as mãos com prazer. “Mandaremos um emissário para saber das condições deles, e isso servirá para distrair-lhes a atenção quanto a vocês”.

Os dias que se seguiram foram movimentados. O Alto Sacerdote fez saber que desejava enviar um emissário e chegou a resposta de que isso seria permitido. Os homens que guardavam o emissário, transportando duas cestas, subiram pelas passagens das montanhas até a ravina, atravessaram-na e se acharam em território inimigo. O emissário foi para o reduto adversário e encobertos pela escuridão os gatos foram soltos das cestas. Tão silenciosos quanto a própria noite, eles partiram. Furtivamente, aproximaram-se da árvore, e passaram por seu pé. Utilizavam seus

poderes telepáticos, inteiramente, para poderem determinar a presença de qualquer inimigo. Com cuidado, um deles subiu, enquanto o outro usava todas as capacidades telepáticas de que dispunha para fazer a vigilância mais completa. Com cautela infinita, o gato que subia na árvore arrastou-se pelo ramo até que pôde, finalmente, apanhar a ampola, bem sob o ncriz do guarda sobressaltado. Muito antes que os homens pudessem sair correndo da torre, os dois gatos haviam desaparecido na escuridão, levando para o velho sacerdote a ampola que salvaguardaria seu país nos anos futuros. Agora, naquela terra, os gatos são sagrados para os descendentes do país e apenas os gatos sabem qual o motivo!

Um ronco suave pontuou minha última frase. Olhei e ouvi, para ter certeza. Sim, era um ronco alto, dessa vez. Sorri, satisfeita, pensando: “Bem com que, então eu sou uma Gata Velha enjoada mas sei ao menos embalar Miss Ku’ei para que durma!” Ela não o fez por muito tempo entretanto. Logo se sentava, ordenando:

— Comece a lavar-se, Fif, eles já estão de volta e não quero que você tenha mau aspecto.

Momentos depois ouvimos um motor de automóvel, seguido do barulho da porta da garagem. Em seguida foram passadas na trilha de acesso, e o Chefe e Mamãe entraram.

— Como se saíram? — perguntou Botão de Ouro, tirando o avental e pondo-o de lado — Achamos um lugar — respondeu o Chefe. — Serve

muito bem. Eu a levarei para ver, se quiser, e levaremos a “Espaventada” também.

Era freqüente o Chefe chamar Miss Ku’ei de “Espaventada”, devido ao modo pelo qual ela rolava pelo chão, quando animada. Fiquei astisfeita por não me pedir que fosse ver o novo apartamento, mas o Chefe sabia que eu detestava essas coisas, preferindo esperar até que nós TODOS fossemos juntos, em mudança para lá. De que adiantavam os passeios a uma gata cega? Por que motivo eu deveria ir, quando nada sabia do lugar, nem sequer quais objetos evitar, para poder andar? Preferia esperar, até que tudo estivesse arrumado, a mobíuia se achasse no lugar, porque então o Chefe e Miss Ku’ei me levariam a cada aposento, indicando-me a localização das coisas, o Chefe me suspenderia, para que eu me familiarizasse com os objetos, sabendo até onde pular. Quando eu conhecia um lugar, podia pular para cima de uma cadeira ou para o chão, sem errar e sem me machucar. Eu me ponho em pé e examino uma cadeira, para evitar saltar no encosto da mesma, e depois salto para o ponto que desejo. Existem momentos,

na • turalmente, em que bato nas coisas, mas tenho presença de espirito suficiente para não bater no mesmo lugar duas vezes!

Eles não tardaram. Quando voltaram, Miss Ku'ei veio ter comigo, cheia de animação:

— Apronte as orelhas, Fif — ordenou. — Já é hora de você ser informada. Pois bem, o lugar é uma casa que foi dividida em dois apartamentos. Ficamos com toda ela, de modo que o Chefe possa escrever outro livro. Vamos morar no apartamento de cima. Tem peças grandes, e de lá dá para ver o rio Detroit. Há uma sacada grande de grade, e o Chefe disse que poderemos usá-la, quando o tempo estiver mais quente. E, Fif, existe um sótão onde podemos bnnicar e encher-nos de poeira. Você vai ADORAR!

O Chefe, então, ia escrever outro livro, hem? Eu sabia que ele havia sido pressionado com a necessidade de outro livro, sabia que ele recebera instruções especiais de entidades desencarnadas- O título já fora escolhido. Miss Ku'ei leu meus pensamentos.

— Sim! — exclamou, cheia de alegria. — Assim que nos mudarmos, na próxima semana, vamos falar com a Sra. Durr, e arranjar papel para começar o livro.

— Sra. Durr? — indaguei. — Quem é essa Sra. Durr?

— Você não a conhece? Ora, TODOS a conhecem. É uma senhora que vende livros, e no momento está trabalhando para uma firma de Windsor, mas logo estabelecerá seu próprio negócio. Não conhece a Sra. Durr! Bem, bem! Que coisa!

— disse ela, sacudindo a cabeça e murmurando, em tom de desagrado.

— Mas qual é o aspecto dela, Miss Ku'ei? — perguntei.

— Eu não posso ver, não é?

— Oh, não, naturalmente, esqueci-me disso — disse Miss Ku'ei, muitíssimo abrandada. — Sente-se, gata velha, que eu vou contar.

Subimos para o peitoral da janela, pondo-nos ali uma de frente para a outra, e ela disse:

— Bem, você não soube de uma coisa. A Sra. Durr... Ruth para os amigos. .. é ELEGANTE! Rechonchuda na proporção certa, com belos traços e Mamãe diz que ela tem cabelos castanhos. Usa saia-balão a maior parte do tempo, não na cama, ao que acredito, e o Chefe diz que ela se parece com uma figura de porcelana. Tem boa pele, também, sabia? Pele como porcelana, entendeu, Fif?

— Entendi, Miss Ku'ei. Sua descrição foi muito boa, obrigada — respondi.

— Ela vende livros e outras coisas, e embora seja holandesa,

vende livros na Inglaterra- É ela quem está vendendo os livros do Chefe. Nós gostamos dela, e contamos vê-la mais, agora que vamos morar na cidade de Windsor.

Continuamos por momentos imersas na contemplação das virtudes da Sra. Durr, e depois me ocorreu uma pergunta:

— Ela tem alguma família de gatos?

Miss Ku'ei pareceu entristecer-se.

— Ah! Lamento que tenha perguntado isso, pois é um caso triste, MUITO triste.

Fêz uma pausa, e tenho a certeza de que a ouvi fungar algumas vezes. Logo ela voltou a controlar suas emoções, prosseguindo:

— Sim, ela tem o Sutchby, que é um gato incapacitado, e também é uma rainha, incapacitada também. Houve algum erro terrível, o pobre Stubby está todo embrulhado em seu Departamento Vital. Mas tem um coração de ouro, sim, um coração de ouro. É a criatura mais bondosa que já vi. Tímido, muito reservado, o que seria uma boa mãe para algum filhote sem pais; preciso falar com o Chefe a esse respeito.

— Existe um Senhor Durr? — indaguei, e logo aduzi: — Naturalmente deve haver, senão ela não sorria Sra. Durr.

— Oh! sim, existe um Sr. Durr. É ele quem fornece leite para Windsor e sem ele todos ficariam com sede. Também é holandês, de modo que a filha deles deve ser também holandesa. Sim, Fif, você gostará da Sra. Durr, ela é digna de alguns ronronados. Mas não temos tempo para falar dessas coisas agora, preciso providenciar a mudança desta casa. Na próxima semana nós nos mudaremos, e eu disse ao Chefe que providenciaria para que você não ficasse com medo.

— Não ficarei com medo, Miss Ku'ei. — Já fiz muitas mudanças.

— Bem — disse ela, ignorando minhas observações —, na semana que vem as malas e as coisas serão levadas em um caminhão e Mamãe estará na outra casa para recebê-las. Logo depois o Chefe levará você, Botão de Ouro e eu, e quando estivermos estabelecidas o Chefe e Mamãe voltarão aqui, para ver se está tudo em ordem, limpo, etc. e levarão a chave para o senhorio.

A essa altura, a neve se derretia e o gelo no lago começava a partir-se e flutuar, deslizando pelo rio. Nevadas repentinas faziam lembrar que o verão ainda não chegara, mas podíamos perceber que o pior já passara. A vida no Canadá era notavelmente cara, tudo custava duas vezes — ou mais — o que custaria na Irlanda

ou na França. O Chefe procurara trabalho como escritor ou na televisão, e descobrira, em suas tentativas amargas, que as firmas no Canadá não querem colonizadores, a menos que eles sejam (como disse o Chefe) OPERÁRIOS DE ESCAVAÇÕES! Verificando que não podia arranjar trabalho escrevendo ou na televisão, procurou qualquer outra coisa, mas descobriu que também não o desejavam. Nenhum de nós gostava do Canadá, onde havia uma notável falta de cultura, uma notável falta de apreciação pelas mais belas coisas da vida. Eu me consolava com o pensamento de que logo o verão chegaria e nós nos sentiríamos melhor.

O Chefe, Botão de Ouro e Miss Ku'ei saíram certo dia, a passeio, e creio que tenham ido a alguma loja, a fim de comprarem certa quantidade de turfa. Mamãe e eu arrumamos as camas e fizemos algumas coisas na casa. Era preciso espanar as escadas e pôr de lado os jornais velhos. À altura em que tínhamos feito isso, eles voltavam.

— Sabe de uma coisa, Fif? — perguntou Miss Ku'ei, vindo ter comigo e cochichando-me em um ouvido — O quê? O que aconteceu? — perguntei.

— Puxa! Oh! Você não seria capaz de adivinhar — murmurou ela. — Nunca adivinharia. Isso é **DEMAIS**. Ela conheceu um homem chamado Heddy, que adora macacos.

— Macacos, Miss Ku'ei? Não me vai dizer que vamos ter uma macaco outra vez na casa!

Miss Ku'ei riu, de modo cínico.

— Não, Fif, não vamos ter **UM** macaco, vamos ter **DOIS** dêsses monstrosinhos. Acho que vai ser preciso nadar, tendo duas coisas dessas trabalhando todo o tempo no departamento de inundações.

Permaneceu sentada e silenciosa por momentos, e aduziu:

— Mas talvez eles sejam guardados na varanda, pois não poderíamos ter dois macacos selvagens correndo por aqui. O Macaco Irritado não sabia andar, mas esses dois estão em bom funcionamento, são garantidos, o freguês fica satisfeito ou recebe o dinheiro de volta.

Expeliu o ar dos pulmões, com vigor, e disse:

— Botão de Ouro vai ver esse homem Heddy, o tal que **ADORA** macacos!

— Isso é muito estranho — observei. — Os macacos são animais de reputação tão má! Eu me lembro de um, na França, que era o animal de estimação de um marinheiro aposentado. Pois fugiu um dia e quase arruinou uma loja de frutas. Eu não vi, é

preciso dizer. Foi uma dama, chamada Madame Manteiguinha, quem me falou sobre isso. Ela dirigia um hospital de veterinários. Quando estive internada lá, ela me contou a história do último inquilino da gaiola, esse macaco que se cortou, ao passar pelo vidro de uma vitrina.

Nós estávamos ocupados, preparando as coisas para a mudança, e havia muito a ser posto nas malas. Miss Ku'ei e eu trabalhávamos dobrado, pisando nas coisas para formar mais espaço no interior das malas. As vezes, tínhamos de tirar as coisas do interior de uma mala já feita, para termos a certeza de que nada fora esquecido. Era preciso amassar o papel fino, pois todo mundo sabe que o papel fino amassado é mais macio do que o novo. Trabalhamos muito, na verdade, e tenho o orgulho de julgar que prestamos grande ajuda. Adorávamos, de modo especial, fazer com que os lençóis ficassem prontos para o uso. Ninguém gosta de lençóis que vêm diretamente da lavanderia, duros e inamistosos, de modo que Miss Ku'ei e eu tínhamos um sistema especial de correr de um para outro lado sobre os mesmos, até que ficassem macios, não tendo mais as dobras duras de roupa recém-passada.

— Sheelagh! — Mamãe chamava, da cozinha. — O carpinteiro está aqui, para tratar da gaiola do macaco.

— Já vou — disse Botão de Ouro, descendo as escadas com ruído.

Miss Ku'ei resmungava, cheia de desdém:

— Gaiola de macaco, hem? Isso vai custar um dinheirão! Com os demônios, eu não sei em que vai dar tudo isso. Devíamos ir até lá e prestar atenção, pois não estamos sabendo de muita coisa.

— Sim, sim — o carpinteiro estava dizendo. — A gaiola deve ter duas partes; não? Ah! Eu o apanho depressa. Minha mulher quer ver o macaco, não? Posso trazê-la? Sim? Já vou.

Miss Ku'ei dava risadinhas.

— Assim que disse “já vou”, ele foi, Fif. Puxa! Que bichona vai ser essa gaiola. O Chefe, Mamãe, Botão de Ouro e nós, todos podíamos entrar nela, porque dá lugar.

— Vai haver lugar na casa nova, Miss Ku'ei? — perguntei.

— Sim! Sim! Muito lugar. Vamos ter uma varanda enorme, lá em cima, inteiramente fechada com arame. Pensei que íamos ficar com ela como lugar para brincar, mas vai servir de Sala de Macacos, também! É assim que marcham as coisas!

Os últimos dias se arrastavam. O Chefe e Botão de Ouro foram falar com o carpinteiro holandês, e voltaram trazendo a

notícia de que a gaiola estava pronta, e que seria montada na casa nova. A cada viagem que o Chefe fazia a Windsor, levava mais e mais coisas da casa. Miss Ku'ei foi ver se tudo estava certo, e ao voltar contou-me:

— Bem, Fif, amanhã você vai dormir na cidade de Windsor, de onde dá para ver Detroit. Não é grande coisa, e alguns americanos vêm até aqui nos carros de luxo. Mas é preciso ver que eles trazem dólares para este país. Isso é bom para o comércio, etc. etc.

O Chefe me apanhou, e brincamos por algum tempo. Eu gostava muito de brincar com ele, que costumava usar uma vareta com algo a fazer barulho na ponta, e a arrastava pelo chão, de modo que eu a pudesse perseguir pelo som. Naturalmente, deixava que eu a apanhasse um bom número de vezes, apenas para que aumentasse minha confiança. Eu SABIA que ele me deixava apanhar aquilo, mas fingia não saber. Aquela noite, ele afagou meu pêlo, e o peito.

— Vá dormir agora, porque teremos um dia movimentado amanhã.

— Boa noite — disseram Mamãe e Botão de Ouro.

— Boa noite — respondemos, e ouvi o estalido do interruptor, quando o Chefe o desligou pela última vez naquela casa.

Amanhã? Amanhã era um outro dia, e nos levaria a outra casa. Ali, naquela noite, deitei-me e adormeci.



CAPÍTULO 10

— Viva a Margarida! — cantava Miss Ku'ei. — Estamos nós de partida- Nós viajamos pelo mundo, como o Gato Raimundo. Vamos para Windsor, a Cidade, para mudar outra vez, mudar de verdade.

— Fique quieta, Ku'ei — disse o Chefe. — Não se pode pensar, quando você está cantando. É bom resignar-se com o fato e que não tem mais talento musical do que eu.

— Sorri para mim mesma. Era manhã e Miss Ku'ei saudava o amanhecer já distante com seu canto. Quando o Chefe lhe falou, ela se afastou, resmungando:

— Vocês não apreciam a Arte, não têm talento para isso!

— Eu me espreguicei, pois logo faríamos o desjejum. Já Mamãe se movimentava na cozinha. Ruído de pratos chegou a meus ouvidos, então.

— Ku'ei! Fif! Venham para o desjejum!

— Já vou, Mamãe — respondi, ao apalpar a beira da cama e saltar para o chão.

— Era sempre uma aventura, isso de saltar da cama para o chão, de manhã. Os sentidos e percepções da criatura não são tão agudos, quando ainda não se acordou inteiramente, e

— eu sempre nutria um receio leve de que iria cair sobre os sapatos do Chefe, ou coisa parecida. Era um receio muito leve, porém, porque eles haviam tomado cautelas excepcionais a fim de que eu não me machucasse.

— A Fif já vem! — disse o Chefe, falando com Mamãe.

— Venha para o seu desjejum, Fif — disse Mamãe. — Você está andando como se fosse uma vovó, esta manhã!

Sorri para ela e instalei-me para comer.

— Não, um pouco mais para a direita... aí mesmo! — disse Miss Ku'ei.

— O que vamos fazer em seguida? — perguntou o Chefe. — Eu irei apanhar a correspondência.

Mamãe indicou as coisas que eram as mais frágeis e o Chefe e Botão de Ouro as levaram para o automóvel. Tínhamos uma caixa postal em Windsor, porque havíamos descoberto que, quando as pessoas tinham nosso endereço, vinham visitar-nos inesperadamente e isso criava complicações, uma vez que o Chefe não recebia pessoa alguma que simplesmente aparecesse e exigisse ser recebida. Miss Ehfei me contou que quando a família vivia na Irlanda — antes que eu aparecesse em cena — uma mulher chegara da Alemanha e EXIGIRA ser recebida imediatamente, pois queria “sentar-se aos pés do Lama”. Informada de que não podia entrar, ela montara acampamento nos degraus da escada, até receber ordens do Sr. Loftus, o policial, para que se retirasse dali, ordem essa que ele deu com expressão fisionômica muito feroz e porte marcial, em seu uniforme garboso.

Mudar era assunto que não dizia respeito a Miss Ku'ei e a mim. E alguns homens das firmas de transportes haviam carregado nossas coisas, partindo no caminhão. Miss Ku'ei andou pela casa, despedindo-se de suas peças. Era uma despedida que nos deixava satisfeitas, pois aquela casa jamais tivera uma atmosfera amistosa para nós. Com o tempo, ela e eu fomos levadas, bem agasalhadas, para o automóvel, cujo interior estava aquecido. O Chefe trancou as portas da casa e saímos dali. A estrada estava muito ruim, como tantas outras estradas canadenses, e Miss Ku'ei me disse que havia um letreiro, onde se lia: “Estrada em mau estado, siga a seu próprio risco!” Prosseguimos viagem, chegando a um cruzamento ferroviário. Miss Ku'ei avisou:

— É daqui que vem nossa comida, Fif, um lugar chamado “Pare e Compre”. Agora, estamos na estrada principal de Windsor.

Ali, a viagem era mais macia. Meu nariz comichou, ao perceber um odor conhecido, odor que me fazia pensar no

veterinário irlandês e em seu Hospital de Gatos. Miss Ku'ei riu, dizendo:

— Não seja tola, Fif, isto é apenas um hospital para seres humanos, e para aqui só vêm aqueles que estão quase mortos.

Mais adiante, ela disse:

— E aqui é onde os automóveis são fabricados. Estamos passando pela fábrica Ford- Vou-lhe contar tudo, Fif. Vou-lhe dizer o que estamos vendo.

— Miss Ku'ei! — disse eu. — Que cheiro estranho! De algum modo vago, ele me faz pensar nos vinhais franceses, mas ainda assim é um cheiro DIFERENTE.

— Claro que sim — disse ela. — Aqui é uma fábrica, onde eles preparam bebidas. Cereais que podiam servir de alimentação para pessoas com fome são amassados para fazer uma espécie de bebida, sem a qual as pessoas viveriam melhor. Mas nós vamos passar logo por uma ponte ferroviária. Todos os trens que vêm de qualquer lugar para Windsor passam sobre esta ponte.

Seguimos mais um pouco e depois houve uma batida estrondosa, que me fez dar um pulo no ar.

— Não seja medrosa, Fif — disse Miss Ku'ei. — Isso foi apenas um trem passando no desvio.

O Chefe deu uma volta e se deteve.

— Estamos em casa, Fif — disse Mamãe.

Miss Ku'ei e eu fomos levadas pelo caminho de acesso à casa, coberto de neve, passando pela porta dianteira e subindo as escadas.

Lá estava o cheiro forte de verniz e sabão. Farejei o chão, achando que o mesmo tinha sido bem encerado e isso recentemente.

— Não ligue para isso — disse Ku'ei. — Você poderá examinar o soalho mais tarde. Vou levá-la de aposento a aposento, falando-lhe sobre o lugar. Preste atenção, porque temos alguns móveis novos.

— Sheelagh! — chamou o Chefe. — Vamos entregar as chaves ao senhorio, e não demoraremos.

O Chefe e Mamãe saíram e ouvi quando desceram as escadas, embarcavam no automóvel, e partiam.

— Bem, agora venha comigo — disse Miss Ku'ei.

Percorremos todo o apartamento, Miss Ku'ei indicando todos os obstáculos e a localização das cadeiras. Em seguida, fomos para o alpendre de trás.

— Abra, por favor! — gritou Miss Ku'ei.

— Você quer sair, Ku'ei? — perguntou Botão de Ouro. —

Bem, vou abrir a porta.

Atravessou a cozinha e foi à porta, abrindo-a. Uma lufada de ar gelado entrou, e nós saímos para o alpendre.

— Aqui — disse Miss Ku'ei — é o alpendre de cima. Fechado com arame por três lados. Não tardará a ser a Sala dos Macacos. Terá aquecimento. Brrr! Vamos sair, faz frio demais aqui.

Seguimos para a cozinha e Botão de Ouro fechou a porta do alpendre com um suspiro de alívio e outro sinal, comentando por mímica alguma coisa sobre as gatas tolas que gostavam de passear — ao que ela pensava — sem qualquer objetivo.

— Aqui está o dormitório que você partilhará com o Chefe. Dá para ver a estrada de ferro, por cima do rio Detroit e a cidade do mesmo nome. No verão, ao que estou informada, os navios de todo o mundo passam diante dessa janela. Nós veremos, veremos!

Miss Ku'ei estava em seu elemento, descrevendo o que via.

— Um pouquinho para a esquerda, está o lugar onde alguns homens fizeram um buraco por baixo do rio, e por ali uma estrada de ferro que dá para a América. Mais além, fica a Ponte do Embaixador. O Chefe diz que a palavra Detroit é uma corruptela do que em francês se designa por “Os Estreitos”. Acho que você já sabe de tudo isso, Fif!

Ela se voltou repentinamente, tão depressa que bateu com a cauda em minha cara.

— Puxa! — arquejou. — Um sujeito de aspecto horrível está olhando para mim, e traz uma pasta de documentos, com ar de funcionário público.

Aquela noite dormimos bem, sem sermos muito perturbados pelos barulhos e estrondo dos trens que passavam diante da janela. De manhã, Mamãe desceu as escadas para apanhar o leite. Regressou de lá trazendo o leite e umas cartas que entregou ao Chefe.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Não sei — disse Mamãe. — Estava na caixa.

Ouvi o som de envelope que era rasgado, e depois o silêncio enquanto o Chefe lia.

— Céus! — exclamou ele. — Não há limite para a bobice dos funcionários canadenses? Escutem só. É uma carta do Departamento de Renda Nacional. Ela diz:

“Prezado Senhor,

As informações recebidas por este Departamento indicam que está fazendo pagamentos de aluguel a um não-residente do Canadá, sem deduzir impostos. Comó deixou de

pagar impostos desde o dia 1º de maio de 1959, solicitamos que inclua o suficiente em seu próximo aluguel, a fim de cobrir a soma tributária que deveria ter pago.

Se deixar de pagar os impostos como é determinado pelas Leis Tributárias, será punido, de acordo com. . .”

— Estão vendo? — disse o Chefe. — Nós nos mudamos ontem, e já recebendo ameaças. Seria bom despertar, como de um pesadelo e descobrir que estávamos de volta na boa e velha Irlanda. POR QUE esses canadenses infantis ameaçam as pessoas desse modo? Acho que vou tratar dessa questão com os funcionários de maior categoria em Ottawa.

Miss Ku’ei me catucou:

— Está vendo, Fif? Foi como eu lhe disse. Aquele homem horrível, que vimos ontem, era um espião fiscal. Eu o vi.

Continuamos a ouvir o Chefe falar a esse respeito.

— Não consigo compreender este país. Eles me ameaçam com deportação logo na primeira carta que me mandaram. Ao invés de me pedirem que vá ao Oficial Médico de Saúde, eles ME AMEAÇAM com a deportação, se não for. Agora, no dia seguinte ao de nossa mudança, vem com ameaça de todos os tipos de penalidade. O povo deste país não tem raciocínio suficiente para saber que já terminaram os dias do Oeste Selvagem.

— O Chefe está ficando com raiva — cochichou Miss Ku’ei. — Nós devíamos esconder-nos debaixo da cama!

Os dias decorreram sem maiores problemas. Gradualmente, fomo-nos acostumando aos ruídos dos trens. O chefe fez uma barulheira a respeito das cartas ameaçadoras e recebeu desculpas dos funcionários fiscais locais e também do governo de Ottawa. Foi publicado um artigo nos jornais falando sobre os funcionários canadenses que procuram intimidar os colonizadores! O tempo tornou-se mais quente e Miss Ku’ei e eu pudemos sentar-nos na escada e brincar no jardim do pavimento térreo.

Certa manhã, o Chefe voltou do correio de Walkerville, trazendo bastante correspondência, como de costume, mas nesse dia vinha também uma bela carta da Sra. O’Grady.

— Sinto saudades dela — disse Mamãe- — Como seria bom se ela pudesse vir visitar-nos!

O Chefe permaneceu sentado e quieto por algum tempo e depois disse:

— Ela foi uma boa amiga nossa. Por que não a fazemos vir? Mamãe e Botão de Ouro ficaram paradas, espantadas.

— O Chefe ficou maluco, finalmente — cochichou Miss

Ku'ei. — Foi o que o Canadá fez por eie.

— Rab — disse o Chefe —, que tal escrever à Sra. O'Grady e perguntar se ela gostaria de vir? Diga-lhe que, se vier no próximo mês, estará aqui na mesma ocasião em que também se encontrará a Rainha da Inglaterra. Pense nisso, a Rainha da Inglaterra e a Sra. O'Grady, da Irlanda, aqui no Canadá, ao mesmo tempo. Diga-lhe que a Rainha passará pelo rio, bem à nossa frente. Diga-lhe que POR FAVOR responda logo!

Miss Ku'ei, com bom humor de todo inconsciente, disse:

— Bem, Fif, agora que finalmente nos livramos dos macacos, vamos ficar com a Sra. O'Grady.

Todos nós AMÁVAMOS a Sra. O'Grady, e a tínhamos na conta de amiga muito boa. Eu ri, fazendo Miss Ku'ei perceber que estava colocando a Velha O'G na mesma categoria daqueles animais. Miss Ku'ei, com sua presença de espírito habitual, voltou-se para mim, dizendo:

— Bobagens, Fif, qualquer um, menos você, compreenderia que depois da tempestade vem o sol. A Sra. O'Grady é sol, depois da tempestade dos macacos.

Os macacos tinham sido uma “tempestade”, realmente, como concordei logo. Logo após havermos mudado para a casa na Estrada do Rio, o carpinteiro holandês chegara, trazendo a gaiola no caminhão— Eu querer trazer minha mulher ver os macacos, sim? — perguntara.

Botão de Ouro, a Rainha dos Macacos, concordara, dizendo que ele podia trazer a mulher para ver os macacos, quando estes estivessem instalados. O carpinteiro holandês e seu filho trouxeram todas as peças e trabalharam bastante para montar o conjunto. Depois, esfregaram as mãos, afastaram-se pra ver a obra, e ficaram à espera do pagamento em dólares. Isso resolvido, partiram dali, após receberem garantia de que a esposa do carpinteiro seria convidada para visitar a Sala dos Macacos.

Um ou dois dias depois, chegaram dois macacos, em uma cesta grande, naturalmente. Botão de Ouro, toda animada ao vê-los, abriu a tampa um pouco, sem cautela.

— UAI! — berrou Miss Ku'ei. — PRA BAIXO DA CAMA, FIF, TEM MACACOS BRAVOS SOLTOS POR AI!

Nós mergulhamos para debaixo da cama, de modo que não ficássemos no caminho, atrapalhando a caçada aos macacos. O Chefe, Mamãe e Botão de Ouro corriam pelos aposentos, fechando janelas e portas. Por algum tempo foi um pandemônio. Parecia-nos que hordas de macacos corriam por ali. Miss Ku'ei comentou:

— Vou ficar perto da parede, Fif, e estarei em condições de puxar você, se um macaco vier em nossa direção.

Finalmente, um dos macacos foi apanhado e posto na jaula, e após outros esforços aconteceu o mesmo com o segundo. A família sentou-se, enxugando as testas. Logo Botão de Ouro se pôs em pé, e transformou-se em Corpo Sanitário, composto de uma só pessoa, ela própria, para percorrer a casa, retirar as marcas de macaco que se achavam distribuídas por toda a parte, em profusão espantosa. Miss Ku'ei observou, sabidamente:

— Puxa vida! É formidável que essas coisas não saibam voar, Fif.

O Chefe e Mamãe andavam por ali, endireitando as coisas e ajudando a restaurar o lugar, deixando-o no estado em que se encontrava, antes dos macacos.

A experiência com os macacos não constituiu êxito. O ruído, o cheiro, a agitação geral que aquelas criaturas causavam, tudo isso era demasiado- Um apêlo frenético foi feito ao homem chamado Heddy.

— Sim — concordou ele —, esses macacos selvagens, vindos das florestas sul-americanas, realmente não são adequados para casa particular, e sim, apenas, para os jardins zoológicos.

Propôs levar os macacos e dar-nos um domesticado, criado em cativeiro e próprio para se ter como animal de estimação. Uma família pálida e abalada disse, em uníssono:

— NÃO! Basta levá-los daqui. Pode levar a gaiola, também, de presente!

Assim, dois macacos e uma gaiola bastante grande, feita especialmente, foram devolvidos. Miss Ku'ei e eu demos, hoje, andar pela casa com confiança maior, já não mais constantemente alertas por causa de macacos que tenham fugido. Quando o cheiro já diminuía e depois de o alpendre ter sido energicamente lavado diversas vezes, passamos muito tempo ali. Era um lugar agradável, onde o sol incidia de manhã, e de onde podíamos sentir o perfume das flores e plantas do jardim próximo. Já demos muitas risadas por causa dos macacos, mas isso apenas ao recordar o passado, um passado que não poderia voltar!

Nossa alegria pela partida dos macacos logo aumentou, quando recebemos uma carta da Sra. O'Grady. Sim, ela viria, ao que informava. O marido ficara satisfeito por vê-la ter essa oportunidade de viajar.

— O que era ele? — cochichei a Miss Ku'ei.

— Era um homem muito importante — disse ela, também em cochicho. — Era a voz de um navio, e falava de modo que

todo o mundo pudesse ouvir. Chamavam-no de Faíscas.

Miss Ku'ei pensou por momentos, e acrescentou:

— Acho que ele lidava com o rádio. Sim, deve ser, é ele quem faz toda a electricidade para Dublin agora, ao que me parece!

— Eles têm família, Miss Ku'ei? — perguntei.

— Sim, — respondeu ela — têm uma gatinha chamada Doris. . . que também virá. . . e o Sr. Samuel Cachorro, que toma conta da casa. Ele é quase tão velho quanto você, Fif.

As semanas foram-se passando e certa manhã o Chefe chamou-me a mim e a Miss Ku'ei, dizendo:

— Muito bem, gatas, na semana que vem vamos ter movimento e barulho. A Rainha da Inglaterra virá a Windsor, e haverá bandas de música e foguetório. A Sra. O'Grady e Doris chegarão hoje. Você, Ku'ei, deverá tomar conta de Fif; cu a torno responsável pela segurança dela.

— Okay, Chefe, okay! — respondeu Miss Ku'ei. — E não tomo conta dela, sempre, como se fosse a minha própria bisavó?

Houve muitos preparativos, Mamãe e Botão de Ouro esforçaram-se ainda mais na limpeza da casa e o Chefe e nós, gatas, usamos energia ainda maior para não ficarmos na frente delas, para não sermos varridas também.

— Vamos para o sótão — disse Miss Ku'ei, finalmente. — Essas mulheres, com tal animação, tornam este lugar perigoso para nós.

O tempo esquentara, fazia um calor terrível. Miss Ku'ei e eu encontrávamos dificuldade até para respirar. Assim como nosso primeiro inverno no Canadá fora excepcionalmente frio, também aquela estação, a de calor, se mostrava excepcionalmente quente. Miss Ku'ei comentou:

— Puxa! Fif, não se pode ter comida boa e crua agora, tudo é cozido por este tempo quente.

Mamãe fora para Montreal na véspera, de modo a vir de lá em companhia da Sra. O'Grady. Por volta de uma da tarde do “dia de chegada” o Chefe saiu com o automóvel, e partiu para o Aeroporto de Windsor. Botão de Ouro zumbia pela casa, e não parava de espiar pela janela. Miss Ku'ei disse que havia muita coisa para ver. Em questão de alguns dias, teríamos procissões, bandas de músicas e revoadas de aeroplanos. Não por causa da Sra. O'Grady, o que Miss Ku'ei tornou oem claro, mas devido à Rainha Inglesa, que se achava presente. Haveria espetáculos pirotécnicos que, como eu sabia, representavam muitos estrondos. Estávamos, porém, à espera de nossa amiga, Sra. O'Grady.

Miss Ku'ei e eu fazíamos uma refeição leve, a fim de nos

fortalecermos. Botão de Ouro espiava pela janela. De repente, ela gritou:

— Ah! Aí vêm eles! (Falou em inglês, porque não conhecia a linguagem dos gatos).

Ato contínuo, desceu correndo as escadas para abrir a porta de entrada.

— Cuidado para não ficar no caminho, Fif — disse Miss Ku'ei. — As gatas jovens podem ser um pouco estabanas com os pés. TODOS os seres humanos são — aduziu, como a completar o pensamento. — Fique perto de mim e tudo andar bem.

Houve muita agitação na escada, conversa e risada, e em seguida o ruído de malas que eram postas no chão.

— Puxa! — cochichou Miss Ku'ei. — A pobre velha O'Grady está com tanto calor quanto uma fatia frita de *bacon*. Espero que ela não morra aqui!

Finalmente, eles chegaram ao cimo da escada, e a Sra. O'Grady atundou-se na cadeira mais próxima. Depois de se ter recuperado um pouco, Mamãe disse:

— Venha à sacada, talvez esteja mais fresco lá.

Todos nós fomos para a sacada, sentando-nos. Por algum tempo, a conversa foi sobre a Irlanda, assunto agradável para o Chefe e Mamãe. Depois, passaram a falar sobre a Rainha Inglesa, assunto da preferência de Botão de Ouro, mas que deixava o Chefe indiferente. Miss Ku'ei disse:

— Se vocês querem falar sobre rainhas, NÓS somos as melhores rainhas que existem!

A Sra. O'Grady parecia sentir cada vez mais calor e, finalmente, retirou-se para o apartamento de baixo, onde se resfriou na melhor água da cidade de Windsor, voltando de lá mais tarde, aparentemente refrescada.

Mamãe providenciara para que a Sra. O'Grady e Filha ficassem num hotel muito bom, o Metrópole, e após haverem ficado por lá o tempo suficiente para verem as luzes de Detroit, o Chefe e Mamãe as levaram para o hotel. Miss Ku'ei foi também, para mostrar o caminho ao Chefe e dizer-lhe como dirigir. Creio que tenham levado meia hora, após a qual o Chefe, Mamãe e Miss Ku'ei voltaram. Fomos todos deitar-nos, preparando-nos para o dia seguinte.

De manhã Mamãe disse:

— Vamos apanhá-las depois do desjejum, quando formos buscar a correspondência. Acho que devíamos levá-las a Windsor, para que vejam como é a cidade.

Fizemos o desjejum e em seguida Miss Ku'ei e eu ajudamos o Chefe a vestir-se. Ele é muito doente e já passou por apuros suficientes para dar fim a qualquer pessoa. Precisa, agora, descansar muito e ter muito cuidado. Miss Ku'ei e eu dedicamos nossas vidas a cuidar dele. Logo ele e Mamãe desceram as escadas do fundo, seguindo pelo jardim até a garagem. Nossa senhoria residia em Detroit, mas em Windsor seus assuntos eram cuidados pela prima, uma senhora muito agradável, que sempre falava muito educadamente com Miss Kifei e comigo. Todos nós gostávamos muito dela. Nosso automóvel era grande demais para entrar na garagem da casa, de modo que a Srta-Prima da Senhoria deixava que o guardássemos em sua garagem, que era bem grande. Era, realmente, uma mulher muito agradável e conversava muito conosco. Lembro-me de que um dia ela nos disse que, no tempo em que viveu seu

pai, todos os colonizadores trabalhavam armados, devido à ameaça constante de incursões dos índios. O pai dela, ao que nos narrou, levava seu gado a beber no rio, onde passam hoje os trilhos da estrada de ferro. Ela tinha outra casa a poucos quilômetros de Windsor, uma verdadeira cabana de madeira, feita de toras de nogueira. Miss Ku'ei foi vê-la, certa vez, e ficou muito impressionada com as criaturas estranhas que viviam por baixo dos degraus dessa cabana.

— Santos Gafanhotos! — comentou Miss Ku'ei —. Como estão demorando!

Achávamos um desperdício de tempo ficarmos sentadas esperando, de modo que subimos para o sótão e afiamos as garras nas vigas, tomando um belo banho fresco de poeira. Do canto mais alto da casa Miss Ku'ei fitava a rua, a uns quinze metros de distância.

— Eles chegaram — avisou, e pulou de leve para o chão do sótão.

Descendo as escadas, a correr, chegamos a tempo de recebê-los quando entravam. O Chefe me apanhou, pondo-me sobre o ombro e levando-me para o pavimento superior. Miss Ku'ei foi correndo à frente pela escada, chamando Botão de Ouro para vir dar “bom dia, minha gente”.

— Fomos ver os *destroyers* ingleses — disse o Chefe. — Estão ancorados no Parque de Dieppe. Também demos um passeio pela cidade. Agora, a Sra. O'Grady quer sentar-se e refrescar-se, pois o calor é muito.

Eles apanharam cadeiras e foram para a sacada. A Sra. O'Grady estava muitíssimo interessada em ver o rio, com navios

vindos de todo o mundo e que ali passavam diante de seus olhos- O Chefe conversava sobre assuntos marítimos falando a respeito da presença desses navios. Eu não compreendia aquilo, em absoluto, e Miss Ku'ei mostrou-se muito vaga, mas ao que parece alguns seres humanos haviam cavado uma vala grande, para deixar que a água dos Grandes Lagos corresse mais depressa para o mar. Como certas cidades americanas estavam consumindo água em demasia, tinham sido instaladas comportas e alguns canadenses ficaram com as chaves das mesmas. Abriam e deixavam passar alguma água, para que o navio entrasse flutuando, depois fechavam uma porta atrás, abrindo outra à frente. Tudo isso era coisa muito misteriosa para Miss Ku'ei e para mim, mas o Chefe conhecia o assunto a fundo e o descreveu para a Sra. O'Grady, que parecia compreender o que se passava por lá.

Passaram-se alguns dias, com a família levando a Sra. O'Grady em passeios para ver a cidade. A mim, isso parecia um desperdício de tempo, enquanto Miss Ku'ei dizia que eles passavam diante de nossa janela.

— Puxa, Fif! — exclamava ela. — Olhe aquela mulher, não é uma visão rara?

A atividade era grande diante de nossa casa, onde os homens montavam decorações e instalavam recipientes para receberem lixo. Pequenas embarcações, com homens ocupados, passavam pela água, ruidosamente, como que a exibirem sua importância. Grande número de pessoas vinha sentar-se no leito ferroviário, espiando para o outro lado do rio e muitos carros parados congestionavam as estradas. A família estava sentada na sacada. O Chefe tirava muitas fotografias e naquele dia estava com uma coisa de três pés, tendo uma máquina fotográfica em cima. Nessa máquina ele instalara o que Miss Ku'ei chamara de lente telefoto suficientemente poderosa para fotografar um gato que estivesse em Detroit.

A Sra. O'Grady se remexia na cadeira.

— Olhem! — exclamou com grande agitação. — Toda a costa americana está cheia de guardas da Polícia Montada Canadense, de capotes vermelhos!

Miss Ku'ei abafou uma risada, enquanto o Chefe explicava:

— Não, Sra. O'Grady, não são Guardas da Polícia Montada, é um trem carregado de tratores agrícolas, pintados de vermelho, que foram exportados do Canadá-

Como Miss Ku'ei disse, realmente PARECIAM soldados de túnica vermelha, de modo que qualquer um poderia cometer engano parecido.

Era maior o número de navios que vinham pelo rio. O ruído

feito pelo povaréu silenciou por momentos, e em seguida prorromperam da multidão algumas aclamações.

— Lá está ela — disse Mamãe — de pé, sozinha, no tombadilho.

— E lá está o Príncipe — acrescentou Botão de Ouro —, mais para o centro do navio.

— Tirei uma bela fotografia daquele helicóptero — disse o Chefe. — Um homem estava inclinado, fotografando os navios lá por baixo. Isso dará uma boa chapa!

— Os navios subiram pelo rio e quando o último deles desapareceu os automóveis na estrada voltaram a andar. A multidão se dispersou e, como disse Miss Ku'ei, tudo que ficou para nos fazer lembrar foi meia tonelada de lixo. Mais uma vez as barcas atravessavam o rio e os trens trovejavam e apitavam em seus trilhos, diante de nossas janelas.

Enquanto ainda havia luz do dia, algumas barcas foram rebocadas para o rio, postas no ponto onde o Canadá se tornava América e a América se tornava Canadá. Aparentemente, a pirotécnica seria disparada daquela posição, e ambos os países, não apenas um, seriam responsáveis por quaisquer danos infligidos. Mais uma vez se formaram multidões, trazendo coisas de comer e beber — principalmente as últimas.

Todos os trens pararam, alguém deve ter dito aos navios que não podiam mais passar por ali. Finalmente, chegou a hora da pirotécnica. Nada aconteceu. Passou-se mais tempo, e não houve coisa alguma. Um homem gritou, dizendo que um dos jogos montados caíra na água. Depois de algum tempo, houve alguns estampidos fracos, que não eram de porte suficiente para assustar nem mesmo uma gatinha recém-nascida, e Miss Ku'ei disse que surgiram algumas luzes estranhas no céu. E estava tudo acabado. O Chefe e Mamãe disseram que era hora de levar a Sra. O'Grady de volta ao hotel.

— Vamos chamar um táxi, — disse Mamãe, — porque não conseguiremos tirar nosso carro da garagem com um congestionamento destes-

Chamou as companhias de táxis e foi informada de que todos os veículos estavam retidos em congestionamento de tráfego.

— Há um milhão de pessoas ou mais, à beira da água — foi o que lhe disseram — e nada consegue andar nas estradas.

O Chefe retirou o carro, e em companhia de Mamãe e da Sra. O'Grady desapareceu em meio à multidão. Mais de uma hora depois regressaram e disseram que haviam levado uma hora para percorrer a distância de duas milhas.

No dia seguinte o Chefe e Mamãe levaram a Sra. O'Grady para ver Detroit, andaram muito por lá, e voltaram para casa. A Sra. O'Grady disse que queria fazer algumas compras e foi com Mamãe e Botão de Ouro, deixando Miss Ku'ei e eu para cuidarmos do Chefe. Aquela foi uma semana muito movimentada e ativa, com os passeios que normalmente levariam duas ou três semanas executados em uma só. Chegou com rapidez demasiada o momento em que o pessoal dos aviões tinha de regressar à Manda, a Shannon, de onde tínhamos partido.

O Chefe e Mamãe levaram a Sra. O'Grady e a Filha para o aeroporto de Windsor. Como ouvimos Mamãe dizendo a Botão de Ouro mais tarde, eles haviam esperado até que o avião decolasse. Os O'Grady estavam de partida, de volta para a Manda, viagem essa que gostaríamos de poder fazer também. O Chefe se esforçara muito para obter trabalho em Windsor, ou no Canadá- Estava pronto a seguir para qualquer parte do país. Tudo quanto lhe ofereceram foi um serviço de trabalhador braçal, o que é ridículo demais para ser comentado. O Canadá, e nisso todos concordamos, é um país inteiramente sem cultura, e estamos aguardando o dia em que possamos deixá-lo. Este livro, no entanto, não é um tratado sobre os defeitos do Canadá, pois para contê-los se tornaria necessária toda uma biblioteca!

Miss Ku'ei e eu podíamos, agora ir com grande frequência para o jardim, nunca sozinhas, é claro, devido aos numerosos cachorros que havia por ali. Os gatos siameses não têm medo dos cachorros, mas os seres humanos receiam o que NÓS pudéssemos fazer a eles. Sabe-se, a nosso respeito, que somos capazes de saltar nas costas de um cachorro que nos ataque, enfiar nele as garras e cavalgá-lo assim como um ser humano monta em um cavalo. Ao que parece, os seres humanos podem pôr pontas de aço no tacão do calçado e com elas ferir os flancos dos cavalos, mas se nós fizéssemos isso com um cachorro, em legítima defesa, seríamos considerados "selvagens".

Aquela tarde foi agradável. Ficamos sentadas por baixo da cadeira do Chefe — homem muito grande, com mais de cem quilos de peso, que precisa de uma cadeira grande — quando toda uma coleção de automóveis desfilava, as buzinas fazendo a casa estremecer. Isso nunca me incomodara antes, pois eu julgava que eram apenas os canadenses, de modo que não precisava haver qualquer sentido nas coisas que faziam. F. comentei:

— Miss Ku'ei, por que será que fazem todo esse barulho?

Miss Ku'ei era muito erudita e, dotada de visão, dispunha de grande vantagem sobre mim.

— Vou-lhe dizer, Fif — respondeu. — Aqui, quando um

homem e uma mulher se casam, põem fitas nos automóveis, e depois seguem em procissão, as buzinas tocando todo o tempo. Acho que eles pretendem dar um aviso: “Cuidado! Há uma turma de doidos à solta!”

Sentou-se de modo mais confortável e acrescentou:

— E quando um ser humano morre, e é levado para que o coloquem dentro de um buraco no chão, todos os carros do cortejo fúnebre ficam de faróis acesos, e ostentam bandeiras azuis e brancas com a palavra “Funeral”, esvoaçando por cima <dos veículos. Eles têm passagem preferencial para todo o tráfego, e não precisam parar nos sinais luminosos.

— Isso é interessantíssimo, Miss Ku’ei. Interessantíssimo — repeti.

Ela mastigou uma folha de grama, por alguns momentos, e depois disse:

— Eu poderia dizer-lhe muita coisa sobre o Canadá. Aqui, por exemplo, quando alguém morre, eles levam o cadáver para uma funerária, preparam-no. . . chamam a isso embalsamamento... pintam o rosto com tintas, e depois o colocam no caixão, ou ataúde, como se chama aqui. Em seguida, aparece uma porção de gente para apresentar os “últimos respeitos”. Às vezes, o cadáver é posto quase sentado no caixão. O Chefe diz que essas funerárias são o negócio mais rendoso daqui. E, quando as pessoas vão casar-se, os amigos lhes dão um chuveiro — disse ela, detendo-se e rindo. — Quando ouvi falar nisso pela primeira vez, Fif — disse, sorrindo —, pensei que os amigos vinham dar-lhes um banho. . . você sabe, um banho de chuveiro. Mas não, quer dizer que eles lhe dão um chuveiro de presente. Principalmente de coisas que eles não querem, ou coisas que TODOS lhes dão. O que haveria uma noiva de fazer com meia dúzia de coadores de café?

Dito isso, suspirou e prosseguiu:

— É um país doido, afinal de contas. O mesmo acontece com as crianças. Não faça coisa nenhuma com as criancinhas daqui, não fique contrariada com elas, mande Guardas Especiais para que elas atravessem as estradas. Trate-as como se não tivessem cérebros, o que está muito certo, mas a questão é que... no dia em que deixam a escola pela última vez tornam-se independentes. Nessa altura, já ninguém mais cuida delas. Aqui, Fif, existe o culto mórbido dos Filhotes Humanos. Esta gente acredita que eles nada fazem de errado. Isso é mau para eles, Fif, e mau para o país. Deviam receber disciplina, senão em anos posteriores descambarão para o crime,

por serem tratados com gentileza demais quando são jovens. As crianças aqui, são coisas sem valor, BOLAS!

Assenti, em solidariedade. Miss Ku'ei tinha inteira razão. Basta fazer demasiadamente a vontade de um filhote, e assim fica lançado o alicerce de um adulto insatisfeito.

O Chefe pôs-se em pé.

— Se vocês, gatas, quiserem ficar aqui mais tempo, vou subir e apanhar a máquina fotográfica. Quero fotografar aquelas rosas.

O Chefe era fotógrafo dos bons, tendo uma coleção maravilhosa de diapositivos coloridos. Subiu a escada, para apanhar sua boa máquina fotográfica japonesa.

— Psiu! — cochichou o gato no outro lado da estrada. — Psiu! Tenho um troço pra te dizer, Dama Ku'ei. Queres vir à cerca?

Miss Ku'ei pôs-se em pé e foi até a cerca de tela, à beira do jardim. Ela e o gato ali cochicharam por algum tempo, após o que ela voltou e sentou-se novamente a meu lado.

— Ele só queria pôr-me a par da gíria americana mais recente — disse ela. — Nada de importância.

O Chefe veio com a máquina fotográfica, e Miss Ku'ei e eu nos retiramos, pondo-nos sob alguns arbustos, pois DETESTÁVAMOS que tirassem fotografias de nós. Detestávamos também servir de espetáculo para turistas curiosos, e Miss Ku'ei tinha uma recordação mortificante de uma canadense estúpida que enfiara o nariz na janela do automóvel, apontando para ela e perguntando:

— O que é isso, um MACACO?

A pobre Miss Ku'ei ficava rubra de raiva, todas as vezes em que pensava nisso!

Aquela noite, como era sábado, havia muitas pessoas por ali. Havia alguma espécie de festa da Casa de Bebidas, a alguma distância mais além na estrada. Os carros passavam com os motores estrugindo, e havia muita conversa e falação em voz alta, enquanto os homens procuravam entrar em acordo com as mulheres que esperavam nas ruas. Fomos deitar, Botão de Ouro em um quarto ao lado da casa, onde havia fotografias de criancinhas e estátua de um buldogue chamado Chester. Mamãe e Miss Ku'ei tinham um belo quarto na parte fronteira da casa, e o Chefe e eu dormíamos em outro, também na parte fronteira, dando para Detroit e o rio. Logo ouvi

que o Chefe apagava a luz e a cama rangeu enquanto ele se deitava. Permaneci sentada por algum tempo no peitoril amplo da janela, ouvindo os sons da noite movimentada e pensando. Em que pensava? Bem, eu comparava o passado cheio de dificuldades com o presente encantador, achando que, como a Velha Macieira dissera, eu agora estava em casa, era querida, vivia em paz e felicidade- Agora, porque eu sabia que podia fazer qualquer coisa ou ir a qualquer ponto da casa, tinha cuidado especial para não fazer coisa alguma que pudesse ofender até mesmo Mme. Diplomata, na França distante. Lembrava-me do lema do Chefe: “Faze aos outros como gostarias que fizessem a ti”. Estava envolta em um brilho cálido de felicidade. O Chefe respirava com suavidade e eu andei por sua cama, para verificar se ele estava bem. Enrodilhei-me ao pé do leito, e adormeci em seguida.

De repente, despertei por completo. A noite estava tranqüila, a não ser por um ruído leve de raspagem. Um camundongo? Fiquei à escuta por algum tempo, e o ruído de raspagem prosseguiu. Logo veio o som abafado de madeira que se rompia. Com rapidez, saltei em silêncio da cama e segui pelo quarto, à procura de Miss Ku’ei. Ela já entrava, cochichando:

— Escute, tem uma novidade, é melhor você acreditar! Fiquei sabendo hoje e foi o gato da estrada que me contou. Há um ladrão lá embaixo. Vamos descer e rasgar-lhe a garganta?

Pensei por momentos, pois os gatos siameses fazem isso em defesa da propriedade que lhes é confiada, mas achei também que devíamos ser civilizados, de modo que respondi:

— Não, acho que devemos chamar o Chefe, Miss Ku’ei.

— Oh, está bem! — exclamou ela. — Ele logo arrancará as orelhas do ladrão.

Saltei para a cama e bati de leve no ombro do Chefe. Ele estendeu a mão, esfregando-me o queixo.

— O que foi, Fif? — perguntou.

Miss Ku’ei saltou também para a cama e sentou-se sobre o peito dele, dizendo:

— Eh, Chefe, um ladrão está querendo entrar na casa- Dê-lhe uma surra!

O Chefe pôs-se à escuta por momentos e, em silêncio, apanhou os chinelos e o camisolão. Em seguida, apanhou uma lanterna elétrica forte, ao lado da cama, e desceu silenciosa-

mente a escada, acompanhado por Miss Ku’ei e por mim. Botão de Ouro saíra de seu quarto.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Psiu! Ladrões, — explicou o Chefe, continuando a

descer.

Lá embaixo, o ruído de raspagem acabara. Miss Ku'ei gritou:

— LÁ ESTÁ ELE!

Ouvi passos fortes e a batida do portão do jardim. A essa altura, Mamãe e Botão de Ouro haviam-se reunido ao Chefe. Percorremos todo o pavimento térreo. Um vento forte soprava pela janela aberta.

— Santo Bacalhau da Noruega! — exclamou Miss Ku'ei, espantada. — O camarada arrebentou a janela!

O Chefe vestiu-se e saiu, para consertar a madeira solta da janela. Não chamamos a polícia. Em ocasião anterior, uma turma de crianças roubara o portão de trás. Mamãe chamara a Polícia e quando um policial finalmente apareceu, dissera:

— Ora, vocês estão com sorte porque eles não tiraram o telhado da casa.

Nós, os gatos siameses, temos alto sentido de responsabilidade. No Tibete, guardamos os templos e aqueles a quem amamos, ainda que isso nos custe a vida. Eis outra de nossas lendas:

Muitos séculos antes, vivia um ancião que era o zelador da mata, em uma lamaseria antiga, no longínquo Oriente. Vivia em uma floresta, partilhando sua caverna com uma gatinha siamesa, que já conhecera muitas das agruras da vida. Juntamente com o velho zelador, que era considerado um santo, ela percorria as trilhas da floresta, mantendo uma distância respeitosa atrás dele. Juntos, procuravam os animais que estavam doentes ou famintos, levando alívio aos que se achavam aflitos e ajuda aos que se tinham ferido.

Certa noite, o velho zelador, que na realidade era um monge, deitou-se em sua cama de folhas, esgotado por um dia invulgarmente cansativo. A pequena gata enrodilhou-se ao lado. Logo adormeciam, sem recearem perigo algum, pois eram amigos de todos os animais. Até mesmo o javali e o tigre respeitavam e amavam o zelador e a gata.

Nas horas de maior escuridão, uma cobra venenosa, com intenções malignas, rastejou até a caverna. Invejosa, e tendo em si o mal louco que apenas uma cobra peçonhenta pode ter, deslizou até a cama de folhas do monge adormecido, e ia mor- dê-lo com suas presas envenenadas. Saltando sobre as costas dela, a gata desviou-lhe a atenção do zelador que já despertara. A batalha foi prolongada e feroz, com a serpente a contorcer-se por toda a caverna. Afinal, quase caindo do esgotamento, a gata mordeu a coluna vertebral do ofídio, que logo ficou inerte, morrendo.

Com suavidade, o velho monge retirou a gatinha das dobras monstruosas da serpente morta. Afagando-a nos braços, disse:

— Gatinha, por muito tempo tu e tua espécie tendes guardado nossos templos, e a nós. Nós sempre vos teremos nos lares, e nos corações do homem. A partir de agora, nossos destinos estarão reunidos.

Pensei em tudo isso, enquanto seguíamos de volta a nossos quartos e nos deitávamos para dormir. O Chefe estendeu a mão e, com um gesto carinhoso, torceu-me as orelhas. Depois, voltou-se para outro lado e adormeceu.



CAPÍTULO 11

— Fif! — gritava Miss Ku'ei enquanto subia em carreira as escadas, agitadíssima. — Fif! — exclamou, chegada ao patamar e entrando no quarto. — O Velho ficou maluco!

Resmungava para si mesma, com ar sombrio, enquanto corria para a cozinha, a fim de comer um pouco. O Chefe ficara maluco? Eu não conseguia compreender o que ela queria dizer; sabia que ele levara Miss Ku'ei para um passeio ao Riversi- de. Agora, depois de terem saído por mais de uma hora, Miss Ku'ei dizia que ele enlouquecera! Pulei para o peitoril da janela e fiquei pensando a esse respeito- No rio, um navio tocou o apito, dando o sinal que, como o Chefe nos explicara, queria dizer “estou entrando no porto”.

Ouvi o ruído de passos leves e Miss Ku'ei saltou com facilidade, sentando-se a meu lado.

— Ele ficou biruta, totalmente doido — disse, enquanto se lavava cuidadosamente.

— Mas, Miss Ku'ei — protestei — o que houve? COMO foi que o Chefe endoideceu?

— Como? — repetiu ela. — Estávamos seguindo de auto-móvel calmamente e, de súbito, o velho embirutou. Fez parar o carro, e foi olhar o motor. “Não estou gostando desse som”, disse.

“Sei que vai acontecer alguma coisa.” Mamãe ficou sentada, como uma pata empalhada, sem dizer coisa alguma. Ele embarcou novamente no automóvel, e ao partirmos dizia: “Vamos levar a Ku’ei para casa e depois seguir para a garagem, para ver os outros carros que eles têm”. Por isso, aqui estou, deixada de lado como um monte de lixo, enquanto eles passeiam por aí, em meu automóvel!

Mal-humorada, continuou sentada na extremidade do peitoril, falando sozinha.

— Puxa! Que coisa! — dizia, enquanto saltava e dançava pelo peitoril, tomada por um frenesi.

Eu, sendo cega, não tinha outra coisa a fazer senão continuar calma, pois não sabia qual era a causa da agitação.

— Puxa! — gritou ela, a voz tornando-se cada vez mais alta. — É um automóvel bonitíssimo, uma belezoca, um automóvel e tanto! Branco e roxo.

Continuei sentada, esperando que ela se acalmasse e me dissesse o que estava acontecendo. Foi exatamente quando ouvi uma porta de carro batendo. Segundos depois, o Chefe e a Mamãe entraram, subindo as escadas.

— Carro novo, hem? — perguntou Botão de Ouro-
“Ótimo!” pensei. “Agora, vou saber o que se passou.”

— Sim, um outro carro, um Mercury — disse o Chefe. — Teve apenas um dono, e está com a quilometragem baixa. É um carro realmente bom. Acho que o virabrequim vai causar problemas, no outro. Este está em experiência conosco, por hoje. Vocês querem dar um passeio?

Miss Ku’ei pôs-se em pé e saiu correndo para a porta, de modo a que ela, pelo menos, não ficasse esquecida.

— Você vem passear no carro novo, Fif? — perguntou o Chefe, esfregando-me o queixo.

— Não, obrigada — respondi. — Vou icar aqui, com Mamãe, vigiando a casa.

Ele me disse que eu era uma gata encafuada e desceu as escadas. Miss Ku’ei e Botão de Ouro já estavam sentadas no automóvel. Ouvi quando partiam, e em seguida Mamãe e eu preparamos o chá para quando eles voltassem.

Brrr... Brrr... Brrr — disse o telefone. Mamãe apressou-se a atender, porque os telefones não gostam de esperar.

— Oh! Alô, Sra. Durr — disse ela.

Ouviu por algum tempo — eu conseguia distinguir os sons débeis do telefone, embora não fossem suficientemente altos para que os compreendesse.

— Ele saiu para experimentar um outro automóvel. Direi a ele, quando voltar — disse Mamãe.

Ela e a Sra. Durr conversaram por algum tempo, após o que ela voltou ao trabalho. Logo ouvimos quando o Chefe, Botão de Ouro e Miss Ku'ei vieram subindo as escadas de trás, depois de guardarem o automóvel.

— A Sra. Durr telefonou — disse Mamãe. — Foi apenas um telefonema amistoso, mas ela está com alguma dificuldade, alguém lhe faltou com a palavra, com relação à casa que ela ia alugar.

Todos nós gostávamos da Sra. Durr. Depois de trabalhar muito para outra firma, ela ia instalar sua própria livraria, que se chamaria “Livrolândia”, na Dorwin Plaza, Windsor.

— Ela está bastante agitada — disse Mamãe. — Não tem onde guardar os livros e as outras coisas, até poder mudar-se para a loja nova em Dorwin.

O Chefe continuou com seu chá, e não disse coisa alguma enquanto não terminou. Em seguida, perguntou:

— Por quanto tempo ela precisa do lugar?

— Um mês, apenas — disse Mamãe.

— Diga-lhe para vir falar conosco. Poderá guardar todas as coisas no apartamento de baixo, por um mês. Nós pagamos aluguel, a senhoria não pode dizer coisa alguma, enquanto não estivermos vendendo coisas por aqui.

Mamãe foi para o telefone e discou o número.

— Lá está a Ruth! — disse Miss Ku'ei-

— Ku'ei! — disse o Chefe. — Você não é canadense, para chamar as pessoas pelos seus primeiros nomes. Ela é a Sra. Durr.

— Ora, bolas! — disse Miss Ku'ei. — Para mim, ela é RUTH, e o pequeno cavalheiro siamês dela chama-se Chuli, e não Sr. Durr.

A Sra. Durr subiu a escada da frente, e todos a cumprimentamos, descendo as escadas dos fundos da casa, para vermos o apartamento térreo. O Chefe me levou em seu ombro, porque achava que assim eu estaria a salvo de tantos pés humanos ali presentes, uma vez que não os podia ver.

— Pois bem, aí está, Sra. Durr — disse o Chefe. — Pode guardar suas coisas aqui e trabalhar neste lugar todo o dia, se quiser. — A senhora NÃO PODE fazer vendas aqui, e não nos pode pagar qualquer aluguel. Assim, nem a senhoria nem o Conselho Municipal de Windsor poderão apresentar objeção alguma. Não há lojas aqui, como sabe.

A Sra. Durr pareceu muito satisfeita, brincou comigo e eu a

brindei com meu ronronado de segunda, porque sempre guardamos os nossos melhores para a família. Eu sabia que o Sr. Chuli Durr conseguiria explicar isso para ela, quando tivesse mais idade. Naquela ocasião era um gatinho novo, a cara e cauda ainda brancas. Agora, no momento em que escrevo estas linhas, estou informada de que já se tornou um espécime dos mais magníficos de masculinidade felina. Recentemente Miss Ku'ei recebeu uma fotografia dele, e o descreveu para mim com grande prazer e com bastante detalhes.

Na manhã seguinte, quantidades enormes de livros foram trazidas para o apartamento de baixo. Durante quase toda a manhã pareceu-nos que não paravam de chegar homens, trazendo caixotes grandes e resmungando enquanto se esforçavam por fazê-los passar pelas portas. Logo após o almoço, ouvi que chegavam mais homens, “homens dos telefones”, disse Miss Ku'ei.

— Ela precisa de um telefone, não é? QUALQUER pateta sabe disso!

Houve o ruído de marteladas e pouco depois a campainha do telefone tocava, enquanto o mesmo era experimentado.

— Vou descer para ver se está tudo certo — disse Miss Ku'ei.

— Um momento, Ku'ei, — disse o Chefe. — Deixe que os homens terminem, e depois iremos todos ver a Sra. Durr.

A mim pareceu que o melhor que tinha a fazer era comer, pois não sabia quanto tempo passaria por lá. Segui para a cozinha e tive a sorte de descobrir que Mamãe acabava de preparar uma refeição nova. Esfreguei a cabeça nela, e também o corpo em suas pernas, como agradecimento. Era uma pena, pensei, que ela não falasse a língua dos gatos, como o Chefe.

Não tardou muito para que o Chefe abrisse a porta da cozinha, que dava para a escada dos fundos. Miss Ku'ei saiu correndo à frente, e eu já conseguia descer aquela escada com facilidade, conhecendo todos e sabendo que não haveria obstáculos- O Chefe era MUITO firme a esse respeito, mostrando-se fanaticamente decidido a que todos os meus “caminhos” fossem mantidos abertos, e que a mobília estivesse sempre no mes-

mo lugar. Acho que o Chefe, por já ter estado cego mais de um ano, conhecia meus problemas melhor do que qualquer outra pessoa.

Descemos com pressa a escada e nos detivemos diante da porta da Sra. Durr. Ela a abriu e nos recebeu. Fiquei esperando pelo Chefe à porta, porque não conhecia os obstáculos lá dentro. Ele me apanhou, carregando-me e colocando-me ao lado de um volume grande, de modo que eu pudesse farejar todas aquelas novidades.

Ali havia algumas mensagens grosseiras deixadas pelos cachorros, e outros odores indicavam que o fundo da caixa estivera depositado em terreno úmido. Em um livro, pude ler a mensagem deixada pelo Sr./Sra. Stubby Durr. Ele/Ela estava muito satisfeito por ter o Sr. Chuli Durr para cuidar. Miss Ku'ei emitiu um suspiro de recordações agradáveis.

— O velho Stubby, um camaradinha muito agradável — observou. — É triste dizer, mas alguma coisa ficou misturada, quando os sexos foram distribuídos, e o pobre Stubby ficou com ambos. Isso é uma coisa das mais embaraçosas! Visitei a casa dos Durrs, uma noite, e quase não consegui afastar o olhar de... não, quero dizer, não sabia para onde olhar.

— Sim, sim, Miss Ku'ei — disse eu. — Mas estou informada de que ele/ela tem uma natureza das mais afáveis e que o Sr- Chuli Durr será bem cuidado.

Miss Ku'ei saía muito no automóvel Mercury, vendo toda a paisagem local, indo a Leanington e lugares assim. Eu gostava muitíssimo de vê-la voltar e me contar tudo, falando de todas as coisas que não podia ver com meus olhos. Certa tarde, ao regressar, ela estava radiante de prazer. Cutucando-me, disse:

— Venha para baixo da cama, Fif, vou-lhe contar tudo.

Eu me levantei e a segui, tocando para lá. Juntas, nós nos sentamos, uma bem perto da outra. Miss Ku'ei começou a lavar-se e enquanto o fazia contando:

— Bem, Fif, nós saímos e tocamos para a estrada de alta velocidade. Passamos por muitas barracas de frutas e legumes, onde as pessoas estavam vendendo o que haviam plantado. Botão de Ouro fazia “Ooh!” e “Ah!” diante de cada uma, mas o Chefe não parou. Continuamos a viagem por mais algum tempo, seguimos em direção ao lago, e passamos então por uma fábrica onde fazem cinqüenta e sete variedades de comida! Pen- se só, Fif, pense em como VOCÊ gostaria se a deixassem solta lá por dentro!

Eu pensei, e quanto mais pensava tanto maior era a certeza de que nada — absolutamente nada — poderia ser melhor do que meu lar atual. Cinqüenta e sete variedades de comida, talvez, mas onde eu me achava, tinha UMA variedade de amor, que é o melhor de tudo.

Bastava pensar nisso para que eu ronronasse.

— Depois, fomos olhar o lago — disse Miss Ku'ei — e vimos que a água era tão molhada quanto a de Windsor, de modo que voltamos para casa. Nas barracas de fruta, Botão de Ouro fazia “Ah!” e “Ooh!”, de modo que o Chefe parava, ela saltava e comprava algumas dessas coisas cheirosas que fazem água,

quando são mordidas. Ela veio sorrindo pelo caminho_ todo, de vez em quando tocava essas tais frutas, e pensava em como ia comê-las. Depois, entramos em Walkerville, apanhamos a correspondência e aqui estamos.

— Vocês, gatas, devem tapar bem as orelhas — disse o Chefe. — A Sra. Durr vai tirar as coisas dela amanhã, porque já estão prontas as instalações de Dorwin Plaza-

— Uai! — berrou Miss Ku'ei. — Vai-me levar para ver?

— Claro — disse o Chefe — e a Fif, também, se ela quiser.

Descemos as escadas e batemos à porta. A Sra. Durr abriu e, em atitude muito educada, convidou-nos a entrar. Examinamos todas as peças e cheiramos as caixas com livros, que haviam sido preparadas para serem levadas para a loja nova.

— Para que foi que ela as abriu, Miss Ku'ei? — perguntei.

— Ora, sua gata velha e boba, — disse ela, — foi preciso examiná-las para verificar as faturas e fazer alguma coisa chamada catálogo. QUALQUER gata inteligente sabe disso. Seja lá como for, eu a observei enquanto o fazia.

Fui ter com a Sra. Durr e me esfreguei contra ela, para demonstrar que lamentava vê-la trabalhar tanto. Depois disso, o Chefe e Mamãe desceram e nós todos fomos para o jardim, a fim de cheirarmos as rosas.

O Chefe e Mamãe se achavam empenhados em debate, alguns dias depois.

— O custo de vida neste país é tão fantástico que eu PRECISO arranjar um emprego — afirmava o Chefe.

— Você não está em condições para isso — respondeu Mamãe.

— Não, mas ainda assim precisamos viver. Irei à Agência de Empregos, para ver o que têm a dizer. Afinal de contas, cu sei escrever, estive no rádio, e há uma série de coisas que posso fazer-

Saiu para apanhar o carro e Mamãe lhe disse:

— A Ku'ei quer ir a Walkerville conosco, para apanhar a correspondência.

Logo depois, o Chefe veio de carro à porta dianteira e Mamãe saiu, levando Miss Ku'ei. Ela embarcou no automóvel e eles partiram. Por volta da hora do almoço, eles regressaram, cabisbaixos.

— Venha para baixo da cama, Fif — cochicou Miss Ku'ei. — Vou-lhe contar o que aconteceu.

Eu me levantei e fui ter à nossa sala de conferências, debaixo da cama. Quando estávamos devidamente instaladas ali, Miss

Ku'ei disse:

— Depois de termos apanhado a correspondência, fomos para a Agência de Empregos. O Chefe desembarcou e entrou. Mamãe e eu ficamos no carro. Muito tempo depois, o Chefe saiu, parecendo inteiramente farto de tudo. Embarcou no carro, ligou o motor e partiu, sem dizer uma só palavra. Nós fomos para aquele lugar em baixo da Ponte do Embaixador... você o conhece, Fí f... para onde ele a levou. Ali, fez o carro parar e disse: “Como desejaria que pudéssemos sair deste país!” “O que aconteceu?”, perguntou Mamãe. “Eu entrei”, disse o Chefe, “e um funcionário no balcão zombou e fez imitação da voz de um bode, enquanto passava a mão pelo queixo, como se tivesse uma barba comprida. Fui ter a outro funcionário, e disse ao mesmo que queria trabalhar. O homem riu de mim e disse que eu somente conseguiria trabalho braçal, como qualquer outra P. D. dos . . .”. “P. D.?” perguntou Mamãe. “O que é isso?” “Pessoa Deslocada”, respondeu o chefe. “Esses canadenses acham que fizeram ao mundo o favor de nascer, e julgam que qualquer pessoa vinda de outro país é um ex-condenado, ou coisa parecida. Pois bem, o homem me disse que eu não conseguiria sequer trabalho braçal, a menos que raspasse a barba. Outro funcionário veio e disse: “Não queremos *beatniks* aqui, nós damos nossos empregos a canadenses”

Miss Ku'ei se deteve na narrativa e suspirou, em sinal da mais completa solidariedade.

— O Chefe usa a barba, porque não pode barbear-se. Teve os maxilares partidos por pontapés dos japoneses, quando foi prisioneiro. Quem me dera que pudéssemos sair do Canadá ou, pelo menos, do Ontário!

O meu pesar era maior do que palavras conseguiriam exprimir. Sabia o que era ser perseguido sem motivo justo. Levantei-me, fui ter com o Chefe e manifestei-lhe minha solidariedade. Lá atrás, Miss Ku'ei dizia para mim:

— Não diga coisa alguma a Botão de Ouro a esse respeito, não a queremos desapontar acerca do Canadá... Oh! Esqueci-me de que ela não entende a língua dos gatos!

Pelo resto do dia, o Chefe ficou muito quieto, com poucas palavras para nós. Quando fomos deitar-nos, aquela noite, sentei-me perto de sua cabeça e ronronei para ele, até que adormecesse finalmente.

Após o desjejum na manhã seguinte, o Chefe chamou Miss Ku'ei e disse:

— Êi, Ku'ei, vamos a Darwin Plaza, para ver a loja nova da

Sra. Durr. Você vem?

— Pu-xa! Sim, senhor, Chefe! — respondeu Miss Ku’ei, animada.

— E você, Fif? — perguntou-me o Chefe.

— Para mim, não, Chefe, obrigada — respondi. — Vou ajudar Botão de Ouro a cuidar do lugar.

Enquanto o Chefe, Mamãe e Miss Ku’ei visitavam a loja da Sra. Durr, Botão de Ouro tomou mais um banho e eu me sentei na cama do Chefe, imersa em pensamentos.

— Caramba! — berrou Miss Ku’ei, enquanto subia a escada, correndo. — Ora, Fif, ela está com um lugar muito bom... Não posso esperar... tenho de comer alguma coisa primeiro.

Saiu correndo pela sala, espalhando os tapetes, e foi ter à cozinha. Com calma, saltei da cama e segui cuidadosamente até ela, “cuidadosamente” porque não queria tropeçar em algum dos tapetes deslocados.

— Sim, senhora! Ela arranjou um lugar e tanto! — disse Miss Ku’ei, entre duas bocadas. — Ela tem cartões para todas as ocasiões, cartões de cumprimentos para quem vai para a prisão, cartões de comiseração para quem é burro o bastante para entrar no Canadá, ou cartões de pesar para quem se casa. Tem tudo que é preciso, e montes de livros que o Chefe escreveu, “A Terceira Visão”, “O Médico de Lhasa”. VOCÊ devia ir, Fif. Fica pouco acima de Dougad, do outro lado da estrada de

ferro, e todas as lojas à direita ficam na Dorwin Plaza. O Chefe levará você a qualquer hora. Há livros franceses, também, Fif!

Sorri para mim mesma, e com uma risadinha o Chefe perguntou a Miss Ku’ei:

— E como a minha Fif pode ler, se é cega?

— Uai! — exclamou ela, arrependida. — Esqueci que a Velhota não enxerga!

O Chefe adoeceu- Ficou muito doente, mesmo. Julgamos que ia morrer, mas conseguiu permanecer vivo. Certa noite, quando eu o vigiava — os demais já se tinham ido deitar — um Homem do Outro Lado da Morte veio e se pôs a nosso lado. Eu estava acostumado a essas visitas, todos os gatos estão, mas aquele era um visitante muito especial, na verdade. Os cegos, como já disse, não são cegos, quando se trata de coisas do astral. A forma astral do, Chefe deixou o corpo físico e sorriu para o visitante. O Chefe, no astral, usava os mantos e vestes de um alto Abade da Ordem dos Lamas. Eu ronronei o mais que pude, quando o visitante se inclinou para mim e me fez cócegas no queixo, dizendo:

— Que bela amiga você tem aqui, Lobsang!

O Chefe passou os dedos astrais por meus pelos, causando estremecimentos extasiados de prazer em mim, e respondeu:

— Sim, ela é uma das pessoas mais leais sobre a Terra.

Eles conversaram sobre diversas coisas, e eu fechei minha percepção ao pensamento telepático, porque NUNCA se deve roubar os pensamentos alheios, ouvindo-se apenas quando se é convidado a fazê-lo. Ouvi, entretanto, quando diziam:

— Como lhe mostramos no cristal, queremos que escreva outro livro, a ser chamado “Entre os Monges do Tibete”.

O Chefe pareceu triste, e o visitante continuou:

— O que importa, se as pessoas da Terra não acreditam? Talvez não tenham capacidade para isso. Talvez os seus livros, com pensamento estimulante, venham ajudá-los a atingir essa capacidade. A própria Bíblia Cristã deles afirma que, se não se tornarem como crianças pequenas, e crerem...

Em seu corpo astral, o Chefe, envolto no manto dourado da Alta Ordem, suspirou e disse:

— Como desejam, tendo vindo até aqui e sofrido tanto, seria uma pena desistir agora.

Miss Ku’ei entrou no quarto. Vi que sua forma astral se separou do corpo subitamente, ao choque de ver aquelas figuras refulgentes.

— Puxa! — exclamou. — Sinto que sou uma imbecil, entrando deste modo. Será que uma mesura será bastante?

— O Chefe e o visitante voltaram-se para ela, rindo.

— Você é bem-vinda em qualquer lugar, Dama Ku’ei — disse o visitante.

— E o mesmo acontece com a minha gata velha, a Vovó Fif! — disse o Chefe, passando os braços por mim.

O Chefe gostava mais de mim, provavelmente porque ele e eu havíamos sofrido muito diante dos golpes desferidos pela Vida. Nós, o Chefe e eu, tínhamos os elos mais fortes possíveis a ligar-nos. E eu gostava disso, bastante!

De manhã, Mamãe e Botão de Ouro entraram no quarto, para ver como o Chefe estava passando.

— Bem, minhas caras, — exclamou ele, — vou escrever um outro livro.

Suas palavras foram recebidas com gemidos. Mamãe e Botão de Ouro saíram para ver a Sra. Durr e comprar algum papel, bem como outros artigos. O Chefe ficou no leito, e eu me sentei a seu lado, cuidando dele. Ainda não estava em condições de escrever, mas ERA PRECISO escrever o livro. Ele o iniciou aquele dia, sentado na cama, batendo a máquina.

— Doze palavras por linha, vinte e cinco linhas por página, isto é, trzentas palavras por página, e teremos umas seis mil palavras, mais ou menos, por capítulo — disse o Chefe.

— Sim, acho que está certo — disse Miss Ku'ei. — E não se esqueça de que um parágrafo não deve ter muito mais do que cem palavras, do contrário fatigará os clientes!

Afastou-se, com uma risadinha, e disse:

— VOCÊ devia escrever um livro, Fif. “Como Afastar o Perigo”. A Botão de Ouro não pode escrever, ou os perigosos viriam correndo, se ela contasse tudo que sabe.

Eu sorri, porque Miss Ku'ei estava em excelente humor, o que me tornava feliz. O Chefe estendeu a mão e esfregou-me uma orelha.

— Sim, escreva um livro, Fif, e eu o datilografarei para você — prometeu.

— O senhor precisa começar com “Entre os Monges do Tibete”, Chefe — respondi. — Aíé agora só datilografou o título.

Ele riu e fez Miss Kifei rolar na cama, uma vez que esta procurava subir em seu colo, tomando o lugar da máquina de escrever, a cauda por cima da cabeça.

— Venha, Fif! — disse cia, ao saltar para o chão. — Venha brincar comigo, deixe o Velho brincar com a máquina de escrever.

Mamãe conversava com alguém, cuja identidade eu ignorava.

— Ele está muito doente, — dizia. — Levou uma vida muito difícil. Não sei como consegue continuar vivo.

Miss Ku'ei me cutucou, com ar sombrio.

— Espero que ele não morra, Fif — disse, num sussurro. — Ele é muito útil para nós. Lembro-me da gentileza que demonstrou, quando minha irmã morreu. Ela nem sequer crescera de todo e adoeceu e morreu nos braços do Chefe. Era a imagem escarrada de você, Fif, o tipo da garota gorda. O Chefe amava minha irmã Sue. Oh, é claro — aduziu — você já tem direitos sobre o coração do Chefe, eu sei. Eu também, ele admira minha inteligência!

Saltei da cama e aproximei-me bastante dele, que parou de datilografar para me acariciar, como SEMPRE fazia conosco, as gatas.

— Não morra, Chefe! — pedi. — Nós todos ficaríamos com os corações dilacerados.

Esfreguei minha cabeça em seu braço, ao receber sua mensagem telepática. Sentindo-me mais à vontade, fui ter ao pé

da cama e ali me enrodilhei.

Cartas, cartas, cartas, não havia empregos no Canadá? Eles queriam apenas trabalhadores braçais? O Chefe se apresentava para um emprego após o outro mas parecia, ao que comentava, que os canadenses só davam trabalho a seus conterrâneos, ou àqueles que dispusessem de alguma influência política ou sindical. Alguém dissera que havia mais empregos na Colúmbia Britânica, lugar de mais cultura e civilização, de modo que o Chefe decidiu ir até lá e ver pessoalmente qual era a situação. Poupano cuidadosamente suas energias, e ficou também decidido que Botão de Ouro iria em sua companhia, para cuidar dele. Assim é que chegou o dia, e eles partiram para ver se as condições eram melhores em Vancouver.

Não existe alegria, quando uma pessoa amada está distante, quando os minutos relutam em se tornarem as horas pesadas, quando há toda uma eternidade de espera e de pen- samentos- A casa parecia morta, estagnada, até mesmo Mamãe andava devagar, como em um necrotério. A luz se fora de minha alma, e eu sentia os dedos pegajosos do medo a invadi- la, dizendo-me que ele não regressaria, que estava doente, que . . . , e diziam algo temível e objeto de preocupação. À noite, eu me deitava em sua cama fria e vazia, depois de saltar para lá, para certificar-me de que não se tratava de um pesadelo. Os cegos vivem dentro de si mesmos e os receios, pra eles, corroem e congelam a alma.

Miss Ku'ei brincava, com alegria forçada. Mamãe cuidava de nós, mas seus pensamentos estavam em outra parte. Havia por ali uma frieza que me invadia inexoravelmente. Eu me sentei sobre o telegrama que ele enviara, procurando assim reconfortar-me. Trata-se de um período sobre o qual devo falar rapidamente, até mesmo quando escrevo. Bastará dizer que, quando a porta se abriu e o Chefe estava de volta, em minha companhia, senti-me novamente cheia de amor, meu corpo idoso parecia pronto a explodir de alegria e eu ronronei o mais alto que pude, durante tanto tempo, que quase fiquei rouca.

Animei-me bastante, esfregando a cabeça no Chefe, esfregando-me em todos e tudo.

— Não seja tão burra, Fif — admoestou Miss Ku'ei. — Seria de pensar que você fosse uma gatinha nova, que acabou de ter cria, ao invés de uma gata velhíssima, avó muitas vezes; estou chocada com a sua leviandade!

Dizia isso enquanto permanecia sentada numa pose elegante, com as patas cruzadas diante de si. O Chefe contava à Mamãe o que acontecera na viagem. Botão de Ouro não estava bem, a

viagem e a comida diferente haviam-na perturbado, e fora deitar-se.

— Decolamos do aeroporto de Toronto e chegamos a Vancouver em quatro horas e meia. Não foi uma viagem má, levando-se em conta a distância, de alguns milhares de quilômetros. Voamos a sete milhas de altura por cima das Montanhas Rochosas.

— O que são as Montanhas Rochosas, Miss Ku'ei? — perguntei, num sussurro — Montões de pedra, com neve por cima — respondeu ela.

— Achamos Vancouver um lugar muito agradável, muito bom, mesmo — prosseguiu o Chefe. — Mas é grande o desemprego por lá. É tão diferente de Ontário quanto o céu do inferno. Se tivermos a oportunidade, será lá que viveremos.

Miss Ku'ei entrou, correndo.

— Acho que Botão de Ouro está morrendo — disse, arquejante. — Devo chamar o agente funerário?

O Chefe e Mamãe foram ao quarto dela, mas a pobre Botão de Ouro estava apenas sofrendo os efeitos da agitação e mudança de alimentação e clima. O Chefe teve a satisfação de assegurar a Miss Ku'ei que não era preciso chamar nenhum agente funerário.

— Olhe! — disse ele, falando com Mamãe. — Eu vi isto em Vancouver, não resisti e comprei. Combina perfeitamente com a Sra. Durr. Comprei para ela.

— Fifi! — disse Miss Ku'ei, animada. — Ele está com uma pequena figura de porcelana, de uma mulher, IGUALZINHA à Sra. Durr. A mesma cor de cabelo, o mesmo tipo de rosto, com uma crinolina igual à da Sra. Durr. Puxa!

Tive de rir, porque o modo de se exprimir de Miss Ku'ei era realmente engraçado; exprimia-se na gíria internacional do momento. Quando nos deitamos aquela noite, eu ao lado do Chefe, senti que meu coração explodia de felicidade. O estrondo dos trens que entravam em desvios já não parecia ameaçador. Agora, quando cada vagão ferroviário esbarrava no seguinte, impulsionando-o para a frente, parecia estar dizendo: “Ele VOLTOU, ha, ha! Ele VOLTOU, ha, ha!” Estendi a pata e toquei de leve a mão do Chefe, e logo adormeci.

Durante as semanas seguintes, o Chefe esteve muito ocupado, escrevendo “Entre os Monges do Tibete”. Visitantes especiais vieram do mundo astral, conversando com ele até altas horas da noite. Como o Chefe narra em seus livros, não existe morte, a “morte” é apenas o processo de renascer em outro plano

de existência. Isto é tudo muito complicado para que uma gata possa explicar, mas é tão simples, tão natural! Como se pode explicar o processo de respirar em inalações e exalações sucessivas, ou de andar? Como se pode explicar o processo de ver? É tão difícil de explicar tudo isso quanto o fato de que não existe morte. É tão fácil de explicar o que a vida é quanto explicar o que a morte não é. O Chefe — e os gatos — sempre vêm no mundo astral, e falam com as pessoas nesse plano.

Chegara o momento de pensar em outro lugar para residir. Windsor não nos oferecia coisa alguma. Não havia possibilidade de emprego, e o “cenário de Windsor” era monótono e desinteressante. Poucas árvores ornamentavam aquela região, que era principalmente industrial, em escala muito pequena. O

ar era úmido, devido aos grandes depósitos de sal por baixo de toda a cidade. Conforme Miss Ku’ei observara, de modo tão exato, “puxa! que buraco de queijo é Windsor!” Examinávamos mapas, líamos livros e finalmente resolvemos mudar-nos para um lugar na Península de Niágara. Mamãe pôs um anúncio nos jornais, na esperança de obter uma casa adequada. Recebemos respostas, e a maioria das pessoas que tinham casas para alugar pareciam crer que SUA casa fora construída com tijolos de ouro, a julgar pelos aluguéis pedidos.

Dissemos à nossa amabilíssima Prima da Senhoria de Windsor que estávamos de partida, e ela se mostrou triste, o que muito nos lisonjeou. Chegava agora o momento da grande limpeza. O passatempo de Botão de Ouro é brincar com um aspirador de pó, o que constituía magnífica desculpa para manter aquele aparelho infernal ligado o dia todo. O Chefe passava grande parte do tempo repousando na cama, pois sofrera três ataques de trombose coronária no passado, contraíra tuberculose e outros males. Escrever “Entre os Monges do Tibete” extraíra muitas de suas energias. A Sra. Durr veio e disse a Mamãe. j

— Eu a levarei, e às gatas, a qualquer momento que deseje. Talvez Sheelagh possa levar o Dr. Rampa.

Podíamos sempre contar com a Sra. Durr para coisas assim; eu sabia que ela teria todo o apoio de Chuli.

Íamos alugar uma casa mobiliada, de modo que queríamos vender nossos móveis, que eram quase novos. Ninguém queria comprá-los por dinheiro à vista; os canadenses preferem dirigir-se aos emprestadores de dinheiro, a que chamam “companhias de financiamento” porque, ao que pensam, isso toma a transação mais respeitável. Uma vez obtido o dinheiro com esses financiadores, o canadense em geral compra coisas vistosas e paga determinada

quantia por semana. Certa feita, Miss Ku'ei me contou que vira um anúncio onde se oferecia “qualquer automóvel com uma entrada de dez dólares”. Finalmente, o Chefe e Mamãe souberam de um jovem muito bom, que ia casar-se, de modo que resolveram dar-lhe a maior parte da mobília como presente matrimonial. Mamãe fizera indagações e descobrira que o custo de transportar os móveis teria sido proibitivo. Íamos levar apenas algumas coisas muito queridas, e havíamos feito os preparativos com uma firma de transporte—Miss Ku'ei e eu ficamos muito satisfeitas ao saber que nosso cavalo de pau seguiria conosco. Tínhamos um velho cavalo de

pau, que utilizávamos como lima de unhas e plataforma de saltos. Também havíamos feito um acordo com o Chefe, pelo qual não rasparíamos os móveis, enquanto dispuséssemos de nossa lima de unhas. Às vezes os visitantes ficam parados, olhando, quando encontram o cavalo de pau entre os móveis, mas o Chefe sempre diz:

— Não importa o que as pessoas pensem, minhas gatas são mais importantes!

No jardim, Miss Ku'ei chamava aos gritos:

— Êi! Gato de estrada, venha cá!

Logo o gato veio, olhou para ambos os lados da estrada por causa do tráfego e atravessou. Com o focinho comprimindo a cerca de arame, ficou à espera de que Miss Ku'ei falasse.

— Vamos-nos embora, gato — disse ela. — Vamos para onde a água corre depressa. Vamos ter uma casa com árvores. Você não tem árvores, gato!

— Deve ser ótimo mudar de um lugar para outro, como vocês fazem, Dama Ku'ei! — observou o gato da estrada.

— Eu vou entrar, agora, mas mandarei um telepatograma, quando chegarmos a nossa casa nova.

Na manhã seguinte, os homens da mudança vieram buscar os móveis que íamos levar. As coisas foram levadas pelas escadas e postas em um caminhão, veículo que Miss Ku'ei disse ser tão grande quanto uma casa. Logo as portas grandes se fecharam com estrondo, um motor poderoso foi ligado e nossos pertences começaram a viajar.

Tínhamos, agora, de sentar no chão, como um punhado de galinhas chocas. Eu já não podia esbarrar em coisa alguma, agora — nada havia à frente!

— Êi! Fif, nós não nos despedimos do sótão — disse Miss Ku'ei.

Pus-me em pé de um salto, e fui ter com ela na escadaria de cima. Juntas, escalamos e descemos as vigas que sustentavam o

telhado da casa. Eram vigas de nogueiras, tiradas de árvores que vicejaram outrora no lugar onde os índios residiam, naquela região. Eram ÓTIMAS para afiar as garras; Miss Ku'ei e eu passávamos a fazê-lo com perfeição, em seguida passamos por um pequeno buraco, perto da chaminé, local por onde os seres humanos não podiam entrar.

— Adeus, aranhas! — gritou Miss Ku'ei. — Agora, podem fazer mais teias e não nos apanharão!

Rolamos pela última vez na poeira, por baixo das tábuas do soalho — algumas haviam sido deixadas descobertas, quando os eletricitas tinham estado na casa — e depois descemos as escadas, quase sem fôlego.

Um automóvel se aproximava, lá fora. Miss Ku'ei saltou para o peitoril da janela e gritou:

— Venha, Ruth, *está chegando atrasada mais uma vez!* O que há com você, PÉ DE CHUMBO?

A Sra. Durr subiu as escadas, e todos a cumprimentamos com um “bom dia”. Em seguida, todos nós, com exceção do Chefe, carregamos coisas pequenas pelas escadas abaixo, pondo-as nos automóveis. O Chefe estava passando muito mal, e haviam feito uma espécie de cama para ele, na parte traseira de nosso carro grande. Botão de Ouro ia dirigir, porque o Chefe estava doente, e faríamos a viagem em duas etapas. Mamãe, a Sra. Durr, Miss Ku'ei e eu íamos completar os quatrocentos quilômetros, mais ou menos, em um dia. Logo tudo ficou pronto para a partida.

— Adeus, Chefe — disse eu. — Eu o verei amanhã.

— Adeus, Fif — respondeu ele. — Não se preocupe, tudo dará certo.

— *O-kay!* — disse Miss Ku'ei. — Vamos tocar!

A Sra. Durr fez alguma coisa com os pés e o carro seguiu à frente. Passamos pela ponte ferroviária, pelo correio de Walkerville, e prosseguimos, deixando o aeroporto de Windsor à esquerda. Eu conhecia essa área, mas logo estávamos em estradas novas, e eu tinha que contar com Miss Ku'ei para obter informações.

— São Tomás está aí! — berrou Miss Ku'ei-

“Oh” pensei; “tínhamos dado uma batida, estávamos mortos? Como havíamos encontrado São Tomás?”

— Vamos comer alguma coisa, Fif, assim que sairmos deste lugar — observou ela.

Em seguida, compreendi o que se passava, e corei por causa de minha própria estupidez; São Tomás era uma cidade pequena. No Canadá, uma aldeia pequena é considerada cidade. Suponho,

porém, que os franceses também apresentem algumas particularidades, que eu não conheço.

Nossa viagem prosseguiu por diversas horas e, finalmente, Miss Ku'ei disse:

— Estou vendo sinais de que já estamos por perto... sim. .. lá está o Hotel Fort Erie. Estou vendo água à nossa frente, Fif, é a outra extremidade do lago.

— Nós chegamos, Miss Ku'ei? — perguntei.

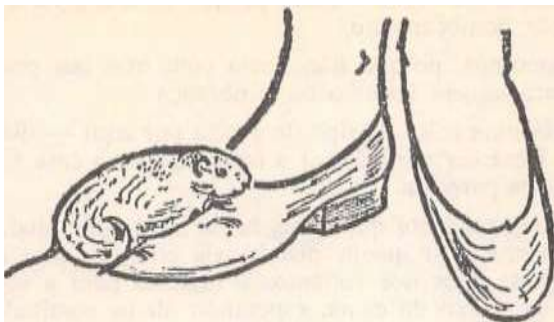
— Céus, não! — respondeu ela. — Ainda temos uma boa distância para viajar.

Voltei a acomodar-me.

O carro entrou à esquerda, e fez uma curva fechada à direita. O motor teve a marcha reduzida e parou. Sons baixos e estralantes vinham dos canos de descarga, bastante aquecidos. Por alguns momentos ninguém falou, mas depois Miss Ku'ei disse:

— Bem, chegamos, Fif. Apanhe suas coisas.

Mamãe e a Sra. Durr desembarcaram do carro e levaram Miss Ku'ei e a mim, entrando na casa. Estávamos mais uma vez em um lar temporário. Eu estava afiuta, ansiosa por ver o Chefe chegar, mas isso só aconteceria no dia seguinte



CAPÍTULO 12

— Temos de apressar-nos, Fif — disse Miss Ku'ei. — O Chefe e Botão de Ouro chegam amanhã, e precisamos conhecer o lugar de fora a fora, antes que eles cheguem. Venha comigo!

Voltou-se e seguiu à frente, entrando numa sala.

— Esta é a sala de estar — declarou — Dê um pulo aqui, um pulo da altura de três gatos, e estará de frente para uma janela.

Levou-me para lá, indicando diversos pontos de interesse. Em seguida, foi para o aposento que seria o dormitório do Chefe e o meu.

— Vejo a água passando em meio às árvores, Fif — disse ela.

Exatamente nesse instante um barulho irrompeu por baixo de nós, um estardalhaço ensurdecedor, cheio de chiados. Saltamos no ar, de pavor, e ao cair errei a cama e caí no chão.

— Santa Genovena e Cinquenta Gatos! — exclamou Miss Ku'ei. — O QUE FOI ISSO?

Felizmente, Mamãe explicou à Sra. Durr:

— Oh! Deve ser a bomba, porque toda a água é trazida do lago por bombeamento.

Sentamo-nos, porque não havia com que nos preocupar. Eu guardara aquele barulho na lembrança.

— Há uma coisa do tipo de grelha por aqui — disse Miss Ku'ei. — Deve ser para deixar a água sair, se a casa for inundada ou coisa parecida-

Por surpreendente que fosse, havia um rugido abafado por baixo de nós, e o ar quente nos atingia como se fora o hálito de um gigante. Nós nos voltamos e fugimos para a segurança oferecida em baixo da cama, esperando ali os resultados.

— Ora, bolas! — disse Miss Ku'ei, cheia de contrariedade. — Não foi nada, é apenas o aquecedor. De começo, pensei que fosse o maior de todos os gatos que vinha em nosso encaixo.

— Fif! — era Miss Ku'ei, cutucando-me, pois eu estivera dormindo. — Fif, há um pequeno bosque lá fora. Acho que o Velho vai deixar-nos brincar lá, quando ficar bom outra vez.

Fiquei triste ao pensamento de que o Chefe ainda estava na estrada, e não chegaria senão no dia seguinte. A fim de distrair a atenção de tais

pensamentos, pus-me em pé e andei por ali, tateando as coisas com muito cuidado. De algum lugar vieram batidas leves, como as de um galho a balouçar ao vento, atingindo o telhado. A casa não era nada maravilhosa, já fora bastante “usada”, mas serviria como acomodação provisória. Não era um lugar ao qual gostaríamos de chamar de “lar”, e não teríamos morado ali de modo permanente, ainda que nos houvesse sido dado de graça.

Aquela noite deitamo-nos cedo. A Sra. Durr teria de dirigir o carro de volta a Windsor, de manhã. Miss Ku’ei e eu havíamos contado que ela permanecesse conosco algum tempo, mas quando pensamos no assunto compreendemos que os livros dela ficariam solitários, sem sua companhia, e que o Sr- Chuli Durr estava crescendo, tornando-se um belo e jovem gato siamês, e precisava de atenção. À noite, a bomba estremeceu e gemeu, e o sistema de calefação resfolegou e bufou. Lá fora, as árvores rangiam e farfalhavam as folhas ao vento da noite vindo do Lago. Miss Ku’ei aproximou-se de mim uma vez, durante a noite, e cochichou, com voz bastante trêmula:

— Puxa! Este é um lugar esquisito, Fif, com todas essas árvores. Acabei de ver uma aranha enorme olhando para mim!

A noite pareceu durar muito tempo, e quando eu comecei a julgar que não mais terminaria, ouvi pipilados débeis de pássaros nas árvores, enquanto organizavam seus planos de procura de alimentos para o dia. Em algum lugar, um esquilo fazia ruídos característicos. Eu percebia que o dia já raiara.

Mamãe mexeu-se na cama e, com relutância, saiu dela para enfrentar um novo dia, no qual era preciso fazer muita coisa para arrumar aquela casa. Miss Ku’ei e eu andamos por ali, procurando lugares que ainda não havíamos investigado. Sabíamos que havia um porão enorme por baixo da casa, mas Mamãe nos dissera que não podíamos ir até lá enquanto o Chefe não chegasse, porque nesse lugar estavam instaladas as bombas e coisas que giravam, zuniam e se mexiam. Percorremos ociosamente uma peça dianteira, e saltamos no peitoril de uma janela.

— Bem, que coisa! Você já viu isso? — exclamou Miss Ku’ei. — Lá está um esquilozinho ladrão. . . não. . . CENTENAS deles, comendo nossas árvores!

Bateu com a pata em sinal de aborrecimento e, para distraí-la, eu disse:

— Como é lá fora, Miss Ku’ei?

— Oh, um lugar muito surrado — disse ela. — As árvores precisam de poda, o terreno está esperando limpeza, a casa precisa de limpeza... é o jeito geral das coisas, nestas espeluncas que nós alugamos. Quando se lêem os anúncios, chega-se a pensar que vamos ver um palácio. Na hora que vemos de perto a propriedade, ficamos sem saber se a droga resistirá ao inverno seguinte.

O resto da manhã foi muito difícil, porque os móveis eram postos na casa, havia limpeza a fazer, e apenas Miss Ku’ei e eu estávamos ali para dizer a Mamãe e a Sra. Durr como fazê-lo. Encontrávamo-nos esgotadas quando Miss Ku’ei espionou pela janela e disse:

— O Chefe e Botão de Ouro acabaram de chegar.

— Vocês chegaram exatamente na hora em que tenho de me despedir! — disse a Sra. Durr- — Preciso voltar, do contrário terei

problemas!

Durante o resto do dia ficamos em casa, trabalhando. No dia seguinte o tempo estava quente e ensolarado. O Chefe disse:

— Venham, gatas, ao jardim!

Apanhou-me, pondo-me sobre o ombro. Miss Ku'ei já dançava de animação à porta. Saímos, e o Chefe me colocou no chão, ao pé de uma árvore.

— UAI! — berrou Miss Ku'ei. — As árvores são tão grandes!

— Eu costumava subir em árvores como esta, Miss Ku'ei — respondi. — Tínhamos árvores assim na França.

Garrh! — rosou a voz áspera de um gato, de duas casas além. — Vocês, gatos estrangeiros de . . . , não prestam pra nada. Essa gata velha e cega nunca subiu em árvore na vida dela, só os gatos canadenses sabem subir... E como sabem!

Voltou-se e emitiu um grito de zombaria para o gato guardião de uma instituição local.

— Esses estranjas pensa que nós somos gatos caipiras, eles não sabem subir em árvore!

— Você acha, gato canadense? — respondi. — Nesse caso, vou mostrar-lhe que uma gata velha e cega SABE subir!

Estendi as patas para o tronco da árvore e subi, como costumava fazer na França, nos dias idos e maus. Escalei uns vinte ou trinta palmos e depois me estendi em um galho.

Mamãe saiu correndo da casa, cheia de preocupação, seguida de Botão de Ouro. Correram em volta da casa e foram buscar uma escada. O Chefe se colocou debaixo da árvore, de modo que me pudesse apanhar se eu caísse. Mamãe e Botão de Ouro vieram correndo com a escada, o Chefe a agarrou e colocou apoiada no tronco. Devagar ele subiu, suspendendo-me com gentileza e pondo-me em seu ombro.

— Gata velha e boba — disse, com suavidade. — Quem já ouviu falar em gatas cegas subindo em árvores?

Fiquei extremamente pesarosa, pois ouvia como o coração dele batia, e depois pensei em sua trombose coronária. Mas eu tinha mesmo de mostrar àquele gato canadense estúpido como eu sabia subir em árvores.

Miss Ku'ei, deitada de costas, ria sem parar.

Oh, Fif! — exclamou, quando já conseguia controlar a hilariedade. — Isso foi a coisa mais engraçada que já vi em muitos anos, você assustou meia dúzia de esquilos... e eles não pararam de pular, fugindo dali como se estivessem loucos. Aquele gato saiu correndo como um raio, com o cachorro da casa ah atrás no encaço dele. Você é muito sabida, Fif!

Estava a divertir-se tanto, que se punha deitada de costas e rolava de um lado para o outro.

— Você devia mandar examinar o seu cérebro, Fif — disse o Chefe. — Só que não deve ter miolos para serem examinados.

Ainda assim, senti-me bem em saber que uma gata siamesa francesa, velha e cega, conseguia fazer rir Miss Ku'ei!

O Chefe e Mamãe muitas vezes levaram Miss Ku'ei e a mim para o bosque, deixando-nos brincar entre as árvores. Sabendo que os gatos são

criaturas imprevisíveis, o Chefe levava também uma escada! O chão estava cheio de cobras e Miss Ku'ei se deixava fascinar por elas. Eu sempre me mostrava muito cuidadosa, pois tinha receio de pisar em uma delas. Havia uma marmota macho que vivia numa toca, no chão, próximo a uma árvore velha. Falei com ele muitas vezes. Miss Ku'ei dizia que ele costumava sentar-se à porta da frente da toca, observando-nos enquanto fazíamos exercício. Nós, naturalmente, mantínhamos distância, pois não tínhamos sido apresentadas, mas dispensávamos-lhe grande respeito e ele nos contou muitas coisas a respeito do lugar e dos habitantes locais das árvores e do chão.

— Cuidado com o guaxinim — avisou. — As brincadeiras dele são um pouco brutas, se estiver contrariado, e ele sabe acabar com a raça de qualquer cachorro. Bem, preciso descer para a toca!

Desapareceu e Miss Ku'ei comentou:

— Puxa! O que é um guaxinim?

— Receio não poder dizer-lhe, Miss Ku'ei — respondi.

Ela permaneceu sentada por algum tempo, coçando a orelha, com ar de quem refletia, e observou:

— Mamãe tem aquela coleção de cartões com figuras de animais, que ela guarda nas caixas de chá. Vou dar uma espiada neles quando entrar. Guaxinim? Hum!

Entramos. Botão de Ouro estava espanando a casa. Sempre saíamos da frente quando ela estava espanando com medo de que nos espanasse também. Tudo estava sujo diante dela, quando se achava de espanador ou aspirador de pó em punho. Miss Ku'ei vasculhou o lugar e ouvi coisas caindo no chão.

— O que está fazendo, Ku'ei? — perguntou Botão de Ouro, um tanto contrariada.

— Venha para o dormitório, Fif — disse Miss Ku'ei. — não dê atenção a ela, que está de mau humor porque o aspirador pifou e não quer funcionar.

O Chefe alugara um barco, e certa tarde, quando o sol estava alto e quente no céu, ele convidou:

— Vamos levar as gatas para o Lago.

— Eu não, Chefe — respondi, nervosa. — Não conte comigo!

— Oh, venha, Fif, não seja medrosa! — disse o Chefe.

Mamãe levou Miss Ku'ei e o Chefe me carregou. Descemos a trilha até o lago e o Chefe preparou o barco, segurando-o firmemente com uma corda forte, para que não fugisse. Mamãe e Miss Ku'ei embarcaram na coisa e depois o Chefe me suspendeu, pondo-me lá dentro. Houve alguns balanços, o ruído de água, e senti que estávamos em movimento.

— Não vou ligar o motor — disse o Chefe. — O ruído pode ser demasiado para elas.

Fomos vagando, e Miss Ku'ei sentou-se na parte da frente, cantando: “Eu sou uma gata maruja”. Por azar, teve de parar, a certa altura, dizendo:

— Uai! Vou enjoar!

O Chefe puxou um pedaço de cordão e um motor estrugiu para nós, quase nos matando de medo! O barco passou a andar depressa e Miss Ku'ei se interessou a tal ponto que esqueceu do enjoão, berrando para mim:

— Estamos a poucos metros da América, Fif, isto é a Hha Grande. Que bom, andar de barco!

Por sorte o sol foi encoberto por uma nuvem e o Chefe resolveu voltar

para casa. Fiquei muito satisfeita porque não gostava de me encontrar no meio de tanta água. Não conseguia perceber motivo algum para estarmos flutuando em uma coisa que podia afundar. A mim parecia que já tínhamos bastante

dificuldades, sem ser preciso procurarmos mais. Quando chegamos a casa, tomamos chá. As noites se tornavam mais curtas, e fomos todos cedo para a cama.

Miss Ku'ei e eu nos sentamos no peitoril da janela do dormitório do Chefe. Lá fora, ouvíamos todos os ruídos da noite. Por baixo das tábuas do chão, um camundongo dizia que precisava guardar mais comida para o inverno que se aproximava. De repente, Miss Ku'ei abaixou-se e resmungou:

— Aleluia! Lá está um gato enorme com uma blusa listrada de futebol!

Uma voz telepática muito agradável fez-se ouvir:

— E vocês são as gatas estrangeiras de que ouvi falar?

— Claro que sim, rapaz — respondeu Miss Ku'ei. — E que diabo é você?

A voz voltou a fazer-se ouvir, com um tom maroto, ao dizer.

— Eu sou Raku, o guaxinim, moro aqui e impeço que os cachorros rondem à noite.

— Prazer em conhecê-lo — respondeu Miss Ku'ei —, principalmente porque há esse vidro grosso entre nós!

— Oh! Vocês estariam inteiramente a salvo comigo — respondeu, o guaxinim. — Eu sempre respeito os interesses dos locatários. Agora, tenho de tratar de minha vida.

— Miss Ku'ei — disse eu —, ele está procurando ser educado e agradável. Qual o aspecto dele?

Ela pensou por momentos e depois passou a lavar-se, enquanto respondia:

— Bem, ele parece um gato desgraçado de grande, o maior que já se viu. É maior do que muitos cachorros- Tem listras por toda a cauda, como se a houvesse manchado na tinta fresca de alguma coisa. E as garras...!

Ela parou, para dar ênfase ao que dizia, e aduziu:

— Ele tem garras como aquela coisa que Botão de Ouro usa para varrer as folhas. Oh! Um cavalheiro MUITO agradável ... para quem estiver perto dele, mas por trás de uma muralha de tijolos.

A voz voltou a fazer-se ouvir.

— Eh! Antes que esqueça, estejam à vontade para usar a mata, como se fossem donas do lugar. Vocês serão muito bem-vindas!

— Nós nos sentimos muito honradas, — respondi.

— Vou pedir a Mamãe que convide o senhor para tomar chá, um destes dias.

— Bem! — exclamou Miss Ku'ei. — Acho que vou-me deitar. O dia será movimentado amanhã, o Chefe vai-me levar a Ridgeway... tem algumas compras a fazer.

Dito isso, saiu e foi deitar-se ao lado de Mamãe.

O tempo esfriava com rapidez. As folhas das árvores caíam, com um farfalhar seco e contínuo, e os esquilos, que haviam estado ociosos por todo o calor falso do outono, percorriam freneticamente as pilhas de folhas à procura de nozes. Botão de Ouro varria as folhas com uma vassoura-ancinho, falava com as folhas e tinha o cheiro delas. Ainda assim, elas caíam em profusão infinita. A fumaça das folhas queimadas erguia-se ao céu, de todas

as casas, naquela região, e das grandes faixas de parques públicos. O ar se tornava mais frio, e agora só o Chefe saía sem agasalhos. Botão de Ouro se erovia — como dizia Miss Ku'ei — em agasalhos como se estivesse no Pólo Norte. Certa manhã, acordamos e descobrimos que a neve caía sobre o lago, empilhando-se diante da casa, e tornando intransitáveis as estradas. Com esturpidos e enorme estardalhaço, as máquinas limpa-neve apareceram, com as lâminas a estremecerem, cortando a superfície gelada da estrada.

Após a neve, veio o congelamento- O lago se congelou, um córrego próximo tornou-se uma massa sólida de gelo. Pescadores malucos surgiam com ferramentas especiais e cortavam buracos no geio de alguns palmos de espessura, de modo que pudessem ficar ali, sentados e tiritando de frio, fingindo que apanhavam peixe. Manhã após manhã, as estradas eram cobertas de neve, o tráfego detido. Grandes tempestades irrompiam, uivando ao redor da casa. Certa noite, a bomba de água parou de funcionar. O Chefe saiu da cama às duas da madrugada e desceu para o lago levando uma grande barra de ferro e um martelo pesado. Mamãe levantou e pôs a chaleira no fogo para fazer chá. Eu ouvia batidas de martelo e o som de gelo que se partia.

— Miss Ku'ei — perguntei —, o que estão fazendo?

— Se o Chefe não conseguir partir o gelo ao redor da entrada de água, não teremos o que beber durante o inverno. O caso, Fif, é que o frio está a tal ponto que o lago se congelou. O Velho saiu para cavar o gelo; depois disso, manteremos uma das torneiras sempre aberta.

Estremeci, porque aquele Canadá parecia ser um país frio e cruel, sem o conforto civilizado como o que se encontrava na Europa.

Com a chegada do frio Mamãe punha comida todas as noites para as criaturas selvagens que, de outra forma, teriam morrido de fome. O guaxinim mostrou-se muito reconhecido e vinha todas as noites à nossa janela. O texugo canadense também aparecia, mas o episódio mais divertido foi proporcionado pelo camundongo! Botão de Ouro estava lavando algumas coisas no porão, certo dia, quando um camundongo muito agradável e bem-falante apareceu, sentando-se em seu pé. (Miss Ku'ei disse que era um lemingue, mas “camundongo”, para mim, é descrição suficiente.) Esse camundongo tomou-se de uma ateição firme por Botão de Ouro, que parecia igualmente corresponder a ele. Após o episódio do macaco, nada mais nos surpreendia no que Botão de Ouro fizesse.

— Temos de lembrar-nos de nossas boas maneiras, Fif, e não comer esse sujeito — disse Miss Ku'ei.

Botão de Ouro e o camundongo passavam juntos muitos momentos agradáveis, no porão. Miss Ku'ei e eu asseguramos ao pequeno camarada que não lhe faríamos mal, de modo que ele não nos dava atenção, e continuava apaixonado por Botão de Ouro. Era uma coisa das mais comoventes!

O inverno cedeu lugar à primavera, e tivemos a satisfação de deixar aquela casa, mudando-nos para outra, mais perto do comércio. Ainda não havia trabalho para o Chefe. Desesperado, ele escreveu ao Primeiro-Ministro do Canadá, ao Ministro da Imigração, e ao Ministro do Trabalho. Nenhum deles pareceu dar-lhe qualquer importância; esses ministros mostravam-se ainda piores do que aqueles de outros países. Creio que isso seja devido ao fato de o Canadá ser um país tão sem cultura, tão inamistoso. Agora, vivemos na esperança de ganhar dinheiro suficiente para poder

SAIR do Canadá!

Eu estava sentada na janela de nosso novo apartamento, conversando amistosamente com o gato que dirigia um motel. Falava-lhe de nossas aventuras.

— Ah, Fif! — disse Miss Ku'ei. — Você devia escrever um livro!

Pensei no assunto, e na tranqüilidade da noite, quando estávamos ambos acordados, falei sobre isso com o Chefe.

— Chefe! — disse eu. — Acha que eu podia escrever um livro?

— Claro que sim, Fif — respondeu ele. — Você é uma gata vovó muito inteligente.

— Mas não sei escrever a máquina — protestei.

— Nesse caso, basta ditar para mim e eu o datilografarei para você, Fif — disse ele.

De manhã, sentamo-nos juntos. Ele abriu a máquina de escrever, a Olympia cinzenta, onde já preparara *A Terceira Visão*, *O Médico de Lhasa* e *Entre os Monges do Tibete*. Abriu-a e disse:

— Vamos, Fif, comece a ditar!

E assim, com seu incentivo, e tendo Miss Ku'ei para me ajudar, comecei finalmente a escrever este livro. Gostaram?

